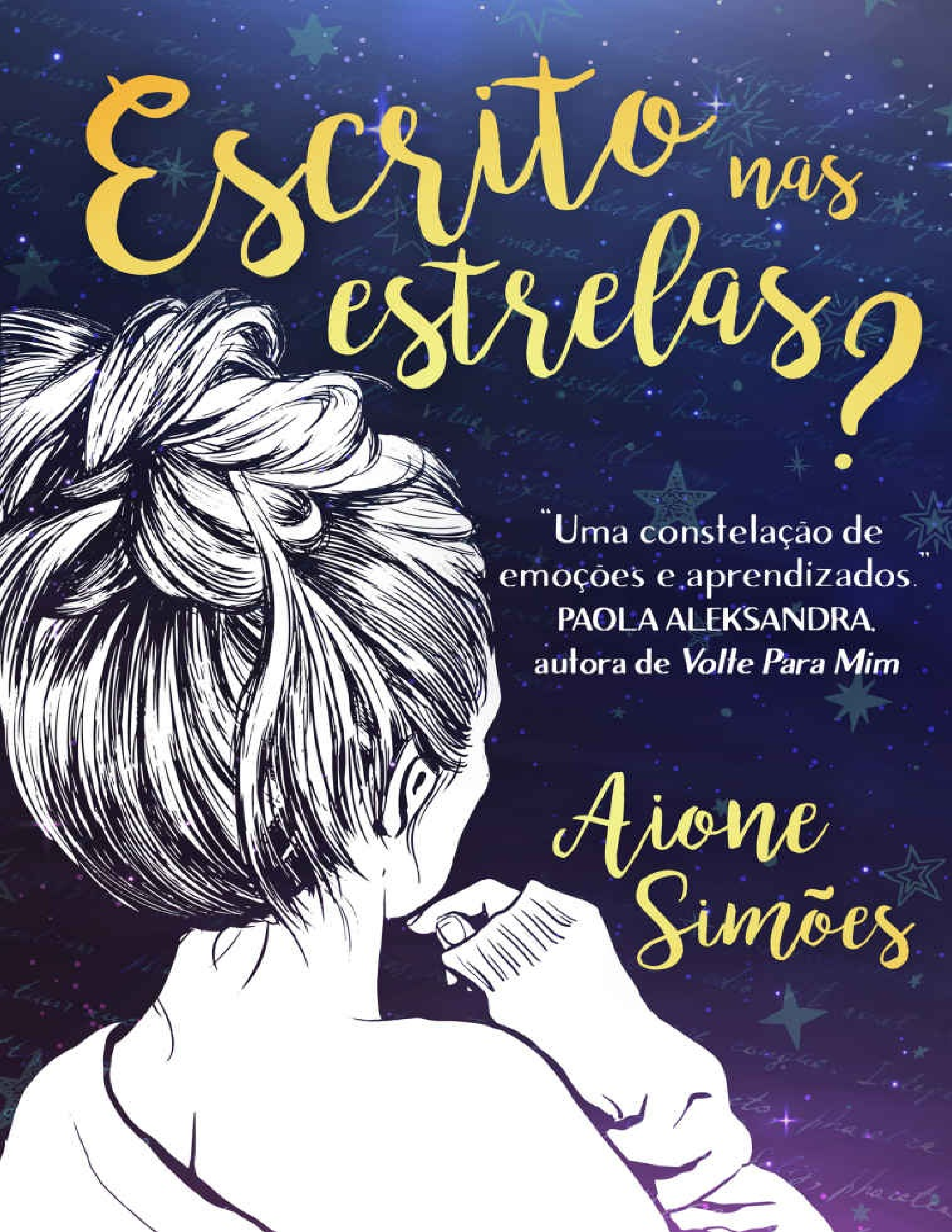
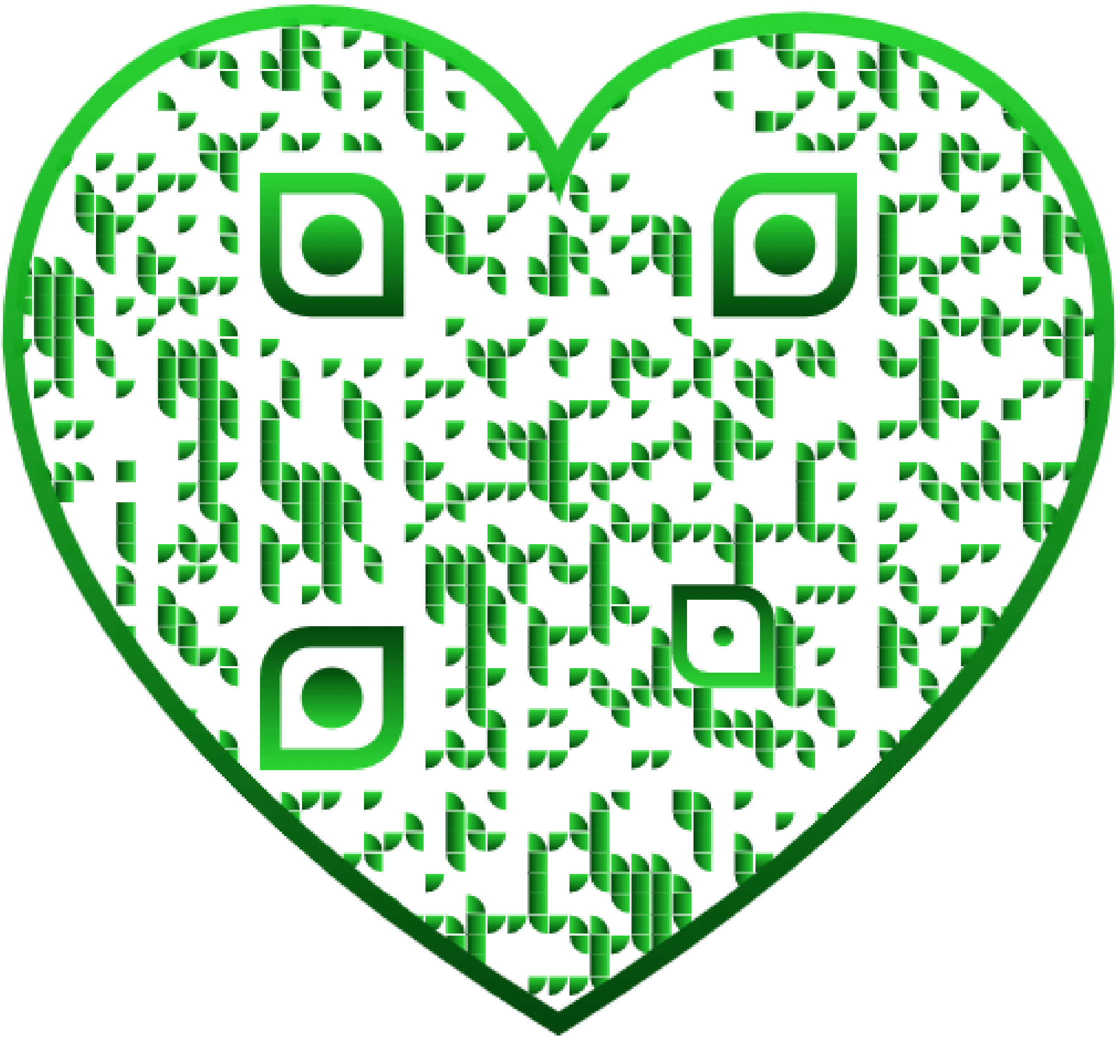

Escrito nas estrelas?
"Uma constelação de emoções e aprendizados."
PAOLA ALEKSANDRA,
autora de Volte Para Mim
Aione Simões



PERIGOSAS NACIONAIS

Escrito nas estrelas?

Aione Simões

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Copyright © 2019 Aione Simões

Capa: *Lola Salgado*

Diagramação: *Deborah Silva*

Coaching: *Mariana Dal Chico e Alba Milena*

Edição: *Mariana Dal Chico*

Revisão: *Grazi Reis*

Increasy Consultoria Literária

PERIGOSAS NACIONAIS

INCREASY
CONSULTORIA LITERÁRIA

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com a realidade é mera coincidência.

Todos os direitos reservados.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes — tangíveis ou intangíveis — sem autorização da autora. A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei n° 9.610/98, punido pelo artigo 184 do Código Penal.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Contents

PRÓLOGO
CAPÍTULO 1
CAPÍTULO 2
CAPÍTULO 3
CAPÍTULO 4
CAPÍTULO 5
CAPÍTULO 6
CAPÍTULO 7
CAPÍTULO 8
CAPÍTULO 9
CAPÍTULO 10
CAPÍTULO 11
CAPÍTULO 12
CAPÍTULO 13
CAPÍTULO 14
CAPÍTULO 15
CAPÍTULO 16
CAPÍTULO 17

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

CAPÍTULO 18
CAPÍTULO 19
CAPÍTULO 20
CAPÍTULO 21
CAPÍTULO 22
CAPÍTULO 23
CAPÍTULO 24
CAPÍTULO 25
CAPÍTULO 26
CAPÍTULO 27
CAPÍTULO 28
CAPÍTULO 29
CAPÍTULO 30
CAPÍTULO 31
CAPÍTULO 32
CAPÍTULO 33
CAPÍTULO 34
CAPÍTULO 35
CAPÍTULO 36
CAPÍTULO 37
EPÍLOGO
AGRADECIMENTOS
DESAFIO #PROJETOENE
SOBRE A AUTORA

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

A todas as pessoas que ainda não se descobriram como o principal projeto de suas vidas.

E a todas aquelas que descobriram, para que jamais se esqueçam.

I’m gonna live like tomorrow doesn’t exist
Like it doesn’t exist
I’m gonna fly like a bird through the night
Feel my tears as they dry
— Sia, “Chandelier”

PRÓLOGO

28 de junho de 2015

Quando entro no carro da minha mãe, ainda estou tremendo de empolgação, sentindo a adrenalina correr em minhas veias. O tremor que ela provoca em meu corpo é também um lembrete do quanto eu duvidei até o último instante. Quem diria que eu conseguiria?

Retiro da minha bolsa a lista amassada e me lembro de quando a criei. Quase consigo sentir toda aquela expectativa sobre o que o futuro me aguardava, imaginando como seria correr atrás de cada um dos itens conforme os escrevia.

Agora, resta uma única linha sem ser riscada.

Olho para ela com carinho, sentindo meu peito transbordar de amor...

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Vinícius

4/6/2014

Já chegou em casa?
16:38
Já. Você vem aqui hoje?
16:39
Tô indo.
16:39
Oba ♥
16:39

Eu não acredito. Não consigo acreditar. O que aconteceu? Eu fiz alguma coisa?
18:14

Por favor, fala comigo.
18:37

Eu te amo tanto! A gente não pode acabar assim!
19:54

5/6/2014

Vini, por favor.
02:18

6/6/2014

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Fala comigo...
22:58

Você me bloqueou?
22:59

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 1

Um ano antes...

Poucas coisas na minha vida foram capazes de me machucar tanto.

No jardim de infância, minha melhor amiga me trocou por outra pelo simples motivo dela (a outra) ter ganhado a Barbie mais desejada do momento, algo suficientemente traumático quando se tem cerca de cinco anos. Já não tinha a tal da Barbie e ainda fiquei sem a amiga. Lembro também quando descobri, anos mais tarde, que meu primeiro beijo foi fruto de uma aposta maldosa entre os garotos da minha sala. Não poderia deixar de citar as gigantescas decepções que sofri ao me dar conta de que fui reprovada em quase todos os vestibulares que prestei assim que saí do Ensino Médio. A cada

nova lista, um novo tiro na minha autoestima.

Mas nada, absolutamente nada, havia se comparado ao momento em que Vinícius terminou repentinamente comigo, destruindo meu coração em pedacinhos e me deixando completamente desorientada.

Nada. Até agora.

Eu deveria ter resistido. Não deveria ter aberto o Facebook dele.

Isso me pouparia da humilhação de perceber que já fui apagada por completo de sua vida. Pouparia meu orgulho de descobrir que, enquanto ainda estou sofrendo por nossa separação, ele parece estar em sua melhor fase. Não que eu deseje o mal dele, muito pelo contrário. Só que dói perceber que sou a única ainda lamentando. A única que ainda se importa.

Mas, acima de tudo, me pouparia de ver *aquela* foto. Eu não precisava vê-lo em uma mesa de bar com os amigos e *umazinha* qualquer ao lado dele. Eu não precisava ver o braço dele por trás da cadeira dela, e a mão dela repousando de leve na coxa onde a *minha* mão costumava repousar. Eu não precisava ver o sorriso nos lábios dos dois quando eu mesma não sei mais o que é ter isso nos

meus.

E eu definitivamente não precisava ter entrado no Facebook dela e revirado todas as informações disponíveis, e com certeza poderia ter evitado a frustração de não descobrir praticamente nada.

Droga de configurações de privacidade.

Não importa se eles não estão namorando, que ela seja só uma ficada. Não importa se ela não vai ser a mãe dos filhos dele ou qualquer coisa do tipo.

Só o que me importa é que, definitivamente, não sou mais eu ao lado dele nessa foto e não serei eu em qualquer outra depois dessa.

Ele já seguiu em frente, constato, sentindo milhões de facas apunhalando meu coração de uma só vez, e eu deveria fazer o mesmo.

Só não faço ideia de como.

***

Dor. É isso o que consigo notar.

Percebo que perdi um pouco a noção do espaço ao meu redor — ok, talvez eu tenha perdido muito dela — mas a dor continua aqui.

Ouço um barulho distante, que se repete de forma

regular, mas não sou capaz de identificá-lo.

Hum… Talvez eu não esteja tão mal então, se consigo ter essa percepção.

Motivada por esse novo pensamento, decido levantar do sofá, onde eu estava jogada instantes antes, para tomar uma nova dose de tequila.

Quando tropeço em meu próprio pé, mal conseguindo me manter ereta, noto meu erro, mas ainda assim faço um esforço. A tequila valerá a pena. Qualquer coisa compensará essa batalha contra meu equilíbrio se conseguir fazer essa dor sumir, nem que seja por alguns momentos.

Talvez não tenha sido uma boa ideia dizer para a Dani, minha melhor amiga e colega de apartamento, ficar mais um tempo com o Thiago na entrada do prédio lá embaixo. Pensei que eu aguentaria ficar um pouco sozinha, mas a angústia parece só piorar.

Se eu ouvisse a voz dele…

Corto o pensamento antes mesmo dele se completar. Já passei por isso antes e sei aonde ele me levará.

Preciso focar na tequila. Já consegui andar meio caminho da sala até a cozinha. Noto que derrubei algumas coisinhas durante o percurso, mas tudo

bem, fazia parte da minha logística. Se para atingirmos alguns objetivos na vida precisamos nos desprender de algumas coisas, então que assim seja. Para que eu precisaria daquele vaso? Eu nunca recebo flores, e ele fica ali, não apenas juntando pó, mas constantemente me lembrando da verdade incontestável de que não recebo flores.

Pensando bem, eu já deveria ter me desfeito dele há muito tempo. Eu deveria tê-lo arremessado na parede.

De repente, essa me parece uma boa ideia. Será que tenho mais vasos?

Acabo de descobrir um novo objetivo de vida: encontrar vasos para arremessá-los na parede mais próxima.

Mas antes, a tequila.

Uma única ligação...

Arremesso de vasos. É isso o que quero: arremessar vasos.

Não duraria nem um minuto...

Vasos. Vasos em caquinhos. Vasos se chocando contra a parede — penso, fechando os olhos com força, tentando me concentrar unicamente nessa ideia.

Mas não adianta. Já fui contaminada pela vontade

irrefutável de ligar para o *infeliz*. Pensando bem, talvez eu seja a única infeliz dessa história toda.

Finalmente chego até a tequila. Tomo o maior cuidado do mundo, utilizando toda minha concentração para não derrubar nem uma gota para fora do copo. Viro a dose de uma vez e, por alguns instantes, só o que sinto é a queimação do álcool. Quando engulo, aos poucos noto que meu apartamento está girando mais do que já estava antes. Posso lidar com isso.

Agora é hora de encontrar os vasos. Ou qualquer outra coisa semelhante que eu possa jogar na parede.

Tem tantas coisas que você deixou de dizer para ele…

Se eu continuar assim, quem vai acabar de encontro à parede será meu celular.

Li uma vez sobre uma competição britânica de arremesso de celulares entre pessoas que odeiam essa maravilha da modernidade. Na época, lembro que fiquei me perguntando como isso seria possível. Nesse momento, estou bem próxima de entendê-las: tenho certeza de que todas elas tiveram o coração partido.

É isso. Vou arremessar meu celular. Aliás, se não

me engano, tenho alguns aparelhos antigos guardados dos quais não me desfiz. Eu sabia que eles seriam úteis algum dia. Vou treinar jogando todos eles para me preparar para o *grand finale*, quando meu atual celular for totalmente destruído, acabando com quaisquer resquícios de mensagens trocadas, fotos tiradas e possibilidades de eu voltar a ligar para ele.

Se bem que eu tenho o número dele decorado. E um arremesso de celular jamais apagaria todas as memórias gravadas em mim.

Talvez seja mais fácil arremessar a mim mesma.

Instantaneamente, sinto um nó na garganta e as lágrimas se formando em meus olhos e, automaticamente, toco meu pulso, sentindo a pulseira da qual ainda não fui capaz de me desfazer.

Ok, preciso muito da Dani aqui comigo. Preciso de um apoio emocional porque estou prestes a perder o controle.

Decido interfonar para o porteiro e pedir para chamá-la. Quando ele atende, ouço com mais nitidez o som que ouvi antes. Parece uma buzina, percebo, mas não tenho tempo de pensar a respeito.

— Acho melhor a senhorita mesmo vir chamar

sua amiga — o porteiro me responde, depois de eu ter precisado perguntar três vezes se ele poderia pedir para a Dani subir. No meu atual estado, articular as palavras corretamente é algo que exige muita concentração. Não o culpo por não ter conseguido me entender.

— Xá extou indo — respondo molemente.

Ok, está na hora de me concentrar de novo. São só alguns passos até o elevador.

Aperto o botão quando chego triunfante ao meu destino, e espero. E espero. E espero mais um pouco.

Qual a probabilidade de alguém estar segurando a porta do elevador em plena madrugada? Quase nula, decido na mesma hora, restando a possibilidade de ele ter quebrado — só não me pergunte como.

Não estou em condições de tentar solucionar o mistério, então opto pela opção mais prática: encarar as escadas.

É bem verdade que não estou em meu melhor desempenho, mas, por sorte, moro no primeiro andar. Se eu for bem devagar, segurando no corrimão, tenho quase certeza de que consigo. Quase.

Desço o primeiro degrau com sucesso. Não foi tão difícil. Sinto-me mais segura; posso fazer isso.

Desço mais um, depois outro e mais outro. Falta bem pouco agora.

Quando já estou nos últimos lances, o inesperado acontece. Para meu completo pavor, avisto uma barata. Horrenda. Tenebrosa. Por um milésimo de segundo, tenho certeza absoluta de que ela está olhando para mim, em completa satisfação, sentindo todo o meu horror. Chego a acreditar, inclusive, que ela se posicionou ali propositadamente — ainda chegará o dia em que cientistas provarão que esse ser maligno se alimenta de nosso medo.

E é então que perco completamente meu controle, tento me apressar e mal percebo quando enrosco minhas pernas uma na outra.

A última coisa que consigo pensar é que o chão está se aproximando em alta velocidade.

E então, tudo fica escuro.

Dani
online

27/6/2014

A gente precisa sair hoje.
14h:47

Fiz besteira... Entrei no Facebook dele.
14:48

Não briga comigo...
14:48
=/
O que você viu?
14:56
Ele tá saindo com outra
14:56

Eu sei que isso ia acontecer uma hora... Mas não tão cedo! Ainda não fez nem um mês!
14:57

Ai, Nanda =/ Eu sei que você tá triste, sinto muito por isso. Vamos sair sim, pra onde você quiser!
14:58

A gente combina em casa, tá? Não tô

podendo falar agora... ocupadérrima aqui.

14:58

Fica tranquila, depois a gente conversa

14:59

♥

14h:59

HOJE

Deixa a porta aberta, pfv, já vou subir e não tô achando minha chave...

05:07

CAPÍTULO 2

São os bipes que me fazem acordar. Não tenho problemas para dormir com a claridade, mas barulhos, por menores que sejam, me incomodam ao extremo.

Me sinto tão cansada que não sinto vontade de abrir os olhos, mas confesso que esse "pi-pi" interminável está me enlouquecendo. O que ele vem a ser, afinal?

E parando para pensar, estou também sentindo um cheiro diferente. Aliás, minha cama parece menos macia do que o costume.

Falando em cama, estou sentindo *demais* sua textura. Definitivamente algo de muito errado aconteceu com a parte de trás da minha camisola.

Então, quando tento me virar, sinto dores agudas em diferentes partes do meu corpo e se torna inevitável abrir os olhos.

É quando entendo por que estou estranhando tudo.

Sinto o coração disparar ao perceber que estou no leito de um hospital, mas não faço ideia de como vim parar aqui.

Alguns flashes da noite anterior — pelo menos presumo que sejam da última noite — começam a tomar meus pensamentos. Eu e Dani em um bar. Dani encontrando Thiago, e eu cada vez mais amiga da tequila. Thiago nos levando embora, e eu subindo sozinha para o apartamento, enquanto Dani fica uns minutos a mais com seu objeto de desejo dos últimos meses. Depois disso, as coisas se tornam um pouco mais obscuras.

Lembro de estar no apartamento e de ser cada vez mais difícil ignorar a dor no meu peito. Por algum motivo que não entendo, começo a pensar em vasos.

Noto Dani dormindo toda torta em uma poltrona, os cabelos negros e lisos embolados ao redor do rosto. Ela ainda está com a roupa que usamos no barzinho e sua maquiagem está toda borrada, encobrindo seus olhos puxados. Ela sem dúvidas despertaria a paixão de um urso panda, caso encontrasse algum. Não que pandas sejam comuns

de serem encontrados por aí.

Ela pula na poltrona ao me ouvir chamá-la, com a voz rouca de quem precisou se esforçar para falar.

— Ah, Nanda, você está bem? Está com dores? — Próxima de mim, a visão da maquiagem borrada é ainda pior, o lápis e o rímel praticamente escondendo seus olhos de japonesa. Coitada.

Tento tranquilizá-la, dizendo que estou bem, apesar de dolorida, e tento descobrir o que aconteceu.

— Você me deu um susto tão grande e me senti tão culpada! — Os olhos dela se enchem de lágrimas. — Eu não deveria ter te deixado sozinha, sou uma amiga horrível!

— Você não é uma amiga horrível, mas vai estar bem próxima disso se você continuar não me contando o que aconteceu. Só tenho uns flashes e eles não fazem muito sentido.

— Você caiu da escada — ela diz, e então algumas imagens começam a voltar.

Uma barata. Dani gritando. Uma confusão de pessoas de branco e uma maca. Luzes que, imagino, pertençam a uma ambulância.

Dani explica que me encontrou desmaiada no final da escada do saguão e entrou em desespero.

Falou que eu, depois, fiquei semiconsciente, balbuciando coisas sem sentido enquanto ela e seu Zé, o porteiro, aguardavam a ambulância que ele chamou.

Fiquei no soro com glicose, por causa da bebedeira, e fui examinada e medicada por conta do tombo.

— Ainda não sei exatamente o que você tem, não sou da família e os médicos não quiseram me dizer, mas me recusei a sair daqui. Liguei para sua mãe e ela deve estar a caminho.

Dani falou tudo praticamente sem tomar fôlego. Se eu já me sentia zonza antes do falatório, minha cabeça agora está pior do que se eu tivesse acabado de sair de uma montanha-russa superveloz e com *loopings* infinitos. De qualquer forma, me reconfortou saber que minha mãe está a caminho. Moramos em cidades diferentes desde que entrei na faculdade há cerca de quatro anos. Ela nutre esperanças de que eu volte para casa — a casa dela — depois de me formar, mas eu sei que isso é uma ilusão. Eu só não tenho certeza se minha mãe está ciente disso. Ainda assim, é um assunto que eu posso deixar para mais tarde.

— Que horas são?

— Quase nove — responde olhando para o relógio. — Chegamos aqui pouco depois das seis. — Dani parece estancar, rodeando a mão ao redor de seu pulso, parecendo preocupada com algo. — Tem mais uma coisa, Nanda... — Vejo a hesitação em seus olhos e começo a ficar preocupada.

Lentamente, ela remove a mão de seu relógio e a coloca no bolso, tirando de lá algo que, em um primeiro instante, não consigo identificar.

Então percebo. É minha pulseira, constato ao reparar que meu punho está livre. Há tanto tempo ela me acompanha que não sei como não notei antes sua ausência.

— Arrebentou e eu encontrei do seu lado, na escada — fala de uma vez. — Acho que você deve ter enroscado em algum lugar quando caiu. — E me entrega o agora inútil pedaço de couro.

Sinto um nó se formar em minha garganta e a força do golpe que esse sinal representa: mais uma ligação entre eu e o Vinícius foi rompida.

Mas não tenho tempo de digerir o acontecimento, minhas reflexões são interrompidas pela entrada de mamãe no quarto, um furacão de quase um metro e sessenta.

— Ah, meu Deus, Fernanda! Que bom que você

está acordada! Você está bem?

Ela cruza direto o quarto sem parar para cumprimentar Dani e vem até a cabeceira de minha cama, beijando minha testa e passando a mão em meus cabelos de maneira a deixá-los ainda mais ensebados do que imagino que já estejam. Em seu desespero de chegar até mim, ela nem ao menos retira a bolsa do ombro esquerdo, que acaba escorregando por seu braço quando ela se inclina e quase me golpeia. — Na medida do possível — respondo, tentando desviar da bolsa assassina o tanto quanto posso, considerando minha situação limitada de acamada.

— E o médico, você já falou com ele? Alguma enfermeira?

— Ainda não dona Lúcia, vou chamar alguém — Dani se pronuncia e se retira para chamar o médico. Embora minha mãe não tenha falado nada, posso perceber um leve tom de ressentimento em seu olhar.

— Mãe, ela não teve culpa do que aconteceu comigo. Supõe-se que eu já tenha idade o suficiente para poder ficar sozinha em casa, embora os últimos acontecimentos não estejam exatamente ao meu favor...

— Ah, Nanda, eu sei, eu sei. Ela é uma boa menina e fez o possível para ajudar você, e posso imaginar o susto que tomou. Me ligou tão assustada, pobrezinha, e ainda me pediu desculpas. Mas quem disse que coração de mãe é racional quando se trata dos próprios filhos? — E posso sentir em seu carinho nos meus cabelos a ternura que salta de seus olhos.

Dona Lúcia é tudo para mim. Foi mãe cedo, aos 21 anos — bom, pelo menos no meu conceito, já que tenho essa idade e mal consigo cuidar de mim mesma, quanto mais de outra pessoa completamente dependente de mim — e precisou ser mãe solteira. Não conheci meu pai porque ele não quis me assumir nem ter contato conosco, então mamãe precisou arcar com o papel de ambos ao mesmo tempo. Eu a amo ainda mais por isso.

Minha infância não foi traumática. Minha mãe e meus avós sempre fizeram tudo por mim, mas seria mentira se eu dissesse que ela sempre foi fácil. Demorei para entender porque só eu dava para meu avô as lembrancinhas feitas na escola em comemoração ao Dia dos Pais e era ainda mais complicado quando alguma criança me perguntava sobre meu pai.

Acho que o complicado mesmo era entender porque ele não quis a mim e à mamãe, e ela nunca me deixou sentir como se eu tivesse um problema. Ou fosse o problema.

— Jamais pense isso, entendeu, Nanda? — Ela me disse certa vez. — Quem tem um problema é ele, que se recusou a conhecer a menina maravilhosa que você é. Nunca se permita pensar de forma diferente. Você é perfeita e a melhor coisa que aconteceu em minha vida, entendido?

Ouço um barulho e vejo Dani entrar no quarto acompanhada de um médico.

Noto o olhar vidrado de Dani e quase perco o fôlego ao olhar para o deus grego ao lado dela. Sério, esse médico pode causar mais problemas de saúde, tipo infartos e paradas respiratórias, do que ajudar.

Minha mãe não demora a enchê-lo de perguntas sobre o meu estado, praticamente o impedindo de me examinar novamente enquanto não atualizá-la. Acho que mães são imunes a esse tipo de beleza quando seus filhos estão debilitados.

— Por sorte não aconteceu nada grave — ele começa. — Você torceu o tornozelo, por isso precisamos imobilizar seu pé, e teve uma

concussão, mas os exames não indicaram nenhum problema sério. De qualquer maneira, como nada grave aconteceu, você receberá alta provavelmente ainda hoje ou amanhã pela manhã. Só precisa ficar em observação por mais algumas horas. — Fez uma pausa. — Como se sente?

Levo alguns segundos para responder, perdida em sua beleza. Não tenho bem certeza se entendi o que ele me perguntou, mas achei fascinante as covinhas que ele tem na bochecha. E esses olhos verdes?

— Dolorida — finalmente respondo. — E ainda um pouco confusa — acrescento.

— Isso é perfeitamente normal, considerando o seu, ahm, quadro de internação.

Demoro alguns instantes para entender a que ele se refere — essa voz grave é capaz de desconcertar qualquer mulher em sã consciência. Ele não está falando apenas da minha concussão, mas também do nível alcoólico do meu sangue quando dei entrada no hospital. No bom e claro português, eu estava mais bêbada do que um gambá.

Noto que o médico/Adônis evitou mencionar a situação perto de mamãe, que não pareceu perceber, e instantaneamente me sinto grata a ele. Como tenho mais de 18 anos, acredito que ele deva

seguir o protocolo de sigilo médico-paciente.

Obviamente mamãe sabe que saio e costumo beber um pouquinho. Mas ontem passei bastante do limite e não quero que isso seja um motivo de preocupação. Sem contar que não quero decepcioná-la e não quero perder sua confiança em mim. Por fim, admito que estou com vergonha e com um tantinho de medo também. Não é nada legal quando seus pais descobrem que você tomou um porre, e não quero ouvir um sermão.

— Dona Lúcia, certo? — ele pergunta para minha mãe, que confirma com veemência na mesma hora. — Fui informado de que a senhora precisa conferir uns documentos sobre a internação da Fernanda na recepção. A senhora não gostaria de fazer isso enquanto checo alguns dos exames dela?

— Claro, doutor, vou agora mesmo. — E começa a caminhar obedientemente até a porta. Antes de sair, ela para abruptamente e se volta para mim. — Nanda, quer alguma coisa? Aliás, doutor — ela se corrige em tempo —, posso trazer algo para ela comer ou beber?

— Não precisa se preocupar, dona Lúcia, em breve servirão o almoço para ela com a dieta que foi prescrita. Mas talvez a amiga dela queira

acompanhar a senhora. — E se vira para a Dani, com um olhar de quem mais está mandando algo (muito educadamente, devo dizer) do que realmente sugerindo. É quando percebo que isso tudo é só uma estratégia para ele conversar a sós comigo.

— Prefiro que a Dani fique aqui comigo, doutor, a não ser que ela queira ir — e é minha vez de encará-la de um modo um tanto quanto enfático. Não quero de jeito nenhum ter essa conversa com ele sozinha. Dani capta a mensagem de que não deve ir a lugar algum na mesma hora.

— Não quero nada não, doutor, e prefiro ficar, se não houver problema.

O médico assente ao se ver sem saída, e minha mãe finalmente sai do quarto.

— Antes de mais nada — ele começa assim que ficamos sozinhos —, quero que saiba que não tenho absolutamente nada a ver com sua vida e que meu comentário é baseado em uma preocupação puramente médica, e não em um julgamento de caráter.

— Claro, doutor, certamente.

Pelo menos foi isso o que pensei ter respondido, mas levando em consideração sua cara de quem não entendeu absolutamente nada, o que deve ter

saído da minha boca foi um grunhido tão estridente e incompreensível que deixaria golfinhos com dor de cabeça.

Sendo assim, limpo a garganta e respondo com toda a dignidade que ainda me resta:

— Aham.

Genial, Fernanda.

— Seus exames indicaram um alto nível de álcool em seu sangue e gostaria de checar com você se essa é uma situação habitual ou apenas um fato esporádico. Também já estive nessa época de faculdade e sei como é — ele dá um sorrisinho, capaz de transformar pernas em gelatina, demonstrando compreensão —, mas é meu dever ter certeza de que não estamos com um problema maior que exija um encaminhamento para outro profissional adequado ao caso. — E volta a ficar sério, olhando fixamente para mim.

Minha vontade é de abrir um buraco no chão e me esconder nele. Não bastasse a situação desagradável em que já estou, ainda preciso lidar com o fato de o médico bonitão supor que eu seja alcoólatra.

Enquanto penso no que responder, não posso deixar de observá-lo mais atentamente. Seus olhos

revelam cansaço e quase sinto a aspereza da barba por fazer em seu rosto. Apesar disso, seu cabelo está tão impecavelmente arrumado que não sou capaz de descobrir se ele começou seu turno agora de manhã (e a exaustão é própria da rotina) ou se ele já está há várias horas de plantão. Se for o segundo caso, preciso perguntar que gel ele usa.

Continuo minha inspeção e fico tentada a imaginar como ele seria fora daqui. Seu jaleco por sobre a roupa me dá vontade de descobrir qual é seu estilo, como ele é sem esse *look* branco. Ok, mais sincero seria dizer que quero mesmo é saber como ele é sem o jaleco e sem mais nada por baixo dele, mas melhor me conter.

Percebo que eu preciso responder logo ao invés de ficar o encarando de boca aberta, antes que ele comece a questionar minha capacidade mental.

— Esse não é um problema, doutor, de verdade — finalmente respondo. — E sei que um alcóolatra dificilmente assumiria ser um. Mas foi mesmo só uma atitude de jovem inconsequente. — E dou um sorrisinho amarelo. — Obrigada pela preocupação.

— Certo, então vou deixá-las a sós. Qualquer coisa é só chamar pelas enfermeiras. Mais tarde volto para vê-la e para assinar sua alta, caso esteja

em condições.

Confirmo com um aceno de cabeça e agradeço, enquanto ele se vira e nos deixa sozinhas.

— Ok, eu realmente espero que você saia daqui, sei lá, nunca. — Dani começa no instante em que o médico fecha a porta. — Que homem é esse, meu Deus?

— Fico muito feliz por você prezar por minha saúde, Dani. Amigas assim não existem com facilidade por aí — respondo, irônica.

— Ah, você acha? Obrigada querida, sei que sou um exemplo! Aliás, falando em prezar por sua saúde, talvez seja melhor procurarmos uma clínica, sabe como é, para seu probleminha com o álcool. — E reprime uma risada.

— Cala a boca, Dani.

— É sério, o primeiro estágio é a negação, você sabe — diz, sorrindo abertamente.

Não aguento e começo a rir. Mas, subitamente, sinto a mágoa chegar com força total e não consigo evitar um comentário melancólico.

— Acho que não é bem do álcool que preciso me desintoxicar.

— Ah, Nanda... — Dani suspira e se aproxima de mim, acariciando de leve minha mão. — Ele não

merece nem um pingo dessa sua tristeza, você sabe, não é?

Eu sei, mas desde quando saber muda alguma coisa? Eu continuo triste e talvez continue assim até aceitar o que aconteceu. Se é que vou conseguir aceitar um dia.

Vinícius terminou comigo de uma hora para outra. Estávamos há pouco mais de dois anos juntos, e eu o amava com todo meu coração. Dani diz que costumo amar assim muito facilmente, considerando minhas paixonites pré-Vinícius, mas não sei ser de outro jeito. Quando entro em um relacionamento, mergulho de cabeça, então não sei gostar pela metade. Nesse aspecto comigo é tudo ou nada.

Eu nem ao menos sabia que estávamos tendo algum problema (nada além das discussões rotineiras de casais), quando ele simplesmente me disse que precisávamos terminar. Achei que fosse brincadeira, comecei a rir e ainda soltei a pérola de que primeiro de abril já havia passado — até perceber sua expressão completamente séria.

Sinto o rosto esquentar de vergonha só de me lembrar.

Faz quase um mês desde nosso término e passei

as últimas semanas tentando entender onde errei, procurando em cada palavra ou gesto algo que deixei passar, e foi completamente inútil.

Tentei ser forte por alguns dias, e segui o conselho da Dani: não entrei em contato e evitei saber notícias dele.

Quer dizer, isso depois de eu ter acabado com meus créditos enviando mensagens de texto e passado horas ligando para ele, tendo apenas a caixa postal como resposta (o filho da mãe teve a audácia de me bloquear no WhatsApp). Eu precisava de mais explicações.

Mas então cansei e deixei meu orgulho falar mais alto. Até ontem.

Tive uma recaída ao ver uma foto nossa em meu álbum do Facebook — ainda não tive coragem de apagar nenhuma — e decidi visitar sua linha do tempo.

Vários *posts* indicando seu atual estado de felicidade deveriam ter sido suficientes para me parar, mas não, precisei também ver aquela droga de foto.

Eu não conseguia entender como algo tão bom para mim poderia ter sido tão ruim para ele. Era como se tivéssemos vivido duas histórias

completamente diferentes, sendo a minha um romance água com açúcar, e a dele, um terror com direito a perseguições zumbis. E, só para deixar claro, comigo no papel de zumbi perseguidor.

No fim, ele acabou derrotando os tenebrosos inimigos e saiu vitorioso, enquanto eu saí afogada nas águas que, de doces, não tinham nada.

Não pensei duas vezes. Liguei para Dani enquanto o perfil de Vinícius ainda estava aberto em minha frente e a convoquei para sairmos. Ela não tinha opção: ou saía comigo ou saía comigo. E o resultado é esse: uma noite com muita tequila, uma concussão, um tornozelo torcido e minha dignidade ferida — entre outros danos emocionais que prefiro não pensar a respeito no momento.

— Você precisa aceitar e seguir em frente, Nanda — Dani me diz.

— Eu sei que preciso, mas saber a fórmula não significa que é fácil colocá-la em prática — desabafo. — Se ao menos eu entendesse o que aconteceu… — Suspiro.

— E você realmente acha que entender faria doer menos? — ela me pergunta com ternura. — Acho que você só está procurando uma desculpa para essa dor, quando, na verdade, vai doer de qualquer

jeito. É um término, Nanda, com alguém que você gostava. Não tinha como ser diferente.

— Você está certa — admito.

— E quando não estou? — responde sorrindo, de forma a mostrar a garota linda que ela é por baixo da maquiagem borrada, e se senta no sofá onde dormiu.

O quarto está bastante claro, indicando o sol já alto lá fora. Deve estar próximo do meio-dia e começo a desejar que logo venham me servir o almoço. Quase em resposta ao pensamento, meu estômago ronca e fico feliz de perceber que não estou mais com o enjoo da ressaca.

O som da minha barriga me desperta para um detalhe que havia me incomodado ontem à noite e que não consegui entender sozinha.

— Dani — começo —, ontem eu me lembro de ouvir um barulho na rua, quando já estava sozinha em casa.

— Barulho? — Ela franze a testa.

— É. Acho que era uma buzina.

Ela abaixa a cabeça, ainda assim noto que fica vermelha. É impressão minha ou ela também se encolheu ligeiramente?

— Ahm… — E fala alguma coisa que não

consigo entender.

— O quê? Fala mais alto, mulher — peço.

— AchoquefuieuenquantoestavacomoThiago.

— Agora mais devagar, por favor.

Ela respira fundo.

— Acho que fui eu, enquanto estava com o Thiago. É difícil não fazer barulho tendo um volante bem nas suas costas.

É quando entendo e começo a gargalhar.

— Foi por isso, então, que o seu Zé me pediu para descer, em vez de te chamar! — E continuo a rir sem parar. — Você sabe que ele viu tudo de camarote, né?

— Hey, as coisas não chegaram ao nível que você está pensando, tenho padrões! Mas sim, acho que nos empolgamos um pouco. E não precisa ficar me lembrando que o porteiro viu. Tive que aguentar os sorrisinhos dele assim que entrei, antes de te encontrar, e isso não foi nada agradável.

Posso estar completamente ferrada nesse momento, mas pelo menos posso rir do fato de minha amiga provavelmente ser assunto entre todos os funcionários do nosso prédio.

Toda risada me dá vontade de ir ao banheiro e me dou conta de que não me lembro qual foi a última

vez que fiz xixi. Como estou com o pé imobilizado, uma camisola aberta nas costas e com soro na veia, peço ajuda à Dani para ser minha guia. Imediatamente noto meu erro. Se a vida dela dependesse disso, com certeza estaria em crise existencial, porque eu me sairia melhor se levantasse sozinha. Dani é um completo desastre!

Levando-se em conta tudo o que passei nas últimas 24 horas, o que menos preciso nesse instante, é tropeçar e cair.

E como o universo parece estar contra mim, é exatamente o que acontece.

Vou com as duas mãos direto para o chão, ficando com todo o traseiro — descoberto — para o ar.

Por sorte, é só um tombo desajeitado e nada de grave acontece, nem chego a me machucar.

Quer dizer, nada de grave acontece até o médico bonitão abrir a porta e dar de cara com meu traseiro.

Posso morrer?

Dani
visto por último hoje às 16h29

Ainda me sentindo mal pelo que aconteceu :(
16:21

Tá tudo bem, Dani! Não foi sua culpa
16:22

É que se eu não tivesse ficado lá embaixo, isso não teria acontecido
16:23

E você não teria dado uns amassos no Thiago. Já basta eu na miséria, você pode e deve ser feliz, miga. Aliás, vai sair hoje?
16:24

Não, preciso dormir. Chegando em casa, quero banho e cama!
16:25

Aliás, estou recebendo olhares reprovadores de um senhor no metrô, porque estou claramente com cara de quem ainda não foi pra casa.
16:26

O olhar reprovador dele deve ser pelo fato de você estar suja e descabelada.
Sem ofensas.
16:27

Hahahaha você tem razão. Já tive dias

melhores.

16:28

Duas ;)

16:28

Bom, vou descer na próxima. A gente vai se falando! Vê se você se cuida, viu?

16:29

Pode deixar. Descansa!!

16:29

CAPÍTULO 3

Recebi alta no final da tarde — o que foi uma bênção, depois do meu episódio de humilhação no hospital — e mamãe insistiu que eu passasse a semana em Mogi para que ela cuidasse melhor de mim. Já que terei que ficar de repouso, que seja sendo mimada.

Agora estou no carro, rumo à Terra do Caqui. Minha mãe deixou o rádio ligado em uma estação que ela gosta bastante e que, para mim, é uma "rádio de mãe" que toca todas aquelas músicas românticas e antigas, estilo Bryan Adams e Celine Dion, além de uns MPBs tipo Ana Carolina. Ainda que eu adore um Pop Rock, não posso negar que gosto dessas músicas.

Ok, confesso: eu adoro Celine Dion e tenho toda a discografia dela no meu computador.

— O que aconteceu, Nanda? — pergunta de

repente.

— Ahm? — Tento entender, despertando do meu transe particular originado por *To Love You More.*

— O que aconteceu para você ter caído. Você bebeu, não bebeu?

Fico muda por alguns instantes, pensando em minha resposta. Tenho a opção de mentir, mas só consigo pensar em desculpas para lá de esfarrapadas. Nunca fui boa com mentiras. Uma vez, precisei acobertar Dani para a mãe dela quando ela foi a uma festa da faculdade que a dona Setsuko não queria que ela fosse. Ela ligou em casa perguntando da filha e a primeira resposta que me veio à mente foi que Dani havia decidido fazer uma aula experimental de cerâmica.

— Bebi… — admito, por fim. Ela já sabia a resposta, de qualquer forma.

— E não foi pouco, pelo visto — ela fala me olhando de canto de olho, levantando apenas a sobrancelha esquerda.

— Não — respondo me encolhendo no banco, aliviada por não precisar mais esconder isso dela e me sentindo envergonhada ao mesmo tempo.

Minha mãe assente e tamborila os dedos no volante, pensando no que responder. Percebo o

esmalte vermelho desgastado e me lembro que ela costuma fazer as unhas aos sábados de manhã. Fico ainda mais constrangida por tudo que causei.

— Devo me preocupar? — ela pergunta por fim. — Quero dizer, isso acontece com frequência?

— Não, de verdade. Ontem foi um acontecimento… atípico.

— Foi por causa do Vini?

Não sei o que doeu mais: minha mãe ter ido diretamente ao ponto ou ter usado o apelido carinhoso. Seja qual for o motivo, não estava preparada para ouvir esse nome.

— Foi — tudo o que consegui responder sem permitir que o nó na minha garganta se desfizesse em lágrimas.

— Ah, Nanda… Eu sei que isso dói, acredite. Mas você não pode se entregar assim. Fazer ainda mais mal para você mesma só vai te deixar pior ao invés de te deixar esquecer a dor que você já está sentindo.

Será que era isso o que eu queria inconscientemente, infligir mais dor a mim para esquecer a outra? Minha única certeza era a de querer esquecer, não me importava como.

Concordo com a cabeça, sem prolongar o assunto

e me encostando na janela fechada para nos proteger do vento gelado do começo da noite. Por mais próximas que eu e mamãe sejamos uma da outra, não estou com vontade de falar sobre isso, principalmente porque ela adora o Vinícius e, por mais abrupta que tenha sido nossa separação, não consegue deixar de tentar encontrar desculpas para a atitude dele.

Sinceramente, nesse momento preciso de alguém que o culpe, que faça dele o vilão. Ainda estou vivendo meu luto e não sei muito bem se estou no estágio da negação ou da raiva.

Considerando a vontade assassina que tive ao olhar a página dele no Facebook, acho que já estou na segunda fase.

Penso na mão *daquelazinha* na coxa dele.

Estágio da raiva, com certeza.

Minha mãe faz uma curva com o carro e a visão da cidade aparece para nós. Mogi está localizada em um vale e precisamos passar por uma serra para chegarmos nela. Assim, é possível contemplar toda a cidade do alto sempre que estamos chegando ou saindo e não consigo evitar me sentir emocionada pela cena. Ainda mais em momentos como esse, depois de já ter escurecido e as luzes da cidade

estarem todas acesas. Além de ser uma paisagem lindíssima, me dá uma incontestável sensação de aconchego que somente nossos lugares de origem proporcionam. Mesmo que eu não planeje construir meu futuro aqui, é bom saber que sempre terei um lugar para voltar.

Quando chegamos, vejo Bel, minha irmã de seis anos, empoleirada na janela da sala aguardando nossa chegada.

Depois de muitos anos criando uma filha sozinha, mamãe finalmente conheceu um homem digno de sua companhia. Ela é arquiteta e conheceu Cássio na festa de inauguração do escritório de um de seus clientes, de quem ele é amigo. Minha mãe diz que se encantou com o charme do professor de história e eles estão juntos desde meus 11 anos. Para a surpresa de todos, Isabel nasceu pouco depois de eu completar 15.

Apesar de nossa grande diferença de idade, nos damos muito bem e ela me adora. Acho que vê em mim um modelo a ser seguido — talvez por eu não morar mais em casa e parecer para ela alguém muito “grande” e “responsável” — e vive tentando me copiar. Se digo que não gosto de algo, ela também se opõe, e subitamente passa a amar tudo

aquilo que descobre que adoro. Isso não me incomoda, acho graça, ainda mais agora que não convivemos mais diariamente.

Quanto a Cássio, também nos damos muito bem. Nunca cheguei a colocá-lo na posição de pai, mas sempre o respeitei e o admirei por fazer mamãe feliz. Além disso, sempre tivemos um bom relacionamento.

Quando nos conhecemos, ele me presenteou com o CD das meninas do Rouge que havia acabado de ser lançado e as edições do mês de duas revistas adolescentes. Fiquei em êxtase e corri para fazer os testes. Adorei descobrir que eu era uma ciumenta controlada e que Matheus seria meu Br'oz ideal.

Não vou levar em consideração que minha experiência mais próxima de ciúmes era minha professora elogiar a redação de outro aluno, já que eu sempre fui a melhor da sala, e naquela idade, o ideal para mim era o aparelho externo que precisei usar para dormir, não qualquer tipo de garoto. Ainda mais um inalcançável.

— Você machucou o pé! — Bel diz ao notar a bota ortopédica, seus cachos castanhos caindo feito molinhas em seu rosto. Cássio não demora em me ajudar a entrar, oferecendo o braço para eu me

apoiar.

Ela estuda um pouco meu tornozelo imobilizado e logo perde o interesse, correndo para a frente da TV para ver o desenho de uma porquinha que ela simplesmente idolatra. Poppy, Puppy, ou seja lá qual for o nome.

— Você nos deu um susto e tanto, Nandinha!

— Eu sei — respondo para Cássio, envergonhada, e percebo que até agora não pedi desculpas a minha mãe por isso. — Sinto muito. A vocês dois. Não queria preocupar vocês.

— O importante é você estar bem — mamãe se apressa em dizer.

Assinto com um sorriso.

O jantar transcorre tranquilamente — ou tão tranquilamente quanto pode ser, levando-se em conta os jantares na minha casa: mamãe brigando com Mel, nossa basset, durante toda a refeição, porque ela fica pedindo comida (e claro que ela só faz isso porque minha mãe sempre dá o que ela pede), enquanto Cássio assiste ao que quer que esteja passando na televisão na sala (que fica no cômodo ao lado, então, por isso, ele precisa deixá-la em um volume capaz de compartilhar com todo o bairro o programa da noite. Isso depois de um

grande esforço para convencer Bel a deixá-lo tirar a Peppa — finalmente descobri o nome da porquinha!) e Bel não para um segundo sequer de falar. E como o mais comum é que ninguém esteja, de fato, prestando atenção no que ela está dizendo — não por não se importarem, mas por estarem focados em suas próprias atividades — ela conversa sozinha.

Eis o próprio retrato da normalidade.

Depois de um dia cansativo como esse, começo a sonhar com minha cama antes mesmo de começar a sobremesa.

Quer dizer, não vou ser injusta. Já dizia Dorothy que "não há lugar como nosso lar" ou algo assim e eu realmente adoro estar aqui sendo paparicada por minha mãe. Mas é exatamente sobre isso que a Dorothy falou: agora tenho um novo lar. Mesmo que eu continue me sentindo em casa aqui, é a *outra* casa que realmente chamo de *minha*. Lá é meu canto, meu lar, porque é isso o que meu apartamento em São Paulo tem sido nos últimos anos. Foi ele que trouxe Dani para minha vida. Foi aquele lugar que acompanhou todos os meus últimos sucessos e derrotas. É para onde quero ir após um dia cheio e que me dá todo o conforto e

tranquilidade de que preciso.

Levanto os olhos do meu pudim de chocolate e olho ao meu redor. Vejo Cássio e o vinco de sua testa, resultado da concentração para tentar ouvir a TV, parando com a colher no ar quando noticiam algo que chama sua atenção. Olho para Bel e sua boca toda lambuzada, e não consigo evitar um sorriso. Por fim, vejo mamãe, chamando a atenção de minha irmã para não brincar com a comida. Noto que o canto dos seus olhos tem algumas rugas que ainda não tinha reparado e o quanto ela parece ficar cada vez mais bonita com o passar do tempo.

Toda a cena me dá uma sensação boa.

Uma sensação de segurança.

Mãe
online

HOJE

Sua irmã esqueceu o chinelo aí. Pede pro Cássio trazer quando ele subir, por favor?
21:45

Ele não vai olhar o celular dele, por isso mandei pra você. E não quero gritar, ela já tá quase dormindo.
21:47

Tá bom. Vocês dois que vão me ajudar a subir? Ou só ele?
21:47

Melhor nós dois, né? Você já é meio desastrada, com um pé imobilizado, então...
21:49

Que reconfortante, sofrer bullying pela própria mãe.
21:50

Ué, falei alguma mentira?
21:50

Mas você é a desastrada mais linda do planeta ♥♥♥♥
21:51

PERIGOSAS NACIONAIS

¬¬

21:51

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 4

Finalmente consigo ficar sozinha.

Entro em meu quarto e encosto na porta fechada atrás de mim. Por um segundo, fecho os olhos e respiro fundo, tentando descobrir como me sinto depois das turbulentas horas que passei desde ontem.

Ontem? Parece tão mais longe. Acho que a sobrecarga emocional alterou minha noção de tempo.

Olho para as paredes ao meu redor, buscando o conforto de estar em meu antigo quarto. Vejo as prateleiras brancas recheadas de livros, DVDs e vários enfeites colecionados ao longo dos anos, mas é como se algo me impedisse de me sentir realmente parte dali. Reconheço tudo que vejo, porém, a sensação é de que são apenas imagens sem significado. Pensando melhor, percebo que, na verdade, o problema não está em meu quarto. Sou

eu que estou vazia e o buraco negro no meu peito afasta qualquer sensação.

Melhor, afasta qualquer sensação *boa*. Qualquer conforto.

Como é possível não sentir nada e, ao mesmo tempo, doer tanto?

Meus olhos se enchem de lágrimas e não sei se elas são pela percepção de como me sinto quebrada ou se pelo que me quebrou. Acho que por tudo.

Solto um soluço que nem havia percebido estar segurando e coloco para fora todas as emoções que contive ao longo do dia. O choro chega com tudo, me rasgando ainda mais e partindo qualquer máscara que eu tenha usado para ser capaz de rir da minha própria situação e demonstrar não estar tão machucada quanto realmente estou.

O choro ganha forças ao tirar as minhas, deixando-me cada vez mais fraca. Escorrego lentamente pela porta até me sentar, abraçando o joelho da perna que não está imobilizada, mantendo a outra esticada e abaixo a cabeça me permitindo extravasar. Recolho do bolso os restos da minha pulseira arrebentada e a impossibilidade de consertá-la me dá a sensação de que, talvez, eu também não tenha conserto.

Choro por não sei quanto tempo, até as lágrimas cessarem sozinhas.

Lentamente, me levanto com dificuldade e caminho devagar, meio mancando, em direção à cama, guardando os pedaços de couro para depois levá-los comigo para São Paulo, onde serão colocados com aquela que, um dia, foi seu par.

Só me preocupo em tirar a roupa antes de me enfiar embaixo de dois edredons, em busca de um sono que leve tudo embora.

***

Acordo me sentindo um pouco melhor e resolvo navegar na internet, ainda na cama. Coloco O Teatro Mágico para tocar em meu notebook e me deixo levar pela poesia de Fernando Anitelli.

Abro meu Facebook e vou rolando a linha do tempo, mais segura de fazer isso desde que ocultei as publicações de Vinícius do meu *feed*. Depois de verificar as últimas atualizações, vejo quem são os aniversariantes do dia. Gosto de dar feliz aniversário a todos e me sinto mal quando esqueço, tanto que tenho mania de sempre verificar os

aniversariantes das próximas semana para garantir que eu não vá cometer a gafe de encontrar a pessoa no dia de seu aniversário e não a cumprimentar por ainda não ter checado o Facebook naquele dia. Já fiz isso uma vez e quase morri de vergonha depois.

Como não tenho muito o que fazer no momento, vou rolando a página e vendo, também, os das semanas seguintes. Sinto um leve incômodo ao ver o rosto de Rafael, uma paixão da pré-adolescência, e rio de mim mesma logo em seguida por isso. Não deveria me incomodar depois de tantos anos, mas acho que a gente nunca esquece quando alguém parte nosso coração. Ok, foi uma bobeirinha adolescente, sem importância hoje em dia, mas naquela época não foi assim que encarei. Fiquei meses ouvindo *Because Of You* da Kelly Clarkson e chorando pelo que havia acontecido. Graças ao meu inglês precário da época, não fazia ideia de que ela estava falando do pai dela na música.

Em minha defesa, a música era sofrida e era isso que importava.

Enfim. Foi uma paixão completamente platônica. Eu tinha 12 anos na época e estava naquela fase de gostar de alguém, mas era inocente o suficiente para ficar no "gostar". Eu tinha amigas que já

haviam dado seus primeiros beijos e só de pensar nisso eu sentia um frio na barriga de nervoso — não daquele de ansiedade, de querer aquilo. Aquele de medo mesmo, de não querer algo de jeito nenhum. Eu só gostava dele e não sabia muito bem o que fazer com o sentimento. De qualquer forma, tive a brilhante ideia de mandar uma carta para ele me declarando. E a reação dele foi a de rir de mim e me ridicularizar para todos os amigos.

Sinto que estou em meio a uma sessão nostalgia vendo esses aniversários — não de um jeito muito positivo — porque entre eles também está Bruno, meu primeiro beijo.

Eu tinha 15 anos e estávamos na festa de uma amiga de sala. Estava em uma rodinha, me acabando de dançar com minhas amigas. *Just Dance* era nossa música favorita do momento — aliás, qualquer uma que a Gaga lançasse — e os meninos estavam mais afastados, só nos observando. Comecei a ver que cochichavam entre si e sabia que falavam de nós. Eu estava de olho em Bruno já há algumas semanas e ele estava particularmente gatinho naquele dia. Para quem estava acostumado a ser visto de uniforme todos os dias, ternos causavam uma impressão e tanto.

Que saudades das festas de quinze anos.

Eu vi Bruno conversar com outros meninos, coçar a cabeça e, por fim, concordar com alguma coisa, depois de olhar na minha direção. Senti um frio na barriga — dessa vez do outro tipo, de querer aquilo — e tive certeza de que ele estava assumindo querer ficar comigo. Não deu outra. Caio, amigo dele, veio andando na direção de minha amiga, cochichou algo no ouvido dela, e ela veio me dizer que Bruno queria ficar comigo. Comecei a tremer de expectativa na hora, mas concordei sem pensar duas vezes. Passamos o restante da noite juntos entre beijos cheios de dentes e saliva, daquele jeito desajeitado que apenas os primeiros beijos sabem ser.

E os beijos entre pessoas que não têm a menor química uma com a outra e só descobrem isso após se beijarem.

Não dei a menor importância para isso na hora. Estava em êxtase, tentando me convencer de que aquela estava sendo a melhor experiência da minha vida até então.

O êxtase só durou até segunda-feira. Depois de passar a manhã vendo várias pessoas cochichando quando eu passava por elas, dando risadinhas e

interrompendo conversas abruptamente quando eu chegava, descobri que Bruno havia perdido uma aposta e eu fui o preço a ser pago. Se não bastasse, o filho da mãe ainda espalhou que eu tinha mau hálito.

O que aprendi com essa experiência: me certificar melhor sobre o caráter dos garotos que enfiarão a língua na minha garganta antes de eles fazerem isso (um método sujeito a falhas, considerando as situações futuras a essa experiência) e sempre andar com uma bala de menta na bolsa — só para garantir.

Então meu coração quase para.

Eu havia esquecido por completo que faltava pouco menos de um mês para o aniversário do Vinícius.

Dos males o menor, tento me convencer. Pelo menos eu ainda não havia comprado o presente dele.

Pode parecer precipitado, mas sempre odiei deixar as coisas para a última hora, ainda mais em se tratando de aniversários ou qualquer outra data comemorativa. Acho que gosto mais de dar presentes que de receber, simplesmente amo planejar os detalhes, escolher o que dar para a

pessoa, ficar imaginando o momento em que ela o abrirá, qual será sua reação e tudo mais. Sendo assim, quando sei que alguma data importante está se aproximando, mal consigo aguentar de ansiedade para começar os preparativos do presente.

Talvez seja mesmo meio precipitado.

Aliás, talvez seja meio esquisito, pensando bem.

De repente, não consigo afastar a sensação de ter algo estranho no ar.

Olho novamente para os aniversários e então percebo.

Rafael. Bruno. Vinícius.

Todos juntos.

Todos na última semana de julho.

Devo ter algum problema cósmico com esse mês, não é possível.

Cósmico. Essa é a questão. Se todos fazem aniversário no mesmo período, então todos devem ser do mesmo signo. Não entendo muito bem disso, só sei o meu próprio — Peixes — mas sei que os signos são determinados pela data de nascimento.

Sou tomada por uma nova motivação: descobrir qual é o signo deles.

Abro uma aba do Google e digito no buscador as palavras “signo” e “julho”

Enquanto os resultados são gerados, vou sentindo o coração bater mais rápido, começando a ficar mais ansiosa pela resposta.

Tenho certeza de que será Aquário. Aquário, Peixes, tudo isso tem a ver com água. Logo, se tenho uma conexão com algum signo, só pode ser esse. Além do mais, aquários são cativeiros para peixes. Com certeza é essa a simbologia: o aquário me limita, me prende.

Abro em um site de astrologia e vou descendo, procurando a resposta que, no fundo, já sei qual será.

E então eu a encontro.

Leão.

Ops.

Bom, pode fazer sentido também. Os leões estão acima dos peixes na cadeia alimentar e, portanto, são mais fortes, mais dominadores e... Ahm, se alimentam dos peixes?

Ok, melhor esquecer esse negócio de cadeia alimentar.

Começo a ler a descrição dos leoninos e vejo que ela bate em muitos aspectos com a personalidade de Vinícius, minha única base real para checar a informação. Não cheguei a conhecer os outros dois

tão bem a ponto de saber se é válida também para eles.

Com o canto do olho, noto uma opção que faz meu coração acelerar na hora:

Sinastria Amorosa — Veja a Compatibilidade do seu Signo com o da Pessoa Amada!

Paro na mesma hora de ler sobre o charme, o magnetismo e blá blá blá dos leoninos e clico no link, tomada pela ansiedade de ver a resposta para a combinação Leão e Peixes.

Coloco nossos signos nos locais indicados, clico em *Enviar* e aguardo.

E aguardo.

E aguardo.

Isso lá é hora da minha internet ficar lenta?

Página Não Encontrada.

Como desgraça pouca é bobagem, obviamente minha internet *tinha* que cair justo agora.

Espumando de raiva e contendo um xingamento, reinicio o modem e aguardo a internet voltar, que aliás, vive dando problema. Minha mãe só não a

cancelou ainda, porque a ligação para suspender o serviço dá mais dor de cabeça que a própria internet em si. É quase um teste de paciência, resistência e outras "ências" que não consigo pensar agora.

Dou um pulo na cadeira ao perceber que o truque do modem deu certo e a internet voltou.

Quase sem conter a empolgação, aperto F5 e aguardo — novamente — a tela carregar.

Começo a ler com avidez assim que surge o resultado. Porém, o entusiasmo evapora quase na mesma hora, dando lugar a um frio congelante que atravessa meu estômago.

Sinto como se estivesse acompanhando a linha do tempo do nosso relacionamento: um começo promissor, fruto da conquista do "entusiasmado leonino" e do "romântico coração pisciano", mas que logo dá lugar às complicações, principalmente pelos leoninos não suportarem se sentir controlados e os piscianos se sentirem muito dependentes dos parceiros.

Esse site está me permitindo enxergar nosso namoro de um jeito que até então eu não havia sido capaz, além de estar me dando vários tapas na cara, daqueles bem ardidos, que deixam cinco dedos vermelhos marcados no rosto.

Como alguém teve a *audácia* de publicar isso? Deixar nosso relacionamento definido ali, escancarado para que qualquer um possa lê-lo?

Inconformada, abro uma nova janela e procuro outros sites, sentindo o coração aos saltos no peito. Dessa vez, digito com fervor “sinastria amorosa” para acelerar o processo e ir diretamente aonde pretendo. Vou abrindo inúmeras abas em meu navegador conforme vou clicando nos resultados que aparecem, na expectativa de encontrar algo diferente. Porém cada novo site só traz uma confirmação daquilo que já li, para minha infelicidade. E nos casos de informações extras, elas só vêm para piorar ainda mais a situação.

Blá blá blá “piscianos são emotivos”, blá blá blá “leoninos são enérgicos”, blá blá blá “mar de incompreensão”.

Tanta incompreensão que até agora eu não entendi o porquê de a gente ter terminado.

É quando leio uma frase que funciona como golpe derradeiro.

“Essa é uma relação feita para acabar”.

A verdade dessas palavras faz meus olhos encherem de água e me causam um aperto no coração.

Nós nunca ficaríamos juntos — finalmente entendo. Não fomos destinados para isso. Estávamos fadados ao fim.

Sabe aquela coisa de “nosso amor estava escrito nas estrelas?”. Pois é, o nosso também, mas em um garrancho quase ilegível, em caixa alta, cheio de erros gramaticais e ortográficos, indicando que aquela jamais seria uma linda história, muito menos uma que terminasse em “felizes para sempre”.

Se eu tivesse sido um pouco mais atenta a essa questão do horóscopo, jamais teria entrado nessa furada. Teria sido mais cuidadosa, pensado duas vezes antes de jogar meu coração aos leões dessa maneira — literalmente.

Se eu soubesse disso, jamais teria me envolvido com todos esses leoninos.

Será que é essa a fórmula para não sofrer mais com relacionamentos amorosos? Será que é algo tão simples assim?

Se é ou não, não sei. Só tenho certeza de uma coisa nesse momento: não quero nunca mais outro leonino na minha vida.

Gi
online
Oi, Gi, tudo bem?
11:08

Só queria avisar que não vou conseguir trabalhar essa semana =/
11:08

Eu sofri um pequeno acidente na madrugada de sexta pra sábado e tô com o pé imobilizado... Peguei atestado e volto no médico no final da semana.
11:09

Você pode avisar o Senhor Arlindo pra mim?
11:09
Oi, Nanda! Meu Deus, que houve?
11:13

Não se preocupa, eu falo com ele sim.
11:13

Precisa de mais alguma coisa?
11:14
Não, Gi, só isso mesmo! E eu tropecei e caí na escada, chegando da balada ¬¬
11:15
Ai...

Bom, precisando de algo, me fala, tá?
*Vê se descansa e se cuida! =**
11:15
Pode deixar! E obrigada ♥
11:16

CAPÍTULO 5

Passei uma semana tranquila em casa, principalmente por não ter sido responsável por preparar minhas refeições. Aliás, devo dizer que uma semana inteira com comida de verdade todos os dias tem sido algo raro na minha vida. Experimente conciliar a faculdade com estágio e morar com uma amiga que possui os mesmos — ou até piores — dotes culinários que você e o resultado serão incontáveis macarrões instantâneos e comidas congeladas.

No final da semana, mamãe me levou novamente ao médico e ele me liberou da bota imobilizadora naquele mesmo dia. Meu pé já estava praticamente 100%, eu só não posso ainda abusar — não que eu estivesse planejando correr a São Silvestre mesmo. Bel ficou triste quando me viu sem a bota, porque sua obra de arte em forma de Galinha Pintadinha

não seria mais exibida por aí (sim, ela desenhou na minha bota!), mas mostrei para ela a foto que tirei logo depois dela ter terminado o desenho e ela ficou mais contente, principalmente por eu tê-la postado no Instagram e ela ter recebido tantas curtidas e comentários no estilo “Que fofo!”.

Como minha semana de férias forçadas (aliás, “férias”. Estar em casa não me impediu de trabalhar no meu TCC — ou de tentar, pelo menos. Estou totalmente empacada nele, me sentindo uma escritora com bloqueio) acabou — e também o atestado que o médico me deu para poder me afastar do estágio — voltei hoje para São Paulo. Minha intenção era a de vir embora logo após o almoço de domingo, mas acabei pegando no sono, então chego no começo da noite.

Quando abro a porta do apartamento, vejo que Dani está sentada no sofá, com seu laptop no colo.

— Você veio rápido — ela me diz, após me cumprimentar.

Noto que ela está estranha, olhando fixamente para mim, como se estivesse se preparando para me dizer algo.

O-ou.

Acho que sei o que isso significa.

— Nanda, senta aqui. A gente precisa conversar.

Era o que eu suspeitava: uma intervenção.

Sempre que eu e Dani temos algum tipo de problema, sentamos e conversamos abertamente sobre ele, expondo para a outra o que está nos incomodando. Geralmente, a iniciativa parte da pessoa incomodada, enquanto a outra não faz a menor ideia do que está acontecendo e por isso chamamos de “Intervenção”: é quando uma de nós precisa intervir para a outra acordar e parar de fazer seja lá qual for a besteira que está fazendo no momento (e não, não tivemos a ideia vendo *How I Met Your Mother*).

— Uhmmm tá. Mas aconteceu algo? — E começo a revirar loucamente minha memória, buscando algo que eu possa ter feito ou dito de errado.

Não faço ideia de onde errei. Caso típico de uma intervenção.

— Aconteceu. Isso aconteceu. — Vejo Dani digitar algo em seu laptop.

Quando me sento, ela lentamente vira a tela para minha direção e vejo se tratar de uma página do Facebook.

Sinto meu estômago dar uma cambalhota. Ela vai me mostrar a atualização de status do Vinícius de

“solteiro” para “em um relacionamento sério” — só pode! Sou tomada pela certeza de que ele já está namorando de novo, e ela mesma quer me dar a notícia para eu não saber por outra pessoa.

Enquanto minha mão começa a suar, ela termina de virar a tela e sinto uma onda de alívio ao ver meu próprio perfil.

— Pois é. Sou eu. O que é que tem? — pergunto enquanto ela me encara, como se fosse óbvio o que não estou enxergando.

— Vai rolando a página e dá uma lida em tudo o que você postou essa semana — ela diz com calma.

Começo a fazer o que ela pediu e vou relembrando os *posts*.

Alguns vídeos de músicas com trechos que tinham tudo a ver comigo naquele momento, outros com reflexões minhas e mais algumas daquelas imagens com citações que simplesmente não resisti, precisei compartilhar.

Ainda não entendo o que está errado.

Volto a tela para cima e leio, mais uma vez, para ver se perdi algo.

Nada.

Gostei tanto do que postei, da verdade e profundidade das postagens, que várias vezes abri

meu perfil para revê-las.

Em *off*, essa é uma coisa que costumo fazer. Tenho mania de ficar vendo minha própria linha do tempo, principalmente quando gosto muito do que postei. Acho que, no conjunto, elas mostram o tipo de pessoa que sou e gosto de olhá-las para tentar formar a imagem que passo para quem visita meu perfil.

Enquanto vou relendo tudo, vejo uma das postagens que merecem destaque. Estava um dia no meu quarto ouvindo *My Immortal* do Evanescense nos meus fones de ouvido. Tudo que a Amy Lee diz nessa letra é tão sincero e real, e tem tanto a ver comigo! Ela cantava e eu chorava. Chorava pela minha dor e pela dela, porque é como se ela passasse cada uma das emoções enquanto canta — e a gente fica sem saber se o que está sentindo é dela ou nosso.

É claro que precisei compartilhar.

— Dani, continuo não sabendo aonde você quer chegar.

— Nanda — ela faz uma pausa, como se estivesse escolhendo as palavras —, estou preocupada. Com você. — Permaneço em silêncio, sabendo que ela mal começou o que tem a dizer. — Você está

deixando na cara que levou um pé na bunda e que está sofrendo de rejeição, e isso é alarmante por uma série de motivos. Primeiro, isso é se humilhar para o Vinícius. — Me encolho ao ouvir isso. Não tinha parado para pensar nessa perspectiva. Dani percebe minha reação e me lança um olhar misto de preocupação com pena. — Segundo — continuou ela, em um tom mais brando —, isso é se expor por completo. Todo mundo julga todo mundo no Facebook o tempo todo, e sério, você pouco tem que se importar com o que as pessoas vão pensar de você, mas guarda uma parte do seu coração. É arriscado demais expô-lo dessa forma, dando a possibilidade de alguém tratá-lo de qualquer jeito. Você pode se machucar ainda mais, Nanda, e não quero isso.

Fico muda, em choque, mas Dani ainda não terminou.

— E por último, o que mais me preocupa: isso é mostrar que você não está lidando bem com o término.

Fico sem saber o que responder, porque ela está certa. Sei disso.

Abaixo a cabeça para a tela e tento analisar meu perfil friamente, como uma pessoa que não me

conhece direito veria.

Uma foto de um bonito pôr-do-sol com o trecho de *Mais Uma Vez* do Legião Urbana "Mas é claro que o sol vai voltar…"

"O preço a ser pago por ser quem você é." — Escrevi para compartilhar uma imagem que dizia "É melhor ser REJEITADO por ser SINCERO, do que ser ACEITO sendo HIPÓCRITA".

"E o que fazer quando são justamente isso?" — Para a imagem "Que suas lembranças não sejam o que ficou por dizer", de Fabrício Carpinejar.

"A verdade é que todo mundo vai te machucar, você só vai ter de escolher por quem vai valer a pena sofrer" — Ayrton Senna (ao menos, é o que está na imagem. Não sei se ele realmente disse isso).

Uma figura de dois dedos, cada um segurando a ponta de um elástico esticado e aberto, com a frase *O Amor é assim... O primeiro que desistir machuca o outro.*

E a primeira da semana — e, no caso, a última da sequência: *Amanhã pode ser tarde demais. Tarde demais para pedir desculpas. Tarde demais para tentar. Tarde demais para acreditar.* (Autor Desconhecido)

Ai. Meu.Deus.

— Você tem razão — admito para ela, por fim. Não consigo dizer mais nada, e Dani percebe que estou chateada.

Não consigo suportar que ela esteja me encarando e escondo a cabeça nos braços, apoiados sobre minhas pernas.

— Ah, Nanda! — Dani chega mais perto de mim no sofá, colocando a mão em minhas costas. — Você sabe que estou falando isso porque me importo com você, não sabe? Eu sei que você ainda não está bem, e fico preocupada em ver que você não está fazendo nenhum progresso. — Levanto o rosto levemente para fitá-la. — Me sinto mal tanto por não saber como te ajudar quanto porque dói em mim ver o quanto está doendo em você — e seu olhar me mostra o quanto ela está sendo sincera.

Desvio os olhos para a frente em uma tentativa de segurar o choro. Nosso apartamento é bastante simples, digno de estudantes universitárias, então nossa sala não tem tanto assim para se olhar: uma escrivaninha à direita do sofá, praticamente inutilizada, já que acabamos usando nossos laptops quase sempre no sofá ou em nossos quartos e dificilmente escrevemos algo à mão; uma estante

com TV na parede a nossa frente, enfeitada com um porta retrato de nós duas e alguns DVDs (comédias românticas, principalmente); e uma mesa de jantar pequena com duas cadeiras, abarrotada de livros e cadernos ao lado da escrivaninha. A ideia era deixar a mesa em uma posição que não desse para a gente comer vendo TV em uma tentativa de sermos mais saudáveis, mas ela foi por água abaixo. Pior do que comer prestando atenção em algo além da sua refeição é fazer isso toda torta no sofá, como fazemos sempre que comemos em casa.

— Eu sei — enfim respondo. — De verdade, eu realmente sei que você se preocupa e que eu deveria estar lidando melhor com tudo... Só não sei como fazer isso — desabafo, sentindo que vou começar a chorar em poucos instantes. — E não ache que você não está ajudando. Você é a melhor amiga que eu poderia ter. — E sinto as lágrimas começarem a escorrer.

Dani me abraça, e choro ainda mais.

— Olha, talvez a gente nunca tenha a certeza de como fazer. Essa pode ser a sua maneira de lidar com a situação, sentir a dor com toda a intensidade, de um jeito que pareça que você não está lidando

com ela. Não posso te dizer o que fazer, é questão de viver um dia após o outro, de ir aos pouquinhos. Você precisa descobrir sozinha. — Faço um gesto afirmativo com a cabeça enquanto me afasto do abraço dela, tentando, inutilmente, secar com o dorso das mãos as lágrimas e meu nariz que, nesse momento, parece chorar mais do que meus olhos. Eca. — De qualquer maneira — ela continua —, você sabe que pode contar comigo. Não me importo quantas vezes você quiser falar nesse assunto, pode falar! Prefiro que fale para mim em vez de postar no Facebook.

Concordo, dando uma risada um pouco constrangida.

— Você vai ficar bem, tenho certeza — ela diz enquanto se levanta. — Eu preciso tomar banho para deitar. Você precisa de alguma coisa? Quer que eu faça um chocolate quente para você?

— Não precisa, fica tranquila. Toma seu banho e vai descansar, eu ainda tenho que desfazer minhas malas.

— Tá bom, qualquer coisa é só bater no meu quarto, tá?

— Eu sei. — E sorrio para ela. — Obrigada por tudo, Dani! Como sempre.

Ela sorri e faz um gesto com a mão, como se não fosse nada.

— Ah, esqueci de avisar — e se vira, ao se lembrar do recado –, chegou um pacote essa semana, deixei em cima da sua cama.

Na hora fico em alerta. Tenho uma boa ideia do que pode ter dentro dele.

Corro para o quarto e vejo que estou certa.

Assim que entro, eu o avisto na cama de casal, encostada na parede oposta à porta. Como meu quarto é pequeno, ela ocupa boa parte do espaço disponível, mas preferi essa opção a ficar com uma cama de solteiro. Em consequência, só tenho um criado mudo ao lado esquerdo da cama, onde fica meu abajur, e meu guarda-roupa, de frente para ela. Resolvi aproveitar o espaço das paredes para colocar prateleiras e é nelas que guardo meus livros, enfeites, porta-retratos ou qualquer outra coisa que não dê para colocar no armário.

Fecho a porta e me jogo na cama, destruindo o pacote e pegando, finalmente, minha esperada encomenda. Já sei que essa noite será bastante longa, por motivos nem um pouco relacionados a minha mala, que ficou esquecida na sala.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Dani
online

HOJE

Tá, me conta. O que tem no pacote??
21:49

Fala comigo! Tô curiosa!!
21:59

Nanda?
22:09

Qual é, o que é tão divertido assim pra você ignorar por completo uma notificação no seu celular??
22:09

Quem é você e o que você fez com minha amiga??
22:17

Vou te mandar várias mensagens até você me responder.
22:18

WHAT'S IN THE BOOOOOOOX?
22:18

Sério? Nem Seven e Brad Pitt vão te fazer ver minhas mensagens?
22:19

PERIGOSAS NACIONAIS

Naaaaaandaaaaaaa??
22:19

Ah, qual é!!
22:20

Desisto ¬¬
22:23

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 6

Depois que entendi a problemática da minha vida amorosa sendo causada pela minha relação com leoninos, fiquei fissurada em astrologia. Li tudo o que encontrei sobre o assunto (ok, talvez isso tenha sido uma das causas da minha estagnação com o TCC), mas não fiquei satisfeita.

Assim, não hesitei em pesquisar livros sobre o assunto, especialmente se fosse específico sobre Peixes. Acabei encontrando um com um preço bastante acessível e que, pelos comentários dos compradores, era bastante informativo e interessante. Como eu não queria correr o risco de o livro chegar depois que eu fosse embora, pedi para entregar em São Paulo.

Devo dizer que está sendo uma leitura extremamente proveitosa. Eu já deveria ter me aprofundado no assunto há muito mais tempo,

afinal, está sendo um banho de autoconhecimento.

Por exemplo: as pessoas vivem reclamando que me iludo demais. E, bem, eu faço isso mesmo, mas isso porque piscianos tendem ao “escapismo da realidade”, um termo que achei bem chique e que vai causar impacto quando eu passar a usá-lo como argumento para eu ser assim.

Piscianos são muito “voltados ao lado introspectivo”, além de serem “muito emocionais” e é por isso que vivo sonhando acordada. Também, descobri que temos essa “tendência a querer sempre ajudar o outro”, a nos colocarmos no lugar do outro e, até mesmo, sentirmos a dor do outro.

Está aí por que é tão difícil para mim dizer “não” para alguém! É, tipo, mais forte do que eu! Não tenho culpa de ser assim, simplesmente nasci sob a regência de Peixes!

Estou me sentindo como se tivesse descoberto o maior segredo do universo.

Como é que pode as pessoas dizerem que astrologia é uma besteira? Cada vez que leio sobre meu signo, parece que o autor está falando exatamente sobre mim! Até me dá um medo bobo, como se eu estivesse sendo vigiada, observada, filmada, que nem aquele filme, *O Show de Truman*.

Nunca fui muito de acreditar em horóscopos, mas agora acredito totalmente. Até assinei um site para receber minhas previsões diárias por email!

(Quer dizer, acredito há uma semana, mas o que importa não é o tempo, mas sim a intensidade, certo? E, vai por mim, depois disso tudo, eu acredito *muito*.)

Continuo maravilhada lendo sobre vários aspectos de mim mesma que nunca havia percebido, até que paro de repente ao virar a página.

Sinto minha atenção se intensificar ainda mais ao ver aquela nova informação: uma tabela repleta de datas.

Suas linhas são divididas de acordo com cada dia de nascimento dos nativos de Peixes, então vão do dia 20 de fevereiro até o dia 20 de março.

Há três tipos de colunas: “Amizade”, “Amor”, “Negócios”.

Cada coluna é preenchida com diversas outras datas, que indicam os dias de nascimento das pessoas que, provavelmente, desenvolverão um melhor tipo de relacionamento com os piscianos de cada um daqueles dias.

Por exemplo, pego um pisciano do dia 15 de março (coincidentemente, eu mesma). Tenho uma

maior probabilidade de desenvolver um bom relacionamento de amizade com as pessoas nascidas nas datas da coluna “Amizade”, segundo esse livro. E o mesmo vale para as outras duas colunas.

Resolvo fazer o teste e procuro o aniversário da Dani.

Voilá! Vejo o 18 de maio sorrindo para mim entre as outras datas.

Esse livro é mesmo incrível!

Começo a analisar freneticamente todas as datas. Na coluna “Negócios”, encontro o aniversário de Gisele, minha chefe, que também está na coluna “Amizade”. E adivinhe só? Nós nos damos superbem! Ela até me mandou várias mensagens nessa semana que passou, preocupada comigo.

Na coluna “Amizade”, começo a reconhecer o aniversário de colegas que fui tendo ao longo da vida. Sabe aquela melhor amiga que, de tão inseparável, vira tipo unha e carne com você, mas que acaba naturalmente se afastando com o tempo, mesmo que o carinho permaneça? Pois é, tive várias assim.

Por exemplo, ali está o aniversário de Vanessa, minha melhor amiga na sexta série. Fazíamos tudo

juntas naquela época, mas no ano seguinte, os pais dela mudaram de cidade e nós acabamos perdendo o contato.

Mas, pensando bem, não me lembro agora se era 24 de junho ou 24 de julho o aniversário dela…

Deve ser em junho mesmo, porque não existe a data de julho na tabela, e o livro não deixaria de fora alguém que foi marcante na minha vida. Além do mais, não sei se, nessa altura do campeonato, aguento o choque de descobrir que a Van é leonina...

Sinto uma tristeza repentina ao ver que não reconheço um aniversário sequer na tabela de “Amor”.

Vou passando data por data na esperança de reconhecer alguma, mas nada acontece.

Tenho a ideia, então, de abrir meu Facebook, buscar uns garotos pelos quais já tive certo interesse — menos os leoninos, obviamente — e checar se o aniversário deles está ali na tabela.

Menos de 10 minutos depois já mudei de ideia. Além de nem todos disponibilizarem o próprio aniversário (uma atitude que eu juro que não entendo. Eu simplesmente amo fazer aniversário e jamais deixaria essa informação oculta do meu

perfil), os que disponibilizam não estão na tabela, algo que não é uma surpresa se considerarmos que aparentemente, Murphy, o infeliz que criou aquela lei do “Se algo pode dar errado, então dará”, me ama.

Seria mais fácil se eu pudesse encontrar as pessoas a partir das datas desse livro, mas isso é praticamente impossível.

Ou será que não?

Sentindo a empolgação correr pelas minhas veias após mais uma ideia, começo a bolar um plano.

Talvez, se eu focar em uma só data, não seja assim tão difícil encontrar os nascidos nela.

Meu tio Nelson é dono de um cartório civil em Mogi, e, portanto, a parte rica da família. Tudo bem que eu não posso reclamar da vida que tenho, mas nossos estilos de vida nunca foram exatamente os mesmos, se é que me entende.

Na realidade ele é meu primo em segundo grau, mas acabo chamando de tio pela diferença de idade. Não temos muito contato, porém converso de vez em quando com a Luciana, filha dele, já que temos idades relativamente próximas.

A questão é que Lu trabalha com ele e posso me aproveitar de nosso contato. Talvez se eu entregar

uma data para ela pedindo que cheque nos registros os nascidos naquele dia, eu tenha uma lista com nomes para procurar por aí!

É claro que, assim, eu limitaria minha busca aos registrados em Mogi, especificamente naquele cartório, mas se eu já acho que não será fácil encontrá-los, considerar um raio maior tornará tudo ainda mais difícil.

E não tenho bem certeza, mas deve existir alguma questão ética/profissional que impeça o cartório de dar esse tipo de informação às pessoas. De qualquer maneira, não será algo que o cartório fará para uma pessoa qualquer, mas sim um favor entre primas. E se ninguém ficar sabendo, qual o problema?

Vou torcer para que ela pense assim também.

Começo então a decidir qual data vou usar. Instantaneamente, elimino todos os aniversários referentes a leoninos. Nem sei como eles podem estar aqui nessa tabela!

Ainda assim, continuo com várias opções de datas e não faço ideia de como escolher apenas uma.

Seria o uni-duni-tê uma opção?

Descarto o pensamento assim que ele me toma. Não quero deixar meu destino nas mãos assim da sorte. Uma coisa é ser guiada pela astrologia, mas

isso é quase uma ciência, não fruto do acaso. Uni-duni-tê é totalmente o acaso.

Percebo então, que, assim como o aniversário da Gisele aparecia em mais de uma coluna, algumas datas do "Amor" também se repetem.

Passo, então, a circular com um lápis apenas as que estão em mais de uma coluna. Se eu reduzir a lista para apenas as datas que aparecem nas três, será mais fácil de escolher.

No fim, apenas uma data aparece três vezes na tabela: nove de novembro.

Meu coração acelera e sinto um frio na barriga. Estou frente a frente a data de aniversário do meu futuro marido!

Automaticamente, já percebo que é uma boa data. É distante do meu aniversário e do Dia dos Namorados, embora seja relativamente perto do Natal. Ainda assim, é longe o suficiente para não tumultuarmos as comemorações. Só restará começarmos a namorar em algum mês diferente de março, junho, novembro e dezembro para distribuir melhor nossas datas comemorativas. Como março está somente três meses depois de dezembro, e junho três meses depois de março, o ideal seria que nosso aniversário de namoro fosse por volta de

setembro (três meses depois de junho e dois meses antes de novembro).

Perfeito!

O problema é que só tenho dois meses até setembro, o que significa ter somente esse tempo para encontrá-lo, para fazê-lo perceber que me ama e me pedir em namoro. Ainda assim, se a data está no livro, é porque estamos destinados um ao outro e encontrá-lo será a parte mais difícil.

Percebo, então, que ainda falta um detalhe: eu tenho um dia e um mês, mas não tenho um ano. Não posso simplesmente pedir para a Lu me passar os nascidos no dia 09 de novembro de vários anos, preciso especificar um.

Tomada pelo impasse, faço uma pausa dos meus planos. Estico as mãos e pego o celular no criado mudo ao meu lado, levando um susto ao ver que já é quase meia-noite. Fiquei tão absorta que não senti o tempo passar e nem meu quarto esfriar. Agora que reparei no clima, noto que meu pé está uma pedra de gelo. Afundo no travesseiro atrás de mim e encolho as pernas para puxar o edredom onde estou sentada para me cobrir. Mais confortável — e mais quente — continuo de onde parei.

Qual ano vou escolher?

Não quero alguém mais novo. Também não quero alguém muito mais velho. Cinco anos é meu máximo.

Sendo assim, limito a faixa de 1988 a 1992.

1992, mesmo que mais velho do que eu, ainda assim é muito próximo da minha idade, então descarto. Faço o mesmo com 1988, porque também é muito perto do meu limite superior.

1989 a 1991. Estou chegando perto!

Tentando ser lógica…Prefiro números ímpares.

Sendo assim, fico com 1989 ou 1991.

Será que agora eu posso usar o Uni-Duni-Tê?

Penso mais um pouco e me recordo que 09 de novembro de 1989 foi o dia da queda do muro de Berlim. Algo da aula de história ficou gravado em minha mente, quem diria?

Não sei de nada importante que tenha acontecido em 1991 nessa data, então, para tirar a dúvida, jogo esse dia no Google e vejo os resultados.

Vários links sobre Leis e Decretos surgem, me dando dor de cabeça só de olhar.

Definitivamente, prefiro o acontecimento grandioso de Berlim e, sendo assim, acabo de tomar minha decisão.

Sorrindo, pego meu celular e começo a enviar um

PERIGOSAS NACIONAIS

WhatsApp para a Lu.

PERIGOSAS ACHERON

Gi
visto por último ontem às 21:39

6/7/2014

Nandinha! Espero que você tenha tido uma boa semana e que esteja melhor!

Com saudades de você e passando pra te desejar uma boa noite e um bom retorno amanhã!

21:37

Beijos ansiosos pra colocar o papo em dia!

21:38

HOJE

*Gi, sua fofa! Obrigada por tudo e saudades também! Amanhã resolvemos isso =**

00:09

CAPÍTULO 7

Assim que chego ao Rabanada na segunda-feira, restaurante onde faço estágio e que leva esse nome peculiar por ser o doce favorito do dono, já sou bombardeada de perguntas e demonstrações de afeto sobre meu estado de saúde. Todos querem saber se estou bem, ao mesmo tempo em que dizem o quão preocupados ficaram quando souberam o que aconteceu comigo.

Dona Mazé, auxiliar de cozinha e uma das funcionárias mais antigas, chega me entregando um saquinho com biscoitos caseiros que ela diz ter feito especialmente para mim no final de semana. Por motivos como esse é que tenho tanto carinho por ela.

— É para você, filha, para adoçar um pouquinho a vida — e dá três tapinhas nas costas da minha mão enquanto me dá os biscoitos.

Fico tocada por sua gentileza, principalmente por saber que as condições financeiras em sua casa não são nada fáceis, como a maioria dos funcionários daqui, e a abraço para agradecer pelo carinho.

Tranquilizo os demais dizendo que foi apenas uma torção no pé aliada ao susto, e logo já retornam aos seus afazeres. Menos Gisele, nutricionista e minha chefe, que não se convence assim tão fácil.

— Você tem certeza de que está bem? Se não estiver ainda 100%, vá embora e eu me viro aqui. Eu falo com o Senhor Arlindo e tento conseguir mais uns dias para você, mesmo sem atestado.

— Gi, estou bem! Se não estivesse, eu te falaria.

— Tá, mas se sentir qualquer incômodo, vai embora, tá?

— Até parece que você gostou de ficar sem mim aqui na semana passada e está querendo mais uns dias longe da minha pessoa — falo brincando, enquanto guardo minha bolsa dentro do armário que compartilho com ela.

— Nunquinha! Você faz falta, Nanda. É muito mais divertido quando você está aqui, sem contar que você me ajuda demais. Graças a você que não enlouqueço — ela me responde sorrindo.

Apesar de inicialmente ter buscado estagiários de Nutrição para ocupar o cargo que hoje é meu, Gisele resolveu dar uma chance a estudantes de Administração de Empresas, já que as funções que a vaga exigia eram todas mais burocráticas, como fazer pedidos e realizar o controle de estoque. Ela gostou de mim logo de cara na entrevista e foi assim que acabei parando aqui. No fim, nossa parceria deu mais do que certo e acabei ganhando também uma amiga, e essa sintonia sem dúvidas reflete no trabalho que exercemos.

— Você não sabe o quanto queria alguém na semana passada para desabafar — ela continua — de novo a Adriana me tirou do sério.

Adriana foi uma das últimas a integrar a equipe do Rabanada e é a chefe de cozinha. Antes, não havia uma hierarquia entre os cozinheiros, mas, quando o Senhor Arlindo, o todo-poderoso-chefão dono e administrador do restaurante, finalmente concordou em contratar novos funcionários, decidiu que estava na hora de termos um *chef*. É claro que ele não estava disposto a pagar o salário (justo) que a maioria de quem se candidatou à vaga estava exigindo, então acabou contratando a Adriana, filha de uma conhecida dele, recém-

formada em Gastronomia (e, portanto, desesperada pelo primeiro emprego, sem focar tanto no salário mais digno que ela com certeza merece).

Ela é ótima e nos damos bem, mas ela e a Gi batem muito de frente, cada uma preocupada com sua própria função: enquanto a Adriana foca em aprimorar as receitas para agradar o paladar dos clientes, a Gi olha para a questão nutricional e insiste para que sejam usados ingredientes e receitas mais saudáveis.

Tento não me manifestar porque as duas têm sua própria razão, só estão olhando por ângulos diferentes. No final, acaba sempre vencendo quem está do lado do Senhor Arlindo: ou seja, quem propõe aquilo que for mais barato.

Ninguém merece.

Gisele continua me contando sobre o último desentendimento delas, que pode ser resumido entre a Gi querer fazer uma sobremesa de frutas *versus* uma de chocolate, e como queria que eu estivesse ali para ouvi-la desabafar depois. De qualquer maneira tudo já estava bem no dia seguinte. Elas são adultas e profissionais, afinal.

— Aliás, comecei a cultivar a ideia da sua contratação na cabeça do Senhor Arlindo.

Meu contrato de estágio vence no final do ano, junto do término da minha faculdade. Estávamos um dia conversando sobre como será difícil o dia em que eu tiver que sair daqui e ela comentou sobre a hipótese de eu ser efetivada. Se dependesse dela, isso já seria uma certeza. Ainda que ela seja minha chefe, está abaixo do Senhor Arlindo. Se dependesse dele, o restaurante teria o mínimo possível de funcionários de tão pão duro que é. Nem a Gi estaria aqui se não fosse exigido por lei a presença de uma nutricionista em estabelecimentos que servem refeições.

Mas ultimamente ele tem percebido o aumento do rendimento do restaurante após ter contratado mais funcionários. Funcionários menos sobrecarregados trabalham melhor e mais felizes, o resultado é a consequência direta na melhoria do serviço que oferecemos. E, sem querer me gabar, também contribuí muito desde que entrei.

Antes de eu começar a trabalhar aqui, era comum que fossem feitos pedidos em quantidades erradas, então ou os alimentos acabavam muito rápido, ou ficavam guardados por muito tempo, correndo o risco de estragarem. Qualquer uma das situações significa “perda de dinheiro”, a expressão mais

odiada pelo Senhor Arlindo. Quando a Gi colocou no papel, provando que seria mais barato contratar alguém para dividir as funções com ela do que manter a situação como estava, ela logo o convenceu da ideia e aqui estou. Na verdade, ela pretendia que fosse contratado alguém já formado, mas um estagiário sai muito mais barato para a empresa — algo que me deixou imensamente feliz, porque, caso contrário, eu não estaria aqui.

O restaurante é pequeno e não ganho lá grandes maravilhas, algo que não vai mudar muito se eu for efetivada, mas gosto daqui e prefiro continuar por mais um tempo até encontrar novas oportunidades. Só de pensar na hipótese de ficar um tempo desempregada, tendo que retroceder um passo na minha pseudo-independência financeira conquistada desde que passei a ter um salário, sinto um arrepio de agonia. E outra, sempre foi um sonho da minha mãe me ver sair empregada da faculdade, e não quero desapontá-la.

— Sério. Quando falei que precisávamos começar a pensar em uma solução para sua saída no final do ano, ele não pareceu muito interessado, disse que teremos tempo para pensar nisso e que, qualquer coisa, é só contratar outra estagiária. — Faço uma

careta à menção dela. — Então falei sobre o bom trabalho que você vem fazendo, que contratar outro estagiário significaria eu ter que treinar novamente e explicar sobre todo o trabalho, que seria muito mais fácil ter alguém com experiência, ainda que isso implique em contratarmos alguém formado e registrar essa pessoa — ela faz uma pausa antes de continuar. — Ele pareceu considerar tudo o que falei e disse que pensaria. Vamos ver agora no que vai dar!

— Ai, Gi, amo você! Obrigada! Vamos torcer para dar certo!

— Vai dar tudo certo sim! Agora deixa eu correr, que já está na hora de medir a temperatura dos pratos. — Então ela coloca seu jaleco branco, prende todo o cabelo dentro da touquinha, e corre para a cozinha em uma das suas atividades diárias.

Nosso escritório é todo de vidro e fica bem de frente para a cozinha, para que possamos ver o que está acontecendo. Gi entra nela toda hora, mas eu nem sempre. Quando preciso, também tenho que me paramentar com um jaleco e touquinha — por questões de higiene.

Como não fico em contato direto com os alimentos, posso deixar minhas unhas feitas e no

tamanho que eu quiser, mas a Gi está sempre com elas cortadinhas e nunca pintadas, nem mesmo com base transparente. Eu jamais conseguiria ficar no lugar dela. Imagina ficar sem usar todas as cores lindas que lançam por aí?

Não só isso, trabalhar na cozinha implica em usar somente sapatos fechados. No frio tudo bem, mas no calor deve ser horrível. Tanto a Gi quanto eu usamos o sapato que quisermos — de sapatilhas e rasteirinhas a botas completamente fechadas — mas precisamos sempre manter um sapato fechado no escritório para trocarmos quando precisamos entrar na cozinha. Para mim, que vou poucas vezes lá, não tem problema, mas a Gi acaba muitas vezes ficando com o sapato fechado o dia todo — mesmo no verão — e só o troca antes de ir embora.

Já quase próximo do horário do restaurante abrir para almoço, meu celular apita e meu coração dispara com a possibilidade de ser a mensagem que estou aguardando.

Dou um pulinho de excitação ao ver o nome da Lu na tela.

> *Oi, prima! Olha, meio complicado o que você pediu.*

Os livros com esses registros ficam lá na sala de arquivos — cheios de pó — e vou ter que dar um jeito de ir até lá, achar o livro de 89 e procurar nele o dia que você quer, sem que alguém veja. Você não vai mesmo mostrar para ninguém, né??? Aliás, eu ainda não entendi para que você precisa desses dados…

Lu, relaxa! Só eu vou ver isso e é para um projeto pessoal. Não tem como te explica melhor agora, porque ele está em desenvolvimento, mas te asseguro que não é para nada ilegal ou que possa prejudicar você e o cartório!

Cruzo os dedos esperando que ela se contente com essa resposta vaga. A verdade é que eu não consegui pensar em nenhuma desculpa boa o suficiente, e não posso falar a verdade para ela — ela vai achar que estou com graves problemas emocionais e/ou psicológicos.

Hipóteses que, sinceramente, não descarto.

Uhm...tá. Tá bem mal contada essa história, prima, mas eu confio no seu bom senso rsrsrs. Vou dar um migué aqui para tirar

as fotos e mando para você assim que conseguir.

Sinto vontade de dar pulinhos de comemoração, mas fico com medo de alguém ver. Bom, qualquer coisa, é só eu falar que bati a cabeça com mais força do que eu imaginava na queda da escada, e ainda estou me recuperando…

Valeu, Lu!! Você é um anjo! Te dou um chocolate depois!

Rsrsrs… Tá! Mas vai ter que ser Kopenhagen :P.

Eu pensando em uma caixa de Bis e ela me falando de Kopenhagen. Não falei que nossas realidades de vida eram gritantes?

***

Por que quanto mais você espera por alguma coisa, mais ela demora para acontecer?

Estou ficando neurótica com meu celular, pior do

que quando comecei a sair com *aquele-ser-o-qual-estou-tentando-esquecer* e ficava esperando notícias dele, ou quando terminamos e fiquei na expectativa de que ele entrasse em contato dizendo estar arrependido.

Já perdi as contas de quantas vezes verifiquei se o volume do celular está ligado, na esperança de ter recebido novas mensagens e eu não ter ouvido. Mas é claro que não é esse o caso, e sim que elas estão mesmo demorando a chegar. E aí quando finalmente chega alguma, quase morro do coração de tanta expectativa para, no fim, não ser *aquela* mensagem. Silenciei quase todos meus grupos no WhatsApp, inclusive o do meu grupo de amigas da época da escola (que estão particularmente falantes hoje).

Então, quando enfim vejo uma nova mensagem da Lu na quarta-feira de noite, demoro para acreditar que é verdade, achando que meu cérebro pode estar me pregando uma peça. Mas não, dessa vez é verdade!

> *Nanda, desculpa mandar a foto só agora. O cartório lotou depois que tirei as fotos! Mas olha, espero ter ajudado e que a lista esteja*

legível. Estava com medo de alguém me ver, então fiz meio com pressa.
Seria tão mais fácil se todos os registros já tivessem sido passados para o sistema online!
Enfim, vamos marcar um barzinho quando estiver em Mogi, aí você me explica melhor esse seu projeto ;)

Confiro as fotos e vejo que estão ótimas! Algumas estão meio fora de foco, mas, no geral, consigo ler todos os nomes.

Começo a ficar preocupada porque são muitos. Se eu quiser um resultado mais rápido, preciso encontrar uma maneira de eliminar alguns e focar em um conjunto menor.

Vou descendo os olhos pela lista, eliminando todas as mulheres, e paro em um nome.

Berlindo.

Nada contra o nome, mas, Berlindo? Acho que os pais dele quiseram fazer uma homenagem a Berlim e seu muro derrubado, mas ninguém contou para eles que não foi lá uma ideia de gênio.

Sendo sincera, Fernanda e Berlindo não combinam, a não ser que eu esteja pensando em fazer uma dupla sertaneja, Fer e Ber.

Não, descartado.

E assim começo a eliminação dos nomes masculinos: vou juntando meu nome com cada um daquela lista e eliminando aqueles que não geram uma boa combinação.

Tá, esquece isso da combinação. Vou descartando os nomes que não gosto mesmo e me surpreendo ao ver um mais esquisito do que o outro.

Conheci na faculdade uma garota um ano mais nova do que eu e que todos chamavam de Mari. Eu sempre achei que o nome dela fosse Mariana, Marina ou qualquer outro parecido, até descobrir que era, na verdade, Marimar, por causa da novela do SBT que passava no ano em que ela nasceu e a mãe dela era fã. Não bastasse ela ter um nome que não gostava, ela ainda tinha que conviver com o fato dele ser composto e da combinação ser, para ela, ainda pior do que o nome sozinho: Marimar Thalia.

A mãe dela era *mesmo* fã da novela.

Com essa coisa dos nomes, acabo conseguindo reduzir minha lista para 11, apenas:

1. Marcos Pereira da Silva
2. Leandro Santana Valente
3. Diego Castro Araújo

4. André Machado Rodrigues
5. Rodrigo Figueiredo Teixeira
6. Caio Bueno de Faria Souza
7. João Pedro de Alencar Costa
8. Gustavo Gomes Silva
9. Flávio Takio Hito
10. Isaías José Ferreira Fernandes
11. Giovanni Loureiro Pezani

Agora é colocar a mão na massa e começar a pesquisa. Normalmente, as pessoas só usam dois nomes no Facebook, então precisarei tentar diferentes combinações e pesquisar todas elas. Espero que eles tenham deixado o aniversário aparecendo no perfil, porque aí a chance de aquela não ser a pessoa que estou procurando será mínima.

Ouço a porta se abrir e Dani entra. Só de olhar para ela sei que alguma coisa está errada.

— Ah, você está aí — ela diz, e sei que só está falando para ter alguma coisa para falar. Onde mais eu estaria em uma quarta-feira de noite senão na minha própria casa, considerando-se que não tenho a vida mais badalada do mundo?

— Tem macarrão na geladeira — informo. — Estava com o Thiago?

Ela assente, sem acrescentar detalhes.

Oh-ou. Acho que descobri o problema com a

expressão triste.

Ela e o Thiago se conheceram na faculdade e passaram meses só conversando. Como a Dani costuma ser bem pé no chão e teimosa, ela demorou a admitir que sentia alguma coisa por ele, e, quando assumiu para si mesma que estava interessada, ainda levou mais um bom tempo para insinuar alguma coisa, então na cabeça dele ela era só uma amiga. Até que uma noite, há algumas semanas, depois de uma das provas de final de semestre, saíram para comemorar e acabaram se beijando. Desde então eles estão juntos, mas sem saberem muito bem para onde estão caminhando. A situação acabou pegando os dois de surpresa: ele, por nunca ter imaginado a Dani como algo além de uma amiga, e ela por já estar acreditando que não sairiam da amizade.

— Uhm… Aconteceu alguma coisa, Dani?

Ela suspira fundo e vejo seus olhos se encherem de lágrimas, enquanto pondera o que vai me dizer ou não.

— É só que… É complicado — começa a falar.

— Tenta me explicar. — Dou um sorriso encorajador e bato no sofá ao meu lado, pedindo que ela se sente.

— A questão é que eu gosto do Thiago. Gosto *mesmo!* — Balanço com a cabeça para demonstrar que estou atenta ao que ela está me dizendo. — E acho que ele também gosta de mim.

— E isso não é bom? — pergunto confusa.

— O problema não é esse. O problema é que ele tem medo de se envolver. Ele passou por algum tipo de trauma com o último relacionamento e não está pronto para assumir um compromisso.

— Você tem certeza disso?

— Ele me falou que não está pronto.

— Mas se ele gosta de você, não tem por que não ficarem juntos!

— Não é simples assim, Nanda… Infelizmente gostar de alguém não é o suficiente para um relacionamento começar. Aliás, nem ao menos para um relacionamento ser mantido. Você precisa de duas pessoas dispostas a fazer dar certo para que aconteça, e se o Thiago não estiver, não importa o quanto goste de mim.

— Você não acha que o sentimento pode falar mais alto e fazer com que ele mude de ideia?

— Até pode ser que sim. Eu não estou desistindo dele, só estou desanimada porque quero me manter realista. Preciso ter em mente que ele pode não

mudar de ideia, e se eu ficar aqui fantasiando que ele vai jogar todos os medos dele para o alto por minha causa, posso me machucar.

— O que você vai fazer então?

— Provavelmente continuar o que já estou fazendo e tentar passar a confiança de que gosto dele e estou disposta a ter um relacionamento sério, que não quero machucá-lo. Mas se chegar um momento em que eu perceba que ele realmente não vai dar uma chance para nós dois, vou ter que sair de cena. A gente precisa saber a diferença entre tentar e dar murro em ponta de faca, sabe?

Olho para ela com admiração.

— Às vezes eu queria ser um pouco mais como você, sabia, Dani? Comigo é tudo tão diferente, como se eu visse tudo sob uma cortina de romance.

— É que você é assim, essa romântica incorrigível. Mas eu também admiro você. No meu lugar, você já teria se jogado nessa paixão sem pensar no futuro. Você é espontânea e intensa nos seus sentimentos, eu controlo os meus até me sentir segura.

— É, mas quando algo dá errado eu fico desolada. Tipo como estou agora. — Sorrio. — E você continua inteira.

— Talvez — admite. — Me responde uma coisa: como era quando você estava bem com o Vinícius?

— Era... — Paro por um momento, me permitindo relembrar.

Consigo afastar da mente todos os momentos ruins que tivemos e viajo pelas boas lembranças.

Lembro do meu último aniversário. Era um sábado e Vinícius planejou fazer o meu dia especial. Acordei com uma entrega de café da manhã e logo depois ele me buscou para passarmos o dia fora. Fomos ao cinema, ganhei presentes e fui mimada o dia inteiro. Quando chegou à noite, ele aproveitou que os pais estavam viajando e me levou para a casa dele. Fui tomar banho e, quando voltei, a sala estava à luz de velas, com rosas pelos cantos e uma mesa maravilhosa posta ao centro. Tivemos um jantar magnífico antes de ele me levar para o quintal, onde havia estendido um colchão. Ficamos deitados juntos, olhando para o céu e… Bom, não preciso entrar em detalhes. Basta dizer que foi uma noite ainda mais perfeita do que o dia havia sido, e meu peito se aperta com a percepção de que aquele foi, talvez, um dos últimos momentos antes do nosso relacionamento começar a rolar ladeira abaixo. Quer dizer, ao menos para

ele. Eu continuava vivendo na minha própria *fofosfera*, achando tudo lindo.

— Era incrível! — respondo finalmente, ao notar que sinto saudades de me sentir apaixonada e amada daquela forma. — Eu era feliz. Quando as coisas começaram a mudar, acho que resisti a aceitar na época… Continuei tentando me convencer de que tudo era um mar de rosas, porque era o que eu queria. Ainda assim, tudo era bom, mesmo que fosse melhor na minha cabeça do que na realidade...

— Pois é, mas porque você se permitiu viver isso verdadeiramente. Mesmo que você esteja sofrendo agora, você aproveitou antes. É quando eu me pergunto o que vale mais a pena: me entregar, correndo o risco de me machucar ou me controlar, sabendo que assim é mais seguro.

Concordo, pensativa. Vivi momentos maravilhosos ao lado de Vinícius, mas pensar que o preço que paguei por vivê-los foi essa dor que não desejo a ninguém… me faz pensar duas vezes se realmente valeu a pena. Será que aceitaríamos passar por algumas situações se soubéssemos o final delas, logo no início?

Decido que sim, aceitaríamos. Ao menos, eu

aceitaria. Viveria tudo de novo ao lado dele porque, como diria o outro Vinícius, foi infinito enquanto durou.

Dani
online

HOJE

Obrigada, tá? ♥
23:54

Não tem o que agradecer. Tô sempre aqui ♥
23:54

:* ♥
23:54

CAPÍTULO 8

Onde eu estava com a cabeça quando tive essa ideia de jerico de procurar esses caras?
Aqui estou, buscando minha alma gêmea no Facebook em horário de trabalho e correndo o risco de ser despedida.

Isso porque o Senhor Arlindo justamente hoje resolveu passar o dia no Rabanada. Quer dizer, ele vem aqui todo dia, mas normalmente só no horário de almoço, para ficar no caixa do restaurante e mal entra onde estão a cozinha, o escritório e as demais dependências. Aparentemente, ele fará uma reunião daqui a pouco com a Gi e antes disso quer avaliar como andam as coisas.

A questão é que essa busca está mais difícil do que supus e não aguento mais pular da cadeira cada vez que alguém fala comigo. Está parecendo que estou com soluço ou que estou sentada em cima de

um formigueiro.

Bem que minha mãe sempre disse que não sirvo para fazer nada errado — meu sentimento de culpa sempre me entrega.

Aparentemente, ou eu comecei pelos nomes errados ou não estou sabendo procurar. Não encontrei nenhum Marcos Pereira da Silva nascido em Mogi no dia nove de novembro, e a situação não foi diferente quando tentei Marcos Pereira ou Marcos da Silva. O mesmo para Leandro Santana Valente e Diego Castro Araújo — e todas as possíveis combinações variantes desses nomes.

Isso porque meu horóscopo de hoje disse que a sorte estaria a meu favor. Preciso procurar para onde mando reclamações, porque a pessoa que fez a previsão com certeza não fez um bom trabalho.

Não bastasse já ter dificuldades o suficiente, preciso ficar interrompendo a pesquisa toda hora, porque o telefone também resolveu dificultar minha vida e não para de tocar.

Não sou de ficar matando hora no trabalho, sempre cumpro muito bem com minhas obrigações. Exatamente por isso achei que hoje seria um bom dia para me dedicar ao Projeto Escorpião (como decidi nomeá-lo, já que esse é o signo do meu

futuro marido): estou com todo meu serviço em dia e não tenho nada pendente para resolver, apenas aquilo que surgir durante o dia.

Só que eu não contava que o que surgiria seriam o telefone e o Senhor Arlindo.

Conclusão: falta pouco mais de uma hora para eu ir embora e até agora não consegui nada além de uma dor de cabeça.

Resolvo passar para o próximo nome: André Machado Rodrigues.

Jogo na busca do Facebook e filtro os resultados para “Mogi das Cruzes”.

Nada.

Tento novamente, dessa vez só “André Machado”.

12 resultados — promissor!

Já descarto aqueles que são muito novos ou muito velhos e em hipótese alguma poderiam ser o *meu* André.

Abro em novas guias os sete Andrés restantes, rezando para o navegador não resolver travar ou ficar lento justamente agora.

O primeiro André quase não tem informações. Na hora percebo que seu perfil é bloqueado — o que não vai me ajudar em nada. Resolvo deixar para

procurar com mais afinco indícios de que ele é quem procuro só depois que eu descartar os outros e passo para o próximo.

Assim que abro seu perfil, meu coração dispara.

Ai, meu Deus!

Ele compartilhou o banner de uma promoção no Submarino! 80% de desconto em toda a loja!

Preciso checar as ofertas.

Ok, mas, primeiro, foco.

80%...

Foco, Fernanda.

— Será que vou precisar bloquear o acesso às redes sociais? Até onde eu saiba, suas atividades não incluem o uso do Facebook.

Droga. Fui pega.

Isso que dá ter me distraído tanto! Porcaria de capitalismo.

— Erh, eu posso explicar, Senhor Arlindo.

Ele olha fixamente para mim. Está esperando a explicação.

Bem no momento em que nada passa pela minha cabeça.

— Bom, é…. eu estava… eu estava… — Isso é quase tão ruim quanto a Experiência de Estágio Mais Desastrosa da Era, como costumo me referir

ao episódio.

Quando comecei a procurar um estágio, antes de entrar no restaurante, me candidatei a várias vagas e fiz entrevistas para algumas delas. Em uma das que consegui passar da fase da entrevista e fui chamada para continuar o processo seletivo, precisei fazer uma apresentação sobre uma empresa fictícia, buscando possíveis soluções para um determinado problema apresentado pelos gestores da empresa na qual eu estava tentando o estágio.

No dia, descobri que havia esquecido meu pendrive em Mogi e não tinha tempo para comprar outro. A solução foi levar meu notebook que, além de ter sido uma péssima ideia por causa da combinação peso e metrô, era horrível pelo trabalho maior que eu teria para conectá-lo ao projetor da empresa.

Chegando lá, expliquei a situação e por conta disso, precisei ser a última a apresentar, assim não atrapalharia o funcionamento das demais exposições.

Comecei a ficar nervosa, a insegurança falando alto. E se aquelas apresentações influenciassem minhas próprias ideias e eu começasse a me confundir, quando chegasse a minha vez? E se eu,

de repente, esquecesse tudo que tinha treinado até chegar ali?

Logo, relaxei. Mesmo que as ideias dos outros concorrentes fossem boas, percebi que ninguém havia tido uma visão parecida com a minha. Bingo! Consegui uma vantagem, lembro de ter pensado.

Quando chegou a minha vez, comecei a instalar o notebook e demorei mais do que o costume. Percebi que as pessoas ao redor começaram a demonstrar impaciência, o que voltou a me deixar um pouco nervosa.

Então comecei a apresentar. Quanto mais eu falava, mais segura me sentia, e mais, percebi que captava a atenção de todos.

Acabei me empolgando tanto que demorei demais para passar um slide. O resultado foi que o computador começou a exibir — para meu horror — a tela de descanso.

Eu sabia que não deveria ter emprestado meu notebook para minha mãe.

De alguma maneira, ela conseguiu não apenas baixar uma galeria de fotos do Roberto Carlos enquanto minha avó tinha estado na nossa casa pela última vez, como também configurou essas fotos para aparecerem como descanso de tela.

Fiquei mortificada quando descobri o motivo das risadas das pessoas na sala e me puni mentalmente por não ter percebido aquilo antes de todos os gestores da empresa e meus concorrentes.

Mas isso não foi o pior.

Milagrosamente, não devem ter levado esse pequeno mico em consideração, porque fui chamada para a última etapa do processo: um dia de vivência na empresa, desempenhando as funções que o futuro estagiário ficaria encarregado de exercer.

O dia transcorreu tranquilamente. Consegui me dar bem com o pessoal e demonstrei toda minha boa competência.

Teria sido ótimo, se não fosse pelo evento que até hoje me causa arrepios só de lembrar.

Fabrício, o funcionário a quem eu responderia diretamente se ficasse com a vaga, me pediu para preencher umas planilhas em seu computador, algo que eu seria capaz de fazer de olhos fechados.

Assim que ele deixou a sala, comecei o trabalho.

Porém, precisei entrar na internet para pesquisar uma informação. Quando cliquei no ícone do navegador, ele abriu diretamente no email já logado de Fabrício. Tentei minimizar a tela e abrir uma

nova janela, mas o computador estava mais lento do que uma lesma em coma e não respondeu aos meus comandos.

Pior. Acabei clicado sem querer em um dos emails da caixa de entrada.

Foi impossível não ver o que estava escrito, um pedido desesperado de Fabrício para retornar o namoro com sua ex.

Não satisfeito em mandar várias letras de música para ela, totalmente bregas, por sinal, ele também mandou uma foto de si mesmo em condições, digamos, não muito apropriadas para uma foto, mesmo que a intenção não fosse a de torná-la pública.

Acho que ele estava querendo dar um grande motivo para ela (Mônica, nunca mais me esquecerei do nome) voltar para ele. Bem grande.

E obviamente, foi exatamente nessa hora que Fabrício voltou para a sala. Não apenas pareceu que eu estava fuçando no email alheio, como ele também me pegou olhando diretamente para a foto dele com seu companheiro, que não deveria ter sido vista por ninguém mais além da tal da Mônica.

Ele não precisou dizer nada. E nem eu consegui explicar. Simplesmente levantei, peguei minhas

coisas e saí da sala dele, sem olhar em seus olhos.

Perdi uma ótima oportunidade de emprego e não consegui descobrir se a Mônica aceitou voltar ou não para ele.

O Senhor Arlindo continua esperando minha resposta e quase começo a ouvir o tique-taque da contagem regressiva para minha demissão.

— Ehr…. Eu estava tentando falar com um fornecedor — a ideia subitamente me ocorre. — O site deles está fora do ar, o telefone só dá caixa postal, então fui procurar a página deles no Facebook. Hoje em dia todo mundo tem. — Lembro que o Rabanada não tem. — Quer dizer, quase todo mundo — corrijo em tempo. — Quem sabe não tem um outro telefone disponível na fanpage que eu possa ligar, não é mesmo?

Ele me olha desconfiado. Quase vejo as engrenagens em sua cabeça procurando por uma resposta a minha desculpa esfarrapada. E ele enfim proclama:

— Sei... — Sou inocente até que se prove o contrário! — Espero que tenha sorte nessa busca e que, futuramente, encontre outros meios para trabalhar que não envolvam redes sociais. Francamente, as pessoas não sabem mais respirar

sem precisar contar no Facebook. — E sai da sala reclamando, rumo à reunião. Sei disso porque Gisele passa por mim, do lado de fora da sala de vidro, pedindo que eu deseje sorte a ela.

Dou um sorriso e respiro aliviada. Terei ao menos 30 minutos para continuar minha busca.

Sem perder mais tempo, me fixo nos Andrés restantes. Logo descarto o que compartilhou o banner do Submarino — ele faz aniversário em abril.

Depois de 20 minutos e mais três Andrés descartados, sinto que, finalmente, a sorte começa a soprar a meu favor!

André Machado, Mogi das Cruzes, nascido em 09/11, 24 anos.

Instantaneamente me sinto mais animada e começo a xeretar seu álbum de fotos.

Seu cabelo é escuro, comprido até um pouco abaixo das orelhas. Apesar de eu não ser muito fã de cavanhaques, confesso que nele cai bem. Não é exatamente o tipo de homem que chamaria minha atenção em meio à multidão, mas ele até que é charmoso.

Logo descubro que é músico — guitarrista — e pela frequência das roupas pretas, muito

provavelmente toca em uma banda de rock.

Interessante, no mínimo.

Retorno a sua linha do tempo, para analisar suas publicações.

Ele não é de postar muitas coisas, apenas alguns clipes de músicas — roqueiro, definitivamente e muito fã de System Of A Down — e divulgações dos eventos em que costuma tocar.

E é quando eu tenho certeza de que a sorte virou a meu favor. Ele tocará amanhã em uma casa noturna em Mogi que eu adoro! Tudo bem, faz um tempo que não vou lá, mas aí aproveito para matar as saudades do lugar e, de quebra, encontro com ele!

Acho que posso propor para a Lu aquela nossa saída!

Fecho rapidamente todas as abas e limpo o histórico, bem na hora que o Senhor Arlindo e a Gi saem da sala de reuniões.

Bendita sala de vidro!

Pela expressão animada da Gi, sinto que alguma notícia boa vem por aí!

— Adivinha — ela chega falando para mim, já bem longe do poderoso chefão.

— Você vai ganhar um aumento? — respondo na hora.

— Não, infelizmente. A coisa boa é sobre você... — Prendo a respiração. — O Senhor Arlindo concordou em te efetivar!

— Ai, meu Deus, sério, Gi? — respondo levantando da cadeira e dando nela um abraço de comemoração. — Como foi isso, me conta!

— Então, ele disse que analisou o desempenho do Rabanada no último ano e viu como as coisas melhoraram de fato. Disse que estou certa quando digo que o trabalho que você começou precisa ser continuado e que uma contratação será absolutamente necessária!

Quase não consigo acreditar! Encontro um dos meus pretendentes e ainda tenho a confirmação de que serei efetivada?

Sabia que não deveria ter duvidado do meu horóscopo!

Lu prima
visto por último hoje às 14:08

9/7/2014

Nanda, desculpa mandar a foto só agora. O cartório lotou depois que tirei as fotos! Mas olha, espero ter ajudado e que a lista esteja legível. Estava com medo de alguém me ver, então fiz meio com pressa.

Seria tão mais fácil se todos os registros já tivessem sido passados para o sistema online! Enfim, vamos marcar um barzinho quando estiver em Mogi, aí você me explica melhor desse seu projeto ;)

20:19

Você é a MELHOR! Obrigada, Lu!

20:19

;)

20:20

HOJE

Oi, prima! Vou pra Mogi amanhã e quero ver uma banda naquele barzinho da praça. Vamos comigo? :D

15:37

CAPÍTULO 9

— E então, vai me contar qual é esse seu projeto misterioso? — Lu me pergunta assim que entramos na balada.

Minha prima, para variar, está um deslumbre. Seu vestido curto e esvoaçante de mangas compridas combinou perfeitamente com seus brincos enormes e o cabelo negro, quase até a cintura. Sempre achei que Lu tem uma beleza meio Pocahontas, a índia da Disney. Além disso, ela sabe realçar sua beleza com seu estilo e seu guarda-roupa impecáveis.

Não posso dizer o mesmo sobre mim.

Quero dizer, não acho que haja algo de errado comigo, mas já aceitei que sou do tipo normal. Eu e a Lu temos quase a mesma altura, mas pareço sumir ao lado dela essa noite, tanto por nossas roupas quanto pelos nossos saltos. Por mais lindos que eu ache esses sapatos enormes, passar a noite

inteira em cima deles está longe do meu ideal de conforto.

Mesmo vindo para Mogi diretamente do trabalho, não tive muito tempo para me arrumar, então tomei um banho e coloquei a primeira roupa que encontrei, meu jeans *skinny* reserva (meu favorito ficou em São Paulo), e uma camiseta preta baby look do System of a Down. Não é o traje que eu normalmente escolheria, mas achei que seria uma boa para chamar a atenção do André. E como eu não teria tempo de lavar e secar o cabelo, eles estão presos em um rabo de cavalo, com alguns fios soltos.

Passei o dia inteiro refletindo sobre qual desculpa dar para a Lu e não consegui pensar em nada. Ainda nem consegui conversar sobre isso com a Dani, em partes porque ela tem andado muito ocupada com o trabalho e preocupada com a situação com o Thiago, e em partes por eu não ter tido coragem. Por mais animada que eu esteja com essa ideia, lá no fundo, tenho consciência de que ela é um tantinho maluca.

Muito maluca seria mais apropriado.

No fundo, sei que tenho medo do que as duas podem achar do Projeto Escorpião e que isso acabe

impactando minha determinação de concluí-lo. Assim, decido falar para a Lu partes da verdade. Depois penso sobre contar ou não para a Dani.

— Estou tentando encontrar alguém — enfim respondo.

— Encontrar como? — ela pergunta, franzindo a testa. — Como informações de quase 25 anos podem te ajudar nisso?

Aproveito que chegamos ao bar e uso o cardápio como desculpa para meu silêncio. Enquanto finjo escolher minha bebida (um drinque sem álcool. As lembranças dos acontecimentos da sexta-feira retrasada ainda estão muito frescas na minha memória), continuo pensando na minha desculpa improvisada.

— Eu conheci uma pessoa — digo, esperando soar convincente.

— Sério? Isso é ótimo! Conheceu como, pelo Tinder?

— Uhmm isso! — Na verdade me recuso a usar o aplicativo. Até cheguei a baixá-lo por curiosidade, depois de terminar com o Vinícius, mas só encontrei pessoas estranhas. Definitivamente, prefiro não me recordar das conversas naqueles dias sombrios.

— Legal, e aí? — ela me pergunta com expectativa. Acho que ela é uma grande usuária do aplicativo.

— Bom, ele me disse que vai fazer 25 anos no dia nove de novembro e que é daqui de Mogi. O problema é que ele não tem cara de 25 anos, eu daria no máximo 20 anos para ele — forço um pouco a voz, para dar certa gravidade ao assunto.

Lu fica olhando para mim, parecendo tentar entender.

— Peraí, deixa eu ver se entendi direito: você me pediu para tirar fotos de um arquivo, algo que eu não deveria fazer, para ter certeza sobre a data de nascimento de um cara que você conheceu no Tinder?

— Uhm… é — respondo, vacilante.

— Não seria mais fácil procurar o cara no Facebook, pelo amor de Deus? Aliás, você sabe que ele pode ter sido registrado em outro cartório, né?

Droga.

— Ai, eu sei, Lu, sinto muito — e continuo tentando pensar em algo para dizer. — Eu até encontrei o perfil dele, sabe? Mas não tinha essa informação lá e eu não queria me encontrar com

alguém que, supostamente, já estava mentindo para mim.

Poderia eu ser mais hipócrita?

— Mas por que ele mentiria sobre isso, Nanda?

— Sei lá… Talvez ele achou que eu não fosse querer nada com ele por ser mais novo do que eu.

Estou inventando tanto que daqui a pouco até eu vou acreditar que esse cara existe.

— E ele teria razão, se pensasse isso?

Por que sinto que essa pergunta é um teste?

— Talvez — respondo, insegura.

Não sei se o ambiente esquentou com a chegada das pessoas (está bem mais cheio agora em relação à quando entramos) ou se eu que estou com aquele calor típico de quem está desconfortável. Agradeço por termos encontrado uma mesa no canto do palco, onde é mais escuro e silencioso, porque assim minha prima não pode ver meu rosto vermelho. Se bem que, pensando melhor, se o som dos altos falantes estivesse mais alto, nós não estaríamos tendo essa conversa e eu não estaria me sentindo acuada desse jeito.

Tento desviar do olhar da minha prima e pego a garrafa de água a minha frente, abrindo sua tampa com tanta concentração que mais parece que estou

decifrando um verdadeiro enigma.

— Olha, Nanda, posso te dar um conselho? — E prossegue sem esperar minha resposta. — Você tem todo o direito de ter seus padrões e critérios, afinal, todo mundo tem. Mas a idade nem sempre é relevante. Se ele fosse menor de idade, ok, concordo com você, mas ser mais novo não tem nada a ver, assim como não teria nada a ver se ele fosse mais velho. É claro que não *tão* velho — disse, dando risada do próprio comentário. — A idade em si não é relevante. Você poderia se surpreender!

Concordo com a cabeça, porque sei que ela tem razão (não sobre o cara em questão, já que ele nem ao menos existe).

— E outra, mesmo que ele acabe mostrando ser imaturo, por que não sair com ele só para se divertir um pouco? Você não precisa casar com o cidadão, Nanda! E se ele começar a te incomodar, é só você parar de sair com ele, simples assim.

— Você tem razão, Lu. Vou seguir seus conselhos no futuro.

— Isso, Nandinha, confia na sua priminha aqui que tá tudo certo! Bom, o que acha de irmos lá para a pista de música eletrônica? Pelo visto a banda vai

começar daqui a pouco e você sabe que não sou muito do rock, né?

Até então eu não tinha reparado, mas a banda está mesmo ajeitando os instrumentos para começar. Fico completamente apreensiva no mesmo segundo: André não está no palco. E se algo aconteceu com ele justamente hoje?

— Vai indo na frente, Lu. Não sou muito de música eletrônica, acho que prefiro continuar aqui mais um pouco.

— Você é quem sabe. Estou indo lá me divertir, porque já vi que se depender daqui — e inclina o queixo em relação aos músicos — isso não vai acontecer com muita facilidade. Qualquer coisa, me manda uma mensagem, tá? — diz, apontando para o celular e já se afastando, rumo à outra pista.

Começo a olhar para o palco e para os arredores ansiosamente. Ele *tem* que estar aqui, eu vi a confirmação de presença dele no Facebook!

Meu coração dispara assim que vejo um rapaz alto de cabelos ligeiramente compridos subindo no palco.

André não é nada fotogênico, porque suas fotos não fazem jus a ele. Seus braços são fortes e naturalmente definidos (ele não faz o estilo

academia). Sua camiseta preta e justa só deixa seus contornos mais visíveis e atraentes, assim como sua calça jeans escura. Como toque final, André parece não ter a menor consciência do efeito de sua aparência, exibindo um semblante fechado e imune às pessoas ao seu redor.

E, pelo furor das garotas próximas do palco, não sou a única a me sentir atraída pelo guitarrista mal-encarado.

Resolvo me levantar da mesa e me aproximar, preciso garantir um bom lugar para aproveitar o show.

Tá, quem eu quero enganar? Quero ficar estrategicamente posicionada para que ele possa me ver.

Infelizmente, não fui a única a ter essa ideia. Há uma clara concentração de mulheres paradas em frente à posição de André no palco, enquanto o outro lado está quase todo vazio, como se estivesse infectado ou exalando um mal cheiro.

Não me deixo abater e paro próxima delas, onde posso ficar o mais perto possível dele.

Ouço os primeiros acordes da música de abertura e já me sinto empolgada com a escolha promissora da banda. Adoro *Like a Stone*, então os Soldiers

acabaram de ganhar um ponto comigo.

Quando a música chega no refrão, já estou cantando a plenos pulmões, imersa por completo na letra e na melodia. É sempre fácil me empolgar com músicas que gosto. Felizmente outras pessoas estão me acompanhando na cantoria — seria muito constrangedor cantar sozinha, acompanhando o vocalista.

Resolvo olhar ao redor. Noto algumas pessoas balançando a cabeça de leve e batendo o pé no chão, ao ritmo da música. Porém, quase entro em choque ao olhar as fãs de André ao meu lado: é como se elas estivessem competindo por atenção. Não sabia que era possível rebolar tanto com Audioslave, mas é o que elas estão fazendo.

Não tenho nada a ver com a dança alheia e não tenho nada contra garotas rebolando é só que elas estão *realmente* passando dos limites — em menos de cinco minutos de música. Seus passos de dança são exagerados, envolvendo muita contorção corporal e jogadas *a la* Calypso de cabelo. Isso sem contar os olhares fatais que elas lançam para o guitarrista, enquanto realizam suas performances.

André, por sua vez, parece perdido em seu mundo particular, completamente distante, inclusive do

próprio show. E isso me parece muito positivo! Acho linda essa conexão que alguns músicos estabelecem com sua própria arte, a ponto de se desconectarem de tudo para ficarem ligados apenas a ela.

Decido que foi uma ótima escolha parar ao lado delas. Elas serão meu bode expiatório: quando conseguirem chamar a atenção dele, ele vai me ver por tabela. E eu nem vou precisar me candidatar a um torcicolo ou desvio de quadril para isso!

O repertório avança e varia, me agradando cada vez mais — já ouvi Foo Fighters, The Killers, Coldplay, Snow Patrol e Nirvana. *How You Remind Me*, do Nickelback, é a música da vez. Apesar de estar me divertindo com o show propriamente dito, estou ficando levemente preocupada com o fato de André ignorar tão friamente as mulheres tentando seduzi-lo. Ele não parece reagir a estímulo algum. Mesmo quando seus colegas conversam entre si, decidindo sobre alguma música a ser tocada, o máximo que conseguem de resposta dele é um aceno de cabeça. Ele é o único da banda que, até agora, não deu um sorriso sequer. Ou olhou diretamente para o público. Ou olhou para qualquer pessoa, inclusive da própria banda.

Quando os Soldiers resolvem fazer uma pausa, retorno ao bar para comprar uma água. Nem tento ir atrás de André — todas as *groupies* tiveram a mesma ideia de ficarem na porta do que presumo ser o camarim e não estou a fim de empurra-empurra.

Ok, eu não estaria nem aí para o empurra-empurra se eu tivesse uma chance de falar com ele, mas toda aquela indiferença não me deu muitas esperanças.

— Mas que saudável essa boneca. — Ouço, de repente, uma voz próxima de mim.

Considerando a forma lasciva de me olhar, concluo que o homem — com idade suficiente para ser meu pai — ao meu lado está tentando me cantar, ação na qual ele não está tendo sucesso algum.

Além do fato de ser inapropriadamente velho demais para mim, sua camisa está meio aberta no peito, revelando um tufo de pelos saindo dela e tanto seu forte bafo de álcool quanto seus olhos vermelhos indicam que esse não é seu estado natural de consciência.

— É isso aí, tem que beber água mesmo. Ajuda a evitar a ressaca no dia seguinte! — fala novamente, rindo de sua frustrada tentativa de piada.

— Com licença — é tudo o que falo para ele.

— Qual é, não vai me dar nem seu telefone? — diz, tentando bloquear minha passagem.

— Não. Me dá licença, por favor — tento ser educada, sentindo o nervosismo começar a surgir.

— Vamos lá, boneca, a gente pode ter algo em comum!

— Acho que não. Da última vez que chequei, “estagiário” e “aposentado” não eram sinônimos.

Noto o sorriso em seu rosto ligeiramente estremecer, e um lampejo de confusão surgir em seu olhar.

— Como é que é? — ele pergunta.

Consigo escapar, deixando-o sem resposta.

Decido dar uma volta na pista de música eletrônica para ver se encontro a Lu.

Não demoro a aceitar que encontrar minha prima não será uma tarefa fácil — não sei como cabem tantas pessoas nesse lugar! Ele não parecia ser tão grande quando estava mais vazio, logo que chegamos.

Vou andando entre as pessoas, tentando passar pelos lugares menos apertados, estou me exercitando mais aqui do que se pagasse por uma hora de academia.

Além disso, está sendo uma ótima oportunidade para avaliar o comportamento humano. Ou, melhor dizendo, o comportamento humano seriamente comprometido em casas noturnas.

Nunca reparei em como são bizarras as danças em baladas. Embora uma ou outra pessoa por aqui realmente dance bem, a maioria executa uns passos completamente estranhos, mexendo as mãos e os pés em um ritmo, no mínimo, inusitado. Será que as pessoas sempre dançam assim? Será que *eu* danço assim e nunca fui capaz de reparar? E qual é a desses caras parados ao redor da pista, observando as mulheres dançarem? Parecem animais em uma caçada, escolhendo sua presa, prestes a atacar.

É, pois é. É exatamente isso que estão fazendo, decido ao ver um deles se dirigir a uma loira para quem ele estava olhando, no segundo anterior.

Sinto uma mão em meu braço, e me viro assustada. Um garoto de no máximo 18 anos (e essa estimativa é baseada no fato de que, se fosse menor de idade, ele não poderia estar aqui) olha para mim na expectativa de uma conversa. Seus olhos estão tão esperançosos que, por um segundo, penso no gatinho do Shrek.

Puxo o meu braço, irritada. Quando é que os homens vão entender que eles não têm o direito de sair encostando assim em nós?

— Hey, calma. Só quero conversar, gata — ele fala gritando, tentando superar o *putz putz* ao fundo.

Por que eu gosto mesmo dessas baladas?

Ah, sim. Normalmente eu tenho um pouco de álcool no sangue para me ajudar a achá-las divertidas. Acho que é impossível gostar de um ambiente assim estando sóbrio.

Sendo justa, eu estava me divertindo bastante no outro ambiente, com o show dos Soldiers. Porém, o que estava me entretendo eram as músicas. Aliás, preciso voltar logo para lá.

— Érr, agora não dá — falo para o garoto, e começo a voltar para o ambiente do show.

Para minha infelicidade, vejo que ele está me seguindo.

Tento despistá-lo, mas ele parece ter prática em perseguir garotas que estão tentando ignorá-lo.

— Só me diz seu nome! — ele continua tentando.

E eu continuo o ignorando.

— Olha, vamos fazer o seguinte, você me dá um beijo e eu vou embora, simples assim.

Paro de repente, perplexa com o que acabo de ouvir.

— Oi? — é tudo o que consigo dizer.

— Você tem namorado? — ele pergunta.

— Não — respondo, ainda abismada.

— Então! Que diferença vai fazer para você me beijar?

Eu realmente escutei isso?

— Nenhuma e é exatamente por isso que eu *não* vou te beijar!

— Calma, moça! Não quis ofender. Só tô tentando, sabe como é, garantir um beijinho. Vai que rola, não é? — E sorri.

Preciso admitir que cara de pau ele tem.

— Quantos anos você tem, afinal? — pergunto.

— 17. E você, tá em que série?

— Série? Estou terminando a faculdade — respondo indignada. Por mais que muitas mulheres adorem aparentar ser mais jovens, *odeio* quando isso acontece comigo. Para mim aparentar ser mais nova significa voltar a parecer uma adolescente e eu meio que almejo a aparência de mulher adulta e bem-sucedida, sabe? — E como você está aqui, afinal? Você é menor de idade!

— Do mesmo jeito que você, ué. RG falso.

— Eu *não* sou menor de idade! — falo e saio bufando, deixando o garoto para trás.

— Me passa seu telefone pelo menos! — ele grita, em uma última tentativa.

Quando chego ao outro ambiente, enfim, o show já começou. O espaço está muito mais cheio agora, ainda assim consigo encontrar um lugar perto do palco. Droga, preciso pensar em um jeito de chamar a atenção dele!

As *groupies* não desistiram e continuam firmes e fortes dançando sensualmente em frente ao André — que continua tão desinteressado nelas quanto antes.

Logo deixo de lado minha irritação pelos dois babacas que encontrei e começo a curtir o show novamente e a me concentrar em estratégias de aproximação.

Depois de várias canções e muitos pensamentos, sinto alguém cutucar meu ombro.

É o garoto, novamente.

— Não acredito! — exclamo.

— Só quero seu telefone, gata.

— Não vou te dar meu telefone!

— Por que não, qual o problema? A gente pode se tornar amigos!

Preciso me livrar dele. Estou perdendo *Enter Sandman* e a oportunidade de mostrar ao André o quanto gosto de rock.

— Se eu te der meu telefone, você me deixa em paz?

— Prometo! — responde, já pegando seu celular, pronto para anotar meu número.

— 976814597 — falo de uma só vez, surpresa com minha facilidade em inventar um número tão rápido e com a quantidade certa de algarismos.

Só espero que ele tenha entendido, porque não serei capaz de repetir os mesmos números, na mesma ordem.

— Certo! Pode apostar que vou te ligar, gata! — E realmente vai embora.

Sinto uma alegria e um sentimento de vitória me invadirem. Por que nunca pensei nisso antes? Inventar um número é a solução: me livro com facilidade das pessoas indesejadas que chegam em mim, eles saem felizes e eu fico ainda mais feliz por ter me livrado deles!

Sou interrompida de minha comemoração particular quando sinto meu celular vibrar em meu bolso.

Kd vc, prima?? Viu, não se preocupa comigo nem me espera…. encontrei um 'amigo' e tô indo embora c/ ele!! Me deseje uma boa noite hahahaha.

Pergunto se ela tem certeza, se não prefere ir embora comigo e ela me responde com um sinal de positivo. Bom, a Lu é cinco anos mais velha do que eu e sabe o que está fazendo. E se ela ainda consegue usar aspas corretamente, é porque está consciente o suficiente de suas ações.

Decido ficar até o show acabar. Preciso tentar falar com o André, chamar sua atenção de alguma forma.

Seria mais fácil se ele fosse capaz de fazer contato visual com seres humanos.

Me encho de coragem ao ouvir as primeiras notas de *Chop Suey* e sinto que essa é a hora de apelar.

Decidida, começo a cantar com ainda mais intensidade do que já cantei até agora, dançando e jogando os braços em direção ao palco.

Vejo que o vocalista me nota e que sua cara está visivelmente intrigada.

Nem me importo se estou parecendo viver uma sessão de exorcismo em pleno show. Só quero que

André perceba o quanto nós dois compartilhamos da paixão por essa música.

Contudo nem System of a Down parece estar sendo capaz de despertar alguma emoção nele. Qual é o problema desse cara?

Minha garganta já está ardendo, arranhada pelos gritos que saem de mim ao acompanhar a música, mas não desanimo.

Acho que vou precisar me juntar às *groupies* e dançar mais expansivamente.

Hora de despertar minha Joelma interior.

Começo a balançar a cabeça com força, sem me importar com as porradas que estou levando do meu próprio rabo de cavalo e me preparo para pular ao som das batidas da música.

Contudo, quando mexo o pé escorrego sem nem saber como e para meu horror, inicio uma vergonhosa queda.

A mulher ao meu lado consegue perceber o que está acontecendo e estica a mão por reflexo, para me segurar. Eu a agarro sem pensar, enquanto continuo escorregando, e ela força o braço para não cair junto.

Com o movimento, todo seu copo (vodca com energético) se vira em minha cabeça. Mas essa não

é a pior parte.

Minha queda, segurando em seu braço, resulta em praticamente um passo de lambada, e sou girada no chão com a perna esticada, como uma dançarina profissional.

Instantaneamente, ouço risadas ao meu redor. Meu rosto está pegando fogo de vergonha e, quando olho de relance para o palco, vejo que o vocalista está virado para o lado oposto ao meu, se segurando para não rir enquanto o baterista e o baixista riem escancaradamente. André, por sua vez, continua imerso em seu próprio mundo.

Levanto o mais rápido que posso e corro para os fundos do ambiente, tentando me esconder da humilhação que acabei de passar. Só quando chego ao meu destino é que percebo que nem ao mesmo agradeci a moça que tentou me segurar, de tão desesperada que me senti para sumir logo dali.

Quando *Chop Suey* finalmente termina, não consigo distinguir qual música os Soldiers emendam em seguida.

Já estou a caminho do banheiro, esperando que eu consiga amenizar os efeitos da vodca em mim, percebendo que eu jamais imaginei dizer essa frase sem ter bebido nem ao menos um gole de álcool.

***

Quando o show finalmente acaba percebo que a maior parte das pessoas já foi embora.

Antes de qualquer um ter a mesma ideia do que eu, corro para perto do camarim — as *groupies* estão tentando invadir o palco, enquanto os Soldiers guardam seus instrumentos. Decido que ficarei aqui até ter uma chance de falar com ele

Os outros integrantes, ao descerem do palco começam a cumprimentar e conversar com algumas pessoas. As *groupies* agora correm para eles, já que André parece ser completamente inatingível. Não deixo que isso me abale. *Vou* falar com ele, penso positivamente, evocando os princípios de *O Segredo*.

Como eu previ, ele desce do palco e começa a se encaminhar diretamente para o camarim. É claro que ele não conversaria com ninguém.

Sinto meu coração disparar, animada por eu já o conhecer tão bem e deixo de lado qualquer preocupação pelo meu momento de vergonha anterior. Com certeza temos uma conexão!

Quando ele passa perto de mim, chamo seu nome,

tomada por um impulso.

Ele para. Se vira. Olha diretamente para os meus olhos.

Milagre! Eu sabia, o destino quer que fiquemos juntos!

— É, ahn, é… Parabéns! Arrasaram lá em cima! — resolvo falar, temendo ter gaguejado demais, mas mal me aguentando de satisfação por estar falando com ele.

Ele continua a olhar para mim, sem emoção alguma no olhar. É como se eu e a parede fôssemos a mesma coisa.

— Vocês sempre tocam aqui? — tento, sem deixar que isso me desmotive.

Ainda me olha sem responder. Ele nem ao menos dá um aceno de cabeça ou pisca. É humanamente possível ficar tanto tempo sem piscar desse jeito?

— Ahn, é que eu gostei muito de ver vocês tocarem, sabe.

Então, provavelmente decidindo que já perdeu tempo demais comigo, André simplesmente se vira e entra no camarim me deixando plantada, sozinha, cem por cento sóbria e fedendo à vodca, com a certeza de que acabei de fazer um dos maiores papeis de trouxa de toda minha existência.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Lu prima
visto por último hoje às 07:06

11/7/2014

Kd vc, prima?? Viu, não se preocupa comigo nem me espera... encontrei um 'amigo' e tô indo embora c/ ele!! Me deseje uma boa noite hahahaha.

02:04

Tem certeza? Não quer ir comigo?

02:04

✌

02:05

HOJE

Mandando notícias pra você não ficar preocupada: já tô em casa, viva e bem, e tive uma ÓTIMA noite hahahaha... Precisamos marcar mais vezes, prima!

Beijos e a gente vai se falando ;)

07:06

CAPÍTULO 10

— Bel, sai daí, deixa a Nanda dormir, menina!

— Mas eu quero que ela me ajude na lição, mamãe!

— Xiiiiiiiu! Fala baixo! Você vai acabar acordando sua irmã! Ela te ajuda depois.

Correção, mãe: a Nanda aqui já acordou. E por um acaso tem como continuar dormindo com toda essa gritaria bem na porta do meu quarto?

Decido me levantar e ver o que minha irmã quer. Quanto antes eu fizer isso, maiores são as chances de eu poder deitar de novo.

Vou até a porta e antes paro na frente do espelho que fica próximo, só para garantir que não estou em uma situação pós-apocalíptica.

Vejo um tufo de cabelo na parte de trás da minha cabeça. Meu pijama (estilo agasalho e de ursinho), apesar de amarrotado está no lugar. Os restos da minha maquiagem estão grudados no canto do meu

olho formando uma bolota preta.

Espero que a Bel não se importe com o pós-apocalipse.

— Você quer minha ajuda para o quê, Bel? — falo após abrir a porta.

Minha irmã está sentada no tapete, usando um vestido de manga comprida amarelo. A janela ao final do corredor deixa um raio de sol entrar bem em sua direção e quando me olha, sorri e tudo se ilumina.

Não de um jeito bonitinho e romântico do tipo "criança abençoada". Se ilumina mesmo e quase me cega com a claridade. Deveria ser proibido deixarem crianças brincarem com espelhos perto de pessoas que acabaram de acordar. Ninguém nunca explicou para elas o fenômeno da reflexão da luz?

— Caramba, Bel, abaixa esse negócio! Tá machucando minha vista!

— Sabia que você não ia gostar! — E gargalha, mexendo o espelho sem parar.

É, acho que ninguém explicou para ela toda a teoria física da reflexão, mas ela com certeza já descobriu sozinha na prática.

— Sério Bel, isso é irritante. Era para isso que você queria que eu acordasse? — resmungo para

ela, arrependida da minha decisão de ter me levantado.

— Não, eu preciso mesmo que você me ajude com minha lição. Preciso encontrar a “lerta” da semana — diz ficando de pé, passando por mim e entrando no meu quarto sem esperar convite.

— Precisa encontrar o quê? — pergunto franzindo a testa e me virando para ela, meu mau humor matinal sendo intensificado a cada segundo que passa.

— A “lerta” da semana, Nanda! A gente tá aprendendo o “alfabético” e toda semana a gente tem uma “lerta” nova para procurar — responde com as mãozinhas na cintura, tão altiva quanto uma celebridade questionada por *paparazzis*.

— Em primeiro lugar, Bel, é “letra”. E, nesse caso, “alfabeto”.

— Foi o que eu disse! — responde ofendida.

Resolvo não insistir. E confesso que meu mau humor melhorou um pouquinho depois de ver a carinha enfezada da minha irmã. Como ela consegue ser assim tão bonitinha?

— Tudo bem, eu ajudo. Mas — me dou conta de uma coisa, de repente —, você não está de férias?

— Tô. Essa é a minha lição das férias.

— E você decidiu fazer isso agora por quê? Você ainda vai ficar sem ir para escola por mais umas duas semanas, Bel.

— Eu sei. Mas eu quero fazer agora.

Simples assim.

Esqueça o que falei sobre ela ser "assim tão bonitinha".

Respiro fundo antes de responder.

— Ok. E o que é que você precisa fazer?

— Caramba, Nanda, procurar a "lerta" da semana!

— "Le-tra", Isabel! E como é que você vai procurar uma letra, me diz?

— Não é "procurar" no sentido literal, Nanda. Preciso encontrar palavras que comecem com a ler… letra — corrige-se em tempo, dessa vez. — Tipo, na semana do A, levei a palavra "Amarelo", e aí precisei fazer frases com ela. Sacou?

Quem ensinou a essa menina a usar gírias e o sentido de "literal", alguém me explica?

— Tá, tudo bem — começo a pensar em como ajudá-la. — Qual a letra da vez?

— C. A gente já viu todas as vogais!

Olho ao redor e vejo umas revistas antigas minhas empilhadas em um canto do quarto. Pego uma

delas, com a Katy Perry na capa, e entrego para Bel.

— Toma. É só folhear e encontrar uma palavra.

— Oba! — E já abre as páginas freneticamente, me dando a certeza de que a última coisa que ela está procurando são palavras. Quem faria isso quando há várias páginas estampadas com pessoas como Taylor Lautner e Adam Levine?

— Bel, quão bem você já sabe ler? — pergunto com curiosidade.

— Já sei bem, olha — e começa a se concentrar para demonstrar toda sua perícia na arte da leitura — "para...deixar…o gato… li...ligadão"... Como assim ligar um gato, Nanda?

Percebo que ela está lendo uma página imprópria — ao menos para uma garota de seis anos — e tiro a revista de suas mãos.

— Erh...Não é no sentido literal, Bel — resolvo usar sua própria fala.

— Então tá! — E dá de ombros, aceitando minha resposta.

Folheio algumas páginas até achar uma inofensiva: tipos de cortes de cabelo ideais para cada tipo de rosto. Perfeito! E recheada de palavras com C, a começar por "cabelo".

— Aqui, Bel, por que você não procura nessa página?

Ela me olha sem entender, mas pega a revista e começa a ler, dessa vez atenta à sua tarefa.

Quando a vejo pegar um lápis para escrever, respiro aliviada e vou finalmente ao banheiro dar um jeito em minha situação pós-apocalíptica.

***

Chego ao trabalho na segunda-feira pronta para iniciar mais uma semana e reparo que há um rebuliço incomum no ar.

— Nandinha, aí está você! — Gi vem correndo em minha direção. Só pelo "Nandinha" já sei que ela não tem boas notícias e está tentando me amansar com o apelido carinhoso. — Precisamos conversar!

— Uhm, tudo bem. Aconteceu alguma coisa? Eu fiz alguma coisa? — pergunto preocupada, me sentando em nosso escritório.

— Não, não, você não fez nada. Eu é que fiz. — E percebo o quanto ela está aflita. — Ah, Nanda, nem sei como te dizer.

Ela me olha com um misto de algo que me parece pena, culpa e aflição. É impossível não sentir um frio na barriga, o medo começando a querer me dominar.

— Bom. Lembra que eu disse que consegui convencer o Senhor Arlindo a te efetivar no final do ano?

— Claro que sim. Fui embora comemorando na sexta-feira por causa disso.

— Então... — Ela retorce o rosto, como se estivesse com dor. — Houve um mal-entendido.

— Mal-entendido? — Faço uma pausa. — Que tipo de mal-entendido?

— Eu não cheguei a dizer para ele contratar você diretamente, como te falei. Eu mostrei o quanto a sua saída seria prejudicial ao restaurante e o quanto seria necessário contratarmos alguém e como você já está inteirada de todos os nossos procedimentos. Ele demonstrou ter entendido, achei que minha indireta estava clara o suficiente. — Ela faz uma pausa, buscando minha compreensão. Aceno com a cabeça, concordando e peço a ela para prosseguir. Ela pega minha mão antes de continuar e percebo que estão ainda mais geladas do que as minhas. — Quando ele concordou em contratar alguém, achei

que estivesse falando de você. Mas ele tinha outra pessoa…

De repente, somos interrompidas por alguém entrando na sala.

— Opa, me desculpem. Estou atrapalhando algo? — pergunta uma voz grave e suave ao mesmo tempo.

Um homem um pouco mais velho do que eu está parado, olhando para nós. Seus olhos ansiosos, de uma cor que quase não consigo identificar a essa distância, embora pareçam ser de um tom próximo ao cinza, adquirem uma expressão mais séria sob a espessa sobrancelha que os recobrem. E não são apenas as sobrancelhas que dão a ele essa seriedade, mas também seu maxilar firme, afinado, com uma leve reentrância no queixo que não chega a ser um furo, de fato.

Subitamente, percebo que a sala foi tomada por sua presença — o que não é de se estranhar, considerando seu mais de 1,80m e um físico facilmente identificado como “atlético”. Para não dizer outra coisa.

— Nanda, esse é o Carlos Eduardo, sobrinho do Senhor Arlindo. Ele vai trabalhar com você para aprender e se acostumar com a rotina do restaurante

— Gi me conta, como se uma faca estivesse sendo enfiada lentamente em suas vísceras. Não estou exagerando.

— Ah, você é a Nanda, então! Prazer, pode me chamar de Cadu. — Ele estende a mão e sorri em minha direção, um sorriso capaz de iluminar não só suas feições como todo o ambiente. — Que pena que você vai precisar sair, espero que para uma oportunidade melhor!

Congelo.

— Como assim "precisar sair"? — pergunto a todos e a ninguém ao mesmo tempo.

Percebo que o clima ao meu redor se modifica instantaneamente, e noto o Cadu olhar de esguelha para a Gi, demonstrando estar confuso. Minha expressão não deve ser a mais simpática no momento. Melhor dizendo: meus olhos arregalados não devem conferir uma expressão muito bela ao meu rosto.

— Era o que eu estava dizendo quando o Cadu chegou — Gi recomeça a falar —, ele vai substituir você após seu contrato expirar, Nanda. Você não vai ser efetivada.

***

Quando chego ao nosso *pub* preferido, Dani já está me esperando com uma porção de fritas com queijo e bacon — nossa escolha para situações de emergência, como a de hoje. Enviei uma mensagem durante a tarde para ela dizendo que tinha uma crise acontecendo e pedindo para a gente se encontrar depois do trabalho e ela concordou na hora.

— O que está acontecendo, Nanda? — ela me pergunta preocupada.

Termino de mastigar todas as batatas que coloquei de uma só vez na boca, enquanto organizo os pensamentos para começar meu monólogo. Decido contar a ela sobre o Projeto Escorpião e toda minha saga desde sexta-feira: a conversa com a Gi, que me deixou esperançosa sobre minha efetivação; o fiasco da balada; a decepção de hoje. Respiro fundo e começo. Falo ininterruptamente por vários minutos, acompanhando as expressões da Dani se alterarem entre descrença, choque e pena — não necessariamente nessa ordem.

— Ah, Nanda, sinto muito pelo emprego! Sei o quanto você queria continuar lá.

— Não sei o que fazer agora, Dani! Não posso ficar desempregada e não é nem um pouco fácil arranjar uma vaga. Conheço várias pessoas que já se formaram e demoraram horrores para encontrar trabalho e está fora de cogitação ficar sem um salário!

— Eu sei, amiga, eu sei. Mas olha, fica calma e pensa pelo lado positivo: você ainda tem uns cinco meses pela frente, você descobriu agora que não vai ser efetivada. Você vai ter tempo de procurar vagas, enviar currículos. Quem sabe você não encontra uma oportunidade muito melhor? Aliás, tenho certeza de que vai, você é supercompetente! Seria muito pior descobrir isso só no final do ano, sem ter tempo de se programar.

— É, tem razão. Obrigada, Dani, você sempre me acalma. — Sinto-me um pouco melhor sobre tudo isso. — Só foi uma notícia que eu realmente não estava esperando, depois da minha conversa com a Gi. Acho que só preciso me acostumar com a ideia — murmuro, desanimada.

— É claro e isso você vai conseguir com o tempo. Agora, preciso dizer: que ideia insana é essa de Projeto Escorpião, Nanda? — ela me pergunta, quase indignada.

Droga! Esperava que a notícia "tadinha de mim, estou sem emprego" fosse fazê-la esquecer da novidade anterior. Eu já deveria saber que não.

— Veja bem, Dani, faz todo sentido do mundo. Perceber o potencial tóxico dos leoninos na minha vida foi como despertar para uma nova existência — assumo um tom poético e profético, emocionada com minha própria descoberta. — Então é mais do que natural que meu real destino esteja em encontrar meu escorpiano. Não posso deixar de procurá-lo, ele deve estar por aí vagando solitariamente, vazio do amor guardado para mim!

Dani me olha como se eu estivesse sob efeito de alucinógenos.

— Nanda, não sei que parte de tudo isso é mais preocupante, mas me deixe começar daqui: por que você precisa disso agora? Quem garante que o seu "real destino" esteja nessa lista maluca que você fez?

— Ninguém garante nada, mas eu preciso acreditar que sim — e de repente meus olhos se enchem de lágrimas. — Estou cansada de só me decepcionar com relacionamentos... Eu só preciso acreditar que algo vai dar certo. Só isso.

Noto sua expressão se abrandar e ela gentilmente

pega minhas mãos, apoiadas em cima da mesa. Nós duas ignoramos a gordura e o sal das batatas.

— Eu sei que isso está te machucando, Nanda. E eu só temo que você se machuque ainda mais. Além disso, você não precisa buscar um relacionamento para ser feliz amiga, você não é incompleta por não estar com alguém. Eu sei que você *quer* alguém ao seu lado, mas você não *precisa*. Eu espero, sim, que você encontre alguém que agregue felicidade a sua vida, porque sei que a vida é mais legal de se viver quando a gente pode compartilhá-la com alguém, mas isso não significa que se não encontrar, você tem algum problema ou que vai ser infeliz por isso. Existem outras formas de ser feliz e de se compartilhar essa alegria — ela sorri para me apoiar. — Como eu te conheço e sei que você não vai desistir dessa ideia, conte comigo para te ajudar no que precisar, mas deixe registrado, por favor, o quanto eu acho isso tudo maluco e que você não precisa disso! Só espero que isso te distraia do término com o Vinícius e te faça perceber o que realmente importa na sua vida.

É por esse e por outros motivos que amo a Dani e que ela é a melhor amiga do mundo.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Dani
online

HOJE

Vá com calma, pisciano. O dia de hoje promete alguns desafios. Apoie-se em seus amigos verdadeiros quando sentir que precisa. Eles irão te ajudar!
22:42

Isso que dá eu não ter visto meu horóscopo hoje!!
22:42
Uhmm...E que diferença teria feito no seu dia se você tivesse lido isso antes?
22:43
Toda diferença!!
22:43

Eu já estaria preparada pros acontecimentos!
22:43
Ou seja: nenhuma diferença. Eles teriam acontecido do mesmo jeito.
22:44
Já falei que esse seu pé no chão excessivo é um saco de vez em sempre?
22:44

Taurina... Só podia ser de Terra mesmo, hunft...
22:45
Ok, nada do que você disse tá fazendo sentido pra mim. Boa noite!
22:45

CAPÍTULO 11

Depois de toda a batata-frita e um *sundae* tamanho família para animar, eu e a Dani voltamos para casa. Aproveitei e mostrei para ela a página do André no Facebook e ela gentilmente o apelidou de Roqueiro Apático, embora tenha concordado que ele é bonito. “Menos pelo olhar de peixe morto”, segundo ela. E insistiu nisso.

No dia seguinte vou para o trabalho me sentindo melhor. Nada como uma dose extra de amizade, açúcares e gordura para levantar o astral. A Gi que não me ouça dizer essas duas últimas partes.

Meu bom humor recém conquistado evapora em poucos segundos assim que abro a porta do escritório e vejo um parasita sentado no meu lugar. Usando o *meu* computador.

E um parasita bastante grande e cheiroso, devo dizer. Seu perfume literalmente empesteou o

ambiente.

Assim que me vê, Cadu se apressa em se levantar, derrubando no chão alguns papéis que estavam sobre a mesa. Ele parece em dúvida por instantes sem saber se pega os documentos ou se fala comigo, fazendo uma espécie de dança que consiste em se virar para mim e para o chão, dando leves dobradas no joelho enquanto decide se vai se agachar ou não. Por fim, ele opta em pegar os papéis e sorri sem graça.

— Bom dia, Fernanda! Espero que não se incomode em eu já ter ligado o computador e estar olhando essas planilhas. — Reflito se vai mudar alguma coisa eu me incomodar?

— Preferi ver o que tinha aqui no sistema até você chegar — ele continua —, mas pode ficar tranquila que não vou tomar seu lugar. — E puxa um banquinho que estava no canto da sala e que tenho certeza de que não estava lá antes de hoje, indicando que eu continue usando *minha* confortável cadeira. Que gentil da parte dele!

— Trouxe também meu próprio laptop, assim não atrapalho você em nada, nem tiro sua privacidade de usar seu computador. O que for necessário, posso copiar em um pendrive e passar para cá —

diz enquanto liga seu computador, conectando o cabo da bateria em uma tomada mais próxima. — Então podemos os dois trabalharmos ao mesmo tempo, cada um no seu quadrado.

Fico literalmente sem palavras. Não sei se estou mais incomodada com a audácia dele em já chegar chegando no *meu* espaço ou tocada por sua gentileza em ter noção dos lugares que cabem a cada um de nós no momento.

E quem, pelo amor de Deus, cita tão casualmente *A Dança do Quadrado* numa conversa como se fosse o último *hit* das paradas?

— Bom dia, Cadu — respondo como se não tivesse ficado afetada em nada e guardo minha bolsa tranquilamente, rezando para que ele não tenha percebido que tropecei. — Obrigada por ter se preocupado, foi muito gentil da sua parte — decido ser superior, é a melhor maneira de se lidar com o inimigo. Também porque ele foi bem legal, e para ser sincera, não me custa nada ser educada. Ainda que isso não mude o fato de que ele vai roubar meu emprego.

Depois da Gi ter me dado a notícia bombástica ontem, fiquei em estado de choque por praticamente o resto do dia, então mal consegui

trabalhar direito e muito menos explicar minhas funções para o Cadu. A Gi, por ter se sentido mal em me dar falsas esperanças na sexta, acabou fazendo sala para ele, explicou a rotina do restaurante e boa parte das minhas funções superficialmente. Ainda que eu não tenha conseguido prestar atenção em quase nada do que conversaram, percebi o quão concentrado o Cadu estava, pequenas rugas em sua testa e ao redor dos olhos se formaram enquanto ele mantinha sua atenção nas explicações da Gi. De vez em quando fazia anotações em um bloquinho que tirava do bolso e passava a mão pelo cabelo curto, mas suficientemente comprido para mostrar suas ondulações castanho-escuras, a cada vez que parecia estar um pouco nervoso por toda a carga de novas informações recebidas de uma só vez.

Não que eu tenha ficado reparando muito.

Agora mostro para ele os arquivos e planilhas do computador, explicando como cada um funciona e de que maneira costumo trabalhar — horários, datas e afins — uma tarefa que seria tediosa por si só, mas consegue ser ainda pior por eu estar, praticamente, cavando minha própria cova.

E o Cadu consegue piorar sendo tão

irritantemente certinho e curioso. Ele me pergunta cada detalhe sobre qualquer coisa e fez vários elogios diferentes sobre o trabalho que venho realizando.

Puxa saco.

Não bastasse isso, ainda fez duas ou três observações sugerindo alterações que “podem facilitar o trabalho”. Mal chegou e já quer mexer no meu sistema, tão bem elaborado e organizado!

E o pior de tudo é que o infeliz tem razão. Inferno!

Para minha surpresa, vejo que já está quase na hora do meu almoço. Simplesmente um milagre que a manhã tenha passado tão depressa, considerando o suplício da minha tarefa.

Ótimo, porque não vejo a hora de fazer uma pausa. Trouxe *Como Eu Era Antes de Você* para ler, que comprei depois de ver muitas indicações sobre ele em blogs de livros.

— Você costuma almoçar aqui no restaurante mesmo? — Cadu pergunta, organizando seus próprios pertences.

— Só quando trago de casa — respondo, analisando minhas unhas e notando uma lasca na cor vermelha. Lembrete mental: tirar o esmalte no

máximo até amanhã.

Ele ri e olho para ele, sem entender qual é a graça. Percebendo minha dúvida, ele começa a demonstrar um ligeiro desconforto.

— Espera… Você não come *aqui*? Digo, a comida daqui?

— Não. Só os funcionários registrados podem almoçar. Eu, por ser estagiária, preciso me virar, o que significa normalmente trazer minha marmita e esquentar no micro-ondas. — Não comento sobre as vezes em que dona Mazé contrabandeia um prato de comida para mim. Ainda não sei se posso confiar nele.

Ele me olha estupefato.

— Mas por que isso?

— Uma das regras do Senhor Arlindo. Para evitar gastos.

— E quantos outros estagiários existem além de você?

— Só eu — respondo, dando de ombros.

— Então quer dizer que você é a única que não almoça no restaurante? Todo mundo pode comer, menos você? — Sua voz parece um pouco alterada, levemente mais alta do que instantes antes.

— Basicamente isso. — Também achei um

absurdo logo que fui contratada, mas acostumei com o tempo e agora nem me importo mais.

— Meu tio é mesmo inacreditável — solta, indignado. — Bom, já que eu ainda não estou registrado, o que acha de me acompanhar almoçando no concorrente na próxima esquina? Passei por lá indo embora ontem e o cheiro me deu água na boca.

— Mas eu tenho certeza de que você, sendo sobrinho dele, pode almoçar aqui — digo quase sem pensar. Não estava esperando por esse convite e não sei como me sinto sobre ele. — Não se preocupe comigo — tento tranquilizá-lo. — Acho que ainda tenho uma lasanha congelada no *freezer*, da última vez que comprei.

Vejo Cadu estremecer.

— Nem pensar. Além dessas lasanhas serem horrorosas é um absurdo você ser a única a não poder almoçar.

Bom, ainda que eu já tenha me acostumado com a ideia, de fato *é* um absurdo. Tanto que a Gi já tentou mudar isso diversas vezes e nunca conseguiu. Ela parou de tentar depois do Senhor Arlindo ameaçar tirar o almoço de todos os funcionários, ela não podia arriscar que ele fizesse

isso.

Crápula insensível!

— E então, o que me diz? Vamos ao concorrente?

Aceito, mas só porque encaro isso como uma forma de protesto.

***

Admito que cada frequentador do Rabanada deve ser tão pão-duro quanto seu dono. Estamos no Caramelo, restaurante da esquina e vizinho do Sagu (não sei qual é a fixação desses proprietários com nomes de doces), e o local não só é extremamente aconchegante e bem decorado, como estamos sendo muito bem atendidos, além do preço ser só um pouco maior. Ainda não posso falar sobre a comida, mas o Cadu tem razão, o cheiro daqui é delicioso. Meu estômago está dando cambalhotas de fome enquanto aguardamos nosso pedido, e temo que o som ambiente não esteja sendo suficiente para encobrir os roncos da minha barriga.

— E então, você é do interior? — Cadu me pergunta, puxando assunto.

— Interior? Não, por quê?

— Por causa desse “interior”, do “por” — pronuncia forçando o som do último “r” — e de outras palavras que você fala do mesmo jeito. Ainda que bem de leve. — E sorri para mim.

Esse cara deve estar de brincadeira comigo.

— Para o seu conhecimento, Mogi das Cruzes é Grande São Paulo, não interior. — E faço questão de acentuar o “r” agora como o de um paulistano, só para mostrar que minha fala é multifacetada. — E tenho um pouco de sotaque de lá sim, algum problema?

— Problema algum, só achei bonitinho o jeito que você fala. Nunca fui para Mogi, é longe daqui?

Fico um tempo processando o que ele disse. Não a parte da distância Mogi-São Paulo, mas sobre achar bonitinho meu sotaque. Se tem algo pelo qual nunca fui elogiada, foi isso. Aliás, as pessoas da faculdade costumavam tirar sarro quando eu arrastava algum “r”, tanto que comecei a assumir uma posição de defesa quando mencionavam minha pronúncia e a me policiar para evitá-la. Acho que nunca vou conseguir compreender, esses preconceitos bobos. Preconceito algum, aliás, mas enfim.

Percebo que ele continua esperando, então me

apresso em responder.

— Não é longe não. De trem costuma levar umas 20 músicas e de carro, sem trânsito, umas 15 — respondo distraída.

Agora é a vez dele me encarar, um sorriso discreto sendo formado no canto dos lábios.

— Você conta o tempo em músicas? — ele finalmente me pergunta.

O-ou. Eu realmente falei isso em voz alta? Onde é que eu estava com a cabeça? Quando uma vez mencionei isso para a Dani, ela me disse que era besteira pensar assim, já que cada música tem um tempo diferente. Eu amo a Dani, mas a cabeça dela, extremamente racional, às vezes é um pé no saco.

— Uhm… conto. É que não consigo viajar sem ouvir alguma coisa, então às vezes monto *playlists* com as minhas músicas favoritas do momento e normalmente essa é a quantidade que coloco para ouvir nesses trajetos.

Mentira. Quer dizer, em partes. Eu realmente faço *playlists* com meus vícios do momento, mas sempre coloco um número muito maior do que vou conseguir ouvir e deixo no aleatório para ser surpreendida com o que vai tocar, ainda que muitas vezes eu pule várias das faixas para chegar em

algumas específicas. Eu costumo medir o tempo em músicas porque, normalmente quando estou chegando no meu destino final, sempre tem alguma que ainda não tocou ou que quero ouvir de novo e preciso saber se vai dar para fazer isso nesse meio tempo. Assim, passou a ser natural fazer contagens do tipo “são tantas músicas de distância” (uso uma média de quatro minutos por música, só para constar).

— Que legal — ele responde. — Também faço isso, as *playlists* e a contagem de tempo, mas nunca coloco uma quantidade certa de músicas, sempre ponho algumas a mais e deixo no aleatório para ser surpreendido. O pior é que não sei porque faço isso, já que sempre acabo pulando várias para chegar naquelas que realmente quero ouvir. — Faz uma pausa. — Comecei a contar o tempo em músicas quando percebia que estava chegando em casa e ainda tinha alguma que eu queria ouvir, então ficava pensando “estou a X músicas de distância” e coisas do tipo.

Mais uma vez, ele me surpreende. Não me lembro de, alguma vez, ter sentido como se minha mente estivesse sendo *scanneada* por outra pessoa.

— O que foi? — ele pergunta.

Noto que estava com a boca aberta, fechando rapidamente e rezando para não ter deixado cair nenhuma baba.

— Nada... É só que… Acho que você é a primeira pessoa que encontro que faz o mesmo com as músicas, ou pelo menos que admite fazer. Sempre que menciono isso para alguém, costumam revirar os olhos ou me chamar de doida.

Ele sorri de uma forma que me deixa com vontade de rir também.

— Sabe o que não entendo? — ele diz e continua sem esperar minha resposta. — Todo mundo tem alguma mania, mas quando se depara com a de outra pessoa, acha o outro maluco por causa daquilo, como se ela própria não tivesse sua cota de esquisitice.

Cadu tem razão. A Dani, por exemplo, tem um ritual que nunca vou entender nem admitir que reparo nela fazer, que é o de separar absolutamente toda a comida no próprio prato, sem deixar nenhum alimento em contato com outro — só coisas do tipo arroz e feijão, macarrão e molho, que simplesmente não dá para comer separado —, mas a irracional sou eu por contar o tempo em músicas.

Quando nossos pratos chegam, entendo o porquê

dos fregueses do Rabanada muito provavelmente o frequentarem. Esses donos do Caramelo acham que as pessoas vivem de luz ou o quê? Nossa porção de comida é tão pequena que duvido muito que isso conseguirá me manter alimentada por, sei lá, meia hora.

Tudo bem, sei que como bastante se comparado a maior parte das pessoas. Mas esse prato é definitivamente uma ofensa à fome de qualquer um!

Cadu e eu não falamos nada, apenas começamos a comer em silêncio. Percebo que sua expressão concentrada, indicando que ele preza esses momentos sagrados do dia — as refeições — tanto quanto eu.

Assim que terminamos e o garçom retira nossos pratos, trazendo a conta em seguida (Cadu insiste em pagar, dizendo que foi ideia dele almoçarmos aqui), levantamos da mesa rumo à porta e começo a me perguntar se ele ficou realmente satisfeito ou se ainda sente uma espécie de vazio no estômago, como estou sentindo.

— Olha, não sei você — ele começa —, mas esse almoço mal serviu de entrada para mim. Vi um carrinho de cachorro quente perto daqui. Quer

arriscar ou o fato de você trabalhar com uma nutricionista vai fazer com que me diga algo como “é intoxicação alimentar na certa”?

Graças a Deus!

— Não, a Gi não conseguiu tirar esses hábitos de mim. Sei qual é o carrinho — falo, já salivando por um *dog*, e pedindo para ele se apressar. — E essa rodada é por minha conta!

***

Voltamos para o Rabanada estufados, mas muito satisfeitos. Até consegui esquecer por um tempo que o desagradável do Cadu vai ser o responsável por me colocar no olho da rua.

Apesar que ele não é, assim, tão desagradável, para ser sincera. Mas também estou julgando a situação com os olhos dos efeitos benéficos da alimentação. Comida sempre tem o poder de me alegrar. Exceto pelo fato de, agora, estar com aquela moleza típica do pós-almoço (duplo) e sonhando com minha cama.

Não que eu esteja reclamando. O *hot dog* compensou totalmente a decepção daquela comida

mixuruca.

O Cadu também achou.

Aí, viu como está difícil ignorá-lo?

E olha que eu sou forte. Sou formada em evitar *spoilers* de séries nas redes sociais quando acompanho alguma, mas demoro para ver o episódio da semana.

Agora há pouco mesmo, por exemplo. Na hora de entrar no escritório, o que foi que o Cadu fez? Me deu passagem, todo gentil, e permitiu que eu entrasse primeiro.

Acho que o Vinícius nunca fez isso para mim. Eu até achei que tinha algum bicho na porta, quando vi o Cadu parando. Só depois que fui entender o gesto cavalheiresco dele.

Parece que quanto mais eu tento me manter distante, mais ele consegue chamar minha atenção.

Finalmente nos acomodamos e continuo de onde parei antes de almoçarmos, apresentando mais da minha rotina no restaurante.

É só começar a explicar que volto a sentir uma pontada de desânimo. Estou aqui, falando para ele minhas funções para que, em breve, sejam única e exclusivamente funções *dele*.

Preciso começar a enviar currículos o mais rápido

possível.

Aliás, onde será que o Cadu trabalhava? Porque, se ele resolveu ficar com a *minha* vaga, é porque não tinha uma para ele, certo?

— E então... — Pigarreio sutilmente, tentando puxar assunto como quem não quer nada, sem deixar transparecer minha curiosidade. Não quero que ele pense que estou interessada nele de alguma forma, porque não estou. — Com o que você trabalhava?

Talvez eu esteja vendo coisas, mas ele parece um pouco desconcertado com minha pergunta. Como se eu tivesse questionado que tipo de roupa de baixo ele prefere usar.

Ai, meu Deus. Acho que minha mente foi mais rápida e agora estou *mesmo* me perguntando que cueca ele usa.

Desvio o rosto para o computador e tento me concentrar nos arquivos evitando a todo custo a imagem rodeando minha mente.

— Trabalhava no financeiro de uma empresa de equipamentos fotográficos — finalmente responde, sem mais detalhes. — Estava lá desde a época da faculdade — acrescenta.

— E por que você saiu? — pergunto sem

conseguir me conter, em dúvida se eu deveria ter ficado *blasé* e encerrado o assunto.

— Acho que eu precisava de novos ares. — E não fala mais nada.

Fico levemente irritada. Quer dizer que o simpático precisava de uma repaginada profissional e dane-se que a Fernandinha aqui vai ter que se virar para encontrar um novo emprego? Além do mais, ele com certeza deveria ganhar bem mais, já que vai ser registrado como Auxiliar Administrativo. Por que razão ele resolveu trocar de serviço, aceitando um cargo inferior?

— Meus pais é que não ficaram muito felizes com a ideia de me ver sem trabalho — recomeça, dando uma risada contida, que mais parece um engasgo e sem querer, respondendo minha dúvida. — Fiquei um tempo em casa, aí minha mãe acabou convencendo meu tio, que é irmão dela, a me oferecer a vaga daqui. Acho que só isso para explicar o porquê de alguém como ele continuar mantendo duas pessoas na mesma função até o final do ano. Aliás, sinto muito por isso — fala inesperadamente. — Fiquei meio sem graça ontem quando percebi que você não sabia que... — e para, sem saber que termo usar, olhando para baixo e

levando a mão à nuca. Ele coça a cabeça e com o gesto, deixa seu bíceps bem próximo do meu rosto. A manga de sua camiseta preta fica justa ao redor do braço e perco levemente a concentração em outras coisas que não essa visão. — ehr, eu ia substituir você. Vou. Você entendeu.

Volto minha atenção ao que ele está me dizendo. Mais especificamente, à forma como está me olhando. Fixamente. E como quem realmente se importa comigo, embora mal me conheça.

Isso me desarma.

Eu estava até há poucos minutos toda revoltada com ele, não estava? Como esse sentimento pode ter evaporado assim, tão rápido, só porque ele disse que sente muito?

Suspiro e decido ser sincera.

— Isso me pegou bastante de surpresa. Eu achei que seria efetivada — falo sem jeito.

— Seria o mais justo, na realidade. Pelo pouco que vi, deu para perceber que você faz um excelente trabalho, Nanda.

Sinto algo me aquecer por dentro com o elogio e sorrio sem graça, em agradecimento.

Também não posso deixar de reparar que é a primeira vez que ele me chama pelo apelido.

— Tenho certeza de que você não vai demorar a encontrar uma nova oportunidade — ele continua — e vai ser uma excelente, você vai ver.

Assinto com a cabeça, desejando que ele tenha razão, e voltamos ao trabalho.

Ou, ao menos, é o que tento fazer, já que ele continua conversando e puxando assunto comigo.

Pergunta quantos anos eu tenho e, quando respondo, fala que vou me formar mais nova do que ele, que terminou o curso com 22. Sem nem eu perguntar, me diz que faz 26 anos daqui um mês e continua contando sobre seu último semestre de faculdade.

Mas paro momentaneamente de ouvir o que ele me diz, ainda presa à informação muito importante que ele, sem perceber, deixou escapar: Cadu é virginiano. E está explicado o porquê de ele ser todo certinho e cheio de perfeccionismo para cima das minhas planilhas.

Foi só eu começar a me atentar a essa questão astrológica que ficou automático ouvir um aniversário e já associar qual o signo regente daquele período.

E é só por isso que estou aqui pensando no fato de ele ser virginiano, não porque me importo com o

signo *dele*. Eu teria feito essa observação mental sobre qualquer pessoa.

Sinto um frio na barriga quando, subitamente, noto mais uma coisa.

Virgem é o signo complementar de Peixes.

Essa percepção, mais do que qualquer outra coisa no dia, me deixa completamente aterrorizada.

E não consigo entender por quê.

Gi
online

HOJE

Ai, Nanda, ainda tô me sentindo mal pela confusão...
19:16

E só agora consegui vir falar com você. Mil desculpas de novo!!!
19:16

Tudo bem, Gi, você não teve culpa.
19:21

Foi um mal-entendido, acontece.
19:21

Obrigada por ter tentado, viu? Sei que você fez o seu melhor!
19:22

Obrigada você por entender, Nandinha!
19:23

E o que você achou do Cadu??
19:23

Nanda?
21:59

CAPÍTULO 12

Algumas informações, não tão agradáveis, sobre mim:

► Frequentemente descubro roxos no meu corpo que não faço ideia de como apareceram. Sou desastrada e costumava ouvir, durante minha infância e adolescência, que era assim porque eu ainda não estava acostumado com meu próprio tamanho, então era comum sair esbarrando por aí. Já passei da fase de crescimento há um tempo e continuo tão estabanada quanto antes, se não pior;

► Não me peça para ser responsável por alguma tarefa do tipo "olhar a comida que está cozinhando". Já queimei um macarrão instantâneo porque me distraí tentando lembrar se o nome de um dos sete anões era Saúde ou Espirro. Só quando resolvi jogar no Google é que descobri ser Atchim;

► Não li nenhum livro da série Harry Potter e o

único filme que assisti foi *O Cálice de Fogo*, em DVD, por causa do Robert Pattinson — acho até hoje o Edward de *Crepúsculo* um dos mocinhos mais apaixonantes de todos os tempos;

► Já tive dor de barriga por comer chocolate demais, uma vez que acabei com um ovo de páscoa enorme em cerca de uma hora, só para não dividí-lo com ninguém.

Mas se tenho uma qualidade que sei reconhecer é a minha fidelidade aos meus próprios princípios e é por isso que estou tendo uma crise nesse momento, voltando para casa no metrô, certamente não é o lugar ideal para se ter uma.

Quero dizer, quando você quer e precisa de um emprego, por princípio, você não deve se aproximar daquele que pretende roubá-lo, certo? Ainda mais quando o ladrão em questão é de um signo ideal a você.

Justamente por isso, o Cadu deveria estar no topo da minha lista "CUIDADO: NÃO SE APROXIME", logo atrás do Vinícius e do Senhor Arlindo que, para ser justa, é quem de fato vai me desempregar.

De qualquer forma, independentemente do Cadu ter ou não culpa de algo, eu não deveria ficar

confraternizando com ele. Ele é a pessoa que vai me substituir quando meu contrato expirar. E ponto final.

Mas não. O que foi que eu fiz? Passei o dia de conversinha com ele.

Quando você pretende manter certa distância de alguém ou manter um contato estritamente profissional, você não sai abrindo a boca e falando sobre sua mania de contar o tempo em músicas. Muito menos compartilha casualmente sobre o fiasco do seu primeiro emprego.

E é claro que foi exatamente isso o que fiz.

Foi logo após me formar no Ensino Médio, antes de receber a notícia de que tinha passado no vestibular. Estava desanimada por todos os resultados que já tinham saído sem meu nome na lista. Eu precisava de uma distração e ansiosa por ter um dinheiro só meu, aceitei um emprego temporário em uma loja de perfumes que estava contratando temporariamente para as festas de final de ano, já que o movimento aumenta bastante nessa época.

Como a loja era de uma amiga da minha mãe, ela não se importou com o fato de eu não ter experiência ou não ter completado 18 anos.

Participei de todo o treinamento e estava me sentindo bastante segura para desempenhar minha função de vendedora. Atendia a todos que entravam na loja com um sorriso no rosto e era atenciosa até mesmo com os mais rudes ou que claramente não estavam interessados em comprar algo e queriam apenas sentir os aromas dos perfumes.

O problema foi que, veja bem, eu sou muito fiel aos meus princípios, como já disse, e algo que aprendi desde pequena é que não se dá perfume a alguém com quem você esteja tendo um relacionamento amoroso, porque isso dá azar. “Acabou o perfume, acabou o amor”, era o que minha avó dizia e as avós sempre sabem das coisas. Então, cada vez que alguém dizia estar procurando um presente para seu cônjuge, namorado(a), ficante, lance, peguete, seja o que for, eu simplesmente advertia a pessoa sobre os riscos que ela estava correndo e a convencia de comprar qualquer outra coisa. Sendo que a loja era *só* de perfumes. Antes perder minha comissão que estragar a vida amorosa de alguém!

Mas a amiga da minha mãe não se solidarizou com a história da maldição do perfume e as possíveis consequências aos relacionamentos

amorosos alheios. Nem ficou feliz por ter perdido algumas compras, o que culminou na minha demissão no mesmo dia em que comecei o trabalho.

Ainda consigo visualizar a reação de Cadu quando terminei de contar. Ele riu alto, com um jeito que percebi ser típico dele, jogando a cabeça para trás e ficou sorrindo para mim um tempo depois disso. E, pensando bem a respeito, enquanto eu contava, ele me olhava tão fixamente, prestando tanta atenção.... Não estou muito acostumada com isso.

— O que foi? — acabei perguntando, já ficando sem jeito.

— Nada. Só gosto desse seu jeito espontâneo. E romântico. Você é uma pessoa rara nos dias atuais, Nanda.

Não sei por que meu coração disparou quando ele falou isso. Ou por que estou me sentindo estranha até agora, principalmente por me lembrar daquele jeito de me olhar.

Afinal, fala sério, eu acabei de conhecer o Cadu. Sei que tivemos um dia bastante agradável e que ele não é de se jogar fora, mas a última coisa que quero, no momento é me encantar por alguém que

roubou meu emprego. E é do meu signo complementar.

Tá, admito, ele não é nada de se jogar fora. Ainda mais com a barba por fazer que reparei enquanto mostrava as planilhas para ele no computador. Não tenho culpa de que ele estava com o rosto bem próximo do meu e que esse projeto de barba deixava a reentrância do queixo dele ainda mais interessante.

E devo dizer, olhando de perto, com a mania dele de mexer nos cabelos, a mão do Cadu é um tanto quanto… grande. É tão… máscula, como ele inteiro, na realidade.

Ah, meu bom senhor. Sem dúvida alguma tem uma crise acontecendo aqui.

***

Para tentar me distrair um pouco dessa história de Cadu, resolvo procurar meus pretendentes do Projeto Escorpião assim que chego em casa, já que não penso neles desde o fracasso com o Roqueiro Apático.

Minha lista, por enquanto, está assim:

PERIGOSAS NACIONAIS

1. ~~Marcos Pereira da Silva~~ não encontrado (procurar de novo?)
2. ~~Leandro Santana Valente~~ não encontrado (procurar de novo?)
3. ~~Diego Castro Araújo~~ não encontrado (procurar de novo?)
4. ~~André Machado Rodrigues~~ Roqueiro Apático (não mesmo!!)
5. Rodrigo Figueiredo Teixeira
6. Caio Bueno de Faria Souza
7. João Pedro de Alencar Costa
8. Gustavo Gomes Silva
9. Flávio Takio Hito
10. Isaías José Ferreira Fernandes
11. Giovanni Loureiro Pezani

Ligo o computador enquanto tiro as sapatilhas e jogo no lixo os esparadrapos que coloquei nos calcanhares para evitar ter bolhas. Depois de lavar as mãos, vou até a cozinha e pego um pacote de bolacha recheada para acompanhar minha busca. Reclamo ao ver que a Dani comeu o último de chocolate e agora só sobraram as de doce de leite.

Ou será que fui eu mesma quem comeu? A Dani não gosta muito de bolacha.

Sento no sofá, cruzando as pernas na posição de índio e coloco uma almofada para apoiar o laptop. Não demoro a sentir o cheiro desagradável vindo do meu próprio pé.

PERIGOSAS ACHERON

Lembrete mental: jamais retirar as sapatilhas em público ou usá-las em situações nas quais for necessário tirá-las perto de alguém.

Se elas dão bolha e chulé, por que raios eu uso esse troço? E ainda pago caro por elas!

Assim que abro o Facebook, vou direto à barra de busca e digito o nome de Rodrigo. Milagre dos milagres, não demoro a encontrá-lo!

O problema é que ele, ao que tudo indica, quase não usa a rede social. Encontro algumas fotos dele — loiro, cabelo curto e liso, bonitinho — mas nada muito além disso. Nada de *status* de relacionamento, confirmação em eventos, nem mesmo informações de trabalho e/ou educação.

Bom, vou deixar anotado que ele precisa ser melhor averiguado futuramente. Se o Rodrigo não for meu príncipe escorpiano, vou ter perdido tempo buscando formas de encontrá-lo agora. Melhor deixá-lo para depois, caso a situação se complicar e me restarem poucas opções.

Quando começo a digitar o nome do João Pedro, o próximo da lista, recebo uma notificação de pedido de amizade.

Carlos Eduardo Montinelli deseja ser seu amigo.

Sinto aquele frio na barriga de novo e clico em "Sim", abandonando por instantes meu projeto. Meu futuro marido pode esperar um pouquinho.

> *Olha só quem está online.*

Ele me envia *inbox*. Ai, caramba, será que eu deveria ter demorado um pouco para aceitar? Porque agora ficou parecendo ou que eu vivo *online* ou que estava esperando pelo pedido de amizade dele.

O que eu não estava. Eu nem sabia que ele tinha Facebook.

Não que eu tenha tentado procurar. Até porque seria loucura procurar um "Carlos Eduardo" sem ter o sobrenome.

O que me faz perceber uma coisa: Fernanda é um nome bastante comum, então como ele me achou?

> *Espero que não se incomode por eu ter te adicionado. Vi seu sobrenome nas planilhas, mais cedo, então ficou fácil te encontrar.*

Mistério esclarecido. E eu aqui pensando nos obstáculos que ele teria enfrentado só para me

adicionar.

Oi! Não tem problema não, rs.

E agora? O que mais falo para ele?

E ai, fazendo o que de bom?

Palmas, Fernanda. Originalíssimo e perspicaz ao extremo.

Enquanto ele não me responde, aproveito para dar aquela fuçada básica no perfil dele. Vejo algumas fotos de viagens, principalmente de paisagens, algumas com amigos e familiares. Percebo que ele não tem nenhum *status* de relacionamento ou qualquer indício de haver uma pretendente a Sra. Montinelli. Ou de já existir uma Sra. Montinelli.

*Fuçando no seu perfil. Você é mesmo fã d*e Friend*s, hein? Bom saber. É minha série favorita!*

Ok. Eu jamais admitiria estar bisbilhotando o Facebook de alguém. Repito, jamais.

Nossa, admitiu na lata estar me stalkeando.

Parabéns pela coragem! Sobre Friends, quem não é?

E vai dizer que você não faz a mesma coisa quando alguém acaba de te adicionar, tipo eu agora?
Pergunta rápida: Ross e Rachel ou Chandler e Monica?

Droga de Sr. Sabichão.
Ok, vou ignorar o fato dele ter me pegado e focar no que me faz feliz: estamos realmente tendo uma conversa sobre casais de Friends?

Certo, você tem um ponto. Estou mesmo xeretando seu perfil, rs. A propósito, adorei a imagem das montanhas!
Mondler, sem dúvida alguma.

Campos do Jordão. Adoro ir para lá, principalmente no frio.
Sério? Você parece uma pessoa mais do tipo Ross e Rachel, mas prefiro Chandler e Monica também.

E como se pareceria uma pessoa do tipo

PERIGOSAS NACIONAIS

“Ross e Rachel”?
E você é uma pessoa do tipo “Frio”, então?

Não sei definir. Foi só uma impressão :P
Olha, dizem que de frio não tenho nada, mas...
Ah, espera, você estava se referindo às estações do ano? Então sim!
Brincadeira rsrs.
E você, inverno ou verão?

Sinto meu rosto esquentar na mesma hora ao ler o que ele acabou de me mandar.

“Dizem que de frio não tenho nada”, releio, só para ter certeza de que foi isso mesmo o que ele disse.

Engraçadinho.
Não tenho uma estação preferida, gosto tanto do frio quanto do calor, desde que não sejam extremos. Prefiro viver em harmonia com o clima do que passar parte do ano reclamando de algum deles ;)

Impossível não preferir uma estação, todo mundo tem uma preferida!

PERIGOSAS ACHERON

E gostei dessa, Srta. Pollyanna.

Ei, a Pollyanna faz o Jogo do Contente, e não entra em concordância com a natureza. Acho que estou mais para Pocahontas, já que é assim.
E, bom, eu não sou todo mundo.

Se você diz...
Desculpa, meu conhecimento de desenhos da Disney se limita a O Rei Leão. E aos da Pixar.

Pois deveria assistir Pocahontas. *E* A Bela e a Fera. *E* Aladdin. *Todos, na verdade. São clássicos!*

Tudo bem, conselho anotado. Mas vou deixar para depois. Por enquanto vou focar em comer, tomar banho e descansar, porque amanhã você ainda vai me dar uma canseira de planilhas ou sei lá mais o que você ainda precisa me mostrar.

Então aproveite seus momentos de sossego, Sr. Montinelli. Nós ainda nem chegamos perto do estoque – e lá sim você vai descobrir o que

é trabalho pesado.

Certo, isso foi assustador.
Vou indo, então, antes que piore e você resolva me ameaçar dizendo que preciso usar aquelas touquinhas que a Gisele usa.

Ah, eu ainda não te contei?

Ok. Você tá brincando, né?

Sim :D

Ah, certo. Eu sabia ;)

Aham. Rs.

É sério.

Aham. Rs.

Tá.
Boa noite, então, Nanda.
Até amanhã!

Boa noite, Cadu!

PERIGOSAS NACIONAIS

Até! :)

O que é que eu deveria estar fazendo no Facebook mesmo?

PERIGOSAS ACHERON

Dani
online

HOJE

Olha, miga, sei que o papo deve estar bom, mas cê não pode rir mais baixo não??
00:14

Aii desculpa, Dani
00:15

Só joguei um verde hahaha
Tá falando com ele de novo, né??
00:15

¬¬
00:15

SABIA hahahahahhaha
00:16

CAPÍTULO 13

Deixe-me contar uma história a vocês sobre planejamentos: a gente se programa para fazer algo, traça metas e objetivos, encontra os dias ideais para colocar tudo em prática, e simplesmente não realiza nada do proposto. Com sorte, você até consegue atingir o intuito final, mas dificilmente o caminho até ele vai ser aquele traçado previamente com tanto afinco.

Falo isso porque eu, Fernanda Cardoso, havia dito que faria o máximo possível do meu TCC durante as férias, e já estou há duas semanas sem nem pensar nele, quanto mais abrir o arquivo e escrever algo. Em cerca de dez dias, minhas aulas recomeçam, e estou completamente empacada desde onde parei de escrever.

Sendo assim, deixo o Cadu conferindo o estoque e me concentro no TCC. Como estou avaliando o

gerenciamento de um restaurante, o Senhor Arlindo permitiu que eu pegasse os dados do Rabanada e — milagre — consentiu que eu utilizasse o horário de trabalho para escrever, desde que não interfira nas minhas obrigações diárias.

Acho que o Cadu não gostou muito de eu tê-lo deixado lá sozinho. Eu meio que falei “Esse é o estoque, aqui é a planilha para conferir os produtos e as datas de validade, boa sorte, tchau”. Mas realmente preciso me dedicar ao TCC e de um tempo afastada do Cadu. Ficar perto dele tem me causado umas sensações estranhas, não estou gostando nem um pouco disso, ainda mais porque até semana passada, eu nem sabia que ele existia.

Acho que isso, acima de tudo, é o que mais está dando um nó na minha cabeça. Temos nos aproximado, conversado cada vez mais, e percebi que não o vejo mais como um desconhecido. O que não faz sentido algum, porque isso é justamente o que ele é. É claro que também não o estou considerando como amigo de infância, mas é só como se eu o conhecesse há mais tempo; não me sinto desconfortável perto dele, como as vezes nos sentimos na fase de adaptação com novas pessoas.

O único desconforto é um frio chato na barriga,

que teima em aparecer com cada vez mais frequência quando estou perto dele, principalmente quando ele me olha de um jeito que.... Sei lá, é um jeito só dele. Ou quando ele sorri.

Como mais cedo, logo que cheguei. Ele abriu um sorrisão quando me viu entrar e senti uma espécie de cumplicidade entre nós. Soube no mesmo instante que ele, assim como eu, estava pensando no nosso bate-papo online ontem à noite, algo que já se tornou praticamente um ritual diário. Como sempre, não falamos nada demais, mas sinto que essas conversa têm nos aproximado e permitido que nos vejamos em um contexto além do restaurante. É como se estivéssemos atestando que temos outro mundo além do trabalho e que fazemos parte dessa vida do outro.

Para tentar fugir desses pensamentos incômodos, volto a me concentrar em meu TCC.

Gestão financeira em microempresas: estudo de caso no restaurante Rabanada

Fico encarando o título em uma tentativa de novas ideias surgirem na minha mente. Vou rolando o arquivo, lentamente e vejo tudo o que produzi até

então: quase nada.

Deveria ser mais fácil, não deveria? Quer dizer, eu precisei expor para minha orientadora na faculdade a ideia do trabalho como um todo, passei uns dois meses reunindo dados e a bibliografia para escrever, então basicamente estou na cara do gol. Por que raios eu não sei por onde começar?

Continuo olhando para a tela pelo que parece serem horas, porém, quando checo o relógio, nem dez minutos se passaram. É quando resolvo dar uma volta para arejar a mente e, quem sabe, me inspirar um pouco. Vou para a cozinha, parando apenas para pegar um copo de água no bebedouro ao lado do escritório.

Como já passamos do horário de almoço, os funcionários ou estão cuidando das louças sujas ou iniciando as receitas de amanhã que precisam de algum tipo de pré-preparo e/ou muitas horas na geladeira/forno antes de ficarem prontas.

Fico em um canto para não atrapalhar ninguém e apenas observo o movimento. Embora eu possa muito bem ver toda a cozinha pelas janelas do escritório, é diferente estar aqui em meio a toda a agitação. Há um clima diferente entre os funcionários, muitos deles juntos desde quando o

restaurante abriu há quatro anos, como se fossem uma grande família. Enquanto andam de um lado para o outro, lavando panelas, cortando alimentos, guardando as louças, soltam provocações e piadas internas ao mesmo tempo em que conversas sussurradas surgem de grupos menores.

É um trabalho que exige sincronia, a qual felizmente funciona muito bem entre eles. Adriana, por exemplo, está concentrada dando instruções a Roberval, outro auxiliar de cozinha junto de dona Mazé e mais três funcionários, provavelmente sobre algum corte de carne, a julgar pelos seus movimentos com as mãos, simulando uma faca. A equipe formada por dois garçons e duas garçonetes está dividida entre lavar e guardar louças, enquanto os demais auxiliares de cozinha continuam focados nas receitas de amanhã.

Vejo que por trás dos sorrisos, há também cansaço e preocupação no semblante de muitos. Estão aqui porque precisam estar e exatamente por isso dão o seu melhor. É por isso, percebo, que gosto tanto do meu trabalho. São essas pessoas que tornam meu dia a dia suportável, que me fazem sentir acolhida. A mera ideia de ter que procurar outro emprego... Ainda não gosto de pensar nela.

— Preocupada com alguma coisa, menina? — dona Mazé se aproxima de mim.

— Com meu TCC, dona Mazé. — Viro o rosto para respondê-la. — Estou travada com ele, sem saber o que escrever.

— Queria poder te ajudar — ela fala —, mas minha ignorância não me deixa saber muita coisa.

— Que é isso, dona Mazé! A senhora não é ignorante — respondo na mesma hora.

— Não falo isso em um mau sentido, filha, só que tenho pouco estudo — ela diz. — Não pude estudar assim, que nem você, mal terminei o ginásio. — Ela suspira, como se perdida em lembranças. — As coisas não eram nada fáceis naquela época, sabe?

Assinto com a cabeça, embora não saiba exatamente a que ela se refere.

— Hoje em dia não posso reclamar — ela continua. — Tenho meu trabalho aqui, eu e meu marido conseguimos manter nossa casa, sabe? Minha filha trabalha desde os 15 anos e agora está decidida a voltar estudar. — Vejo um lampejo de orgulho estampar sua feição. — Ela é uma moça muito inteligente, era uma das primeiras da sala! Terminou a escola, continuou trabalhando e juntou um dinheirinho dela, que diz que é para a

faculdade. Vai começar agora no começo do mês, enfermagem! É a primeira da família a fazer curso superior. — E seu sorriso explode.

— Parabéns, dona Mazé! Vocês devem estar tão felizes — falo passando meu braço direito em seus ombros, em um abraço meio de lado.

— Ah, filha, estamos sim! Com a graça de Deus a Mariana vai ter um futuro melhor que os pais dela. Quer dizer — ela corrige, aparentando timidez —, tenho sorte de ter meu trabalho, de ter comida na mesa e um teto para viver, não é?

Sorrio em concordância, mas sei o que ela quis dizer. Não é só porque ela tem o básico — e isso já é bem mais do que muitos, infelizmente, algum dia vão chegar a ter — que ele seja suficiente.

Ela retorna ao trabalho e respiro fundo, resolvendo voltar para o escritório. Quem sabe agora consigo?

Quando chego, vejo que o Cadu já voltou do estoque e está discutindo com a Gi algum detalhe da planilha. Como eles parecem estar se entendendo, resolvo não me intrometer e sento quietinha em frente ao computador.

Fico tão concentrada na tela que levo um susto ao perceber Cadu me encarando da outra cadeira, com

o corpo todo virado para mim.

— Tudo bem aí, Nanda? — ele quer saber.

— Está sim, eu só estou meio travada no meu TCC. Meio não, completamente. Eu sei o que quero escrever, mas não consigo, simplesmente não sai nada! — Suspiro frustrada.

— Lembro bem da pressão dessa época, graças a Deus que já passei por isso... Mas logo você também vai passar — acrescenta, ao ver minha expressão nem um pouco simpática pelo "ânimo" que ele me passou. — Olha, se tem algo que a experiência me ensinou é que não adianta forçar, senão acaba travando mais. Mas, também, pode ser que tenha algo te bloqueando, então descobrir isso pode te ajudar.

Dou uma resposta qualquer, desanimada, sentindo a frustração apenas aumentar.

Ele sorri me consolando, antes de continuar.

— Topa fazer uma coisa? — ele diz e prossegue, antes que eu responda. — Que tal a gente ir naquela cafeteria pertinho daqui quando der nosso horário, e ai tento te ajudar? Você fala o que pretende fazer, me mostra o que já fez e, conversando, pode ser que as ideias fluam melhor.

Olho para ele por alguns segundos antes de

responder.

— Nossa, Cadu, muito gentil da sua parte oferecer ajuda! Mas não quero te atrapalhar, você deve estar cansado e...

— Não, corta essa — ele diz, me interrompendo. — Não tenho nada demais para fazer hoje e não me custa nada te ajudar. E um *mocha* quentinho cai bem com o frio de hoje.

— Ah, sabia que tinha uma segunda intenção por trás dessa ajuda.

— Mas é claro que sim. Por que não teria?

Sinto, novamente, um frio na barriga quando ele sorri, a malícia estampada no olhar, e me pergunto se ainda estamos falando sobre o café.

Percebo que não sei qual opção eu prefiro que seja a verdade.

***

— E então, o que achou?

Estamos sentados em uma mesa mais ao fundo do café, um local mais reservado e distante do burburinho dos clientes. Cadu, sentado à minha frente, exibe uma perfeita *poker face*, o que

significa eu não fazer ideia do que ele está pensando sobre meu TCC. Enquanto ele o lia em seu laptop, não só tomei todo meu chocolate quente como também comecei a morder as bordas do copo descartável, sem conseguir controlar a ansiedade.

— Bom, em primeiro lugar, vou precisar que você me explique melhor o que você pretende fazer. Como você praticamente só tem o começo do trabalho, ainda não dá para ter muita noção de qual seu intuito.

Começo a explicar, gesticulando conforme vou me sentindo mais confiante. Apresento meus objetivos e o que fiz até então. Cadu permanece sério, com uma mão apoiada no queixo, balançando a cabeça em concordância de vez em quando, para demonstrar que está acompanhando meu raciocínio.

Quando termino, ele parece refletir mais um pouco antes de olhar para mim e finalmente dizer:

— Acho que você ainda não encontrou seu foco.

Fico olhando para ele sem entender. Como assim não achei meu foco? Sei que estou com dificuldades de passar para o papel e tal, mas tenho o trabalho bastante claro na minha mente graças a todas as conversas que tive na faculdade com minha orientadora.

— Não me leve a mal — continua, se ajeitando na cadeira — não estou dizendo que seu trabalho ou a ideia dele esteja ruim, é só que eu olho para ele e vejo um TCC, não a Nanda.

— Uhm... Mas não é justamente isso o que você deve ver? — Como assim não me vê? Que papo de doido é esse?

— Não necessariamente. Acho que seria melhor dizer que eu deveria ver o TCC da Nanda. Por enquanto é só um TCC, de acordo com tudo o que você me falou — e se reclina no encosto da cadeira, espreguiçando os braços dobrados para cima

Não sei se entendo aonde ele quer chegar com essa história e é bem capaz que eu esteja deixando transparecer toda minha confusão, porque ele continua a falar.

— Ele está sim bem embasado, você tem um bom tópico. Só que — por favor, não se ofenda — me parece básico demais, algo que qualquer pessoa pensaria em falar a respeito. Ele não parece algo feito exclusivamente por você, não tem algo que faça quem te conheça te reconhecer ali.

— Mas...

Tento responder, mas Cadu não me deixa. Ele volta seu corpo para frente, quase se debruçando

sobre a mesa, e estica seus braços sobre ela, suas mãos chegando perto das minhas. Estou tão sem entender aonde ele quer chegar que simplesmente permaneço imóvel.

— Sei que não sou o mais bem recomendado para dizer isso, praticamente não te conheço. Mas vi um pouco de você nesses últimos dias e não consegui enxergar isso aqui. — E aponta para o laptop. — Você tem vida, Nanda, e foi isso o que mais me chamou a atenção em você! — Meu coração dispara quando ele diz isso, principalmente pela intensidade com que me olha. — Você tem paixão e criatividade, mas só o que vejo aqui são conceitos técnicos e ideias básicas.

Agora o Cadu me confundiu de vez. Tento evitar pensar em como ele está me fazendo sentir ou em como suas mãos estão perigosamente próximas das minhas sobre a mesa e me concentro no que ele está dizendo sobre meu trabalho. De que jeito ele quer que eu escreva para parecer que fui eu? Devo colocar uns *emojis* no meio do texto ou sei lá? O intuito de um texto acadêmico não é justamente o de ser impessoal?

E é exatamente isso o que falo para ele.

— Sim, você tem razão — ele responde. — Mas

não estou falando da forma de escrever e sim do seu projeto em si, dos seus objetivos e propostas com ele. Você falou que está travada com ele, não é?

Confirmo com a cabeça.

— Já parou para pensar que a razão disso é que você pode não estar verdadeiramente envolvida com o projeto?

— Não — confesso. Isso nunca me passou pela cabeça.

Coço a cabeça com uma das mãos e, quando retorno, sem querer esbarro em Cadu. Ele parece não sentir, mas meu coração dá um pequeno salto quando sinto o calor da sua pele, mesmo que de raspão.

— Você precisa acreditar no seu trabalho para poder seguir em frente com ele. Não digo "acreditar" no sentido de você confiar que vai conseguir fazê-lo ou não, mas em você enxergá-lo sendo aplicado, em você torcer para ele ser desenvolvido, em você *querer* que ele se concretize por realmente *acreditar* que essa é uma necessidade do Rabanada. Você está fazendo essa proposta de *software* porque isso é o que você acha que o meu *tio* quer e não porque essa é a *sua* vontade.

Fico estupefata, porque ele está coberto de razão.

Escolhi a proposta financeira justamente porque esse é sempre o foco da atenção do Senhor Arlindo. Foi natural escolher um tema que tivesse mais chances de ele aceitar e aprovar, além de me ajudar com o necessário — tipo fornecendo os dados de que eu precisei.

Mas agora entendi aonde o Cadu quer chegar. Eu não posso me dedicar a algo que não é *meu* de fato. Essa crença sobre melhorar os recursos financeiros não é minha, não é o que eu vejo como necessidade primária do Rabanada e enquanto o trabalho não abordar justamente aquilo que eu acredito, ele não vai para frente.

— Cadu — começo —, eu não sei se te agradeço ou se brigo com você.

Os burburinhos ao nosso redor estão ainda menos audíveis agora que somos praticamente os únicos clientes do café. Avisto de longe uma garçonete limpando o balcão, enquanto outra retira louças e restos de alimentos de cima das mesas agora vazias. Além de nós, só há uma garota aparentemente da minha idade no sofá lendo um livro que não consigo ver qual é, e um homem de terno em uma mesa, mexendo concentrado em seu celular.

— Por que brigar comigo? — ele responde, fingindo estar ofendido. Esse sorriso presunçoso dele não me engana.

— Você está certo e é como se tivessem acendido uma luz dentro da minha cabeça. Obrigada por me ajudar a ver tudo com clareza. O problema é que agora, além de eu não fazer ideia do assunto em que devo focar, praticamente perdi um semestre todo de trabalho porque vou ter que recomeçar do zero, coletar dados de novo...

— Calma — ele me interrompe, colocando o corpo por sobre a mesa e segurando um dos meus braços. Percebo que, em meio a minha agitação, estava com as duas mãos na cabeça e agora devo estar descabelada.

Além disso, noto mais um pequeno choque que me faz estremecer no segundo em que a mão do Cadu encosta em mim. Dessa vez, ele também parece notar, então se apressa em se sentar normalmente, recolhendo a mão para seu próprio colo.

— Muito provavelmente você não vai precisar recomeçar do zero. Primeiro, você vai continuar fazendo um projeto sobre o Rabanada, então tudo o que você tem escrito sobre a apresentação do lugar

pode ser aproveitado. É até sorte que você tenha travado e não tenha avançado mais!

É. Ele está certo de novo. Mas algo me diz que, se eu falar isso em voz alta, aquela presunção que vi no sorriso dele retornará em uma intensidade ainda maior.

— Segundo, pode ser que você consiga encontrar seu foco a partir dos dados que coletou. Ou que, quando você o encontrar, essas informações também sejam úteis. Muito provavelmente você vai ter que procurar outra bibliografia, mas se mantiver algo da proposta inicial, até dá para deixar parte dela — ele faz uma pausa, colocando os cotovelos em cima da mesa e juntando as palmas das mãos enquanto continua. — De qualquer maneira, nenhum trabalho foi perdido, porque tudo isso te deu uma maior compreensão do Rabanada e das necessidades dele. Só falta agora você compreender o que *você* acha que ele precisa. A gente só consegue fazer a diferença em algo quando faz com o coração.

Sinto de repente uma vontade enorme de dar um abraço nele, mas me controlo. Fico sem saber o que dizer, então só abro um sorrisão e agradeço.

— Não precisa agradecer — diz, também

sorrindo. — Já é ótimo saber que estou certo.

Pronto. Está aí a droga da presunção.

Cadu
online

HOJE

Responda rápido: se você tivesse que escolher entre perder um braço ou uma perna, o que você escolheria?
19:57

Devo me preocupar caso eu te veja com uma faca na mão ou qualquer outro objeto cortante?
19:58

Com certeza, mas só porque acidentes podem acontecer. Não planejo ser o novo Jack, o Estripador, relaxa. Enfim, sua resposta é...?
19:59

Uhm... Acho que um braço. Depois da minha experiência com a perna imobilizada, acho que prefiro manter as duas.

20:03

Você é estranha. Eu com certeza preferiria perder uma perna e manter os braços.
20:03

E qual é a da perna imobilizada?
20:03

Ah, claro, porque é realmente muito normal fazer uma pergunta dessas DO

NADA...E depois a estranha sou eu!
20:04

Longa história. Em outro momento te conto rs... Ou não :P
20:04

Certo, minha vez então. Tomar banho gelado no inverno ou greve de fome?

(Ouvindo "Por você", antes que você me pergunte)
20:05

Precisa responder??
Banho gelado, óbvio!
20:06

De acordo ;)
20:06

Claro que sim. Você é estranha, não eu ;)
20:06

CAPÍTULO 14

Aproveito que estou sozinha durante o meu horário de almoço e como minha lasanha congelada — horrorosa — no escritório, usando o computador para procurar mais nomes do Projeto Escorpião. A Gi também foi almoçar e o Cadu disse que precisava sair para resolver alguma coisa, então tenho pelo menos uma hora livre, enquanto os outros funcionários estão concentrados em atender os clientes.

Primeiro tento conseguir mais informações sobre o Rodrigo. Fuço seu perfil do começo ao fim, abro todas as fotos, mas não consigo descobrir absolutamente nada sobre ele.

Quem tem Facebook para não postar foto do prato de comida, dar *check in* em algum lugar, compartilhar um meme, vídeo ou qualquer outra coisa? Quem tem uma rede social para não usá-la?

O Rodrigo, aparentemente.

Sem me deixar abater, resolvo buscar de novo os perfis dos três primeiros da lista, aqueles que não encontrei na primeira pesquisa.

Nada novamente.

Talvez seja melhor abandoná-los por hora e só voltar a pesquisá-los se não houver mais esperanças para o Projeto.

Recosto na cadeira bufando, desapontada pela dificuldade em reunir as informações. Já gastei quase todo meu tempo de almoço e não fiz avanço algum.

Seguir a lista na ordem não está me dando muita sorte. Será que vou ser mais bem-sucedida se pegar um dos nomes aleatoriamente?

Fecho os olhos e passo o dedo pela lista. Tento sentir as batidas do meu coração como se fossem um guia e, quando pressinto que é o momento certo, paro.

Flávio Hito.

Determinada, jogo seu nome na barra de busca e aguardo, a ansiedade percorrendo minhas veias.

Uma lista de perfis aparece, sendo encabeçada por um de Mogi das Cruzes.

Clico nele sem pensar duas vezes e vou direto em busca da informação de seu aniversário.

Nove de novembro. 24 anos.

É ele!

Não consigo me controlar e solto um grito de empolgação, jogando meus dois braços para cima. Mas isso não é o suficiente para extravasar meu entusiasmo por finalmente ter tido um resultado positivo, então me levanto fazendo uma dancinha da vitória, segura de que o ritmo na cozinha continua frenético demais para alguém reparar em mim.

Contudo, ouço um pigarro às minhas costas e me viro.

É claro que o Cadu tinha que chegar neste exato momento para presenciar meu instante de euforia.

Eu o vejo encostado na porta segurando o riso, com os braços cruzados como se estivesse aguardando eu terminar de dançar e notasse sua presença.

O que é exatamente o que faço, quando me dou conta do mico que estou pagando.

— Pode continuar, não se incomode comigo — diz ele, caminhando em direção a nossa mesa e percebo que ele está levemente molhado. Só então me dou conta que começou a chover. — Descobriu que ganhou na loteria, ou algo a ver com o japa ai?

— Pergunta, apontando o computador.

— Não foi nada demais, eu... Só precisei me exercitar um pouco — invento e me viro para fechar a tela. Deus me livre dele descobrir sobre o PE.

— O que é isso? — indaga, com minha lista nas mãos, para meu completo horror. — "Projeto Escorpião"?

Fico completamente mortificada. Sei que achei sensacional minha ideia de procurar esses caras, principalmente quando criei o projeto. Mas tenho minhas dúvidas de que o Cadu vá concordar comigo. A própria Dani achou uma loucura.

Reviro a mente, tentando criar alguma explicação. Contudo, absolutamente nada me ocorre.

Ele percebe meu desconcerto e que acabou de invadir minha privacidade. De repente, não sei quem está mais sem graça: se eu ou ele.

— Não precisa me responder — ele se apressa em dizer. — Acho que é algo pessoal, né? Eu não deveria ter perguntado, é que estava aí em cima e achei que fosse trabalho, então...

Pego a lista da mão dele, estendida para mim.

— Não, tudo bem — consigo dizer. — Eu não deveria mesmo ter deixado aí.

Com isso, encerramos o assunto, tentando esquecer o que acabou de acontecer.

Fico aliviada por não ter precisado dar mais informações e, ao mesmo tempo, um pouco surpresa com a reação do Cadu. Mais uma vez, ele me surpreendeu.

Apesar de ter chegado brincando comigo pelo flagra, ele soube instantaneamente respeitar meu espaço quando percebeu que eu não queria dividir algo com ele. Acho que eu estava esperando que ele continuasse naquela postura de gozador e eu acabasse me sentindo pressionada a falar, o que não seria legal.

Ele me avisa que vai conferir no estoque se os funcionários deram baixa corretamente dos produtos retirados hoje para o preparo do cardápio e fico novamente sozinha.

Sendo sincera, acho que ele só resolveu ir até lá agora porque ainda está um clima meio estranho entre nós. Eu devo ter feito uma cara de absoluto horror para ele ficar assim tão sem graça.

Ou será que ele teve essa reação porque leu algum dos nomes? Ou minhas anotações?

Mas por que ele reagiria assim?

Talvez exista uma outra pergunta que estou

evitando fazer.

Por que *eu* fiquei tão desesperada com a hipótese de ele descobrir? Será que foi só vergonha mesmo, receio dele me achar doida? E por que eu me importo tanto com o que ele vai pensar de mim?

Antes que eu sinta que vai começar a sair fumaça da minha cabeça, meus pensamentos são interrompidos pela entrada da Gi, que acaba de chegar de seu almoço.

— O Senhor Arlindo não entrou aqui não, né? — pergunta preocupada, guardando sua bolsa um tanto quanto afobada.

Quando nego, ela suspira aliviada, explicando que acabou se atrasando por causa do temporal que começou a cair.

Mais uma informação sobre o Senhor Arlindo: ele não tolera atrasos. Não importa se a pessoa teve culpa ou não.

Nem parece que ele mora em São Paulo, a cidade dos imprevistos e do trânsito caótico.

— Preciso que você me faça um favor — Gi começa, enquanto se paramenta. Ela sempre me faz pedidos desse jeito, mesmo quando se trata da minha própria obrigação. — As datas de validade dos produtos abertos no estoque precisam ser

atualizadas. Você faz isso para mim? Eu mesma faria, mas tenho que colher as amostras de hoje.

Todos os dias, a Gi guarda no freezer um pouco de cada alimento preparado, onde ficam por um mês. Isso é necessário quando, por exemplo, surge a hipótese de um surto de intoxicação alimentar. A Vigilância Sanitária precisa investigar se a comida estava contaminada e utiliza essas amostras para fazer os testes. Graças a Deus nunca tivemos nenhum problema do tipo, a Gi pode até ser presa se isso acontecer. Por isso ela é tão rigorosa com as datas de validade e procedimentos.

Respondo afirmativamente e me dirijo até o estoque.

Onde o Cadu está trabalhando.

Entro casualmente e ele levanta os olhos ao ouvir o barulho da porta. Não posso deixar de reparar na visão que ele oferece.

Cadu está com o tronco inclinado sobre o balcão, onde apoia os cotovelos. A luz mais fraca do estoque deixa seu rosto mais escurecido e com um ar misterioso. Seu cabelo já está seco, mas ficou meio bagunçado. Porém, bagunçado de um jeito estiloso, como se fosse proposital.

Se fosse eu no lugar dele, eu estaria qualquer

coisa, menos estilosa, pode apostar.

Explico a tarefa que Gi me incumbiu e começo a trabalhar.

Ficamos os dois absortos em nossas próprias atividades, até porque elas exigem concentração e seria mais difícil se ficássemos conversando.

Dou um pulo quando a luz se apaga com um estalo, e tudo ao nosso redor fica mais silencioso do que antes.

Acabou a energia.

Só não estamos em meio à escuridão total porque há uma pequena claraboia bem no centro do teto, mas ela é insuficiente para permitir uma iluminação que nos deixe continuar com nossas tarefas.

— Acho que a chuva não quer que a gente trabalhe — Cadu fala sorrindo. — Melhor a gente voltar para o escritório, lá não deve estar tão escuro.

Concordo com ele e começamos a nos dirigir à porta.

— Ai, droga — exclamo quando me dou conta de um pequeno detalhe.

— O que foi? — ele pergunta.

— Estamos trancados.

O estoque é o lugar do Rabanada onde também

fica o cofre. Duvido que o Senhor Arlindo deixe dinheiro aqui, mas certamente guarda documentos importantes (ou as cópias deles, não sei). A questão é que, por isso, o local recebe uma segurança extra: a porta se tranca automaticamente quando é fechada, e precisamos digitar uma senha para abri-la, independentemente se para entrar ou sair.

Procedimento esse que exige eletricidade, algo indisponível no momento.

Logo ouvimos uma batida na porta, seguida por uma voz.

— Nanda? Cadu?

— Estamos aqui, Gi — respondo.

— Ai, caramba. Eu tinha esperanças de que vocês tivessem saído antes da energia acabar.

— Não tivemos essa sorte! — É a vez de Cadu se manifestar.

— Vocês estão bem? Tem algo que eu possa fazer?

— A não ser que você saiba como abrir a porta, acho que não — falo desanimada. — Estamos bem, fica tranquila. Sorte que não é verão! — E estremeço só de pensar no quanto nos sentiríamos sufocados aqui com o ar abafado.

— Acho que só nos resta aguardar — ele fala. —

Não deve demorar muito.

Gi avisa que estará no escritório tentando falar com a companhia de energia, e começamos a esperar.

E esperar.

E esperar.

— Ou talvez demore — ele quebra o silêncio.

Não sei se dou risada da situação ou se choro. E se a luz demorar para voltar? Como a gente faz para sair daqui?

Começo a me sentir cansada, mas não quero sentar. Já tivemos problema aqui uma vez com ratos e, por mais que a Gi ordene uma inspeção e limpeza regulares e muito bem feitas para que não aconteça de novo, fiquei traumatizada. Sei lá eu o que passa nesse piso, e não estou com vontade de descobrir.

— Não sei você, mas vou sentar no chão mesmo — Cadu fala, como se tivesse lido minha mente.

Vejo que ele se acomoda e parece bem mais confortável do que segundos antes.

Ah, dane-se!

Me dou por vencida e resolvo acompanhá-lo. O que os olhos não veem, o coração não sente.

Tudo bem que os meus já estão um pouco

acostumados ao escuro. E que com certeza meu coração vai saber se minha perna ou qualquer outra parte do meu corpo sentir algo passando por ela.

Credo!

— Acho que essa vai ser mais uma das minhas histórias sobre ficar preso para contar.

— Por que, que tipo de outras experiências de ficar enclausurado você tem? Devo me preocupar sobre estar trancada com um criminoso em potencial? — brinco.

— Estava pensando mais em situações como ficar preso no elevador e tudo mais. Minha ficha é limpa, fica tranquila.

E então me conta sobre sua sorte (ou azar, para ser mais exata) com elevadores, e que já ficou preso em algum pelo menos quatro vezes.

— A pior foi, com certeza, quando eu tinha uns 12 anos — conta. — Eu morava em um prédio e tinha acabado de dar meu primeiro beijo.

Tento imaginá-lo como um pré-adolescente, mas tudo que me vem à cabeça é sua imagem atual. E associá-la a um beijo faz um arrepio percorrer minha espinha.

— Se me contassem, algumas horas antes, que eu ficaria preso no elevador com a menina por quem

eu estava interessado, eu com certeza teria dado pulos de alegria. O problema é que, depois que consegui finalmente beijá-la, toda minha idealização acabou. A experiência foi horrorosa, tanto para mim quanto para ela. — Ele ri. — A gente simplesmente não tinha química nenhuma. E, também, éramos quase duas crianças, então não sabíamos muito bem o que fazer. Acho que foi mais a empolgação pela ideia do que o fato em si, sabe?

Dou risada, não sei se pelo comentário dele ou se por minhas próprias lembranças. É engraçada essa fase de quando estamos deixando de ser crianças e não sabemos como agir. Alguns ao nosso redor parecem já estar mais avançados e acabamos nos sentindo pressionados a acompanhar, quando não necessariamente estamos no mesmo ponto. Lembro das vezes em que eu ficava com vergonha por querer brincar, mas minhas amigas preferiam falar sobre garotos.

— Decidimos então voltar para nossos apartamentos. E foi quando ficamos presos. Acho que foram os 15 minutos mais longos da minha vida, porque eu simplesmente não sabia o que fazer! Dava para ver que ela estava com receio de

que eu voltasse a tentar beijá-la, já que éramos só nos dois ali e a gente não tinha absolutamente nenhum assunto. Foi muito constrangedor. E vencedora na categoria “história de primeiro beijo” que já ouvi.

— Ah, mas não é mesmo — e começo a contar sobre o meu primeiro beijo e a humilhação de ter sido o castigo de uma aposta perdida.

Talvez o fato de estar escuro me deixe mais à vontade e conto minha história vergonhosa sem me sentir mal com ela. Agora, meus olhos já estão bem mais acostumados ao breu e consigo distinguir os contornos de Cadu. Sua cabeça está apoiada na parede e virada de lado para me encarar, enquanto seus braços estão jogados por cima das pernas dobradas e seus pés, firmemente apoiados no chão.

— Ok, você venceu — assume, quando termino. — Eu sei que adolescentes tendem a ser meio panacas de vez em quando, e falo por experiência própria, acredite, mas esse cara merece o troféu de maior babaca do ano. Como ele pode ter dispensado alguém como você?

Sinto um frio na barriga quando ele diz isso, como se um milhão de borboletas tivessem levantado voo.

— Você definitivamente não conheceu minha versão de 15 anos — brinco, tentando disfarçar como o comentário dele na verdade mexeu comigo.

— Duvido que fosse tão ruim assim.

Ainda não consigo distinguir as expressões de Cadu muito bem, então não sei se seus olhos aparentam o carinho que acredito ter ouvido em sua voz. Por outro lado, agradeço pela falta de luz. Acho que não gostaria que ele visse tudo aquilo que meus olhos certamente estão entregando.

— Só para você ter noção, o Cássio, meu padrasto, costumava brincar que se nossos rodos em casa quebrassem eu poderia faturar uns trocados fazendo o papel deles. — Percebo que Cadu não entende a comparação, então continuo explicando: — Eu era excessivamente magra, e meus pés e braços cresceram mais rápido do que o resto de mim. Se eu resolvesse imitar o Cristo Redentor, poderia facilmente passar por um rodo.

Cadu solta uma risada alta e espontânea, mas logo emenda uma pergunta:

— Mas um comentário assim não te deixava mal? Quer dizer, nessa época, a gente costuma ser bem mais inseguro e ter aqueles problemas de autoestima e tal.

— Seria mentira se eu dissesse que não me importava um pouquinho, até porque era frustrante comprar roupas de manga comprida e todas ficarem curtas no braço. As que serviam nele, ficavam enormes no tronco. — Dei graças a Deus quando essa fase passou. Hoje, me dá uma satisfação enorme colocar roupas de inverno e vê-las tão bem ajustadas em mim. — Mas eu sabia que ele estava brincando, fazia parte da nossa rotina descontraída implicarmos um com o outro.

— Seus pais são separados há muito tempo?

— Nunca foram casados. Na verdade, não conheço meu pai. Ele não me assumiu e terminou com minha mãe logo depois de descobrir que ela estava grávida.

Sinto o clima ficar instantaneamente pesado de constrangimento.

— Eu sinto muito, Nanda. E sinto muito se perguntei algo que te cause algum tipo de desconforto. — E suas palavras são recheadas de sinceridade.

— Não tem problema, estou acostumada.

— Você sente falta dele?

Paro para pensar, antes de respondê-lo.

— Para ser bem sincera... Não. É claro que as

vezes me pergunto sobre ele, sobre o que pode ter acontecido, se ele construiu uma família, se tenho irmãos. Mas acho que não me permito sentir falta. Ele nunca se interessou por mim, então por que sentir falta de alguém para quem não faço diferença? Minha mãe e meus avós sempre me deram tudo de que precisei e foi mais do que suficiente. Eles não me deixaram sentir que algo faltava, entende?

Cadu parece ponderar minha resposta.

— Fico feliz que você seja bem resolvida nesse aspecto. Confesso que não consigo me colocar na sua situação, não sei se encararia do mesmo jeito se estivesse em seu lugar. Acho que seria bem capaz de eu ter algum tipo de trauma ou sei lá.

— Bom, ninguém garante que eu não tenha. Eu talvez só não tenha descoberto ainda. — E dou risada para descontrair.

Não sei há quanto tempo estamos aqui, mas, em algum momento, parei de me preocupar com nossa situação e simplesmente passei a aproveitar a companhia dele. Estamos tão à vontade um com o outro, como raras vezes me senti com alguém que conheço há tão pouco tempo. Cerca de dez dias, para ser mais exata.

E talvez seja essa percepção, aliada ao escuro, que me faz começar a falar antes que eu mesma me dê conta do que estou fazendo.

— Terminei um relacionamento de dois anos há pouco mais de um mês e fiquei completamente arrasada. — Percebo que Cadu fica surpreso com minha confissão repentina, mas que permanece atento. — Comprei um livro de astrologia algumas semanas depois e, segundo ele, a pessoa ideal para mim nasceu em um dia nove de novembro. — Prefiro deixar de lado todo meu drama com os leoninos de modo geral para encurtar um pouco a história.

Não explico como consegui os nomes, afinal, eu poderia comprometer a Lu e o cartório do meu tio, mas falo que montei a lista que ele encontrou apenas com pessoas nascidas nesse dia.

— Então você tem procurado esses caras para tentar encontrar o amor da sua vida? — Percebo seu tom de curiosidade e nada além disso. Nenhum resquício de desdém ou julgamento.

— Falando assim, parece mais importante do que é, mas… Uhm, é — respondo constrangida.

Para minha completa surpresa, ao invés de gargalhar e fazer algum tipo de piada comigo, ele

simplesmente sorri e balança a cabeça, dizendo:

— Você é mesmo única, Nanda.

E pronto.

Não me chama de doida e não questiona absolutamente nada.

Ele simplesmente aceita.

— E você já encontrou algum?

O que me faz narrar minha saga com o Roqueiro Apático.

Assim que termino, Cadu ri alto por vários minutos, e percebo que ele está jogando a cabeça para trás, como costuma fazer.

Sua risada é tão contagiante que começo a rir também.

— Olha — diz assim que consegue parar de rir —, mas você tem que concordar que poderia ter sido pior.

— Claro, como se ter ido até lá achando que eu encontraria meu príncipe encantado e, ao invés disso, ter tomado um banho de vodca e a maior esnobada da história não fosse ruim o suficiente. Quem, pelo amor de Deus, não é capaz de dizer ao menos "oi" para alguém, especialmente uma possível fã? — falo com toda a indignação que senti na hora. — Juntando a situação

constrangedora com toda minha expectativa ridícula anterior, acho que essa com certeza foi uma das vezes que mais me senti idiota na vida.

— Pensa assim, Nandinha: todo mundo já fez papel de trouxa pelo menos uma vez. Encare como uma história a se contar. Eu tenho as minhas de elevador, você pode ter as suas com roqueiros.

— Eu realmente espero que não!

Continuamos conversando até que a luz volta de repente. Instintivamente, nós dois levamos nossas mãos aos olhos para protegê-los, ainda sensíveis com a luminosidade repentina.

Gi chega, pelo lado de fora, mais rápido do que nós à porta e a ouço digitar o código de destravamento. Em instantes, estamos novamente livres.

Nem havia notado o quanto tinha começado a ficar abafado dentro do estoque. A diferença de temperatura, assim que saímos, é completamente perceptível. Não que esteja muito frio, mas está definitivamente mais fresco aqui fora.

Ainda que nem eu ou o Cadu tenhamos terminado as tarefas que estávamos fazendo, nenhum de nós está com vontade de voltar para o estoque para acabá-las, depois de ter passado tanto tempo lá.

Concordamos que isso pode esperar até amanhã.

Voltamos ao escritório em busca de algum outro serviço, mas essa queda de energia cortou completamente nossa disposição, então começamos a descaradamente enrolar, fingindo trabalhar enquanto, na verdade, só continuamos a conversar. Pelo menos, falta pouco até dar nosso horário de saída.

Minutos antes das quatro da tarde, já estamos com nossas coisas arrumadas e prontos para ir embora.

Para minha surpresa, recebo uma ligação. Cássio.

Na hora fico em estado de alerta e Cadu percebe minha súbita mudança de humor. Normalmente só minha mãe me liga e quando já estou em casa. O que pode ter acontecido? Mamãe? A Bel?

— Oi, Nanda! Espero não estar te atrapalhando.

— Não, Cássio, pode falar. Tá tudo bem?

— Tá sim, fica tranquila — ele responde ao perceber o pânico na minha voz. Relaxo no mesmo instante. — Só queria saber se você, por acaso, deu meu telefone para alguém.

— Seu telefone? Não, não passei o número para ninguém não. Por quê? — pergunto confusa.

— É que estou há vários dias recebendo mensagens de um número desconhecido — explica

— procurando pela “gatinha”, dizendo ser o “da balada”, quem a “gatinha”, aparentemente, não quis beijar e o deixou “sonhando com isso”. Entre outras coisas.

Tento segurar a risada, imaginando a situação. Mas me controlo. O Cássio não parece estar achando muita graça.

— No começo achei que fosse um engano e que o “da balada” perceberia ter enviado para o número errado. Mas as mensagens não pararam de chegar, cada vez mais insistentes, até eu responder pedindo para que ele parasse, que ele estava com o número errado. Ele disse que não acreditava, e que era para eu mandar nudes, seja lá o que for isso.

Fico pasma com essa parte da conversa e com a audácia do garoto, mas sem entender como isso pode ter acontecido. Eu jamais passaria o meu número para quem não conheço, quanto mais o do Cássio! Fiquei tão orgulhosa de mim na balada da outra semana por ter me livrado do garoto que insistiu em querer meu número…

E é então que descubro o mistério. Lembro de ter ficado satisfeita comigo mesma justamente por ter sido capaz de inventar um número tão rápido, fazendo com que o infeliz largasse do meu pé pelo

resto da noite.

Talvez, só talvez, exista uma mínima chance de eu não ter inventado e ter dito o telefone do Cássio sem perceber que era o dele.

Em minha defesa, não tenho culpa se meu inconsciente gravou o número para casos de emergência e que a gente não se ligue com frequência, a ponto de eu não ter reconhecido de imediato o que estava ditando. Se a gente se ligasse mais, isso não teria acontecido.

Começo a explicar tudo isso para ele, pedindo desculpas pelo ocorrido, mas ressaltando como a culpa era da nossa pouca comunicação.

— Acho, inclusive — continuo — que a gente deva se telefonar mais vezes. Vai ser ótimo para nosso convívio familiar!

— O que será ótimo para nosso convívio familiar vai ser você parar de dar meu telefone quando não quiser dar o seu — fala irritado e me encolho pela mancada que dei. — Acho bom o da balada parar de encher meu saco antes que *eu* dê o seu número de verdade para o rapaz!

Peço desculpas mais uma vez, antes de desligar e sinto que será bom eu começar a rezar para o Cássio resolver logo a questão. Não estou a fim de

eu mesma receber mensagens desse pentelho.

É claro que, depois disso, terei que caprichar sendo a enteada do ano. De qualquer forma, ele não costuma ser bravo, então tenho certeza de que logo vai ter esquecido tudo. Ou assim espero.

— Você realmente deu o telefone do seu padrasto para um cara na balada? — Cadu pergunta segurando o riso. Ele já deve ter entendido a história, com o pouco que ouviu.

— Eu não sabia o que estava fazendo. Sou inocente!

Ele gargalha, mais até do que já tinha rido no estoque, e, novamente, sou contagiada pelo som da sua risada.

— Para de rir de mim — peço, já rindo também.

Em vão.

Já passa das quatro, mas nenhum de nós parece ter percebido. Ou se importado.

Simplesmente rimos.

Família Cardoso-Santos

Cássio, Mãe, Você

HOJE

Mãe

Foto

08:12

Mãe

Foto

08:12

Eca, mãe. Presumo que o dente da Bel tenha caído. Que legal e tudo mais, mas não precisava mandar foto dele com sangue... Meu pão de queijo ficou superapetitoso agora ¬¬

08:37

Mãe

Não fui eu, sua irmã pegou meu telefone de novo

08:39

Mãe

E já não te falei pra não ficar comendo essas comidas de Metrô, Nanda?

08:40

Relaxa, mãe, tô criando imunidade ;)

08:41

Mãe

Espero que você não comece a criar bactérias, isso sim. Espera só você virar

rainha por um dia, sem conseguir sair do trono, aí você não come mais.

08:42

Cássio

Obrigada, amor, pela imagem de um dente com sangue e de uma diarreia da Nanda pra ficar na minha mente. Tudo que eu precisava pra começar bem o dia!

08:39

CAPÍTULO 15

Atenção, chamando Nanda de volta para a Terra. Afinal, nos últimos dias, não sei que planeta venho habitando. Aliás, sei sim, um nomeado Cadulândia ou qualquer coisa parecida com isso.

Se não me policio, a única coisa em que consigo pensar é no Cadu e em sua forma de rir. Ou em sua maneira de me olhar, as vezes tão profundamente que sinto estar sendo observada por dentro. Não meus órgãos — isso seria nojento — mas *eu*, a parte mais sincera e verdadeira de mim, onde moram meus pensamentos e sentimentos. Não consigo evitar de sorrir ao pensar em seu jeito ao mesmo tempo sério e descontraído, na expressão sisuda que seus olhos cinzentos as vezes adquirem quando ele se concentra, e que logo se desfaz quando ri como um menino.

Quando descobri que perdi meu emprego para o Cadu, só o que consegui sentir foi angústia e

desespero, além de uma decepção gigantesca por ter dado como garantido o meu cargo. Mas ir para o trabalho estranhamente se tornou ainda mais gratificante, porque a companhia do Cadu tem sido incrível. Além de formarmos uma ótima dupla em nossas funções, trabalhar nunca foi tão agradável e divertido como tem sido, mesmo com todos os meus ótimos momentos com a Gi. De repente, parei de me importar em sair do Rabanada, e minha maior preocupação passou a ser o Cadu. Em como ele tem me feito sentir desde que nos conhecemos.

O que é completamente insano, até mesmo para mim.

E é por isso que decidi ir hoje, sexta-feira, para Mogi e estou enfrentando essa lotação horrorosa dos trens para chegar em casa. Eu poderia ter ido amanhã de manhã, sem estresse e empurra-empurra, mas preferi vir no final da tarde, em pleno horário de pico, porque fiquei com medo do que poderia acontecer se eu permanecesse em São Paulo. Acho que seria capaz de eu acabar ligando para o Cadu e o chamando para sair, depois eu teria que me esconder do universo pela vergonha que eu sentiria se ele recusasse.

Outro motivo que me fez evitar tudo isso é

porque, no fundo, tenho dúvidas se ele recusaria e a parte de mim que acredita que ele aceitaria se sente muito, muito feliz com a ideia, então quero mantê-la comigo mais um pouquinho, porque pensar nela... Simplesmente me faz bem. E me sentir bem tem sido tudo de que mais preciso.

Sendo assim, aqui estou eu, em pé, prensada entre sei lá quantos cidadãos e a barra de apoio, ao lado dos acentos. Quero rir de mim por ter sido tão inocente a ponto de achar que eu conseguiria ler um pouco durante a viagem. Está sendo uma vitória conseguir respirar, então seria ambição demais tentar tirar o livro da minha mochila, que estou carregando na frente do corpo para protegê-la e para me proteger de ser esmagada pela barra. Minha mala continua intocada entre minhas pernas e já desisti de fazer qualquer tipo de movimento. Uma vez, numa situação semelhante a essa, cometi a besteira de levantar o pé, porque queria coçar meu joelho. Resultado: fui parte do caminho com uma perna para cima simplesmente porque não tinha como eu abaixá-la, de tão lotado o vagão.

Pelo menos entrei no trem com meus fones de ouvido e o celular bem protegido no bolso externo da mochila. O único problema é que, dessa vez, não

vou poder mudar de música, se começar alguma que eu não quiser tanto assim ouvir.

Vejo um rapaz passar vendendo água e não posso evitar ficar intrigada sobre como é que eu sou incapaz de me mexer nos trens em horário de pico e os ambulantes conseguem continuar com suas vendas.

Tentando me distrair da lata de sardinha em que me encontro e de possíveis pensamentos sobre o Cadu, começo a focar no meu Projeto Escorpião. Afinal, amanhã é dia de encontrar o Flávio. Descobri que ele trabalha em um sebo no centro de Mogi, então vou aproveitar a manhã para dar uma passadinha casual por lá. O bom é que adoro sebos, então isso vai ser tipo aquelas promoções de pague um, leve dois!

Basta pensar no projeto para lembrar que agora o Cadu conhece meus planos.

Estranhamente, não me sinto desconfortável.

Apesar de ter mesmo me sentido envergonhada pela situação na hora em que ele descobriu, logo fui ficando cada vez mais à vontade. Algo que percebi é que o Cadu tem uma estranha capacidade de aceitar minhas esquisitices, de forma a me fazer começar a aceitá-las um pouco mais também.

Tenho me sentido mais confortável sendo quem sou nos últimos dias.

A ajuda dele com meu TCC foi também bastante útil, mesmo que eu ainda não saiba qual foco dar no trabalho, além de uma ótima demonstração de gentileza. No resumo, acrescentou mais um item à lista de pontos positivos que ele vem somando.

Não que eu esteja contando.

Opa! Percebo o clima se alterar ao meu redor, então sei que chegou a hora de fazer a baldeação e pegar o trem que segue até Mogi. Noto todas as atenções concentradas na porta, aguardando pelo momento em que ela se abrirá e permitirá que comecem os jogos. Nesse momento, é sempre bom que “a sorte esteja sempre a seu favor”, ou o risco de você ser pisoteado é alto. Nem me iludo mais em pensar que há uma chance remota de eu conseguir me sentar, então decido que sairei com calma e classe desse trem.

E é óbvio que faço exatamente o oposto e saio correndo junto com a massa desesperada para entrar no vagão mais próximo. Em minha defesa, só faço isso porque, caso contrário eu seria levada pela multidão e correndo tenho mais chances de permanecer ilesa. Ao menos fisicamente, porque

essa rotina de trem lotado em horário de pico fere a dignidade de qualquer um que dela precise.

Só mais cerca de nove músicas e finalmente estarei em casa!

Ou pelo menos na estação, onde minha mãe vai me buscar. Mas de lá até em casa são duas músicas no máximo, então não conta.

***

Minha ideia de visitar o sebo onde o Flávio trabalha foi completamente para o brejo depois de minha mãe me lembrar que hoje, sábado, é feriado em Mogi, o que não foi de todo ruim, já que posso ficar na cama até mais tarde.

Ontem de noite, depois de colocar a Bel para dormir, mamãe resolveu fazer brigadeiro de panela para nós, para colocarmos o papo em dia.

Ela quis saber como tenho estado por causa do término com o Vinícius e do episódio da tequila. Falei que tenho tentado seguir em frente, sem mencionar o PE. Não digo que é comum ainda ter crises de choro, tanto porque não quero preocupa-la quanto porque, para ser sincera, elas até que têm

diminuído.

Ao comentarmos do trabalho, contei tudo o que aconteceu nas últimas semanas: a confusão da Gi; a chegada do Cadu; a minha não-efetivação. Assim como a Dani, minha mãe me apoiou, dizendo que foi bom eu ter descoberto agora, dessa maneira tenho tempo de procurar um novo emprego. E, obviamente, seu faro rastreou algo no ar e ela não demorou a querer saber mais sobre o Cadu.

— Ah, ele é bem legal — respondi, com toda minha sutileza.

— Só legal? — perguntou com um olhar desconfiado e uma risadinha de quem sabe das coisas, indicando que eu, muito provavelmente, fui tão sutil quanto um elefante.

— Tá, e bem bonito também. — Não conseguiria esconder mesmo, caso ela me perguntasse diretamente.

Ela riu.

— Que bom que você já está conseguindo reparar em outras pessoas, minha filha — começou —, mas não se esqueça de ir com calma nos sentimentos. Sei que você costuma se empolgar rápido. Dói em mim ver minha menina sofrendo, então cuida do seu coração, tá?

Dei um abraço apertado nela, e disse que vou me cuidar sim. O que menos quero no momento são novas mágoas, então sei que ela tem razão sobre eu ir com calma.

A Dani disse a mesma coisa, quando percebeu que eu estava começando a ter uma quedinha pelo Cadu. Ela chegou em casa enquanto eu conversava com ele no Facebook, então me pegou sonhando acordada e quis saber na hora o que estava acontecendo.

Expliquei como estava confusa, que o Cadu estava mexendo comigo de uma maneira estranhamente rápida demais e que eu não estava dizendo estar apaixonada ou coisa assim, mas que ele estava causando um certo rebuliço, algo que nem eu sabia muito bem explicar.

Foi quando ela disse quase as palavras exatas da minha mãe, alertando-me sobre essa minha empolgação, embora tenha ficado satisfeita também por eu já ter conseguido reparar em alguém depois do que aconteceu no último mês.

Para mudar de assunto, Dani começou a contar de sua nova aula de Pilates, de onde tinha acabado de chegar. Não sei onde ela arranja energia para isso tudo, mas ela está sempre envolvida com alguma

atividade paralela ao estágio e à faculdade. Falta apenas um semestre para ela se formar, como eu, contudo em Design Gráfico. A Dani é daquele tipo de pessoa incrível em tudo o que faz, então sua efetivação na empresa em que trabalha já está mais do que garantida. Ela estagia numa agência de publicidade, e começou com a função clichê de servir cafés em reuniões e outras tarefas sem importância. Já cansada do pouco valor que recebia lá dentro, acabou explodindo durante uma reunião em que estava presente e deu soluções incríveis para todos os problemas da campanha em debate. Desde então, passaram a dar tarefas realmente ligadas à carreira dela e ela passou a ser uma das estrelas em ascensão da agência. E ela simplesmente adora, mesmo quando está atolada de coisas para fazer.

Após tentar me convencer sobre os benefícios do Pilates a fim de que eu frequente as aulas com ela, gentilmente perguntei sobre o Thiago e sobre como anda a situação entre eles.

— Basicamente do mesmo jeito — ela respondeu, parecendo um pouco mais segura do que da última vez que tínhamos conversado. — Tenho tentado não pensar muito no futuro e focar no agora.

Quando chegar a hora certa — e vou saber qual vai ser — ela enfatiza essa última parte — tenho A conversa com ele para esclarecer nossa situação. E se ele não quiser que um “a gente” exista, então trato de continuar cuidando de mim, como tenho feito até então.

Eu com certeza ainda tenho muito o que aprender com a Dani no quesito cuidar do meu próprio coração.

Dani
online

HOJE

E aí, achou o japa?
13:16

Nope. Hoje é feriado aqui, dia da padroeira da cidade, e o sebo provavelmente não ia abrir =/
13:17

Poatz.
13:17

Vai tentar outro dia?
13:17

Vai ter que ser, né?
13:18

Não sei, vai que você desiste da ideia...
13:18

Boa tentativa, mas não rs
13:19

De verdade, não vou tentar te convencer de nada. Falei que ia te apoiar
13:19

Eu sei, e você tá apoiando ♥
13:20

Enfim, cinema amanhã? Faz tempo que a gente não vai :D

13:20

TOPO! Vou ver de voltar depois do almoço, então, aí a gente consegue ir mais cedo \o/

13:21

*Blz =**

13:21

*=**

13:21

PERIGOSAS NACIONAIS

CAPÍTULO 16

Volto a me dedicar ao Projeto Escorpião durante a tarde, depois de tentar, sem sucesso, descobrir a nova abordagem do meu TCC e de convencer a Bel de que eu não quero brincar de escolinha. Ela demorou a aceitar, mas então logo se distraiu com um desenho que estava passando na TV.

Após horas e horas de pesquisa, não sei se me sinto feliz com os novos resultados ou se desanimo por completo. Acabei encontrando o perfil de todos que faltavam, porém por enquanto só sei como encontrar dois deles: o Flávio, que eu já sabia como antes mesmo de voltar para Mogi; e João Pedro, o candidato mais promissor, pelo que pude perceber. Descobri que ele também mora em São Paulo e corre no Parque Ibirapuera às quartas, então é lá que vou encontrá-lo. E é claro que ele foi considerado o mais promissor por ter hábitos

PERIGOSAS ACHERON

bastante saudáveis e interesses semelhantes aos meus (ele também gosta de O Teatro Mágico), não por ser disparadamente o cara mais bonito da lista.

A parte ruim é que risquei outros três nomes dela: o Caio e o Gustavo já estão namorando, e o Giovanni, que é um verdadeiro babaca. Em menos de cinco minutos na sua linha do tempo, encontrei uma publicação machista — ele divulgou a notícia de uma menina que foi assediada e questionou o porquê dela ter usado um shorts tão curto no transporte público. Mas era só a opinião dele! —, um meme machista *e* racista — não lembro mais direito, mas era uma foto que comparava uma loira e uma negra de cabelo *black power* falando que a primeira "mulher de verdade" ou algo do gênero — além de outras coisas absurdas que fizeram meu estômago revirar de raiva.

O fato de ter encontrado alguém morando fora de Mogi — JP, como resolvi chamá-lo para facilitar — me deu a ideia de retirar esse filtro das buscas, então procurei mais uma vez os perfis que ainda não tinha encontrado. Só deu certo com o Leandro, que descobri estar morando no Rio de Janeiro e o eliminei de vez. Não estou a fim de encarar um relacionamento à distância, nem sou tão doida

assim para ir procurá-lo em outro estado.

Só realmente não faço ideia ainda de como encontrar o Rodrigo, que não atualiza nada do seu perfil, ou o Isaías, que até atualiza, entretanto nada que seja útil para eu conseguir encontrá-lo.

Sendo assim, esse é o estado atual da minha lista:

~~1. Marcos Pereira da Silva não encontrado (procurar de novo?)~~ desisto

~~2. Leandro Santana Valente não encontrado (procurar de novo?)~~ mora no RJ

~~3. Diego Castro Araújo não encontrado (procurar de novo?)~~ desisto

~~4. André Machado Rodrigues~~ Roqueiro Apático (não mesmo!!)

5. Rodrigo Figueiredo Teixeira ??????

~~6. Caio Bueno de Faria Souza~~ NAMORANDO (nem pensar!)

7. João Pedro de Alencar Costa – Ibirapuera, quarta!

~~8. Gustavo Gomes Silva~~ NAMORANDO (nem pensar!)

9. Flávio Takio Hito – ir ao sebo no centro!

~~10. Giovanni Loureiro Pezani~~ MACHISTA OPRESSOR!!!

11. Isaías José Ferreira Fernandes ??????

Considero ter trabalhado o suficiente por hoje e dou por encerradas minhas buscas. E também porque a Bel veio me avisar que o jantar está pronto.

***

Retorno ao sossego do meu quarto depois de jantar, querendo simplesmente deitar na minha cama e assistir a alguma coisa na Netflix.

Assim que acesso minha conta para escolher o que vou assistir, noto a luz de notificação do meu celular piscando. Sinto um frio na barriga quando acendo a tela e descubro se tratar de uma mensagem do Cadu.

Responda rápido: camisa branca ou preta?

Na verdade nem sei como isso começou, mas acabamos desenvolvendo essa brincadeira entre nós, de pedir para o outro escolher uma entre duas opções, sejam elas quais forem. Além de divertido, porque algumas vezes são alternativas bastante bizarras, isso tem permitido que a gente se conheça um pouco melhor.

Hoje, porém, Cadu pegou pesado comigo: me enviou duas fotos suas, cada uma com uma camisa diferente, querendo que eu opine sobre qual fica mais bonita nele.

As duas?

Nenhuma?
Só estou pensando alto.
Não consigo evitar, também, sentir uma pontinha de ciúmes, já que, talvez, ele esteja se preparando para um possível encontro.

> *Desculpa pela demora, estava jantando. Ainda quer minha opinião?*
> *A branca, de qualquer forma. Mas as duas ficaram boas.*

> *Elas costumam ficar mesmo ;)*

> *Exibido. Quem é a vítima da noite?*

> *Só estou sendo realista.*
> *Nenhuma. Aniversário da minha avó, amanhã. E você, qual a boa da noite? Alguma distribuição de número de telefone planejada?*

Descobri que esse lado meio egocêntrico do Cadu é ainda mais aflorado do que eu supus. Ele é ótimo em se achar, e por mais que ele tenha reais motivos para isso, de vez em quando ele consegue ser bem irritante. Acho que o que falta na minha autoestima as vezes sobra na dele.

PERIGOSAS NACIONAIS

Me sinto mais relaxada ao perceber que ele não está se preparando para um encontro. Não que eu devesse me importar, já que estou trabalhando no "cuidar do meu coração" e no Projeto Escorpião.

"Netflix", digito, sem maiores explicações e ignorando deliberadamente sua piadinha sobre o telefone.

Sem baladas hoje, então? E como é que você vai garantir o suprimento de mensagens da semana pro seu Cássio? Já viu A Origem? FILMAÇO!

Já vi! E acho que quero algo menos complexo... Vou acabar ficando (de novo) com Brilho Eterno de Uma Mente sem Lembranças.

Você vai continuar ignorando minhas piadas, né? E qual sua definição de "complexo"? Precisei ver esse filme umas duas ou três vezes para ter certeza de que entendi direito.

Vou ;) E sou apaixonada por ele, é meu filme favorito da vida, sem dúvida alguma!

PERIGOSAS ACHERON

É muito bom mesmo. Mas meio deprimente também…

É lindo ♥ Esquecer por completo alguém só para se apaixonar de novo pela mesma pessoa? É incrível!

E deprimente, repito.

Pergunta: viver uma grande paixão e sofrer com as lembranças, mesmo tendo as boas guardadas, ou esquecer absolutamente tudo, como se nunca tivesse vivido?

Ele demora um tempo para me responder. Vejo aparecer que ele está digitando, mas a mensagem desaparece repetidas vezes, como se ele estivesse parando para pensar no que está escrevendo ou apagando o que já escreveu.

Foi profunda agora, hein?
Acho que escolheria me lembrar. Esquecer experiências, por mais dolorosas que fossem, me fariam esquecer quem me tornei.

Concordo. Ainda mais se as boas lembranças

compensam as más...

Tá. Eu disse que esse filme é deprimente. Pera aí que vou ali cortar os pulsos e já volto!

Sem graça!

Rsrs… Mas sério, esse astral não combina com uma noite de sábado.

E o que combina, então?

Muitas coisas… divertidas principalmente.

Sério, esse cara não ajuda em nada essa história de "ir com calma" e agradeço aos céus por não ser possível transmitir por mensagens o ritmo alucinado que meu coração resolveu assumir.

Tudo depende do seu conceito de diversão.

Ah, tenho o meu muito bem definido. Mas te garanto que "filme deprimente" não se enquadra muito bem nele.

Resolvo não perguntar qual seria ele, para o bem

da minha própria sanidade.

Nem com um cobertor para esse frio? E um monte de guloseimas?

Bom, assim e com uma boa companhia a coisa muda de figura. O que acha de tentar me provar que essa deprê pode se tornar divertida, afinal?

Meu coração para por um segundo. Ele está mesmo me chamando para sair?

Ai, meu Deus. O que eu respondo? Melhor ser recatada? Descontraída? Faço alguma piada?

Que tipo de proposta é essa, Sr. Montinelli?

Uma na qual eu convido uma amiga para ver um filme deprimente comigo.

Admito que não sei se me sinto aliviada ou decepcionada com essa resposta. Resolvo seguir pelo caminho mais seguro, tentando ser um pouco mais racional ao menos uma vez na minha vida.

Rsrs tá, então depois a gente marca essa

sessão pipoca!

Fechado ;)
Vou te deixar voltar para sua depressão.
Melhor eu ligar mais tarde para saber se você continua viva, sã e bem?

Não precisa, pode ficar tranquilo. Com o estoque de chocolate que fiz aqui, minha serotonina tá garantida!

Ih, papo de Gi?

Hahaha… Sim, papo de Gi!

Boa noite, Nanda!

Boa noite, Cadu!

PERIGOSAS NACIONAIS

Dani
online

HOJE

Acho que o Cadu me chamou pra sair...
21:27

QUE? CONTA TUDO!
(Tava no banho, sorry)
21:38

Então... A gente tava conversando, falando de filmes e... Ah, pera que eu te mando print
21:38

Tá
21:39

Foto
21:40

Foto
21:40

Foto
21:40

Foto
21:41

Você acha que ele te chamou pra sair??
21:43

Ai, que foi? Viajei??
21:43

Miga, eu não acho que ele fez isso...
eu tenho CERTEZA

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

21:44

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

CAPÍTULO 17

Não foi fácil convencer minha mãe de que eu precisava voltar para São Paulo logo depois do almoço. Ela não gostou muito, porque reclama que passo pouco tempo em Mogi. No fim, acabou compreendendo, então estou agora sentada no trem, aguardando sua partida da estação.

Assim que ele apita para anunciar a saída, um rapaz, provavelmente mais velho do que eu, entra correndo, satisfeito consigo mesmo por ter sido bem-sucedido ao desobedecer o aviso de “não embarcar após o sinal de fechamento das portas”.

Ele se senta na minha diagonal direita e não consigo evitar a sensação de que o conheço de algum lugar. Teria eu estudado com ele durante a infância?

Não, tenho quase certeza se tratar de algum evento mais recente só não faço ideia de qual.

PERIGOSAS ACHERON

Aproveito que estou de óculos escuros e posiciono meu rosto de forma a não parecer que estou o encarando, enquanto desvio os olhos e o analiso descaradamente.

Seus cabelos são compridos, aparentemente na altura dos ombros — não consigo definir, porque eles estão presos em um rabo baixo. Ele parece fazer um estilo meio *hipster*, que não se incomoda muito com a opinião alheia sobre si e se encontra em um estado de maravilhamento com algo — não identificado por mim — em suas mãos.

Aonde foi que eu já vi esse ser, meu Deus?

Só quando já chegamos na estação seguinte é que me dou conta de quem ele pode ser e de onde eu o conheço.

Não, não. Seria muita coincidência.

Será?

Pego meu celular na hora e aguardo alguns minutos meu 3G se conectar, enquanto ele continua a olhar admirado para o *sei lá o quê*.

Assim que consigo o sinal, abro o Facebook e digito o nome de Isaías, um dos rapazes da lista que eu não sabia como encontrar pessoalmente, na barra de busca.

Bingo!

Mal posso acreditar na minha própria sorte! Quais as chances de eu dar de cara com uma pessoa que só conheci no Facebook e que só descobri existir há pouquíssimo tempo, por causa de uma lista que criei?

Agora só preciso pensar em uma maneira de iniciar um assunto com ele. Se eu simplesmente sair de onde estou e me aproximar puxando papo, existe uma boa possibilidade de ele achar que quero assaltá-lo ou sei lá. Esse mundo anda tão maluco que não dá para saber a intenção das pessoas, principalmente daquelas que ficam te encarando e resolvem começar a conversar depois.

Não que ele tenha percebido minhas olhadas. Acho que não, pelo menos.

Minha sorte decide se mostrar mais uma vez, e noto Isaías pegar seu celular e posicioná-lo de forma a indicar que vai tirar uma foto daquilo que o estava encantando. Ninguém tira fotos assim, nos dias atuais, se não for para postar em uma rede social ou enviar para alguém. Torço para que ele esteja pensando na primeira opção, e me preparo para atualizar seu perfil a fim de descobrir se meu desejo será atendido.

Pelo que posso notar por sua expressão

concentrada e pelo movimento de suas mãos, ele está digitando. Espero que não seja um textão, minha curiosidade não vai aguentar por muito tempo.

Quando ele para, deslizo a tela do meu próprio celular, atualizando, assim, o perfil de Isaías.

E lá está a foto recém tirada!

Você sabe que um dia é bom quando finalmente consegue um dos decks mais desejados da vida! #Magic

Leio a legenda e continuo sem saber do que se trata. Ou por que isso seria mágico. Mas não entendo as *hashtags* de boa parte das pessoas mesmo.

A foto indica um amontoado de cartas, como se fossem de baralho, mas com imagens grandes de paisagens e criaturas mágicas, posicionadas acima de um bloco de texto.

Espero alguém comentar para ver se terei alguma pista, porém tudo o que consigo são amigos dele dizerem coisas como “Aí sim, agora vai parar de Floodar” ou “Esse é mono”, e outros comentários tão estranhos quanto esses.

Decido me render ao Google, e tento pesquisar algumas das palavras desconhecidas por mim. Após algumas tentativas, tudo fica mais claro — inclusive a *hashtag*.

Essas cartas são de um jogo de estratégia que, segundo o Wikipédia, consiste em cartas colecionáveis a partir das quais os jogadores formam seus baralhos (ou *decks*) com a finalidade de vencer os dos adversários.

Sinto como se o mundo tivesse ficado mais compreensível e me sinto o máximo por conseguir entender os comentários, depois de pesquisar as gírias do jogo: o primeiro amigo quis dizer que o Isaías agora vai parar de comprar territórios e o segundo perguntou se o *deck* é de uma só cor. Tudo bem, entender é uma palavra muito forte. Digamos que eu traduzi as expressões para o meu linguajar, mas não faço ideia do que nada disso significa no contexto do jogo.

O importante é que agora posso, ao menos, tentar puxar assunto!

Guardo meu celular, e me preparo para ir até ele, tentando montar uma conversa na minha cabeça.

Por sorte, o trem está bastante vazio, então o lugar ao lado dele continua vago.

— Com licença, posso me sentar aqui? — pergunto com o melhor sorriso que Papai do Céu me deu.

— Uhm, claro — responde confuso, já que ninguém costuma pedir isso nos trens.

— Estava reparando, isso que você tem aí é um *deck*? — indago segura, como se essa fosse uma palavra recorrente em meu vocabulário.

Ele me olha surpreso, antes de responder:

— É sim! Você joga Magic? — E começa a demonstrar uma ligeira empolgação.

— Ahn, ainda estou aprendendo — enrolo —, mas acho que você tirou a sorte grande hoje, hein? — Aponto para as cartas.

— Nem me fale! Ainda não acredito que consegui. Olha! — E começa a mostrá-las a mim, usando terminologias que, definitivamente, não faço a menor ideia do que significam.

Continuo sorrindo e assentindo, soltando eventuais “Nossa!” e “Uau!” em momentos decisivos para ele acreditar que estou entendendo a conversa.

Isaías tem um jeito tão intenso de falar do jogo que começo a achar bonitinha essa sua vibração. É sempre bom ter paixão por algum aspecto da nossa

vida, e esse claramente é a dele.

Já começo a imaginar nosso futuro juntos, para ver se ele me agrada, e começo a gostar da ideia. Penso nele me ensinando a jogar, em nós dois rindo em plena madrugada após derrotarmos uma dupla inimiga. Nem sei se é possível jogar em duplas, mas tenho certeza de que formaríamos uma parceria imbatível!

Tudo bem que não consigo me imaginar tendo nenhum tipo de contato muito físico com ele — ele até que é bonitinho, entretanto não sinto nenhuma fagulha de atração —, mas isso pode mudar com o tempo, certo?

— Você foi mesmo sortudo, hein? — falo, quando percebo que ele já terminou de me mostrar o as cartas.

— Com certeza! Precisei vender meu carro para conseguir essa belezinha, mas valeu a pena.

Como é que é?

— Você vendeu seu carro? Pelas cartas?

— E venderia de novo — assume orgulhoso. — Tem cartas realmente raras aqui!

Primeiro lugar: quem, pelo amor de Deus, troca um carro por cartas de um jogo *nerd*? Ok, não sou ninguém para julgar as prioridades alheias, mas de

repente consigo imaginar um futuro diferente para nós.

Vejo nós dois, sentados à mesa, jantando juntos após um longo dia de trabalho. Nosso filho no cadeirão, na ponta, próximo de nós dois para receber a papinha tanto da mãe quanto do pai. Qual é, eu totalmente acredito na divisão de tarefas.

— Comprou o leite para o Miguelzinho, querido? — pergunto, lembrando que abri a última caixa mais cedo.

— Não, amor, mas encontrei algo muito melhor — ele faz uma pausa, antes de continuar, os olhos brilhando de empolgação —, um videogame de última geração! Pense em quantas horas de alegria teremos! O Miguel consegue esperar até o mês que vem, não consegue *meninão fortão do papai* — essa última parte dita com uma voz normalmente utilizada pelas pessoas ao se dirigirem a crianças e/ou animais de estimação fofinhos.

Não, muito obrigada. Nem ao menos sei se quero que meu filho se chame Miguel.

Segundo: esse cara é idiota ou o quê? Como assim ele sai ostentando em pleno trem um bolo de cartas que custa o preço de um CARRO? E conta isso para uma completa desconhecida que puxa

assunto com ele?

Sorrio para ele, como se concordasse com sua troca formidável, e digo que preciso descer na próxima estação.

— Foi um prazer ter te conhecido — declaro ao me despedir, já me encaminhando para a porta.

— Espera, eu não sei seu nome — ele pergunta meio decepcionado.

Porém desembarco, como se não tivesse ouvido.

Assim que o trem parte às minhas costas, retorno à plataforma de embarque, enviando uma mensagem para a Dani.

> *Vou demorar uns 15 minutos a mais para chegar, depois te explico. Mas me espera em casa, preciso deixar minha mala!!*

***

Logo que saímos do cinema, ligo meu celular para conferir se há notificações no *check-in*, que publiquei assim que chegamos.

Percebo que meu estômago está roncando de fome e sou tomada por uma vontade gigantesca de

comida japonesa. Dani é que não parece muito feliz com a ideia. Segundo ela, o dinheiro está curto e ela tem que acordar cedo por causa de um projeto no estágio que a está deixando doida. Tento convencê-la, mas, quando ela toma uma decisão, não há milagre no mundo que a faça mudar de ideia.

Desanimada, acabo concordando em ir para casa e começamos a nos encaminhar para a saída mais próxima do metrô.

— Nanda? — Escuto, de repente, uma voz me chamar.

Hoje só pode ser o dia dos encontros improváveis. De tantos shoppings em São Paulo, qual a chance do Cadu estar justo nesse, no mesmo horário que eu?

— Oi, Cadu! — respondo meio aérea, surpresa pela coincidência.

— Ah, *você* é o Cadu? — Dani já se adianta, olhando descaradamente para ele, com o maior sorriso do mundo.

Eu vou matá-la. Maldita hora em que fui abrir a boca sobre ele.

— Você deve ser a Dani, né? Prazer! — Ele se inclina para cumprimentá-la com um beijo no rosto.

— A Nanda fala direto de você!

— Ela fala bastante de você também!

Morte lenta e dolorosa. Pode apostar nisso.

— Mas e aí, você não tinha o aniversário da sua avó? — pergunto para ele, tentando aliviar meu desconforto.

— Acabei de voltar de lá, foi na hora do almoço. A comida acabou e bateu a vontade de um japa, então resolvi passar aqui.

— Então agora está tudo resolvido — Dani começa a dizer, e pressinto que eu vou *mesmo* assassiná-la. — A Nanda estava justamente me dizendo que estava doida por um *temaki*, mas como eu sou meio estraga prazeres, não topei a ideia e já estávamos indo embora. Agora posso ir, sem medo de ser a chata e ela fica aqui para te acompanhar.

Me sinto como se eu tivesse 11 anos de novo, e mamãe estivesse decidindo minhas escolhas com o Cássio na minha frente, sem me deixar opinar sobre nada.

— Tchau para vocês, então! — Dani se despede e vai embora, sem me dar a chance de protestar. Ou fugir antes que alguém notasse minha ausência.

Será que dá tempo de correr atrás dela?

— E então, qual restaurante você prefere? Aquele

self-service? Ou aquele outro, menor?

Como respondo que não tenho preferência, vamos nos encaminhando para a praça de alimentação e optamos por decidir quando chegarmos lá: vamos naquele que estiver com menos fila.

Cadu me pergunta sobre o filme e começo a falar dos efeitos especiais, da história que me prendeu do começo ao fim. Ele diz que está bem curioso para assistir e o assunto acaba, fazendo nascer entre nós um silêncio constrangedor, completamente inédito.

Seguimos em silêncio até o restaurante e pegamos a comida sem trocar qualquer tipo de palavra. Pagamos nossos pratos separadamente e sentamos em uma mesa que acabou de vagar.

— Como foi...

— Encontrou...

Sorrimos um para o outro por termos falado juntos.

— Você primeiro — ele gesticula, me indicando para prosseguir.

— Só ia perguntar como foi o aniversário — pergunto com o intuito de puxar qualquer assunto, para acabar com essa tensão horrorosa entre a gente e que não faço ideia do porquê de estar aqui.

— Ah, foi legal, sem nada demais. Como

qualquer festa de família. Muita comida, reencontros legais com parentes que a gente nem sempre vê, perguntas indiscretas e constrangedoras. O pacote completo!

Dou risada, enquanto ele me pergunta se encontrei o Flávio, já que foi justamente por causa dele que o Cadu descobriu sobre o PE.

Respondo que não, mas que, milagrosamente, encontrei o Isaías e conto toda a saga do Magic no trem. Pouco a pouco, sinto o clima entre nós relaxar e a descontração usual voltar a preencher nosso contato.

Quando chego ao fim do meu relato, Cadu não sabe se ri ou se fica pasmo, tanto pela coincidência da situação quanto pela fissura do Isaías pelo jogo e acabo rindo junto com ele.

Ficamos sentados mais um pouco, jogando conversa fora e aguardando nos sentirmos menos estufados — não faço ideia de quantos *sashimis* e *hot-rolls* eu comi, além do *temaki*.

Cadu me propõe dar uma volta e aceito, vamos andando sem rumo, olhando as lojas e comentando sobre qualquer coisa que tenha chamado nossa atenção. Vejo que ele para várias vezes para analisar as roupas masculinas e noto quão vaidoso

ele é. Ele está sempre bem vestido e arrumado, parecendo que acabou de sair do banho de tão cheiroso.

Não que eu tenha ficado próxima demais para cheirá-lo.

— Cadu — falo olhando para meu relógio de pulso —, está começando a ficar tarde, acho melhor eu ir embora.

— Vou também, aí aproveito e te dou uma carona.

Tento recusar, em vão. Ele mal me dá atenção e já começa a dizer que é perigoso eu ir embora sozinha esse horário, que jamais faria isso.

Já sentados no carro, começo a dar as direções para ele, inclusive sobre qual a melhor saída do estacionamento.

— Quantas músicas até lá, mais ou menos? — ele pergunta da maneira mais natural possível.

— Depende. Sem trânsito, umas quatro no máximo. Eu e a Dani temos preguiça de irmos para lugares muito longe de casa.

Ele assente, e ficamos novamente em silêncio, mas, dessa vez, não há nada de constrangedor nele. Ao contrário, estamos completamente confortáveis um com o outro, apenas ouvindo e aproveitando a

música no rádio.

Quando chego e me despeço, sigo em direção ao elevador com a sensação de que o dia foi muito melhor do que eu esperava.

***

Chego ao Rabanada cerca de dez minutos antes do meu turno começar. Apesar de ser péssima com horários, consigo ser pontual com meu trabalho, porque sou forçada a isso, caso eu queira manter um emprego. Contudo, chegar com antecedência é uma espécie de recorde para mim.

Eu e a Dani tivemos uma tarde gostosa juntas, completada pela companhia do Cadu mais tarde, que quase consegui me esquecer de que ontem foi aniversário do Vinicius. Só me dei conta quando cheguei em casa e seria mentira dizer que não fiquei um tantinho chateada pela lembrança.

Percebi que não sinto mais tanta falta dele. Para ser sincera, até que me acostumei relativamente rápido a sua ausência, considerando-se o quanto sofri nas primeiras semanas após o rompimento. E foi ótimo ser capaz de perceber que estou mesmo

seguindo em frente, ainda que aos pouquinhos.

— Olha só quem chegou cedo! Bom dia, Nanda — Gi me saúda assim que me vê entrar. — Como foi o final de semana?

— Gostoso, deu para descansar! E o seu?

— Ah, poderia ter sido mais longo. Dois dias não estão sendo suficientes para o meu descanso, preciso de férias logo, isso sim! — As férias da Gi estão vencidas, mas o Senhor Arlindo ainda não quis deixá-la tirar, porque não tem ninguém para substituí-la. Acho que ele ainda não ouviu a expressão “treinamento”, porém espero, para o bem dele, que já tenha ouvido “processo”, porque é o que ele vai acabar levando se não agir de acordo com as leis.

Como ainda tenho alguns minutos antes de oficialmente me considerar trabalhando, resolvo checar meu Facebook para alimentar meu vício de cada dia.

Assim que começo a descer pela *timeline*, uma publicação tira todo o meu ar.

Devo ter perdido a cor, porque ouço ao fundo a Gi me perguntar o que aconteceu. Ou por isso ou pela minha expressão de terror.

Sou tomada pela náusea, e toda a dor das últimas

semanas me atinge com ainda mais intensidade, enquanto ouço um zumbido crescente em meus ouvidos.

Com o coração em disparada, começo a tremer da cabeça aos pés e as lágrimas caem dos meus olhos sem que eu mal as note.

De alguma forma que não sei explicar nem entender, uma atualização de *status* do Vinícius preenche a tela do computador.

Mas não é a notícia de que ele está namorando com aquela garota da foto que despedaça furiosamente meu coração.

E sim a prova — estampada para o mundo — de que ele me traiu com ela.

Dani
visto por último hoje às 11:49

HOJE

Nanda, acabei de ver... Você tá bem?
10:07

Manda mensagem quando puder, tá? Quero saber de você.
11:48

Tô aqui pra você SEMPRE ♥
11:49

Mãe
visto por último hoje às 13:17

HOJE

Filha, deixei agora sua irmã na escola e parei pra te mandar mensagem...Vi o Facebook de manhã...Não acreditei, Nanda. Você tá bem? Me liga quando puder, tá bom?
13:16

Não se deixe abater por quem não merece...
13:17

Não esqueça que a mamãe te ama muito! E que você é maravilhosa, viu?
13:17

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 18

Como não fui capaz de perceber isso antes? Aliás, como não percebi que estava sendo traída?

De repente, tudo ficou mais claro: o término súbito, a rapidez com que Vinícius começou a sair com ela — Natália, descobri seu nome.

Não consigo evitar a humilhação que me domina. Me sinto estúpida por não ter desconfiado, idiota por ter acreditado em qualquer vestígio de consideração da parte dele por mim.

E tudo por causa de uma simples imagem.

Na declaração de amor pública à sua amada, juntamente da atualização de *status,* ele usou uma foto dos dois, completamente apaixonados. Uma típica *selfie*: o casal sorrindo abraçado, Vinícius com o braço que segura o celular esticado. E no outro, apoiado nos ombros dela, sua pulseira de couro, que agora permanece guardada em minha

gaveta desde o dia do nosso término, quando ele a devolveu para mim.

Pouco depois de termos começado a namorar, surgiu entre nós o assunto das alianças de compromisso. Vinícius riu quando viu um jovem casal sair de uma joalheria admirando o anel que compartilhavam, falando o quanto aquilo era banal.

— Usar aliança virou moda, não tem mais sentido nenhum — declarou com veemência.

Lembro de ter ficado em choque. Apesar de nunca ter falado a respeito com ninguém, eu sonhava em ter um namoro de alianças, adorava a ideia de ter esse lembrete carregado conosco. Porém, quando Vinicius disse aquilo, comecei a me questionar na hora. Será que eu também era tão banal assim?

Ele deve ter percebido minha reação, ainda que eu jamais vá realmente ter certeza. Não tocamos mais no assunto e eu nunca revelei meu desejo, envergonhada demais em admitir o que eu queria.

Mais tarde na mesma semana, Vinícius apareceu em casa com uma caixinha quadrada. Senti na hora um frio na barriga. Ele teria mudado de ideia?

Logo que a abri, não encontrei um par de anéis, mas sim duas tiras de couro enroladas para que

coubessem no pequeno estojo.

— Pensei que seria legal se a gente usasse pulseiras, ao invés de alianças. Seria algo só nosso e uma forma de, ainda assim, dividirmos um símbolo do nosso namoro.

Meu coração se encheu ainda mais de amor por Vinícius naquele instante. Não pensei duas vezes em aceitar e me atirei nos braços dele, feliz da vida pela surpresa, por ele ter adivinhado o que eu queria, por eu me sentir tão amada.

Nunca imaginei que ele seria capaz de me trair. Sequer cogitei outra pessoa como possível motivo para nosso término. E agora me sinto completamente burra. Era tão *óbvio*.

Subitamente, todos os meus medos, inseguranças e questionamentos surgidos após nosso rompimento retornam, iniciando um revirar de lembranças em busca de pistas daquilo que não fui capaz de enxergar na época.

Uma nova torrente de lágrimas me toma, e começo a soluçar pela mágoa da traição, pela dor de perceber que até mesmo as boas recordações que eu tinha do Vinícius foram manchadas por minha descoberta. Simplesmente não consigo saber o quanto da nossa história foi real e o quanto foi

mentira.

Agora sim ele conseguiu destruir tudo, acabar com cada pedacinho do que vivemos.

E, por consequência, acabar com a parte de mim que havia nascido com nossa história.

— Nanda, pelo amor de Deus, o que está acontecendo? — Gi quer saber, já ao meu lado.

— O Vinícius... — mal consigo responder entre os soluços — Não acredito, não acredito! — é tudo o que consigo repetir.

Noto Gi olhar para a tela, reparando na notificação de *status*. Só o que ela vê é sua declaração de amor. Ela não tem como enxergar a traição claramente explícita para mim.

Respiro fundo, tentando me acalmar.

— Ele me traiu com ela — enfim consigo dizer, minha voz um fiapo do que é. O fiapo que sou.

— Eu sinto muito, Nanda — ela me diz com compaixão e me abraça.

Ao sentir seu gesto de carinho, caio novamente em lágrimas, experimentando cada pedaço de minha própria angústia.

— Você não tem condições de trabalhar desse jeito — ela fala. — Por que você não tira o dia? Se o Senhor Arlindo aparecer, digo que você não

estava se sentindo bem. Seu trabalho está em dia e não tem nada de urgente acontecendo, já já o Cadu chega. Ele pode cobrir você.

Assinto com a cabeça e me levanto, sem pensar em contra-argumentar. Não tenho forças para isso. Só o que quero é me jogar na minha cama e ficar deitada em silêncio, isolada do mundo.

Aceno para me despedir e quando estou passando pela porta, esbarro em alguém entrando. Cadu.

No momento em que me vê e percebe meu estado, seu rosto se fecha em um semblante de preocupação.

— Nanda, o que aconteceu? — pergunta, assustado.

— Eu preciso ir — respondo me desvencilhando. Não consigo explicar nada agora.

Sigo em direção ao metrô, quase sem perceber o mundo ao meu redor. Coloco os óculos escuros pouco me importando com o clima nublado, desejando apenas ser invisível.

Quando chego em casa, vou direto para minha cama e choro até pegar no sono.

***

PERIGOSAS ACHERON

Acordo completamente desorientada. Não sei que horas são, ou por quanto tempo dormi.

Lentamente, as lembranças da manhã no Rabanada vão surgindo, fazendo renascer em mim a dor de horas atrás.

Sabia que me sentiria dessa forma, antes de apagar completamente. Sabia que voltaria a doer tanto quanto doía naquele momento assim que eu abrisse os olhos.

Considero como uma das piores sensações do universo o primeiro despertar após algum episódio de sofrimento. Enquanto estamos embalados pelo sono, é como se nossas sensações fossem desligadas e conseguíssemos escapar por algumas horas, de toda angústia que nos aprisiona nesses momentos. Assim que abrimos os olhos e tomamos consciência dos fatos, a dor nos atinge de uma só vez, mostrando que tudo aquilo realmente aconteceu. Que ainda está acontecendo.

Nesse instante, não há como fugir. Já dormi, já acordei, já me lembrei. Se há algo de consolador, é o fato de que, da próxima vez que eu dormir e acordar, será um pouco menos pior do que está

sendo.

Vejo meu celular piscar em meu criado mudo e desbloqueio a tela para ver as notificações.

São 15h37, e há chamadas perdidas da minha mãe e da Dani. E do Cadu.

Todos eles me mandaram mensagens também, várias delas, pedindo notícias.

Tanto mamãe quanto a Dani viram a atualização de *status* do Vinícius no Facebook. Não tenho como saber se elas perceberam a mesma coisa que eu, mas suponho que sim, pela urgência em tentar falar comigo. A pulseira estava completamente explícita na foto, e qualquer um que nos conhecesse bem o suficiente sabia o que ela significava.

Minha mãe quer que eu ligue para ela o quanto antes para dar notícias. A Dani quer saber como estou e disse que tentará chegar o mais cedo possível.

O Cadu me pediu notícias. E meu endereço. Disse que a Gi contou para ele, superficialmente, o que aconteceu e ele quer vir me ver para dar apoio e conversar, mas não sabe como chegar aqui vindo do restaurante, apesar de ter me dado carona ontem de noite.

Ontem?

Parece ter acontecido em outra vida.

Respondo cada um deles, falando apenas o essencial. Aviso mamãe que ligo depois, ainda não quero ter essa conversa; falo para a Dani não se preocupar, que conversamos de noite. Penso no que responder para o Cadu. Querendo ou não, ainda não o conheço bem o bastante e esse momento exige um amigo, alguém em quem eu de fato confie, porque estou completamente exposta. Me pergunto se quero a presença dele, se sou capaz de me abrir com ele.

Digito meu endereço e clico em “Enviar”.

Em seguida, me preparo para o que venho evitando. É hora de exorcizar de uma vez os fantasmas que ainda me atormentam.

Sento-me na cama, abro a gaveta do criado mudo ao meu lado e retiro do fundo dela o estojo escondido, o mesmo que Vinícius me entregou há mais de dois anos. Assim que o abro, vejo os restos da minha pulseira arrebentada atrelados à que ele me devolveu, uma metáfora ridiculamente perfeita de nossa situação. Passo os dedos pelas tiras de couro sentindo sob minha pele o calor que elas despertam, só percebo que estou chorando quando uma lágrima atinge minha mão.

Olho para a gaveta ainda aberta em busca de uma tesoura e viro o corpo para poder revirá-la. Logo encontro o que busco, e sinto o coração acelerar com o que estou prestes a fazer.

Meu peito subitamente se aperta, minha respiração se torna ofegante. Inevitavelmente, começo a sentir raiva de mim mesma. Como posso hesitar depois de tudo o que ele fez? Por que romper esse último laço ainda me machuca?

Balanço a cabeça e fecho os olhos, tentando afastar qualquer vestígio da sensação de ternura que nossas alianças provocam. Lentamente, vou me esvaziando.

Quando os abro, não me sinto mais em meu próprio corpo. Não é mais a Fernanda quem controla minhas ações. Sou alguém no piloto automático e sinto como se estivesse observando a cena fora de mim.

Então me vejo pegar a tesoura e, sem dó, picotar o que um dia foi a pulseira de Vinícius. Começo com fúria, intensificada pela resistência que o couro oferece à lâmina, até pegar o jeito e me aquietar — não porque a atividade me tranquiliza. Ela me anestesia.

Assim que termino de picotar a dele, repito a

operação com o que restou da minha.

Quando enfim vejo as ruínas do nosso relacionamento sobre minha cama, estranhamente volto a me sentir um pouco mais como eu mesma.

***

Levanto no momento em que o interfone toca, anunciando a chegada do Cadu. Aproveito para lavar o rosto e escovar os dentes enquanto ele sobe, não por alguma vontade de deixar minha aparência mais apresentável, mas apenas pela consciência do meu bafo de quem não tem nada no estômago.

Abro a porta logo após o soar da campainha. Ele continua parado por alguns instantes, não sabemos o que dizer um para o outro.

Ele assume o comando passando por mim e se dirigindo à cozinha. Meu apartamento é pequeno o bastante para que seja possível identificar a disposição dos cômodos ao se entrar nele. Pelo menos ele tem dois quartos. Gosto muito da Dani, mas gosto da privacidade proporcionada por um espaço só meu.

— Como sei que você come bastante e ainda não

deve ter comido nada — ele começa —, trouxe hambúrguer, fritas e um milk-shake, caso comida te anime.

Fico tocada pela preocupação dele, mas simplesmente não consigo pensar em comer nesse momento. Quando fico deprimida, perco por completo o apetite.

— Obrigada, Cadu, muito legal da sua parte. Mas não quero comer nada não.

Ele assente.

— Imaginei que você pudesse ser do tipo que não consegue comer nessas horas, então também trouxe uma salada e um suco. E mesmo que queira recusar — ele se apressa em dizer ao me ver insinuar responder — ao menos isso você precisa comer, independentemente de sentir ou não vontade. Você não pode ficar em jejum, só vai se sentir pior.

Não tento discutir, então agradeço e me sento, após pegar os talheres.

— E já que você não quer, pode deixar que cuido do lanche e das fritas, ok?

Comemos em silêncio, e me sinto grata pela companhia, por ele não estar forçando algum assunto. O fato de não estarmos conversando faz com que ele coma com ainda mais gosto, lambendo

os dedos e a parte inferior do lanche quando o misto de maionese, molho e queijo começa a pingar. Eu, por outro lado, sigo em meu ritmo desanimado, precisando me forçar a cada garfada para continuar.

Enquanto mastigo, encosto a cabeça na parede atrás de mim e observo meu arredor, já que consigo visualizar toda a sala de onde estou. Tudo está exatamente como eu e Dani deixamos de manhã, inclusive meu sapato jogado ao lado do sofá e a toalha da Dani no encosto da única cadeira vazia da mesa, entre eu e o Cadu, sentado à minha frente. Porém, sinto um estranhamento ao olhar a cena, como se algo não se encaixasse. Não é a presença de Cadu, constato, que me causa essa sensação, mas meu próprio desconforto. Sou eu que me sinto desajustada do mundo.

Quando terminamos, ele junta todo o lixo em um saco e deixa meus talheres na pia. Então me pega pela mão e me leva até o sofá.

Sento obedientemente, como se estivesse na casa dele e não o contrário.

— Eu sei como você está se sentindo, Nanda. Eu *sei*. Não precisa me contar o que aconteceu, nem tentar explicar nada se não quiser. A Gisele me

contou o essencial, que você descobriu que foi traída pelo seu ex. — Me retraio ao ouvir a verdade em sua voz. — E isso é tudo o que basta para eu entender. Eu sei o quanto é difícil falar ou pensar no assunto, então permaneça em silêncio, se quiser. Eu só precisava vir ver como você está e oferecer meu apoio.

É a gentileza em sua voz que rompe minhas barreiras e começo a chorar com o mesmo descontrole de antes.

Ele não pensa duas vezes e me abraça, como se quisesse me proteger do mundo.

Soluço em seus braços por vários minutos, suas mãos acariciando minhas costas em gestos suaves. Pouco a pouco me acalmo, e consigo me afastar.

Seus olhos transbordam compaixão, vejo também uma nuance de algo que me parece dor.

— Eu não sabia até hoje de manhã — começo, e conto tudo para ele. — Passei quase dois meses tentando entender por que a gente terminou, foi tudo tão depressa! Eu já tinha ficado magoada ao ver que ele estava com outra logo depois de termos rompido, e, agora, descobrir que ele já estava com ela *antes*... — Paro de falar, balançando a cabeça. — Eu simplesmente não consigo aceitar.

— E nem consegue saber até que ponto ele foi sincero com você, né?

Concordo.

Ele respira fundo e então diz:

— Nanda, quero te contar uma coisa. E só vou dizer isso porque talvez possa te ajudar, certo? — Ele espera minha confirmação e então continua. — Eu fui traído também, no começo do ano.

Antes mesmo de ouvir sua história, sei que ela não será fácil. Não consigo explicar a sombra que atinge seu olhar e nem é preciso ser muito sensível para perceber o quanto isso ainda o afeta.

— Aliás — prossegue —, isso foi quando eu descobri, mas já vinha sendo traído há uns meses. Nós namorávamos há dez anos e resolvi pedi-la em casamento. Parecia a coisa mais óbvia a se fazer, já que estávamos juntos desde a época do colégio, eu trabalhava com o pai dela e minha vida se resumia, basicamente, a ela. Na noite em que propus, logo após eu fazer o pedido, ela começou a chorar compulsivamente. Imaginei que estivesse emocionada pela proposta e chorei com ela, de alegria, imaginando nosso futuro juntos. Só depois de um tempo notei seu rosto desesperado e percebi que tinha algo de muito errado acontecendo.

Então ela me disse que não podia aceitar, que estava apaixonada por outra pessoa e estava com ele há um tempo. Disse que sentia muito, que não conseguiu impedir que acontecesse, ainda que tenha tentado e nem conseguiu me contar depois. Foi, disparadamente, o pior momento da minha vida.

Pedi demissão para o pai dela no dia seguinte e fiquei um mês inteiro completamente sem rumo. Tomei um porre monumental — mais de um, para ser sincero — e não estava nem aí para absolutamente nada. Não queria saber da minha carreira, de relacionamentos, nem de aspectos mais básicos como comer, dormir ou tomar banho. Não foi uma época da qual me orgulho.

Depois dessa fase, meu pai se sentou comigo e teve uma das conversas mais francas que já tive na vida. Foi ele quem me mostrou que minha vida não tinha acabado, apenas uma etapa dela, e que por mais difícil e doloroso que fosse, eu não podia continuar sentindo pena de mim mesmo. Eu precisava aceitar o que tinha acontecido e seguir em frente, porque a outra opção seria pouco a pouco acabar por completo comigo.

Na hora, não aceitei tão bem o que ele me disse,

depois comecei a pensar a respeito e aos poucos percebi que ele tinha razão. Precisei de mais alguns dias para me restabelecer e tomei a decisão de procurar minha ex-namorada. Eu precisava conversar com ela, entender o porquê de ela ter agido como agiu, senão não seria capaz de seguir em frente.

Ela aceitou quando pedi para nos encontrarmos e ficou bastante sem graça quando me viu. Pediu um milhão de desculpas novamente, afirmando saber que elas não mudavam nada, mas que estava sendo sincera ao dizer que nunca quis me magoar. Explicou que fui o primeiro tudo dela — beijo, parceiro, amor — e ela não conhecia uma vida que não fosse ao meu lado. Tanto que não soube reconhecer que não estava mais apaixonada por mim, só percebeu quando já havia se apaixonado por outra pessoa. Ela tentou lutar contra os sentimentos, tentou evitar, mas quando percebeu que não conseguiria, passou então a enfrentar outro tipo de medo: o de terminar comigo. Para isso, ela teria que terminar com minha família, com nossos amigos em comum, com a vida que nós conhecíamos juntos, e teria que enfrentar todo tipo de julgamento por estar sendo capaz de desistir do

namorado da adolescência, de magoar o rapaz adorado por todos ao redor dela. Ela seria taxada de vilã, ainda que não tivesse culpa por ter deixado de me amar e não teve coragem de fazer o que teria sido certo. Disse que sabia ter errado, que escolheu o pior caminho possível e sentia muito por isso. Falou que esperava que, um dia, eu fosse capaz de perdoá-la porque, caso contrário, nós dois carregaríamos um fardo muito pesado pelo resto de nossas vidas e ela ainda estava tentando lidar com o fato de que precisava perdoar a si mesma.

Fico absolutamente muda enquanto ele narra sua história e assim permaneço quando ele termina. Não sei o que pensar sobre o que ele viveu, nem exatamente o que ele quer me dizer com tudo isso — além do fato de também ter sido traído.

— Veja, Nanda, sei que são histórias muito diferentes e que eu e a Sabrina... — pela primeira vez ele diz seu nome — ao menos tivemos uma conclusão. Ela me devia uma explicação e foi sincera quando pedi, isso me ajudou a continuar. Porém só o que estou tentando te mostrar, te contando isso, é que é possível superar, por pior que pareça, por mais que agora você sinta que nunca vai passar.

— Você já conseguiu superar? — pergunto.

Ele sorri sem graça, antes de responder:

— Não completamente. Tem dias que ainda sinto tanta raiva dela que não sei como consigo suportar, ou então me sinto tão infeliz que não sei como lidar com a mágoa. Mas já foi pior, é isso que estou querendo te mostrar. Além disso, percebi que consegui reparar algo que pensei ter sido totalmente danificado: nossas boas recordações. Por mais que ela tenha me magoado, nós passamos dez anos juntos e ela esteve ao meu lado em muitos momentos. Não posso negar a importância que ela teve na minha vida, nem que foi muito mais minha amiga do que uma namorada por diversas vezes. Acho que jamais poderemos ser amigos de novo, mas hoje não a encaro como uma pessoa ruim, só como alguém que tomou uma má decisão em um momento conturbado. Assim como todos nós, certamente já fizemos ou ainda vamos fazer.

Assinto com a cabeça, enquanto me ajeito colocando os pés sobre o sofá e dobrando as pernas para o lado. Percebo que Cadu parece distante, com o olhar parado para o nada, imerso em suas próprias lembranças e mágoas.

E apesar de toda dor em seus olhos, achei bonita a

maneira como ele falou dos dois.

Não sei se terei a mesma capacidade um dia.

— Obrigada por ter sido sincero.

— Mentir para você não faz parte dos meus planos.

Um silêncio se instaura entre nós, e há uma cumplicidade diferente na maneira em que nos olhamos.

Ele, então, recomeça a falar, e o momento se perde.

— Tudo ainda é muito recente para você, então se permita sentir raiva dele. Você não merecia ser tratada assim. — Vejo compaixão em seu olhar, não pena, e algo como um lampejo de raiva. Ele realmente lamenta por me ver assim. Não sei se por mim, ou por ele mesmo. — Só que tem hora para tudo — continua. — Até para o luto, e vai ser sua a escolha de se entregar ou não para a dor quando essa hora chegar. Vai haver um momento em que você vai precisar parar de ter pena de você pelo que aconteceu e aceitar inclusive o que cabe a você no relacionamento que deixou de dar certo. Não foi a traição, Nanda, que acabou com o seu namoro. Ela só foi a consequência de algo que já não existia mais, e o Vinícius errou — muito — em ter

antecipado outra relação antes de ter te mostrado esse fim. Assim como a Sabrina.

Ele está certo, sei que está, mas não consigo pensar em nada para responder. Simplesmente abaixo a cabeça, as lágrimas recomeçam a cair, dessa vez com mais calma.

Cadu me abraça de novo e me permite chorar em seu peito. Agarro sua camisa e apoio minha cabeça em seu tórax, ciente de estar molhando toda a área em contato com minhas lágrimas.

De repente, começo a me sentir ciente do próprio Cadu. O calor de seu corpo me envolve e me mantém aquecida, apesar do frio paulistano de julho. E embora ele tenha vindo direto do trabalho, ainda consigo sentir seu perfume doce e almiscarado, bem suave, misturado ao seu próprio cheiro, mais forte e envolvente. É esse cheiro e o contato com seu corpo que, lentamente, me acalmam e cessam meu choro.

Continuamos abraçados mesmo quando não estou mais chorando, dessa vez há um silêncio pesado entre nós, carregado de tensão. O único som audível é o de nossas respirações, que adquiriram um ritmo acelerado sem que eu notasse. Sinto seu coração através de sua camisa, sua palpitação é tão

rápida quanto a minha.

Afasto aos poucos meu rosto, ainda abraçada nele e encaro seus olhos.

A sombra que anteriormente estivera ali deu lugar a uma intensidade que toma todo o meu ar. Tenho certeza de que jamais fui olhada assim em toda minha vida.

Suavemente, ele passa as mãos pelo meu cabelo, ainda com seus olhos nos meus, sua mão esquerda permanece atrás da minha cabeça, a direita passeia pelo meu rosto, tão delicadamente quanto seria uma pena. Seu dedão, então, percorre minhas bochechas até atingir meus lábios, deixando um rastro de calor por onde passa. Pela primeira vez ele desvia o olhar, que se dirige a minha boca, e prendo de uma vez minha respiração.

Ele parece despertar de um transe e fecha os olhos, suas rugas de concentração cada vez mais evidentes. Quando os abre, a intensidade de antes foi embora, dando lugar a uma distância e a algo próximo de um receio.

Pigarreia e avisa que precisa ir embora.

Balanço a cabeça, concordando, minha boca seca demais para que eu consiga falar.

Ele se aproxima e beija suavemente minha testa,

antes de se levantar e partir.

Continuo sem reação minutos após ele ter saído, ainda sentindo em minha pele o fogo onde seus lábios estiveram.

PERIGOSAS NACIONAIS

Dani
visto por último hoje às 19:18

HOJE

Consegui terminar aqui! Estou indo pra casa, aí a gente conversa, tá??
19:18

Mãe
visto por último hoje às 20:04

HOJE

Filha, você está bem? Comeu? Quando quiser e puder, me liga, e aí nos falamos, tá bom?
20:04

Gi
visto por último hoje às 20:39

HOJE

Nandinha, como você está?
20:39

Cadu
online

HOJE

Só tenha certeza de uma coisa: vai passar.
21:15

Obrigada...por tudo!
21:15

❁

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

21:15

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 19

Estranhamente, levanto na terça-feira me sentindo bem melhor do que o previsto. Não, ainda não estou completamente bem, levando-se em conta que ainda sinto um nó na garganta ao pensar em tudo, porém me sinto de um jeito que, ontem, eu não teria acreditado que estaria.

Eu poderia dar os créditos da minha melhora à Dani, por todo apoio que me deu quando chegou em casa, dizendo também ter concluído sobre a traição quando viu a foto, como imaginei. Um pouco sem graça, assumiu que cogitou essa hipótese após nosso rompimento, mas não quis dizer nada porque não havia provas e ela não queria me ver ainda mais magoada. Ficamos conversando por horas a fio, até o sono tomar conta de nós.

Ou poderia dá-los à minha mãe, por ter ficado absolutamente indignada. Como já comentei, ela

adorava o Vinícius, então o golpe foi duplo nela: além da decepção com ele, ainda tem que lidar com seu sofrimento materno por eu estar vivendo tudo isso.

Entretanto, lá no fundo, sei que o maior responsável por ela é o Cadu, e não apenas por nossa conversa. A cada vez que penso no que aconteceu depois, aquela tensão que pairou entre nós, sinto um frio na barriga tão grande que não sei como é possível ao mesmo tempo meu peito parecer tão quente, tão preenchido. Enquanto sinto um vazio enorme ao pensar na traição do Vinícius, é só me lembrar do Cadu me olhando, da forma como sua mão deslizou pelo meu rosto, no som de sua respiração misturado ao da minha, que a importância dos acontecimentos ruins diminui, como se eu fosse levada para longe deles.

E embora eu me sinta extremamente grata por ele ter me proporcionado essa melhora, é impossível não me sentir receosa também. Para onde é que estamos caminhando? O que está acontecendo comigo? Se eu for extremamente sincera, serei obrigada a admitir que já cruzei a linha de uma simples "quedinha" pelo Cadu e pensar no que ela pode estar se transformando, tão rápido, é

assustador.

Pela primeira vez desde que comecei meu estágio no Rabanada, me importo com a roupa que devo vestir, desejando parecer bonita de uma maneira não intencional. Não quero que o Cadu perceba que me arrumei, nem muito menos que ache que fiz isso por ele. Embora seja, em partes, exatamente o que estou fazendo.

Digo “em partes” porque minha autoestima precisa de um *up* hoje, então estou me vestindo para mim também.

Quando termino de me arrumar, checo o resultado final e fico satisfeita. Minha calça *jeans* escura bem ajustada ao meu corpo combinou muito bem com minha blusa de linho verde oliva de mangas compridas, mais soltinha. Minha bota bege claro, de cano baixo, é quase da mesma cor do meu casaco, aberto, sem botões, somente um tom mais claro. Para ajudar, as ondas castanhas do meu cabelo estão bem-comportadas, formam cachos largos nas pontas. Além da base, preferi passar somente um pouco de blush rosado, bem de leve, lápis e rímel nos olhos. Dou o toque final com um batom cor de boca, que puxa um pouco para o pêssego, espirro meu perfume e saio de casa,

desejando me sentir tão bonita e confiante quanto a mulher que me olhou de volta no espelho.

***

Assim que chego ao trabalho, Gi vem ao meu encontro e me abraça, querendo saber como estou me sentindo. Digo que estou melhor e agradeço pela preocupação, enquanto dou uma voltinha, a pedidos dela, e sou elogiada por ter caprichado no visual.

— É isso mesmo, gata, tem que arrasar! Está linda — ela me diz.

Novamente, não fui muito boa na arte de ser sutil. Pelo menos tenho certeza de não estar parecendo uma *drag* montada para uma noite de desfile, o que seria um tanto quanto exagerado para um dia de trabalho.

Entro no escritório com o coração aos saltos, sem saber o que dizer quando eu e o Cadu nos cumprimentarmos, sem saber se ficará um clima estranho entre nós por causa de ontem.

Mas eu não deveria ter me preocupado. Quando me vê, Cadu abre um sorriso, dizendo estar feliz

por eu aparentar estar melhor.

— Não preciso mais me preocupar se você vai agir como eu e ficar um mês em guerra com o chuveiro.

Rio alto com sua piada sobre o próprio sofrimento, aliviada por ele me deixar tão à vontade e não deixo de notar sua referência a minha aparência.

— Obrigada por ontem, Cadu — falo ao me sentar. — De verdade, você me ajudou muito. Obrigada por ter me ouvido, por ter me aconselhado e por ter se aberto comigo. Não deve ser fácil falar sobre isso, então, de novo, obrigada.

— Não precisa agradecer. Eu só quis te mostrar que você não é a única pessoa ferrada por aqui. — Ele é tão casual quanto se estivesse me oferecendo chocolates.

— E diz a pessoa que me orientou a não ter pena de mim mesma!

Ele ri daquele seu jeito único e volta a olhar para a frente, encarando a tela do computador.

Começamos a trabalhar e pouco a pouco volto a me sentir preocupada. Tenho a sensação de que ele está evitando me olhar.

Não que ele esteja se virando para as paredes

quando vai falar comigo, mas é como se o computador, de repente, estivesse exercendo uma forte atração sobre os olhos dele. Cadu quase não desvia a atenção e continua vidrado na tela mesmo quando se dirige a mim.

Melhor deixar para lá, decido. Deve ser só uma impressão.

***

A quarta-feira chega trazendo uma nova dose de empolgação. Hoje é o dia em que pretendo encontrar JP, o escorpiano corredor do Parque Ibirapuera, onde quero emboscá-lo.

Quer dizer, abordá-lo sutil e educadamente.

Ou melhor: encontrá-lo como se estivesse em um exercício eventual.

Deu para entender.

Sendo assim, coloquei minha *legging*, tênis, moletom e vim para o parque, onde estou há quase meia hora e ainda não há nenhum sinal dele.

Dani resolveu vir comigo. Ela ainda está preocupada com o que aconteceu na segunda e, como teria a noite livre, decidiu me acompanhar.

Segundo ela, também, seria melhor eu não estar sozinha, porque “vai que o cara é um estuprador?”.

Precisei lembrá-la que sou eu que o estou perseguindo e não o contrário, então a probabilidade de ele estar aqui para me fazer mal é meio que nula, já que nem sabe que eu existo.

Chequei minunciosamente os *check-ins* do JP pelo Facebook, além de suas fotos postadas no estilo #PartiuCorrida para verificar seu horário de chegada no parque. Sério, seria muito fácil sequestrar as pessoas só de acompanhar suas postagens online. Não que eu tenha tendências criminosas. Ele sempre está aqui por volta das sete da noite, sete e meia no máximo. Já passam de quinze para as oito e estou começando a temer não o encontrar.

Talvez sequestrá-lo não fosse assim tão fácil, afinal.

— Nanda, tem certeza de que ele vai estar aqui?

— Não. Mas quase — acrescento rapidamente, após Dani me lançar um olhar assassino. — Ele vem aqui toda semana, seria muito azar não vir justo hoje.

Procurei um local estratégico e nos sentamos próximas de onde as pessoas costumam correr.

Estou olhando atentamente cada um que passa por mim, e simplesmente ainda não o vi.

— E se ele já passou pela gente, mas você não o reconheceu? E se ele está aqui, mas fez outro caminho e a gente não o viu?

Eu realmente devo estar ficando louca, a Dani tem razão desde o começo. Onde é que eu estava com a cabeça em procurar essas pessoas, em vir até esse parque gigantesco achando que encontraria um cara que, talvez, possa ser totalmente diferente das fotos?

Quando uma nova onda de autocomiseração por meus planos insanos começa a se formar, decido que só vou esperar até 20h e, se ele não chegar...

O JP *precisa* estar aqui. Não vou aguentar se ele não estiver, simplesmente não vou.

Como se minhas preces tivessem sido ouvidas, de repente o avisto de longe. Se não for o JP, é alguém muito parecido. O que acho difícil, considerando-se que ele parece um modelo e não vemos muito desses perdidos por aí.

— Dani, Dani — falo empolgada, fazendo com que ela pule de susto. — É ele!

Eu já havia dito que o JP é, de longe, o cara mais bonito (ao menos nas fotos) de toda a lista, de

acordo com os perfis que encontrei no Facebook e meus dois encontros, o André e o Isaías. E agora, pessoalmente, ele consegue ser ainda mais bonito — e olha que ainda estou a uma distância considerável dele!

JP não se destaca apenas por sua beleza, mas também por sua altura. Ele passa fácil dos 1,90, conforme se aproxima, consigo notar como ele é definido. Por estar de bermuda, vejo como os músculos de sua perna são fortes, algo me diz que, por baixo do seu moletom, há um tanquinho bem interessante.

Ele atrai olhares por onde passa, e esbanja simpatia. Já o vi sorrir para várias pessoas que o cumprimentaram, e seu sorriso decorado por covinhas, visíveis apesar do cavanhaque, o deixa ainda mais irresistível. Seus dentes, incríveis de tão brancos, ganham ainda mais destaque em contraste com sua pele negra. Para completar, seu cabelo, no estilo rastafári, é comprido o suficiente para que ele o use levemente amarrado, em um estilo ao mesmo tempo despojado e *sexy*.

Ok, preciso parar de encará-lo e colocar meu plano em prática!

Diferentemente da última vez, hoje não estou

sendo pega de surpresa, então tive tempo de pensar em uma estratégia de aproximação.

— Certo, recapitulando — começo a falar. — Nós não podemos ficar perto uma da outra. Você mantém distância, viemos separadas e você só observa de longe, tá?

Ela assente e se afasta, me deixando sozinha.

Procuro não ser vista e assim que JP passa correndo por mim, também começo a correr tentando alcançá-lo. Vejo de canto de olho Dani sair de sua posição fingida de alongamento e começar a nos seguir. Nossa sorte é que ele segue um ritmo lento, caso contrário, já estaríamos a quilômetros de distância.

Aperto o passo para me aproximar e quando estou perto o suficiente, tento chamá-lo.

— Ei, moço! Com licença — grito, começando a sentir minha respiração ofegar. Eu definitivamente não estou em forma.

Ele olha para trás, surpreso, e resolve parar, a fim de que eu possa alcançá-lo.

Obrigada, Senhor, obrigada.

Enquanto continuo correndo em direção a JP, olho discretamente para trás para ver onde está Dani, que resolveu abaixar, fingindo amarrar os

cadarços.

— Oi! Me desculpa te abordar assim — falo com um pouco de dificuldade. — É que normalmente venho correr com minha amiga, mas hoje ela furou comigo e tenho medo de correr sozinha. Já te vi por aqui outras vezes, então queria saber se podemos correr juntos. Eu não pediria se não te conhecesse de vista. — E tento fazer uma cara tão angelical quanto possível.

— Opa, sem problemas — ele me responde e me olha, tentando me reconhecer. — Me desculpe, acho que não me lembro de te ver por aqui. Às vezes sou meio desligado. Meu nome é João Paulo, a propósito. — E estende a mão para me cumprimentar. — Mas pode me chamar de JP!

Isso só pode ser um sinal divino, só pode!

— Prazer, JP, sou a Fernanda! Ou melhor, Nanda — e o cumprimento de volta.

— Prazer! Bom, vamos então? Você já se aqueceu?

— Já me aqueci sim — minto.

— Beleza. Eu costumo começar mais calmo, e depois acelero um pouco o ritmo. Posso ir mais tranquilo hoje, se preferir.

— Sem problemas! Obrigada! — E recomeçamos

a correr.

— Sempre que posso, corro acompanhado também — ele diz —, mas meu parceiro tem horários muito instáveis, então acabo vindo sozinho.

Apenas sorrio e balanço a cabeça. Já estou ficando novamente sem fôlego e algo me diz que conversar não seria o mais sábio nesse instante.

Começo, então, a sentir uma fisgada no tornozelo.

Droga.

Faz quase um mês desde meu episódio do tombo pós tequila e correr, talvez, ainda não seja o mais indicado para meu pé. Nem havia me preocupado com isso, porém, agora que sinto esses ligeiros incômodos, começo a achar que eu deveria ter me atentado a essa possibilidade.

Tento manter o ritmo e disfarçar, mas as pontadas estão gradualmente se transformando em algo próximo à dor. Além do mais, quase não consigo respirar.

Eu deveria me exercitar mais. Talvez aceite fazer Pilates com a Dani, afinal.

— Você está bem? — Ele me olha desconfiado. Quão acabada devo estar parecendo? Sei que por dentro, me sinto bem destruída.

— Só estou — falo ofegante — um pouco… sem fôlego — consigo responder.

— Talvez seja melhor a gente parar um pouco.

Concordo com a cabeça e começo a me dirigir ao banco mais próximo.

— Você está mancando ou é impressão minha?

Ele reparou. Inferno.

— Eu, hum, meu tornozelo está incomodando um pouco.

— Nossa, deixa eu te ajudar! Será que você torceu?

Sério. Um homem lindo desse, gentil, simpático e preocupado. Acho que encontrei minha cara metade, encontrei meu destinado!

— Não precisa se preocupar — respondo. — Torci o pé há pouco tempo, acho que eu ainda não devo estar totalmente pronta para correr.

— Ué, mas você não tem corrido esses últimos dias? — Ele me olha desconfiado.

Droga. Esse é o problema da mentira. É só a gente se distrair com um rostinho bonito que já somos pegas!

— Voltei a correr na segunda — invento rapidamente —, mas não senti nada nos últimos dias. Devo ter forçado um pouco.

— Ah, deve ser isso então — ele responde mais relaxado. — Acho que é por isso que você está meio ofegante também, né? Achei estranho você já estar cansada assim, considerando-se que você costuma correr.

Acho que eu já tinha sido pega na mentira antes de me enrolar com o rostinho bonito. E o corpo que o acompanha.

É quando noto uma estranha movimentação em nossa lateral. JP também ouve o barulho e vira a cabeça na mesma direção para onde estou olhando.

Ai, meu Deus.

Dani está atrás de uma árvore, falhando completamente ao tentar disfarçar seu esconderijo.

— Mas o que aquela menina está... — ele diz e, para minha sorte é interrompido pelo som de uma notificação, distraindo-se ao pegar o celular. — Meu parceiro acabou de me mandar uma mensagem avisando que está chegando. Por que você não espera e ele olha seu pé? Ele é médico.

Aceito na mesma hora porque, assim, posso continuar conversando com ele sem precisar mais me exercitar e posso distraí-lo da atitude bizarra de Dani. Ufa!

Aos poucos, descubro que ele é jornalista,

“acidentalmente”, menciono que sou de Mogi, só para termos algo em comum, como uma grande coincidência.

Ficamos um tempo conversando e tentando descobrir se temos conhecidos e/ou experiências em comum, como toda pessoa que descobre ser conterrânea de outra, quando somos interrompidas por um segundo homem, tão lindo quanto JP.

Congelo, completamente incrédula sobre o que está acontecendo.

Não resisto e olho para Dani, cuja boca está completamente aberta, se esquecendo completamente de que ela pode ser vista se qualquer um deles resolver se virar para sua direção.

— Ah, ele chegou — diz JP, e rezo para não ser reconhecida. — Nanda, esse é o Tom, meu namorado.

Levo um tempo para processar que Tom não é o “parceiro” de JP simplesmente da forma que eu havia imaginado. E que Tom e o médico bonitão (que já viu meu traseiro, é bom lembrar) são a mesma pessoa.

— Prazer, Nanda — ele me cumprimenta como se nunca tivéssemos nos encontrado. Acho que nunca

fiquei tão satisfeita por alguém ter se esquecido de mim.

Sério, o que foi que eu fiz para ser assim tão azarada? É só eu achar que estou arrasando de tanta sorte que o universo já vem rapidinho me mostrar que estou sim, só que ao contrário.

— Espera! — Tom diz. — Eu já não te conheço? — E força a vista enquanto me avalia, tentando, claramente, se lembrar de quem sou eu.

Por favor, não se lembre. Por favor, não se lembre.

— Ah, eu não te atendi há algumas semanas? Não foi você que caiu da escada e torceu o pé? — E sem nem me esperar responder, ele já emenda: — Epa, você ainda não deveria estar correndo.

Não deveria mesmo. Definitivamente não deveria.

***

Chego em casa tomada pela frustração de mais um completo desastre do Projeto Escorpião. Vim o caminho todo pensando sobre o que fazer e ainda não me sinto segura para decidir, embora uma ideia esteja ressoando cada vez mais alto na minha

mente.

Tento abafá-la me concentrando unicamente no projeto.

Só tenho mais duas oportunidades — Rodrigo e Flávio. Será que estou disposta a correr atrás deles, a me sujeitar a mais uma desilusão, caso encontrá-los seja tão frustrante quanto os demais?

O PE infelizmente não está me levando a lugar algum: um guitarrista mudo, um *nerd* aficionado por cartas e seis outros nomes cortados ou por já estarem namorando, ou por morarem longe, ou por serem completos babacas ou por simplesmente não existirem no mundo virtual.

Comecei esse projeto porque precisava me distrair do sofrimento pós-término com o crápula — como tenho gostado de chamá-lo —, admito a mim mesma, mas boa parte de mim realmente acreditou nessa ser uma boa ideia. Mas agora… não me sinto mais tão certa disso.

Então aquela voz volta a ressoar em minha mente e me lembro do final de tarde da última segunda-feira.

Fecho os olhos, é como se o Cadu estivesse de volta aqui, sentado no sofá ao meu lado. Quase consigo sentir uma de suas mãos na minha cabeça e

a outra percorrendo meu rosto. Mais do que tudo, visualizo sua forma de me olhar, tão fixamente e do calor que ficou mesmo quando ele se afastou de mim.

Sem entender muito bem o porquê, pego o celular e envio para ele:

Acha que devo desistir do projeto?

Então espero.

Espero.

E espero.

Cadu sempre me responde na hora. Qual o problema?

Se bem que, o que eu gostaria que ele me respondesse? E o que eu pretendo falar, quando ele disser alguma coisa?

De repente, vejo que ele fica online.

Mas minha mensagem continua marcada como não visualizada.

E permanece assim, quando acordo no dia seguinte, me deixando com a sensação de haver outras interrogações não respondidas entre nós, além daquela que inutilmente enviei a ele.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Dani
online

HOJE

Vamos sair hoje??
14:19

Não posso =/ Tenho que dormir cedo... Amanhã venho pra cá, esqueceu?
16:39

Ai, tinha esquecido. Tudo bem!
16:39

Pizza e sessão de filmes, então? Preciso muito de algo pra relaxar, a agência tá me deixando pilhada!
16:40

Fechado :D
16:41

Vou ter que ficar aqui até umas 19h... Pra variar ¬¬ Te aviso quando sair, ai você vai pedindo. Pode ser?
16:42

Blz! A de sempre?
16:42

Isso! É minha vez de pagar, né? Loga na minha conta do app pra pedir!
16:43

Relaxa, a gente vê isso depois ;)
16:43

Ok :D
16:43

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 20

Não acredito que estou indo para o Rabanada em pleno sábado. Tudo bem, não vou para trabalhar, mas também não tive muita opção a não ser a de ir até lá.

Hoje é aniversário do Senhor Arlindo e ele resolveu, de última hora, que queria fazer um almoço entre os funcionários para comemorar.

Como se ele fosse o chefe mais querido de todos mesmo.

De qualquer forma, achei uma coisa que fez bastante sentido: ele é leonino, o que explica sua decisão de fazer um almoço em celebração a ele próprio e o porquê de não nos darmos nem um pouco bem.

O resultado desse capricho dele é que acabei ficando em São Paulo neste final de semana, sendo que já havia prometido voltar para Mogi, porque

minha mãe dará um jantar para uma amiga dela que ainda não conheço. Todos nós do restaurante passamos os últimos dias correndo para providenciar tudo para o bonitão do nosso chefe.

Não bastasse nosso dia a dia já ser bastante agitado, tivemos mais esse aniversário para nos preocupar e, no meu caso, precisei lidar também com a reclamação da dona Lúcia, que não gostou da ideia de eu não estar presente no jantar, e com o cansaço extra da faculdade, visto que as férias acabaram na última segunda.

Assim que as aulas recomeçaram, fui conversar com a Paula sobre o meu TCC. Já havia enviado um email marcando um horário, então cheguei mais cedo no primeiro dia de aula, toda trabalhada em minha segurança e autoconfiança. Segui os conselhos de Cher, personagem de Alicia Silverstone em *As Patricinhas de Beverly Hills*, um clássico das comédias românticas, inclusive, e usei minha blusa branca de gola rolê, para dar um ar de seriedade, com meia calça, saia lápis e bota de cano alto pretas. Estava me sentindo *A* profissional bem-sucedida.

Não que eu ache que meu *look* tenha causado algum efeito. Ela disse ter ficado preocupada

quando adiantei o assunto por email e quis saber mais sobre minha súbita decisão de mudar o foco do TCC, principalmente por ter apenas quatro meses para entregá-lo.

Expliquei sobre a dificuldade em desenvolvê-lo e que percebi ter escolhido o tema errado. Falei sobre a importância de escrever a respeito do que realmente acredito e enxergo, caso contrário, farei um trabalho superficial.

Ela concordou comigo e senti a esperança crescer em meu peito.

Que logo foi minada quando ela me perguntou sobre o que, então, pretendo falar.

E aí fiquei muda. Comecei a gaguejar e toda minha autoconfiança resolveu me abandonar. Enrolei, enrolei e enrolei, até que, por fim, disse que ainda não havia descoberto minha nova temática.

Ela arregalou os olhos, surpresa, e me encarou por alguns segundos. Suspirou fundo, antes de falar, me disse que eu teria até o início de setembro para apresentar meu novo tema, e que ele deveria estar conectado de alguma maneira ao que já desenvolvi até então, senão será humanamente impossível terminar o trabalho a tempo. E que se eu não tiver

uma nova proposta até o final do prazo, terei que me virar com o que tenho.

Agradeci pela atenção e oportunidade que ela me deu e saí da sala confiante de que encontraria minha nova temática.

Ou quase tão confiante quanto possível, se pensar que só tenho apenas mais três semanas para isso e não sei por onde começar.

Assim, eu poderia estar em casa, concentrada no trabalho que tenho pela frente. Mas não, estou no metrô, pronta para descer e ir fazer média com um patrão que nem ao menos me quer na equipe.

Mandei mensagem para o Cadu antes de sair de casa para saber que horas ele vai chegar, mas ele ainda não me respondeu.

Paciência. Vou contar com a sorte de já ter alguém para conversar comigo.

Quer dizer, não que eu não fale com outras pessoas. Mas próxima mesmo, sou da Gi e do Cadu.

E da dona Mazé.

Um pouco da Adriana também, admito.

Confesso que no fundo, fiquei animada com a oportunidade de ver o Cadu em um dia que normalmente não o encontraria e estava toda

ansiosa para vê-lo logo. Desde *aquele* dia, já há umas duas semanas, que venho pensando cada vez mais nele e me sentindo diferente quando estamos perto um do outro. É como se eu ficasse mais alegre na presença dele, também um pouco nervosa. Mais consciente de mim, e certamente, mais consciente *dele*.

Não tive vontade de continuar seguindo o Projeto Escorpião. Minha frustração com o JP no parque foi muito grande, mas não sei como eu teria reagido se não tivesse... como posso dizer... distraída assim com o Cadu.

Não, isso é loucura. Coloquei o projeto de lado só porque ele estava me dando mais dor de cabeça que servindo ao propósito inicial. Isso só coincidiu com as coisas com o Cadu terem ficado... diferentes.

Não consigo esquecer como ele me apoiou. Ou como me olhou.

Muito menos, como me senti quando ele me abraçou.

Nada semelhante aconteceu desde então, mas não muda o fato de que aquele momento aconteceu. Eu não o imaginei.

Não posso ter imaginado.

Deixo meus devaneios assim que entro no

Rabanada e vejo que os funcionários juntaram as mesas do salão do restaurante para fazer uma só onde vamos almoçar reunidos.

O cheiro de feijoada já impregnou o ar e faz meu estômago roncar alto. Roberval e dona Mazé começaram a prepará-la ontem, para deixar os alimentos curtindo no tempero durante a madrugada, então o resultado deve ter ficado simplesmente dos deuses.

O que me deixa completamente admirada é o bolo que enfeita a mesa de doces. Adriana disse que ficaria responsável por ele, já que as sobremesas são sua especialidade.

Eu sabia que ela era talentosa, mas o que vejo é quase uma obra de arte.

O bolo tem três camadas, cobertas com chocolate. Porém, ela fez rabanada para colocar na superfície, formando uma cascata com elas apenas em um lado do bolo. Acompanhando a cascata, há algo que não sei definir o que é, mas se assemelha a uma espécie de folha dourada, extremamente delicada, talvez feita de uma massa de açúcar. As folhas parecem flutuar e a sensação que tenho é a de que, com uma garfada, o doce fará minha boca explodir em sabor e leveza.

Fica claro para mim o quanto a Adriana deve sentir falta de exercer sua criatividade gastronômica. Afinal, no dia a dia do restaurante, ela precisa seguir as refeições padrões, impostas pelo Senhor Arlindo, o que não permitem muita elaboração.

Ela já tentou convencê-lo a fazer algumas mudanças, tornar os pratos mais atrativos, mas ele diz que o Rabanada “não é lugar de frescura” e insiste no básico.

— Fiu fiu! Mas que diferença um final de semana não faz no visual de uma jovem — Gi chega para me cumprimentar, elogiando minha roupa. — Olha isso, dona Mazé! — E pega minha mão, me fazendo dar uma volta. Dou risada com a brincadeira e tentando ver, com o canto de olho, se Cadu está por perto.

Ele ainda não chegou.

Modéstia à parte, caprichei no *look* e saí de casa me sentindo estilosa. Coloquei um shorts jeans e a meia calça preta da entrevista, combinadas com uma camiseta branca, um lenço cinza no pescoço e uma bota preta de cano baixo. Para completar o visual, um casaco preto comprido, um pouco abaixo do meu shorts.

— Olha quem fala — digo para ela. — Adorei esse vestido de inverno!

Aliás, olhando ao redor, todo mundo está bem vestido. Quer dizer, não que tenha alguém com traje de gala, mas estou tão acostumada a ver todos com roupas de trabalho que é gostosa essa sensação de estarmos arrumados, com um visual diferente. Usando roupas de quem somos fora do restaurante e não dos funcionários que devemos ser.

Até o clima daqui mudou. Está mais leve com as pessoas rindo mais.

Estamos aqui, mas não nosso cansaço e responsabilidade de trabalhar.

Hoje é dia de festa.

Talvez a ideia do Senhor Arlindo não tenha sido assim tão ruim, resolvo dar o braço a torcer.

Me ofereço para ajudar com alguma coisa, mas Gisele me tranquiliza avisando que está tudo pronto. Decido me servir de suco, quando vejo que muitos já estão com seus copos à mão.

Resolvo sentar e vou para perto de Adriana, que acena para mim, já em seu lugar na mesa.

— Preciso te parabenizar — falo após cumprimentá-la. — Que bolo é aquele, menina?

— Obrigada — ela agradece orgulhosa, sabendo

que fez mesmo um trabalho excepcional. Assim como com os demais, estranho vê-la sem seus trajes de *chef*. Hoje, seus cachos curtos e negros estão soltos ao redor de sua cabeça, se espalhando livremente por todas as direções. O efeito nela é ótimo, que fica ainda mais bonita com a plena confiança resultante de alguém segura com a própria aparência. Imagino que não deve ser muito fácil para ela assumir seu cabelo natural, com tanta pressão para os alisamentos.

Embora esteja sentada, consigo ver sua calça amarela, com o tecido mais soltinho contrastando perfeitamente com sua pele cor de chocolate. Seu blazer branco completa o visual, dando a ela um ar de sofisticação e elegância.

Embalamos em uma conversa, até que Gi se aproxima do centro do salão pedindo a atenção de todos. Os únicos que ainda não chegaram são Cadu e o tio.

— Pessoal, o Cadu acabou de me avisar que eles estão chegando. Vamos nos organizar e ficar atentos para recebê-los com um parabéns, pode ser?

Discretamente, tento pegar meu celular. Como falou com a Gi, o Cadu deve ter me respondido, mas não ouvi a notificação por estar entretida com

a Adriana.

Porém, para minha surpresa, minha mensagem continua sem resposta.

Mal coloco o celular de volta na bolsa e ouço o barulho da porta se abrir. A Gi puxa o canto e logo estamos todos batendo palmas, no ritmo do *Parabéns A Você*.

Cadu entra cantando com o tio, que sorri e agradece com a cabeça pela atenção recebida.

Até o Senhor Arlindo parece diferente, menos carrancudo. Quase consigo simpatizar um pouco mais com ele.

Quase.

Mas é verdade, hoje ele nem parece tão atarracado, e sua careca até parece combinar com sua aparência, dando a ele um ar bem-humorado. Realmente acho que o Cadu deve ter puxado a família do pai, porque a altura dele com certeza não veio do Senhor Arlindo

Vamos nos reunindo ao redor do aniversariante para cumprimentá-lo e Gi entrega o vale-presente que compramos. Como não fazíamos ideia do que dar para ele, decidimos que o vale era a melhor opção, sem contar que cada um poderia colaborar com o valor desejado e ninguém ficaria exposto

depois, por ter dado algo inferior aos demais.

Ele agradece os cumprimentos e o presente, logo todos começam a ocupar seus lugares, ávidos pelo almoço que nos espera.

Ainda não cumprimentei Cadu, até porque ele não se virou em minha direção. Não sei se não me viu ou se está fingindo não me ver, mas ele não tem por que fazer isso.

— Não vai me dar oi não? — decido chegar brincando, para não ficar nenhum clima.

— Desculpa, Nanda, estava distraído — fala antes de me dar um beijo no rosto. — Fiquei com a tarefa de trazer meu tio, que mora do lado oposto da minha casa e quase não parei hoje de manhã, para dar tempo de tudo.

Deve ser por isso que ele não me respondeu.

— O que é isso? — pergunto ao notar uma bolsa a tiracolo.

— Minha máquina — ele diz. — Vou ser o fotógrafo do dia!

Pelo estilo da bolsa, não estamos falando de fotos de celular ou de uma simples máquina digital. A câmera dele deve ser, no mínimo, semiprofissional.

— Não sabia que você tirava fotos — comento, me perguntando que outras facetas dele ainda vou

descobrir.

— Foi um *hobbie* que adquiri com o tempo — responde meio sem jeito. — Não sou profissional nem nada, mas gosto de brincar.

É quando me lembro que a empresa do ex-sogro dele é de equipamentos fotográficos. Ainda que ele fosse responsável pelo setor financeiro, deve ter sido natural se sentir empolgado pelos produtos de lá.

— Ei vocês dois, venham pegar comida antes que o Cláudio acabe com ela — Roberval grita, brincando com um dos garçons.

Cadu coloca a bolsa em um canto e vai para atrás de mim, que já estou na fila, com meu prato na mão. Assim que me sirvo, um daqueles meus pratos dignos de brincar de esconde-esconde por trás da montanha de comida, volto para meu lugar, recebendo piadinhas e olhares espantados pelo tanto que vou comer. Não que meu prato seja muito maior do que boa parte dos demais, mas acho que não esperavam que eu comesse tanto assim.

Cadu é ó último a se sentar e vejo que ele começa a procurar lugar. O único ainda vago é ao meu lado, aceno para que ele se aproxime. Tenho a impressão de que ele parece relutar, como se estivesse

procurando outra opção, porém acaba desistindo e se acomoda ao meu lado.

O clima de descontração permanece enquanto comemos, inclusive porque alguém ligou o rádio e há um samba tocando ao fundo, em um volume que não incomoda ninguém, apenas proporciona um agradável som ambiente.

Alguns grupinhos vão sendo formados com diversas conversas paralelas, principalmente pela disposição de cada pessoa à mesa. Seria difícil manter mais de 15 pessoas em uma mesma conversa.

Eu, Gisele, Adriana e Cadu continuamos conversando, falando de nossas formações. Gi é interrompida em meio a uma história de sua época de faculdade pelo som de seu celular. Ela se levanta pedindo licença e sai para atendê-lo, deixando nós três conversando.

Adriana conta que se formou há quase dois anos e fico surpresa ao descobrir que ela é mais nova do que o Cadu. Não que ela aparente mais idade, mas ela é tão talentosa para alguém tão jovem. Antes de Gastronomia, ela fez curso técnico em Nutrição e chegou até mesmo a entrar nessa faculdade, para continuar os estudos. Fez apenas dois semestres e

desistiu porque viu que não era a praia dela. Resolveu mudar para Gastronomia e voltou a estudar. Acabou se formando como uma das melhores da turma.

— Cadu, e as fotos? — Senhor Arlindo grita do outro lado da mesa. — Daqui a pouco o pessoal vai querer ir embora e você não tirou nenhuma.

Ele pede licença, então, e vai pegar a câmera.

Adriana comenta que tem uma conhecida da faculdade que mora em Mogi e começamos a buscar alguma amizade em comum. Gi retorna e a incluímos na conversa.

Embora esteja atenta ao que estamos falando, também passo a, discretamente, prestar atenção no Cadu, que começou a fotografar.

Ele optou por começar pela mesa de doces e pelo bolo, antes de ser cortado, e o vejo assumir aquela sua expressão concentrada enquanto procura o melhor ângulo.

Está na cara, literalmente, o quanto ele gosta de tirar fotos. Cadu está completamente imerso na atividade, clica incontáveis vezes em busca da imagem perfeita. Às vezes ele olha para a tela e franze a testa, quando não gosta de alguma fotografia ou então sorri com o canto da boca,

quando visivelmente se orgulha de outra.

Fico com medo de alguém perceber que estou prestando atenção nele, então tento deixá-lo de lado, me concentrando unicamente na conversa com Gi e Adriana.

Mas é mais forte que eu.

Quando dou por mim, estou novamente o observando.

Ele não está mais fotografando a mesa de doces e sim parece estar tirando fotos de tudo e todos. Cadu circula pelo ambiente e tira fotos sem nem que as pessoas percebam.

Ao olhar mais uma vez para ele, sem resistir, percebo que ele está parado, olhando fixamente para a tela da câmera. Sua atenção está totalmente voltada a uma foto que ele tirou e sua expressão quase me deixa sem fôlego.

Aquela intensidade que vi em minha casa está novamente presente, sinto como se ele quase estivesse sendo tragado pela máquina em suas mãos. Noto que seu dedo indicador deixa a lateral da câmera e passa suavemente pela tela em um gesto que, por mais estranho que seja, parece acariciá-la, não limpá-la.

Cadu levanta os olhos em minha direção e me

pega o observando.

Sorrio para ele, para disfarçar o fato de que o estava analisando. Inesperadamente, é ele quem tenta desviar o olhar, constrangido, como se eu o tivesse pegado no flagra me encarando e não o contrário.

Fico sem entender, mas não consigo parar para pensar a respeito. Todos estão se levantando para cortar o bolo.

A sobremesa é ainda mais deliciosa do que bonita, e comprovo a minha sensação dela explodir em minha boca. A cada garfada, me sinto quase em êxtase.

Logo, começamos um mutirão parar organizar o restaurante. Como só utilizamos utensílios descartáveis, quase não há louça a ser lavada. As mesas vão sendo recolocadas em seu lugar e o clima de final de festa toma conta de todos.

Pouco a pouco, os funcionários começam a ir embora, agradecendo ao Senhor Arlindo pelo almoço.

Cadu decide que vai passar as fotos para o computador antes de partir, assim uma cópia dos arquivos já ficará aqui, sem que ele precise trazê-los depois.

— Fernanda — o Senhor Arlindo se dirige a mim —, será que você pode descarregar as fotos para o meu sobrinho? Estou precisando dele aqui um minuto.

Falo que tudo bem e pego a máquina com o Cadu, que faz mil e uma recomendações, inclusive sobre que cabos utilizar. Digo para ele ficar tranquilo, afinal, não é uma câmera de outro mundo. Prometo que tomarei cuidado e vou para o escritório.

Conecto os cabos certos enquanto o computador liga. Assim que ele inicia, coloco a senha e ligo a máquina, para iniciar a transferência dos arquivos.

Crio uma pasta nova na área de trabalho, e copio as fotos para lá.

Quando o procedimento finaliza, desligo a câmera e guardo tudo na bolsa com cuidado, seguindo as recomendações de Cadu.

Minha curiosidade fala mais alto e resolvo ver as fotografias.

Não demoro a perceber que o Cadu leva mesmo jeito. Vejo um trabalho que parece de um profissional, combinando ângulo, foco e luz de maneira exemplar.

Mesmo o que poderia ser um simples registro de uma reunião entre colegas de trabalho parece ter

vida pela forma como ele capturou cada instante.

E então meu coração quase para quando vejo uma foto minha na tela.

Cadu me enquadrou de forma que somente tivesse a parede atrás de mim e mais nada ao meu redor. A maneira como ele focou em meu rosto fez com que o cenário ao fundo ficasse borrado e, com isso, eu assumisse um ar quase etéreo.

Ele me fotografou sem que eu visse, provavelmente enquanto conversava, porque há um sorriso completamente espontâneo saindo dos meus lábios, mas como se eu preservasse uma aura de mistério.

Meus olhos brilham e acho que nunca me senti tão bonita quanto nessa imagem.

Olho para ela, admirada, tentando descobrir se realmente sou essa mulher que ele viu por detrás de sua lente.

E buscando uma resposta que explique o porquê de ele ter sido capaz de enxergá-la.

Cadu
visto por último hoje às 18:29

9/8/2014

Oie! Sabe que horas você chega no Rabanada?
10:10

Vi as fotos... Ficaram lindas!
18:53

Valeu!
23:02

13/8/2014

E aquele nosso filme, hein?
20:37

Opa! Vamos marcar
22:16

14/8/2014

Acho que vou pra Mogi amanhã, tentar encontrar o Flávio de novo no sábado...
19:37

Responda rápido o que você acha que vai acontecer: ele não trabalha mais no sebo ou vai ter faltado no dia?
19:54

CAPÍTULO 21

Dizem que quando algo é certo, você sente. Você sabe. Assim, sem mais explicações é tomado por uma certeza inabalável que te dá forças para persistir naquele caminho. Afinal, o resultado só pode ser um. Você está convicto disso.

Romeu e Julieta devem ter se sentido assim. Romeu tinha tanta certeza de que era a doce Julieta sua real amada que esqueceu da coitada da Rosalinda em questão de segundos. E a Julieta teve tanta certeza de amar Romeu, que permitiu que um completo estranho e inimigo da sua família, entrasse em seu quarto no meio da noite. Ok, eles já tinham se casado, mas ainda assim. Ela se casou com um completo estranho para ela e inimigo da família há anos em questão de dias.

Sendo mais atual, pensamos na Bella e no Edward. Ela estava *tão* "incondicional e

irrevogavelmente” apaixonada por ele que quem se importa com o fato dele ser um vampiro, não é mesmo?

Logo, eu devo estar ficando doida.

Porque só ter enlouquecido explica o clima que imaginei entre eu e o Cadu aquele dia em casa. Mas foi tão real, tão forte... Eu tinha tanta certeza.

Será que só eu senti aquilo?

Porque *nada* explica toda aquela intensidade e depois ele agir como se nada tivesse acontecido.

Ele continua se comportando como meu amigo... E nada além disso.

Aliás, “amigo”, porque tenho cada vez mais a impressão de ele ter se distanciado um pouco. Quer dizer, no trabalho as coisas continuam iguais, mas nossa troca de mensagens não tem sido mais a mesma.

E não acho que eu esteja sendo paranoica. Eu realmente comprovei, com *fatos*, que essa troca diminuiu: contei a quantidade de mensagens que costumávamos trocar antes do fatídico dia e o que passamos a conversar depois. E o número *caiu*.

Tá, talvez isso tenha sido um pouco obsessivo.

Mas não muda o fato de que ele realmente se afastou.

Eu até tentei tocar no assunto da sessão de filmes que ele havia proposto e ele desconversou totalmente. Usou aquela desculpa do "vamos marcar sim", que todo mundo sabe que na verdade, significa "não vamos marcar nunca, só estou evitando dizer a verdade para ser simpático" e ficou por isso mesmo.

E aquela brincadeira do "isso ou aquilo"?

Totalmente esquecida. Evaporou mais rápido do que meu salário quando cai na conta bancária.

Para ser justa, desde que minhas aulas recomeçaram, meu tempo livre diminuiu e ele pode ter se distanciado, assim, para não me sobrecarregar ou para não me distrair. Porém, não acredito muito nessa teoria. Lá no fundo, algo me diz que não é isso.

Só não faço ideia do que pode ser. Será que confundi tudo e nunca houve outra intenção além de amizade? Será que ele só estava sendo gentil?

Mas o que foi aquela vinda dele aqui no apartamento? Ou a foto no aniversário do Senhor Arlindo, sábado passado?

Tudo tem sido tão frustrante! Parece que minha maré de azar não termina. Além dessa situação com o Cadu, tem todos os currículos que tenho enviado

sem obter nem uma resposta de confirmação de recebimento e meu TCC, que está me deixando cada vez mais aflita.

Tenho cerca de 15 dias para descobrir minha nova proposta.

Estou precisando de uma injeção de ânimo. E algo que me distraia de toda tensão.

Justamente por isso, resolvi tirar o Projeto Escorpião do esquecimento e estou aproveitando a manhã de sábado para ir até o sebo onde o Flávio trabalha.

Eu sei. Não tive sorte com os encontros para o projeto até agora e o último foi um desastre tão grande que me desanimou por semanas.

Mas preciso tentar pelo menos uma última vez. Se as coisas não derem certo hoje, não terei outras opções, já que não sei mais o que fazer para encontrar o Rodrigo, e então posso dar o PE por encerrado.

Não posso desistir dele antes de ir até o fim, senão ficará sempre uma dúvida de como seria se eu tivesse continuado. Só assim para eu ficar com a consciência tranquila, certa de, pelo menos, ter tentado.

Como não tem vaga para estacionar na frente do

sebo, paro o carro da minha mãe em um estacionamento próximo do meu destino final e vou caminhando até encontrá-lo.

Meu coração está aos saltos, nervoso pela expectativa. E se dessa vez for diferente?

Logo que chego, vejo Flávio do outro lado do balcão. Percebo instantaneamente que sua foto do Facebook está bem desatualizada, porque seu cabelo é bastante comprido, quase no meio das costas e sua foto indicava um corte estilo tigelinha.

Reconheço que ele, à primeira vista, não faz muito meu tipo. Contudo, não sou superficial. Não é sua aparência o que realmente importa.

Vou andando entre os livros, fingindo estar entretida, uma desculpa para estar aqui. Pego alguns e enquanto olho para eles, aproveito para disfarçadamente analisar Flávio, visivelmente distraído.

Não noto nenhuma esquisitice aparente, mas não me deixo animar por isso. Os outros também pareciam promissores e onde foi que eu cheguei mesmo? Pois é, em lugar algum.

Para minha alegria, encontro uma edição de capa dura linda de *O Morro dos Ventos Uivantes* e resolvo levá-la comigo. Tenho vontade de ler esse

livro desde que a Bella o citou em *Crepúsculo*, se ela gosta tanto assim, é claro que preciso ler também.

Como o sebo não é muito grande, não tenho mais por onde vagar. Logo só me resta ir até o caixa para fechar a compra e, consequentemente, estabelecer meu contato.

Respiro fundo para tomar coragem e vou.

Assim que chego ao balcão, dou a Flávio o bom dia mais sorridente que ele com certeza já recebeu e pergunto o preço do livro.

Ele sorri e acena com a cabeça, respondendo ao meu cumprimento e me indica o valor com os dedos.

O-ou.

Impressão minha ou ele está evitando falar?

Não terei uma nova experiência *a la* Roqueiro Apático, terei?

Apesar que Flávio sorriu para mim, o que certamente é um avanço com relação ao André.

De qualquer forma, pergunto se eles aceitam cartão, considerando-se que quase nunca ando com dinheiro. Mamãe vive pegando no meu pé por isso, falando que é bom ter dinheiro vivo para alguma emergência.

Ele concorda com a cabeça, sem emitir uma palavra.

Ah, não. Me recuso a ser ignorada.

— Uhm, me desculpa, mas você é mudo? — pergunto temendo ser grosseira, mas não conseguindo evitar que meu receio e curiosidade falassem mais alto.

Ele sorri constrangido e faz que não, com a cabeça.

Vejo que ele para e começa a se concentrar. E então tenta me explicar o problema.

Digo "tenta" porque é nítida a dificuldade dele em estabelecer uma comunicação comigo.

Com muito esforço, ele mistura palavras soltas e gestos, além de inúmeras pausas para se decidir como explicar a passagem seguinte.

Estou com certeza de olhos arregalados, tentando acompanhar tudo.

É trabalhoso, mas acho que consigo entender. Ele diz que foi para o Japão quando bebê (a outra opção é que ele tenha tido um filho, mas isso não parece fazer muito sentido) e viveu lá até pouco tempo, o que explica ele quase não falar Português, ainda que entenda relativamente bem.

Diz também que seus pais são brasileiros e indica

seus olhos puxados. Ao menos, é o que deduzo. A não ser que o gesto dele apontando para baixo signifique “sebo” ao invés de “Brasil”, mas, de novo, não faria sentido.

Ah! Ele deve estar dizendo que os pais são descendentes de japoneses, então definitivamente o gesto anterior é “Brasil”.

Com muito custo, me concentro na parte seguinte. Ele mostra várias vezes sua língua e faz não com a cabeça, o que, sendo sincera, compõe uma imagem um tanto quanto... ahn...bizarra. Acho que Flávio está tentando dizer que acabou não aprendendo o idioma por seus pais conversavam muito pouco em português em casa, o que, devo dizer, proporcionou um gesto dele impagável ao representar o telhado com as duas mãos. Parecia que ia começar a dançar *YMCA*!

Acho que foram necessários uns dez minutos para chegar a essa explicação e há uma boa chance de eu ter entendido algo errado.

Agradeço pela conversa e pelo atendimento, pago o livro e saio quase correndo do sebo.

Flávio definitivamente riscado da lista. Se fiquei com dor de cabeça só com esse pouco que conversamos, imagina a gente tendo uma DR? Não,

obrigada.

Sou atingida por uma percepção maior:

O Projeto Escorpião chegou ao fim.

***

Volto para São Paulo no domingo constatando o óbvio: não tenho mais o Projeto Escorpião para me distrair, não tenho boas ideias para o TCC, não tenho perspectivas de um novo emprego, não tenho a menor noção do que se passa na cabeça do Cadu e continuo não tendo a menor ideia do que sinto sobre ele.

Se antes eu ficava obsessivamente tentando entender o motivo do Vinícius ter terminado comigo, agora fico relembrando e tentando interpretar falas, olhares e mensagens do Cadu em busca de qualquer coisa que eu possa ter deixado passar.

E é óbvio que não ajuda nada o fato de minha barriga dar uma cambalhota a cada vez que ele se aproxima ou quando, por milagre, vejo que é dele a notificação que recebo no telefone.

Inferno!

Das coisas que não tenho, a única que está mais ao meu alcance é o TCC. Sendo assim, entro em casa decidida a me dedicar a ele.

Jogo minha bolsa de qualquer jeito em cima da cama e pego todo o material de que vou precisar. Troco de roupa para ficar mais à vontade e vou para a sala, sentando confortavelmente no sofá.

Assim que o computador liga, abro os arquivos do TCC e tento estabelecer uma linha de raciocínio para começar a trabalhar:

Minha primeira ideia foi a de propor um novo *software* para controle financeiro do Rabanada e demonstrar as melhorias que ele poderia proporcionar em comparação ao método de controle (arcaico) atual de planilhas.

Se eu devo levar em conta o que já fiz até agora para pensar em um novo foco, preciso olhar para os dados sobre gastos, custos e lucros que recolhi. Afinal, se eu olhar para as informações sobre os métodos de controle, vou acabar ficando presa ao mesmo tema.

Pego meu caderno de anotações e abro em uma página em branco. Com o notebook no colo, vou olhando para as planilhas que copiei no pendrive e que demonstram toda a gestão financeira do

Rabanada. Vejo os custos que vão desde os alimentos até o local em si e os funcionários. Conforme passo os olhos pelas planilhas, o que vejo, principalmente, são os números.

E não sei o que fazer com eles.

Agarro uma almofada ao meu lado e a uso para sufocar um grito de frustração.

Ouço a chave girar na porta e me sinto instantaneamente aliviada por Dani ter chegado. Posso conversar com ela e, genial como ela é, espero que consiga me dar uma luz.

Mas é só ela entrar que percebo que esse desabafo não vai acontecer. Seus olhos puxados estão vermelhos e, seu rosto, inchado.

— Eu terminei com o Thiago.

Mal tenho tempo de tirar o computador do colo e correr até ela, que desaba, aos prantos.

Nunca vi Dani nesse estado e meu coração se parte por ela.

Sento encostada na porta, e deixo que ela deite no chão, com a cabeça no meu colo, e chore até se acalmar.

O que não acontece tão rápido.

Fico passando a mão em seu cabelo e dizendo "calma, respira" repetidamente, mas sei que ela só

vai se acalmar quando tiver colocado tudo para fora.

Quando suas lágrimas dão lugar a soluços contidos, pergunto a ela o que aconteceu.

— Aconteceu o que eu já tinha previsto — ela começa. — Ele não está pronto.

Ela explica que eles passaram um final de semana excelente juntos e que, pela primeira vez, ela assumiu para si estar completamente apaixonada. Disse que, em um primeiro momento, ficou extasiada ao perceber o próprio sentimento, mas que logo passou a temer o que isso significaria para eles. Foi quando ela notou que estava pronta para ter *a* conversa, que a hora tinha chegado. Se ela não fizesse isso, se entregaria cada vez mais à paixão, o que dificultaria ainda mais as coisas, caso não houvesse futuro para eles.

Já mencionei o quanto a Dani é prática, não?

Ela simplesmente percebeu o problema, descobriu o que fazer e colocou em ação sem nem pensar duas vezes.

Realmente preciso ter umas aulinhas com ela.

— Nós estávamos vendo um filme e, assim que acabou, virei para ele e disse que estava apaixonada. — Noto sua voz tremer, mas ela se

mantém firme. — E ele simplesmente ficou parado, olhando para mim, sem dizer nada.

Ela diz que ficou esperando que ele dissesse algo, qualquer coisa, e quando viu que isso não aconteceria, perguntou para onde eles estavam caminhando, se eles evoluiriam para algo além de dois amigos ficando juntos.

— E tudo o que ele respondeu — continua — foi “Eu não sei”. Isso partiu meu coração, Nanda.... Não saber já é uma resposta. E não era a resposta que eu queria ouvir. — Ela se permite derrubar algumas lágrimas. — Falei que eu precisava que ele soubesse. Que ele não precisava estar apaixonado por mim naquele momento nem me dizer nada do tipo, mas que eu precisava saber se havia a possibilidade de isso acontecer em algum momento. Se ele estava disposto a permitir abrir o próprio coração.

Ela para de falar e sei que está se segurando para não chorar.

— E ele disse que não estava? — Ela nega com a cabeça. — Disse que não poderia te garantir isso? — Tento mais uma vez.

Quando ela concorda, eu a abraço.

— E você então terminou tudo com ele, porque

precisa de uma garantia, não é?

Ela assente, mais uma vez.

— Ah, Nanda... — E se debulha em lágrimas novamente.

— Eu sei, Dani, eu sei.

Perco a noção de quanto tempo ficamos ali, comigo a embalando e acalmando. Quando ela para de chorar, delicadamente a encaminho até o sofá e peço para aguardar, enquanto faço um chocolate quente para nós.

— Eu já esperava por isso — ela diz, quando entrego sua caneca. — Então não foi um choque nem nada.

— Mas, ainda assim, dói né? — E me sento ao seu lado.

Ela concorda.

— Estou triste agora e sei que vai passar. Eu fiz o que poderia ter feito, certo? — Falo que sim, porém, percebo que ela está tentando se convencer. — Agora preciso respeitar a escolha dele. E assumir a minha. Afinal, fui eu que decidi terminar — diz, resoluta.

— Você fez o melhor para você, Dani.

— Fiz, eu sei. E é isso o que me conforta. Está doendo agora, mas doeria muito mais se eu ficasse

em uma situação com a qual não concordo. — Ela faz uma pausa para assoprar a caneca e tomar um gole do chocolate.

— Você é uma das pessoas mais fortes que eu conheço, sabia, Dani? — E estou sendo completamente sincera.

— Você também é forte, Nanda, só talvez não saiba disso — ela diz com um sorriso triste.

— Forte, eu? Alô-ou, você viu quanto tempo fiquei na *bad* pelo Vinicius? Aliás, acho que ainda nem me recuperei totalmente! E eu jamais conseguiria agir assim que nem você, sério! — falo dando um pulo onde estou sentada, virando o corpo para ela.

— Não é porque não temos o mesmo tipo de força que você não seja forte. Ser sensível não é sinônimo de ser frágil — ela diz, convicta. — Você se permite *sentir*, Nanda, seja o que for, seja com a intensidade que vier. Não é qualquer um que aceita as próprias emoções, a dor muito menos. E você olha para ela de frente, a recebe de braços abertos, porque sabe que só assim ela vai poder ir embora quando for a hora.

Meus olhos se enchem de lágrimas. Aqui está minha melhor amiga, arrasada, mas ainda assim

encontrando uma maneira de motivar nós duas. Achando uma forma de lidar com a própria dor e me dizer, do seu jeito, que entende a minha.

Seguro sua mão e a aperto, sorrindo com os lábios fechados, fazendo força para segurar as lágrimas. Ela entende o gesto e aperta minha mão de volta.

Nós podemos estar com o coração partido, mas temos uma a outra.

E somos imensamente sortudas por isso.

Mãe
visto por último hoje às 07:59
HOJE

Foto
07:58

Foto
07:58

Foto
07:58

Foto
07:59

Bom dia, mãe! Também te amo!
08:06

*Que seu dia também seja abençoado =**
08:06

CAPÍTULO 22

Noto uma estranha movimentação quando chego ao Rabanada na quarta-feira de manhã.

— Ah, é você — Gi olha para mim com uma expressão de alívio, enquanto vejo pelo vidro os funcionários agitados com alguma coisa que ainda não identifiquei. Seria aquilo um bolo?

— O que está acontecendo? — pergunto enquanto tiro meu casaco e o penduro na cadeira, antes de guardar minha bolsa no armário.

— O Senhor Arlindo me ligou hoje cedo avisando que é aniversário do Cadu e pediu que eu comprasse um bolo para cantarmos parabéns quando ele chegar — ela explica. — Não seria mais fácil ter me falado ontem? Eu teria pedido para a dona Mazé fazer o bolo e teria combinado com todo mundo para chegar mais cedo. E sabe o que é pior? — Não me espera responder. — Ele mesmo não vai vir agora, só chega para o almoço mesmo

— reclama.

Me esqueci totalmente de que o Cadu faria aniversário no final do mês. E como passei as últimas semanas atolada de preocupação com meu TCC, abandonei por completo meu ritual de checagem de aniversários pelo Facebook.

E é bem a cara do Senhor Arlindo mesmo promover uma festa para comemorar o próprio aniversário e só pedir um bolo de última hora para o sobrinho. Mas ok, ele merece o crédito por pelo menos ter pedido para a Gi providenciar isso.

Começo a me sentir estranhamente incomodada, sem conseguir identificar com o quê.

Ouvimos um barulho de alguém se aproximando, Gisele sinaliza para todos fazerem silêncio e ficarem a postos, próximos do escritório, com o bolo a mão.

Quando Cadu entra, o Rabanada explode em um “Parabéns a Você” desafinado, acompanhado pelas palmas. Ele se assusta com nossa recepção acalorada, e não consigo evitar de rir do discreto pulo que ele deu.

Ele começa a receber os cumprimentos dos que estão mais próximos a ele, e fico aguardando chegar minha vez, com o conhecido frio na barriga

de quando sei que terei que me aproximar dele.

— Feliz aniversário, Cadu — falo, quando vou parabenizá-lo, dando um abraço. Será possível ele estar ainda mais cheiroso hoje? — Se eu soubesse, teria te comprado uma lembrancinha.

— Poxa, e como assim você não comprou nada? Fala sério, Nandinha, caiu no meu conceito — diz com seu jeito brincalhão.

— Só estava querendo ser simpática. Na realidade, se eu soubesse que hoje era seu aniversário, teria é faltado, isso sim — retruco.

Ele sorri, antes de me responder:

— Essa é a Fernanda que conheço!

Depois de comermos o bolo, cada um segue com seus afazeres: Cadu foi para o estoque, eu e Gi ficamos no escritório.

Enquanto checo os pedidos para a próxima semana, não consigo deixar de lado a sensação de que tem alguma coisa errada, que está me incomodando desde que cheguei.

Olho ao redor, em busca de possíveis mudanças que poderiam ter me causado um estranhamento.

Tudo continua exatamente igual.

— O que foi? — Gi pergunta ao notar minha testa franzida.

Respondo que não é nada e tento me concentrar nos pedidos, enquanto ela vai para a cozinha, checar a temperatura dos pratos.

Depois de cinco minutos olhando para a tela do computador e sem fazer ideia do que estava lendo, resolvo levantar e caminhar pelo pequeno espaço do escritório, em busca do que pode estar me incomodando.

Checo nosso quadro de avisos na parede, não há nada urgente nele ou que eu possa ter esquecido.

Abro o armário, olho pela janela de vidro, mexo, inclusive, nos bolsos do meu casaco, pendurado na cadeira.

Absolutamente nada.

Sento novamente, frustrada, e forço a mente para tentar me lembrar do que pode ter despertado essa sensação em mim.

Eu não me sentia assim antes de chegar aqui. Logo que cheguei, todo mundo estava se preparando para o aniversário do Cadu. Eu guardei minhas coisas e...

Sinto um arrepio na espinha.

O aniversário do Cadu.

Hoje é aniversário dele.

Olho para o calendário, no computador, para

confirmar o que já sei. O que inconscientemente já sabia.

O Cadu não é virginiano, está bem longe de ser meu signo complementar.

Ele é leonino.

Não pode ser! Ele me falou que era virginiano! E eu não posso mais ter absolutamente nada com *qualquer* leonino!

Não que eu esteja próxima de ter alguma coisa com ele.

Fecho os olhos e me lembro da nossa conversa, do segundo dia dele no Rabanada. Prendo a respiração por um segundo ao perceber meu erro.

Ele não me disse seu signo, nem me falou o dia do seu aniversário. Disse que faria 26 anos dentro de um mês e eu supus que seria depois do dia 23.

Lerda, lerda, lerda!

Fiquei atraída assim por ele não por sermos de signos compatíveis, mas por causa dessa minha atração ridícula por leoninos!

E é por isso que ele não correspondeu.

Mas que droga! Eu fiz uma *lista* para conhecer novas pessoas e não correr o risco de me apaixonar de novo por alguém de leão e me encanto pelo primeiro leonino que me aparece?

Ai, meu Deus.

Me apaixonar?

E justamente agora, quando não tenho mais esperança alguma com o Cadu, percebo que foi isso o que aconteceu.

Eu me apaixonei por ele.

Acho que, lá no fundo, eu já sabia disso e não queria assumir para mim mesma. Ele não mexe comigo de um jeito normal só para uma quedinha. É mais profundo do que isso.

Penso no seu sorriso, que parece iluminar o ambiente, seja onde estiver. Lembro de sua maneira de me olhar, como se visse algo além de mim. Sinto seus lábios pousando de leve em minha testa e ouço o barulho rápido de sua respiração enquanto me abraçava. Mais do que tudo, penso em como ele sempre foi gentil comigo e como me deixa confortável em ser eu mesma.

É *óbvio* que eu estou apaixonada.

Droga!

— Algum problema com os pedidos? — Cadu pergunta ao entrar na sala.

Ops. Acho que praguejei em voz alta.

— Ahn não, tudo sob controle. Eu só.... Bati o joelho na mesa — invento.

Sinto um estranhamento desconfortável pairar no ar, mas pela expressão de indiferença do Cadu, talvez só eu esteja sentindo isso.

Começo a tentar ver meu reflexo pela tela do computador. Será que meu cabelo está no lugar? Alguma chance do meu dente estar sujo?

Sinto a ansiedade me deixando inquieta, com o sentimento de que eu deveria falar algo. Puxar assunto, talvez?

Só que fico com medo de perguntar algo e ele pensar que eu estou interessada nele. Ou deixar de perguntar, e aí sim ele achar estranho. Aquela história de psicologia reversa, sabe?

A questão é que eu *estou* interessada. Mas não deveria estar.

Assumir estar apaixonada pelo Cadu me faz perceber que não faço ideia de como agir perto dele.

Antes, era fácil estar com ele. As palavras vinham sem esforço e a falta delas não indicava nada além de duas pessoas confortáveis com silêncio entre elas.

Agora, é como se houvesse um branco na minha mente, me impedindo de pensar. Quer dizer, me impedindo de pensar algo que eu poderia

compartilhar com ele para iniciar uma conversa. Meio que não posso dizer "Ei, Cadu, sabe da última? Me apaixonei por você e agora não sei mais como me comportar como uma pessoa normal perto de você. Não é engraçado?".

Inferno! Seria muito mais fácil se eu não sentisse que *preciso* falar alguma coisa.

— Você está estranha — ele diz.

Para meu completo horror, dou um gargalhada estridente, como se ele tivesse acabado de contar a maior piada do universo. E o que ele disse nem graça teve.

Ele me olha sem entender, ainda mais desconfiado depois desse meu surto maníaco.

Suspiro.

O dia vai ser longo. Bastante longo.

***

Saio da faculdade exausta.

Passei o dia fugindo do Cadu no Rabanada, evitando estar perto dele sempre que possível. Pela primeira vez, agradeço por não estarmos assim tão próximos como antes.

Quando saí de lá não fui para casa, como de costume, fiquei enrolando na rua até o horário de ir para aula, pensando em como me sinto.

É bom saber que estou deixando para trás a sombra do Vinícius em minha vida. Hoje percebo que a causa da dor é a forma de como terminamos e o que descobri depois, mas não mais sua ausência. Ou o fato de eu querê-lo e não mais estarmos juntos.

Para minha surpresa, eu não quero mais.

Por outro lado, de que adianta gostar de alguém com quem não tenho a menor chance de futuro?

Tudo o que Cadu tem demonstrado é que é meu amigo. Só isso. E mesmo se ele quisesse algo além disso, não posso permitir. Não quero nunca mais passar pelo que já passei.

Quando chego em casa, Dani está terminando de lavar a louça do que deve ter sido seu jantar.

— Chegou mais cedo? — pergunto ao fechar a porta.

— Não tive a segunda aula.

Ela aparenta estar se recuperando bem desde o término com Thiago, apesar do pouco tempo que passou. Dani é daquelas que se permite chorar e sofrer por um dia e, no seguinte, está de pé como se

nada tivesse acontecido.

É claro que, no fundo, sei que ela ainda sente. Quando acha que não estou vendo, percebo como ela as vezes fica perdida, olhando para o nada, ou como o fundo dos seus olhos parece trazer com eles uma mágoa. O que é bem normal, afinal, ela não é alienígena.

Mas ela seguiu sua rotina normalmente. Continua indo para o Pilates, ficando doida com o trabalho e indo para a faculdade.

E adorando cada segundo dessa correria.

— Está tudo bem? — ela pergunta ao se virar para mim.

— Ah, Dani... Não sei.

O que já é suficiente para ela sair da cozinha no mesmo momento em direção ao sofá.

Sento ao lado dela e conto minha descoberta do dia.

Ela me ouve atentamente, quase sem fazer expressão alguma.

Só quando termino é que ela se pronuncia.

— Bom — e se ajeita para olhar diretamente para mim antes de continuar —, primeiro de tudo: você realmente está disposta a evitar um relacionamento com alguém por causa do *signo* dessa pessoa?

Fico estupefata.

— Mas é claro, Dani! Eu falei para você de todos os fiascos dos leoninos na minha vida. Não preciso de mais um!

— Tudo bem, eu concordo com você que foi uma coincidência e tanto — diz, colocando os cabelos atrás da orelha —, mas você acredita mesmo nisso, que foi o fato deles serem leoninos que estragou as coisas?

Não sei o que dizer para ela. Se não foi isso, qual foi o problema, então?

Eu me apeguei tanto a essa explicação que simplesmente parei de questionar qualquer outra coisa.

Precisa ser isso.

— Não precisa me responder — continua —, até porque, pelo que você falou, não é como se as coisas estivessem caminhando para vocês dois, né?

Ela diz isso com gentileza, mas ainda assim me sinto triste por encarar essa verdade que eu já conhecia.

— Mas sabe o que me preocupa nisso tudo, Nanda?

— O quê? — pergunto em um sussurro, temendo o que está por vir.

Ela parece procurar as palavras e, então, toma fôlego para continuar. Abre a boca uma vez e desiste, pensando melhor. Então, como se tivesse encontrado coragem, dispara olhando para mim:

— Por que você acha que precisa de alguém para ser feliz?

Fico surpresa. Não esperava essa pergunta.

— Como assim? — pergunto franzindo a testa e esticando as costas, projetando meu corpo para trás.

— Pensa comigo. Eu entendo você ter ficado mal por ter terminado com o Vinícius e não é isso o que estou questionando. Mas então você fez uma lista de possíveis pretendentes e saiu em busca deles, sem nem cogitar a hipótese de simplesmente continuar sozinha. Como se você *precisasse* estar com alguém.

Ela percebe que estou muda e continua.

— Você colocou essa ideia de lado não só porque obviamente ela não estava dando certo, mas porque o Cadu apareceu e você tinha uma alternativa na qual focar sua atenção. E então, assim que as coisas com o Cadu pareceram não estar muito bem, você voltou para o projeto e só o abandonou de vez porque não tinha outra opção de cara para procurar.

Não foi isso o que eu fiz. Foi?

Então fico constrangida, porque sei que, no fundo, foi *exatamente* o que fiz.

— Você se lembra de quando a gente se conheceu? — ela pergunta. Faço que sim, sem saber exatamente o que ela quer dizer com isso. — Você estava sofrendo porque o garoto de quem você gostava mudou de cidade para fazer faculdade, antes que você tivesse a chance de tentar alguma coisa. Lembra?

Gabriel. Como poderia me esquecer?

Fiquei tanto tempo com medo de me declarar e quando decidi que precisava tentar, descobri que ele estava de mudança.

Fiquei arrasada, foi assim que eu e Dani nos aproximamos. No começo do curso, eu e ela estudávamos de manhã, pegávamos o mesmo fretado para São Paulo, ainda que fizéssemos faculdades diferentes. Ela não é de Mogi, mas de uma cidade próxima, e o ônibus passava por lá.

Ela me viu um dia chorando no ônibus, perguntou se estava tudo bem. Acabei me abrindo com ela e começamos a conversar.

Conforme nossa amizade foi crescendo, surgiu a ideia de nos mudarmos para São Paulo e dividirmos um apartamento, o que, de fato, consolidou a

relação que estávamos criando.

E nos poupou de mais cansaço. Aquela vida de ir e voltar todos os dias estava acabando com a gente.

— E aí — ela continua — logo depois você conheceu aquele cara da academia e passou quase que o resto do ano todo naquele vai e volta com ele.

Logo depois de me mudar para São Paulo e começar a faculdade, me inscrevi em uma academia com o pensamento de que começaria a ser *fitness* — resolução essa que só durou alguns meses.

Conheci o Lucas logo na primeira semana e fiquei caidinha por ele. Comecei a malhar todos os dias para encontrá-lo e não demorou até começarmos a conversar. As conversas viraram algo mais e, de repente, estávamos e não estávamos juntos.

Mesmo quando parei de ir para a academia, nós continuamos saindo. Só que eu nunca sabia o que esperar dele, porque não agíamos como namorados. Nós só ficávamos juntos de vez em quando.

Até que ele, um dia, sumiu sem deixar rastros, e nunca mais conversamos.

E foi um pouco depois que conheci Vinícius.

Fui um dia à biblioteca da faculdade e ele estava lá. Até hoje não sei por que ele estava atrás de um

livro de Administração, sendo que fazia Farmácia. Mas a questão é que trocamos uma ou duas palavras — e alguns sorrisos — e acabamos nos encontrando uma semana depois na lanchonete do *campus*.

Foi assim que tudo começou.

— E logo depois dele — Dani fala, me tirando do meu devaneio — veio o Vinícius — faz uma pausa antes de continuar. — Você está sempre emendando paixões, Nanda. Sempre buscando alguém com quem você possa estar.

— Mas eu não faço isso de propósito... E eu realmente gostei dessas pessoas — falo na defensiva.

— Não estou dizendo que não tenha gostado — ela logo se explica. — E nem que você faça isso conscientemente. Mas é como se você acreditasse que, sem estar com alguém, você não pode ser feliz. Ou completa. E isso é mentira.

Olho para ela confusa, e um pouco ressentida com o que ela pode estar falando.

— O que você está dizendo, Dani?

Ela suspira.

— Só acho que você, no fundo, acredita que depende emocionalmente de alguma relação

amorosa.

— E tem algum problema querer ter alguém na minha vida? — E acho que sou um pouco ríspida ao dizer isso.

Se Dani percebe meu tom, não fala nada.

— Não, não tem problema algum. Só você sabe o que é melhor para você. Você é livre para querer se casar ou não, ficar em um relacionamento aberto ou não, morar com alguém ou não. Enfim, seja o que for, só cabe a você decidir. Mas a pessoa ao seu lado precisa ser um acréscimo na sua vida. Não uma parte essencial sem a qual você não é capaz de viver. Essa parte essencial não é uma parte. É você inteira. E você só depende de você para ser feliz e fazer o que for com sua própria vida.

Não sei se consigo entender o que ela está me dizendo. É verdade que eu tenho facilidade em me interessar por alguém, mas não faço disso meu objetivo de vida.

Ou faço?

Sinto um bolo em minha garganta. E meu coração está acelerado.

Um milhão de coisas passam em minha cabeça e não consigo organizar meus pensamentos.

Estou atônita. Não, percebo. Estou nervosa.

Não sou essa pessoa que ela pintou, sou?

— Eu não sou carente, Dani... — Minha voz soa seca quando sai de minha boca.

Ela me olha surpresa. Acho que não esperava essa reação.

Dani estica a mão, tentando encostar em meu braço antes de continuar.

— Não estou dizendo que você seja, Nanda, só...

— Então o que você está dizendo? — E retiro meu braço de seu alcance de forma automática.

Ela se levanta.

— Olha, Nanda, eu não quero discutir com você. Me desculpa se eu te magoei. De verdade. Acho que passei dos limites.

— Eu só acho que você não entende, Dani. Nós somos diferentes, só isso.

— Sim, nós somos — ela concorda. E então parece cansada. — Só me preocupo com você, Nanda.

— Não precisa se preocupar — respondo sem nem pensar.

Ela me olha magoada, mas não fala nada. Murmura um “tudo bem” e diz que precisa dormir. Solta um “boa noite” ao me deixar na sala ainda mais perdida em pensamentos do que eu já estava.

Fico um tempo olhando para o nada, até que deixo o bolo de minha garganta extravasar.

Deixo as lágrimas caírem livremente, sem saber o motivo delas estarem ali.

Estou frustrada. Estou confusa. E acho que discuti com minha melhor amiga.

Decido que são motivos o suficiente, então choro ainda mais por encarar minha situação patética.

Apesar de meus sentimentos sobre o Cadu terem me atormentado o dia todo, são as coisas que a Dani me disse que agora ressoam na minha mente.

Será que não me interesso pelas pessoas por acaso, mas porque, inconscientemente, estou sempre *procurando* por alguém?

Nunca pensei em mim dessa forma. Nunca nem *percebi* que faço isso.

Será que a Dani não está exagerando?

Decido que não vou encontrar essa resposta sozinha.

Preciso da ajuda da pessoa que melhor me conhece no mundo.

Pego meu celular, sem me importar com o horário — sei que ela só verá amanhã cedo — e digito:

Mãe, você acha que eu acredito que

PERIGOSAS NACIONAIS

depende de outras pessoas para ser feliz?

PERIGOSAS ACHERON

Mãe
online

HOJE

namda to coum saldadi qamdo
vose veim aqi pra caza
18:19

Mãe, a Bel pegou seu celular de novo
18:47

Pelo menos ela usou pra falar com você! Esses dias ela tava quase pedindo uma pizza, quando tirei da mão dela, acredita?
18:52

*Hahaha... Diz pra ela que também estou com saudades =**
18:53

PERIGOSAS NACIONAIS

CAPÍTULO 23

Levo um susto quando saio da faculdade, na sexta, e encontro minha mãe parada no carro, me esperando na saída.

— O que você está fazendo aqui? Aconteceu alguma coisa? Está todo mundo bem? — disparo as perguntas, temendo o pior.

— Não aconteceu nada — ela me tranquiliza. — Só quis fazer uma surpresa. Achei que estávamos precisando de um tempinho juntas. Entra no carro!

Fico aliviada por estar tudo bem, mas ainda não entendo o que está acontecendo. Acho que eu ainda estava no ensino fundamental na última vez que mamãe me buscou na escola. E nós definitivamente morávamos na mesma cidade.

Dou a volta no carro e entro pela porta de passageiro, tentando entender o que fez mamãe resolver estar às 23h de uma sexta-feira na porta da minha faculdade.

PERIGOSAS ACHERON

— Essa é a hora que eu finjo que não é esquisito você aparecer assim, sem aviso? — pergunto, enquanto coloco o cinto de segurança. — Ainda mais em um final de semana que não volto para Mogi?

De repente me dou conta de que a viagem é meio longa, só para minha mãe ter vindo me buscar. Será que ela vai querer dormir no apartamento? Não que seja um problema, só não temos um colchão extra. Ou lençóis. E o sofá não é muito confortável.

Quase gemo de agonia pensando na minha futura noite mal dormida. Posso ser a pior e mais despreparada anfitriã do universo, mas não vou deixar mamãe dormir toda desconfortável. Por pior que seja minha crise de identidade atual, eu ainda tenho meus princípios.

Crise de identidade. E conversei superficialmente com ela sobre isso.

Ah.

Acho que entendi o porquê de ela estar aqui.

— Como falei, achei que estávamos precisando de um tempinho só nós duas. E então pensei, por que não fazer um final de semana nosso, só das mulheres Cardoso?

Ai. Vai ser um final de semana de noites mal

dormidas então.

Espera aí. Ela disse “mulheres Cardoso”, não disse?

— Uhm, mãe, não é por nada não, mas acho que você esqueceu uma das suas filhas. Cadê a Bel?

— Em casa, ué. Ela ainda é uma garotinha Cardoso, não uma mulher. — E pisca para mim, como quem sabe das coisas.

— Mas ela vai ficar sozinha com o Cássio o final de semana todo?

Ela quase me fuzila com o olhar, mas me responde com a maior calma e elegância que possam existir.

— Ela não vai estar sozinha, Nanda. Vai estar com o pai dela. Que é perfeitamente capaz de cuidar da filha, assim como eu sou, se ele precisar se ausentar por um final de semana. — E sorri de lábios fechados, levantando uma das sobrancelhas, querendo deixar clara a mensagem nem tão sutil de que falei uma asneira bem grande ao insinuar que a responsabilidade de cuidar de um filho é da mãe, e não de ambos os pais.

E isso porque eu acredito na divisão de tarefas. Parabéns para mim.

Então seremos só nós duas mesmo.

E embora eu não consiga muito bem imaginar eu e minha mãe tomando drinks de pijama e assistindo a comédias românticas, estou curiosa para ver como será esse nosso final de semana a la *Gilmore Girls*.

E um tiquinho assustada. Ainda não faço ideia do que ela tem em mente.

Antes de mamãe conhecer o Cássio e ter a Bel, era bem comum que estivéssemos sempre fazendo algum programa, só nós duas. Íamos ao cinema, jantávamos em lugares diferentes, fazíamos dias de beleza.

Não que isso tudo tenha acabado com a chegada dos dois novos membros da família, mas a dinâmica mudou. Primeiro, passamos a ser três, ao invés de só nós duas, e as nossas saídas sozinhas foram diminuindo. Depois, minha mãe ficou grávida e, quando a Bel nasceu, por algum tempo foi difícil fazer qualquer uma dessas coisas com um bebê a tiracolo. E logo eu já estava focada nos estudos do ensino médio, pensando em vestibular, em sair com minhas amigas e, é claro, nos garotos.

Pensando bem, desde que vim para a faculdade e mudei para São Paulo, a quantidade de vezes que só nós duas fizemos algo do tipo foi...

Nenhuma.

Quando olho para fora, percebo que ou mamãe está perdida ou está fazendo um caminho muito alternativo para minha casa.

— Por onde você está indo? Você perdeu a entrada para o apartamento.

— Não estamos indo para lá.

— Estamos indo para onde, então? — falo, confusa.

— Aguarde! — E sorri para mim.

Acho que estou sendo sequestrada por minha própria mãe.

***

Chegamos em Bertioga perto de meia-noite e meia. Mamãe continuou mantendo o suspense até pegarmos a estrada para o litoral, e aí entendi qual era nosso destino.

Faz muito tempo que não venho para cá. Meus avós têm um apartamento aqui, então vinha com frequência quando era mais nova. Nos últimos anos, porém, deixei de acompanhar minha família.

Pegamos no porta-malas nossas bagagens, e

vamos para o elevador. Minha mãe trouxe uma mala de Mogi para mim e apesar de eu não fazer ideia do que tem nela, imagino, pelo peso, que nada esteja faltando.

Apesar de ainda estarmos no inverno, mamãe achou que seria uma boa ideia vir para cá: além de sair da rotina, poderíamos passear e aproveitar “a vista inspiradora da praia”, segundo suas próprias palavras.

Eu disse que, considerando minha atual situação caótica com o TCC e que eu tinha a intenção de ficar em São Paulo justamente para trabalhar nele, ela não estava sendo uma mãe muito convencional. Foi quando ela me respondeu que estava exercendo seu papel de outra maneira

Quem sou eu para discutir, não é mesmo?

Depois da mensagem que mandei na quarta de noite, ela ficou preocupada. Me ligou no outro dia logo de manhã querendo saber o que tinha acontecido e ao ouvir meu relato resumido, me disse que conversaríamos melhor depois. Assim, ela planejou essa mini viagem e foi atrás de tudo de que precisava para virmos para cá.

Logo que entramos, sou atingida por duas sensações.

A primeira é o leve cheiro de mofo, já que o apartamento fica fechado por um tempo considerável, quando ninguém vem para cá.

Poderia passar sem essa.

A segunda são as mais diferentes lembranças, de períodos diversos da minha vida. É impossível não olhar para a mesa de jantar, à direita da sala, e não lembrar das partidas de buraco que eu, meus avós e minha mãe jogávamos quando eu era criança, a maneira de como eles fingiam ficar bravos por eu toda hora pegar as cartas do descarte. Ou da vez em que a Bel devia ter uns dois anos, fugiu do Cássio enquanto ele dava banho nela, ingenuamente ele confiou que Bel o esperaria enquanto falava ao celular. Quando deu por si, Bel já estava correndo pela casa toda cheia de espuma.

Senti falta daqui. É estranho como, com o passar do tempo, vamos abrindo mão de coisas de que gostamos sem nem perceber, quase como se esquecêssemos do que faz parte de nós. Como se esquecêssemos de uma parte de quem somos.

Deixamos as malas nos quartos e começamos a abrir todas as janelas, para ventilar um pouco a casa antes de irmos dormir. Como estamos com fome, minha mãe resolve fazer um macarrão alho e óleo

com muito queijo para nós, apesar do horário.

Vou guardando nos armários da cozinha os mantimentos que trouxemos. Não tem muita coisa, são mais alimentos para lanches. Acho que mamãe planeja almoçar fora amanhã.

— E como estão as coisas entre você e a Dani? — ela me pergunta, enquanto corta o alho.

Sinto um desconforto ao lembrar de nossa situação. Acho que é a primeira vez que nos desentendemos, depois de praticamente quatro anos de convivência.

— Estão estranhas — finalmente respondo. — Não que a gente tenha chegado a brigar, mas ficou um clima meio pesado, sabe? Aquele jeito de quem não sabe como agir com a outra pessoa. Na verdade, a gente quase não se viu ontem — comento. — Quando acordei, ela tinha ido para o Pilates e fui para o Rabanada antes dela chegar. Só nos vimos de noite e quase nem conversamos. Hoje só nos vimos de manhã. Ela ia passar o final de semana na casa da mãe dela.

Minha mãe assente, refletindo sobre o que dizer.

— E você ficou magoada com o que ela falou porque discorda ou porque acha que ela tem razão?

Ela me lança um olhar gentil, como se já soubesse

da resposta, ainda que eu mesma não tenha certeza sobre ela.

Porque essa é a verdade. Passei os últimos dois dias pensando sobre essa minha possível carência, e não sei a que conclusão chegar. Ao mesmo tempo em que parece ter sentido no que Dani falou, não consigo me visualizar assim. Essa imagem de mim mesma soa tão...desesperada. E fútil.

Balanço a cabeça e respondo baixinho que não sei, quase um fiapo de voz.

Ela assente, compreensiva, e sorri carinhosa.

— Ah, Nanda. Posso estar enganada, mas acho que você concorda com ela e se culpa por isso, certo?

— Acho que sim... — E sinto que estou prestes a começar a chorar.

— Filha — ela começa —, você se lembra de quando era pequena e nós nos juntávamos para as sessões de desenhos da Disney?

Fiz que sim, estranhando a mudança abrupta de assunto.

— Não esqueço de como você se encantava com eles, de como seus olhos brilhavam quando cada um deles terminava. — E de repente ela parece perdida em lembranças, o amor transbordando de

sua expressão. — Você ficava viciada quando via um novo filme e passava meses desejando ser aquela princesa, queria tudo relacionado àquele desenho. Aliás, você e praticamente todas as suas amiguinhas. — Sorri. — Perdi as contas de a quantos aniversários com o tema de *Mulan* nós fomos.

E consigo me lembrar. Das mochilas, bonecas, convites de aniversário. Das horas intermináveis assistindo ao mesmo desenho, rebobinando as fitas e recomeçando a assistir quando chegava ao fim.

— Mas os seus favoritos — ela continua — eram os clássicos. Você ficava vidrada com *A Bela Adormecida* ou *Cinderela*. Cantava todas as músicas de *A Bela e a Fera*. Temia a bruxa de *A Branca de Neve* e passou meses se recusando a comer maçã com medo de ser envenenada.

Nós duas rimos. Havia me esquecido do período de greve da maçã.

— E sabe o que eles têm em comum?

— Finais felizes? — arrisco.

— De certa forma, sim. Mas finais felizes que dependem de um príncipe.

Ela termina de colocar o macarrão para cozinhar e se senta na bancada a minha frente.

— Essa é uma das coisas difíceis em se nascer menina — continua. — Quantos exemplos a gente não tem ao nosso redor nos ensinando que a gente precisa encontrar nosso príncipe para ser feliz? E é claro que eu concordo que é possível ser feliz assim. Mas não seria muito triste se *só* pudéssemos ser felizes desse jeito? Se nossa felicidade dependesse inteiramente de outra pessoa?

Concordo e ela continua.

— É difícil se desvincular dessa ideia quando ela nos cerca o tempo todo, filha.

— Mas a Dani não é assim — digo. — Temos a mesma idade, crescemos na mesma época...

— Mas vocês são pessoas diferentes — ela me corta. — Vocês podem ter tido as mesmas influências, e não estou dizendo que tiveram, e ainda assim terem sido afetadas de formas diferentes. Cada pessoa é de um jeito, reage a um estímulo de um modo próprio. E isso não te torna menos ou pior do que ela, Nanda.

Continuamos conversando, ela me diz como é cruel, nesses casos, que a gente cresça aprendendo que depende de alguém para ser feliz e, depois, se sinta culpada por ser assim, por acabarmos sendo pintadas como carentes.

Exatamente como estou me sentindo agora.

Errada por ser de um jeito que eu nem sabia que era.

— Você não tem que ser uma coisa ou outra — fala enquanto escorre o macarrão e eu arrumo os pratos no balcão. — Aliás, você não “tem que” absolutamente nada. Só você sabe o que é certo para você, filha, e se não souber, só cabe a você descobrir.

Um eco do que a própria Dani havia me dito.

— Isso tudo me deixa confusa, mãe. Estamos tendo essa conversa porque, em primeiro lugar, não é bom estar sempre focada em algum cara, certo? Mas então você me diz que só eu sei o que é melhor para mim. E se isso for o melhor para mim?

— Filha... — Ela respira fundo. — Não acredito que para *ninguém* o melhor para si esteja nas mãos de outra pessoa. É isso o que quero que você entenda. Você é livre para escolher como deseja viver sua vida, principalmente se quer compartilhá-la com alguém ou não. Mas essa não pode ser sua única preocupação, sua maneira exclusiva de vivê-la. Se for, sua capacidade de ser feliz pode não depender das suas escolhas. Não vai estar ao seu alcance e sim sujeita à vontade de outra pessoa. Sua

vida é o que você vive agora, da hora que acorda até quando dorme. Ela não vai começar ou só acontecer quando você tiver um parceiro ao seu lado. Tenho certeza de que existem outros sonhos aí dentro de você, outras vontades e necessidades que se bastarão simplesmente com você mesma. Não têm?

Só o que sinto é um vazio. Não consigo pensar em absolutamente nada.

Começo a me sentir envergonhada por não ser capaz de dizer quais os meus sonhos. Qualquer sonho.

Mamãe percebe meu olhar assustado e vem até mim, me abraçando. Quando fecha seus braços ao meu redor, fecho os olhos e então choro. Me deixo ser confortada por seu calor, por seu cheiro só seu, agora levemente misturado ao de alho. Permito-me sentir perdida e confusa.

Sinto sua mão passando no meu cabelo, seu beijo suave em minha cabeça.

— Você é tão nova, filha — diz com carinho. — Você ainda precisa se descobrir. Que tal olhar um pouco mais para dentro de você ao invés de estar tão atenta ao que está fora?

Balanço a cabeça concordando, passo a mão no

rosto para limpar as lágrimas.

Ela me entrega um guardanapo e nos sentamos para comer, em silêncio.

Quando acabamos, ela me diz para deixar a louça na pia. Está tarde e estamos bastante cansadas. Ainda assim, ela parece estar pensando em algo, e se vira decidida, pegando minha mão e me levando para a sala.

— Sabe, você me lembra muito a mim mesma na sua idade.

— Se você estiver preocupada, eu não estou grávida, ok? — falo, para descontrair.

Ela sorri e balança a cabeça.

— Sempre fui muito romântica e sonhava com o dia que encontraria meu primeiro namorado — começa. — E então conheci seu pai.

Congelo quando ela solta essas palavras.

Conheço a história superficialmente — eles namoravam, ela engravidou, ele não quis assumir e sumiu —, mas sinto que, dessa vez, ouvirei a versão estendida e sem cortes.

— Ele era o típico clichê com que as garotas costumavam sonhar: bonito, carismático, inteligente, com um futuro promissor. Caí de amores por ele, assim como quase todas as garotas

do colégio. E quase não acreditei quando ele me chamou para sair.

Seu rosto adquire um ar sonhador e tenho um vislumbre da jovem que ela foi. Ela me conta sobre como eles começaram a namorar e como a paixão dele por medicina a influenciou a optar por enfermagem.

Como eu nunca soube que ela fez outra faculdade antes de arquitetura?

Sempre achei que ela ainda estudasse, depois que nasci, porque tinha parado de estudar por causa da gravidez, não porque trocou de curso.

Tenho vagas lembranças de eu querendo brincar enquanto ela estudava e de sua colação de grau. Provavelmente, eu me lembro melhor dessa última tanto porque eu já tinha quase cinco anos quanto por causa da nossa foto: ela de beca, olhando e sorrindo para mim, e eu com seu capelo, em seu colo, rindo para a câmera.

Ela me diz que ficava fascinada ouvindo meu pai contar sobre as matérias que cursaria e sobre os planos que ele tinha para o futuro. Ela não demorou a idealizar como seria trabalharem juntos, no mesmo hospital, e se convenceu de que sua carreira estava na enfermagem, já que ela ainda não sabia o

que queria fazer. E olha que isso foi mais de uma década antes da febre de *Grey's Anatomy*

Os dois foram para a mesma faculdade, mas quase não se viam, por serem cursos diferentes e pelos horários livres dele terem ficado absurdamente escassos.

— No começo, tentei acreditar que as dificuldades eram única e exclusivamente por causa da mudança gritante das nossas rotinas, que logo nos acostumaríamos e tudo melhoraria. Mas não só fomos nos afastando, como fui me decepcionando cada vez mais com o curso, porque percebia o quanto aquilo não tinha absolutamente nada a ver comigo. Só que eu queria tão desesperadamente aquele nosso futuro em conjunto que me negava a enxergar a verdade.

É quando ela me diz que engravidou depois de dois anos de namoro. Conta que não sabe como, porque tomava anticoncepcional, e não conseguia acreditar quando fez o teste e viu o resultado positivo. Mas, por mais assustada que estivesse, disse que se sentia confiante da reação do meu pai, e que juntos enfrentariam as dificuldades.

Bom, como eu nunca o conheci, já dá para imaginar que as coisas não foram bem assim.

— Ele entrou em choque e tive a primeira pista de que ele não agiria como eu gostaria quando, antes de tudo, sugeriu que eu abortasse — ela diz isso com cautela, temendo a reação que poderia ter.

Sinceramente? Isso não me afeta em nada. Ele nunca me assumiu, não me surpreende que ele tenha desejado que eu sequer nascesse.

— Por mais assustada que eu estivesse, no fundo estava empolgada com a gravidez. Eu já amava você! — E mais uma vez sorri com carinho.

Eles reuniram os pais para contar a novidade e, é claro, foi um susto para todos. Mas enquanto meus avós maternos demonstraram apoio, já que já tinha acontecido mesmo, os pais dele, que não consigo chamar de "avós" por não ser capaz assimilar que são da minha família também, acusaram minha mãe de ter dado o golpe da barriga, que ela teria deixado de tomar o remédio de propósito só para "prender" meu pai.

A velha ladainha de sempre.

Obviamente, mamãe ficou arrasada. E tudo piorou quando, poucos dias depois, meu pai disse que sentia muito, mas que não podia ser pai naquele momento, que ele estava focado na carreira e um bebê atrapalharia seus planos. Ele havia conseguido

uma bolsa de estudos para o exterior — surpresa! — e estava esperando para contar quando saíssem os resultados, então “obrigado por tudo”, “sinto muito mais uma vez” e “adeus”.

Sou tomada por raiva e indignação como poucas vezes senti na vida. Sinto um calor dentro do peito e um bolo de palavras se formar em minha garganta, mas não sei como colocá-las para fora. Não sinto isso por mim ou pelo pai que nunca tive.

Sinto por Lúcia, pelo que ela passou. Pela primeira vez, não a estou enxergando apenas como minha mãe, mas sim como a mulher que é. Pela garota que foi. E pelos sonhos que perdeu.

Simplesmente não consigo me imaginar vivendo o mesmo que ela. Ela tinha quase minha idade quando tudo isso aconteceu e, ainda assim, venceu. Superou.

— Fiquei destruída quando ele terminou comigo, Nanda. Tranquei a faculdade e me tranquei para a vida. Mal tinha forças para levantar da cama e só me forçava a comer por sua causa. Naqueles primeiros meses, foi você que me manteve viva — vejo em seus olhos como é difícil lembrar desse período e sou capaz de imaginar todo seu sofrimento.

— Mas então — ela continua —, em uma das minhas consultas pré-natal, a médica me fez ouvir seu coração. Não sei expressar a intensidade da emoção que senti com aquele som... — Percebo que nós duas estamos chorando, lágrimas silenciosas escorrendo por nossos rostos. — Aquilo me fortaleceu. E me fez tomar uma consciência que, até então, eu ainda não tinha.

— A de que você seria mãe? — pergunto.

— Não, filha. É claro que senti isso também. Mas eu me conscientizei de que *eu* existia. Não quero que você pense que fui egoísta. — Ela nem precisa se preocupar, isso jamais passaria pela minha cabeça. — Mas ao ouvir seu coração percebi que mesmo você existindo dentro de mim, nós éramos dois corpos diferentes, dois seres diferentes. E por mais que eu estivesse prestes a me tornar mãe, ainda existia independentemente desse papel. Eu ainda era a Lúcia e precisava sobreviver por mim para ser alguém para você. E só seria capaz de fazer isso, se descobrisse quem eu era e o que queria. Por mim.

Ela me diz como finalmente entendeu que amava mais a ideia de relacionamento com meu pai do que ele em si. E como fazia sua vida girar em torno

dele, como ele levou absolutamente tudo que ela havia entregado quando partiu, inclusive seus sonhos. Sonhos que ela não tinha tido a oportunidade de descobrir por si quais eram.

Compreendo como ela precisou ter todos os seus projetos e aspirações derrubados para, enfim, despertar para sua própria vida e se sentir no comando de suas ações.

— Foi só então que me permiti pensar nas coisas de que gostava e que fui, pouco a pouco, me conhecendo. Comecei a fazer Arquitetura um mês antes de você fazer um ano de idade, e a experiência de fazer aquilo de que eu realmente gostava foi completamente diferente e transformadora. Isso me deu a sensação de que eu estava no caminho certo, e de que o pior havia ficado para trás. E ficou mesmo.

Ficamos em silêncio por um minuto, assimilando a conversa que acabamos de ter.

— Você precisa se conhecer, Nanda. Só assim vai saber o que é melhor e o que realmente quer para você. — Segura minha mão. — Sou sua mãe, e estarei sempre ao seu lado.

Eu me inclino e lhe dou um abraço fortemente apertado. O zíper do meu casaco enrosca em sua

blusa de linho, mas nenhuma de nós se importa com isso.

Quando bocejo, ela se levanta para enfim irmos deitar. Já passa de três da manhã e, se estávamos cansadas antes, agora beiramos a exaustão, principalmente pela carga emocional de nossa conversa.

Apesar do cansaço pela primeira vez em semanas me sinto tranquila. Sei que ainda tenho um longo caminho pela frente, contudo, faz toda a diferença saber por onde começar a jornada e que, de alguma forma, as coisas ficarão bem.

Está na hora de embarcar ainda mais profundamente em minha viagem interior, e me sinto quase o Buda ao pensar nisso.

Mas, antes, vou embarcar em umas boas horas de sono.

PERIGOSAS NACIONAIS

Família Cardoso-Santos
Cássio, Mãe, Você

HOJE

Cássio
Bom dia, amadas! Chegaram bem?
08:07

Mãe
Bom dia, amor! Chegamos sim. Não avisei porque já era tarde, e acabamos pegando firme na conversa até o meio da madrugada... Só acordei agora
11:12

Mãe
Tudo bem por aí?
11:13

Cássio
Aproveitem o dia! Por aqui tudo bem!
11:17

Cássio
A não ser pelo fato da Bel ter levantado chorando, dizendo que foi abandonada pela mãe, que fugiu pra virar sereia
11:19

Mãe
Pode deixar! Vocês também!
11:19

PERIGOSAS ACHERON

Mãe

Ainda a fase das sereias?

11:20

Cássio

Ainda...

11:21

Mãe

Pelo menos ela parou de tapar o ouvido quando ouve alguma música?

11:22

Cássio

Considerando que tirei um chumaço de algodão da mão dela, enquanto ela tentava colocar ele no ouvido, acho que não.

11:23

CAPÍTULO 24

Acordo perto das nove horas da manhã me sentindo completamente desperta, apesar das poucas horas de sono.

Tenho certeza de que, se tivesse que ir trabalhar, estaria dormindo mais profundamente do que *A Bela Adormecida*, mas como não tenho nada para fazer, é claro que o sono passou.

Tento insistir mais um tempo e rolo na cama procurando a posição perfeita para voltar a adormecer.

Não. Estou completamente acordada.

Suspiro, enfim vencida, e me levanto. Mamãe ainda está dormindo, então vou até a cozinha e passo um café para nós duas, para quando ela levantar.

Com minha caneca, caminho até a varanda. Sento na namoradeira que fica aqui fora e vou sorvendo o líquido que desce quente, forte e doce, exatamente

como gosto. O sol saiu hoje, e me sinto aquecida por ele e pela bebida, apesar do vento gelado de inverno que sopra e bagunça ainda mais meu cabelo já bastante despenteado.

Estamos fora de temporada, então a cidade está vazia, vejo pouca movimentação na rua abaixo. Estamos há poucos quarteirões da praia, mas consigo ver o mar, de longe, e ouvir o barulho das ondas.

Assim que termino meu café, decido dar uma volta. Além de agradável, a ideia de caminhar na praia me parece um tanto quanto romântica e gosto da minha imagem tão independente e conectada comigo mesma sozinha na areia. Acho até que vou até fazer uma foto conceitual para postar no Facebook!

Pelo menos, é isso que quero trabalhar em mim a partir de agora, nada como começar tendo uma vista inspiradora da praia para me incentivar.

Mamãe tinha razão, afinal.

Rapidamente, vou até o quarto trocar de roupa. Coloco uma *legging* e meu All Star branco sem meia, com um moletom cinza com capuz. Prendo o cabelo em um rabo de cavalo, escovo meus dentes, pego minha bolsa e deixo um bilhete avisando

minha mãe sobre onde fui, informando que estou com o celular, se ela quiser me encontrar. Saio logo em seguida.

Ainda no elevador, pego meus óculos escuros e conecto meus fones de ouvido ao celular, escolhendo a primeira música da trilha sonora do meu dia. *Chandelier*, da Sia

Não penso duas vezes e caminho diretamente rumo à praia, o que normalmente não leva nem uma música de distância.

Vou caminhando e, conforme a música vai se aproximando do refrão, vou sendo embalada pelo ritmo que entra pelos meus ouvidos e é sentido por cada parte do meu corpo. É como se as notas soassem dentro de mim e tenho que me controlar para não começar a saltitar pela rua.

Quando Sia explode a plenos pulmões, sou tomada por suas emoções e, principalmente, por seu desejo de libertação. Como ela, sinto que também quero voar como um pássaro, cada vez mais livre.

De repente, não sou mais uma garota indo para praia. Sou Fernanda Cardoso, vivendo em meu próprio mundo, onde, nesse momento, só existem eu, a música e minhas emoções. Estou tão imersa

em mim mesma que começo a sentir uma euforia inédita e preciso me controlar para não começar a rir alto.

Completamente insana.

E me sinto ainda melhor por isso.

Meu momento de epifania é interrompido abruptamente quando tropeço na calçada, já na orla da praia, e perco completamente o *feeling* poético.

Bom, pelo menos eu não caí.

Ainda.

Melhor tomar mais cuidado, decido, e passo a prestar mais atenção por onde caminho. Até porque muita gente gosta de passear com seus cãezinhos por aqui e nem sempre trazem sacolas plásticas, contribuindo para que a calçada pareça um tabuleiro de campo minado.

Vou andando sem pressa, olhando para o mar, curtindo a tranquilidade que tanto a paisagem quanto a voz de Michael Bublé em *Home* me proporcionam. É quando decido me sentar um pouco, e vou para a areia.

Com cuidado, tiro meu tênis e paro por um instante, deixando os pés afundarem. A areia está fria, o calor do sol não é suficiente para esquentá-la, e gosto da sensação dela por entre meus dedos.

Dou mais uns passos e me sento, mantendo os pés no chão e os braços apoiados nos joelhos.

Só então me permito pensar em tudo o que conversei com minha mãe, antes de irmos dormir.

De tudo o que ela me disse, uma das coisas que mais me marcou foi o fato dela assumir ter gostado mais da ideia de um relacionamento com meu pai do que dele próprio.

Será que é o que faço também? Me apaixono pelo que posso a vir a ter com uma pessoa *antes* de me apaixonar por ela?

Será que foi assim com Vinícius?

Penso em quando nos conhecemos, como fiquei empolgada com o interesse dele por mim, logo imaginando em que aquilo poderia se transformar.

Lembro de como tudo começou maravilhosamente, como fiquei empolgada em poder chamá-lo de “meu namorado”. Isso até virou uma brincadeira entre nós: a cada vez que eu usasse a palavra “namorado”, porque ele percebeu que eu comecei a incluí-la nas minhas frases em toda e qualquer oportunidade, eu tinha que revelar alguma coisa sobre mim para ele. Se eu conseguisse me conter a tempo, ele é que deveria contar seus segredos.

Nós nos divertimos bastante juntos, pelo menos nos primeiros meses. Só que, com o passar do tempo, aquela leveza inicial foi deixando de existir.

Fomos descobrindo, pouco a pouco, muitas diferenças entre nós. Por exemplo, Vinícius adora sair na noite, conhecer bares e baladas diferentes. E não que eu não goste, de vez em quando, de curtir uma noitada. Mas de vez em quando, não toda semana. E isso passou a ser um problema.

No começo, fui me deixando levar pelo ritmo dele, até porque queria agradá-lo. Mas depois de um tempo, isso me cansou. Comecei a sugerir que fizéssemos algo de diferente ou até mesmo que ficássemos em casa, às vezes. Porém, frequentemente eu acabava cedendo e me deixava convencer que seria divertido.

Mas ele percebia que eu não estava me divertindo e se ressentia, mesmo que eu não reclamasse.

E não era só isso. Foram várias situações em que eu esperava certa atitude dele, e ele acabava fazendo o oposto.

Como quando fiquei de cama, com febre e dor de garganta um final de semana todo e ele não foi me visitar sequer uma vez. Quando ele ficou doente, até sopa eu fiz para ele.

Não que tenha ficado a oitava maravilha do mundo.

A verdade é que queimei a comida, porque me distrai com o filme que estava passando.

Sim, eu queimei uma sopa. Depois de já ter queimado um macarrão instantâneo.

O que importa é a intenção, certo?

De qualquer forma, fiquei chateada com ele e Vinícius rebateu dizendo que ultimamente eu estava cobrando demais dele.

É verdade que nós tínhamos nossos problemas, mas, na minha cabeça, eram apenas coisas normais, como todo casal enfrenta e jamais imaginei que ele estivesse insatisfeito a ponto de terminar comigo.

A ponto de me trair.

Fecho os olhos quando penso nisso e a conhecida pontada de dor me atinge. Contudo, dessa vez a sinto sob controle. Ela existe, mas agora é menor e não mais me domina.

Nesse momento me lembro o que Cadu falou no dia em que descobri, sobre ser minha a decisão de ceder ou não à dor e aceitar a parte que me cabe quanto ao fim do relacionamento.

Pela primeira vez, consigo entender o que ele me disse.

PERIGOSAS NACIONAIS

Não tenho culpa em ter sido traída, essa foi uma decisão inteiramente de Vinícius. Mas se nosso relacionamento não estava bom, eu tinha responsabilidade por isso tanto quanto ele. E, no meu caso, errei ao não aceitá-lo como era. Fiquei o tempo todo desejando que ele fosse o que eu *gostaria*, e quando ele agia diferentemente do que eu esperava, me decepcionava. E ele se sentia cobrado e pressionado por mim.

Pensando bem, logo que nos conhecemos ele havia dado sinais de sermos diferentes. E ignorei todos, na ânsia de finalmente ter o namorado que eu desejava. Lá no fundo, disse para mim que aquilo não importava. Só que importava.

Entendo finalmente o motivo de precisar descobrir quem sou e saber o que quero para mim. Sem essas definições, como posso estabelecer qualquer tipo de limite sobre o que aceito ou não em alguém? Como posso saber com o que consigo ou não lidar em um relacionamento, ou ao menos o que estou disposta a tentar?

Não posso mais me permitir descobrir por tentativa e erro.

Mais que isso, preciso chegar a essas respostas *por mim*.

PERIGOSAS ACHERON

Não quero entrar nessa jornada interior simplesmente para estar pronta para alguém. Quero estar bem comigo mesma.

E acho que só conseguirei isso quando eu me bastar, quando for suficiente para mim mesma. Quando souber o que me faz feliz e ser capaz de, sozinha, providenciar aquilo de que preciso.

Mas o que me faz feliz?

Certamente, viajar o mundo me faria feliz. Ganhar na loteria também.

Acho que isso faria qualquer um feliz. E não está assim tão ao meu alcance.

Melhor começar sendo mais pé no chão, né?

Fazer um bom trabalho me alegra. Adoro me sentir orgulhosa de algo que fiz.

Comer uma coisa gostosa me faz *muito* feliz. Ou ver um bom filme.

Penso em como o Projeto Escorpião me deixou empolgada. Entendo, então, que estar envolvida em algum tipo de projeto me faz feliz, e não era necessariamente a possibilidade de conhecer um cara o que me motivava.

Tudo bem, isso também me motivou. Mas fui principalmente incentivada pela ideia em si do projeto.

De repente tenho uma ideia. Se eu fiz uma lista de possíveis pretendentes que eu gostaria de conhecer, por que não fazer uma lista para que eu possa *me* conhecer?

Vou logo procurando papel e caneta na minha bolsa assim que a velha sensação de sangue correndo mais rápido nas minhas veias quando tenho uma boa ideia toma conta do meu corpo. Mesmo que em outras vezes que me senti assim essa ideia tenha acabado se provando não tão boa quanto pensei inicialmente, *sei* que, dessa vez, não é o caso.

Pego um bloquinho que costumo carregar e vou virando rapidamente suas páginas até encontrar uma em branco.

Penso por uns instantes e decido nomear meu novo projeto de Quem É A Fernanda?, mas já sei que vou acabar o chamando de Projeto Nanda por questões de praticidade.

E vai ser um projeto muito simples: fazer aquilo que me faz bem. E, com isso, descobrir maneiras diferentes de ser feliz, motivadas por mim mesma.

Por que eu nunca pensei nisso antes?

Então começo a preencher a folha, colocando cada vez mais itens. Vou desde coisas mais simples

e imediatas, como ir ao cinema sozinha, até outras que pretendo realizar no meu futuro, como casar e ter filhos.

Não preciso determinar tempo para cumprir os itens. Esse pode ser um projeto de vida, e posso incluir novas coisas conforme for vivendo e descobrindo novas facetas de mim mesma.

Percebo que o importante é descobrir o que quero. Porque esse é um jeito de descobrir quem sou. O que eu faria, se pudesse fazer qualquer coisa no mundo? Sem me importar com nada nem ninguém?

Fecho os olhos e jogo a cabeça para trás, buscando enxergar as respostas. Apesar da brisa refrescando meu rosto e trazendo um leve aroma de maresia com ela, noto o sol, mais forte do que antes esquentando minha pele.

Abro os olhos e espero minha visão se ajustar à claridade para encarar a folha a minha frente, tomada de inspiração. Vou preenchendo cada vez mais o papel e me surpreendo ao colocar coisas que jamais percebi que gostaria de fazer.

Como saltar de paraquedas.

Quer dizer, eu morria de medo de ir nos brinquedos radicais de parques de diversão, mas percebi que essa seria uma experiência desafiadora,

que ao mesmo tempo que me deixa com um fundinho de medo, também me traz expectativa.

Talvez eu tenha sido influenciada pela Sia e nossa vontade de voar alto.

Quando termino, olho satisfeita para o papel e sinto minhas energias renovadas. Tenho um novo propósito e ele é muito maior do que encontrar alguns escorpianos aleatórios por aí.

Meu celular vibra com uma mensagem da minha mãe, vejo que já saí de casa há mais de uma hora. Há várias notificações também de nosso grupo de família, que não recebi porque o havia silenciado. Respondo que logo volto para decidirmos onde almoçar, coloco o telefone de volta na bolsa, aproveitando um pouco mais desse meu momento.

O sol está mais forte, apesar de não ser suficiente para esquentar o ambiente, mas me sinto aquecida. Enrolo as mangas do meu moletom e decido ir até a beira do mar.

Vou caminhando lentamente, até que a água toca meus pés.

Levanto um deles em um reflexo, principalmente porque o mar está gelado, e logo me acostumo com a temperatura.

Sou privada da paisagem paradisíaca à minha

frente ao delicadamente fechar os olhos. E, ao me privar desse sentido, os demais parecem automaticamente se tornar ainda mais sensíveis.

Sinto a areia e a água sob mim, o calor do sol e o frescor da brisa que sopra em minha direção parecem beijar minha pele.

Sorrio, porque estou em sintonia com o mundo e comigo mesma. Como se cada um desses elementos agisse sobre mim.

Ao abrir os olhos, noto que minha sombra em formato de cruz na areia não tem absolutamente nenhuma relação com algum tipo de sacrifício.

Estou completamente entregue, rendida, e tão aberta a novas possibilidades quanto meus braços estendidos indicam.

Percebo que preciso incluir mais uma coisa a minha lista. Retiro o bloquinho novamente da bolsa e acrescento o último item.

<u>Projeto Quem É A Fernanda?</u>

<u>(Ou simplesmente Projeto Nanda)</u>

Coisas a fazer:

1. Descobrir o real tema do meu TCC
2. Arranjar um emprego
3. Ir ao cinema sozinha
4. Fazer um tour pelo centro de São Paulo
5. Aprender a cozinhar e fazer um jantar para mim mesma

PERIGOSAS NACIONAIS

6. Fazer aula de dança
7. Ter um gato
8. Pular de paraquedas
9. Casar e ter filhos
10. Vir mais vezes para Bertioga

PERIGOSAS ACHERON

Família Cardoso-Santos

Cássio, Mãe, Você

HOJE

Cássio! Só pra avisar que estamos saindo agora de Bertioga. Mamãe vai me deixar em São Paulo e depois vai pra aí.

15:13

Cássio

Eu e Bel estamos desejando boa viagem!

15:19

Foto

15:27

Mamãe pediu pra você mostrar pra Bel, pra ela ver que a mamãe ainda é completamente humana.

15:27

Cássio

Ela ficou triste. Estava ansiosa pra ver a cauda da Lúcia.

15:29

CAPÍTULO 25

Mamãe nem sai do carro, quando me deixa em meu prédio. Ela ainda precisa pegar a estrada para Mogi e já é final de tarde do domingo. Despeço-me com um abraço apertado e desajeitado por cima do câmbio automático, agradecendo pelo final de semana maravilhoso e renovador que ela me proporcionou.

Assim que entro em casa, percebo que Dani já chegou e está no banho. Sinto meu estômago se revirar de nervoso, porque devo desculpas pela forma como agi com ela.

Nunca estivemos nessa situação e fico sem saber como abordá-la. Será que espero na porta do banheiro para resolver de uma vez assim que ela sair de lá?

Se bem que, pode ser que ela saia só de toalha, e prefiro ter essa conversa com ela, sabe como é, vestida.

E seria meio maníaco da minha parte ficar de guarda na porta.

Mas e se ela se trancar no quarto? E se ela não quiser falar comigo?

De repente, consigo imaginar nossa nova vida juntas, desse jeito todo estranho. Uma sucessão de dias tensos, com aquele ar de constrangimento quando ocuparmos o mesmo cômodo e a sensação de sufocamento por querer falar e não poder, e ...

Nanda, para. Só para. É da Dani que você está falando.

Ela é sua melhor amiga, é claro que ela vai querer te ouvir!

Respiro fundo e tento controlar os pensamentos frenéticos, usando a constatação de sermos melhores amigas como um mantra para ser positiva.

E, afinal, decido, se ela entrar no quarto, bato na porta e peço para conversar. Simples assim!

Fico mais tranquila, apesar do estômago ainda estar embrulhado. Decido esperar na sala, pensando em como começar. Já devo chegar pedindo desculpas de uma vez? Ou explico primeiro como fiquei confusa e com vergonha de mim, porque concordava com ela, no fundo?

Ouço o chuveiro ser desligado e fico em pé na mesma hora.

Começo a andar em círculos no pequeno espaço da sala, percebo que estou fazendo um papel ridículo, toda nervosa assim, então me forço a sentar de novo.

A porta do banheiro se abre... e a do quarto de Dani se fecha.

Tudo bem, digo para mim mesma, buscando me acalmar. Ela só deve estar se trocando.

Espero mais uns cinco angustiantes minutos e, como tudo indica que ela não pretende sair de lá tão cedo, decido ir até seu quarto.

Paro na porta fazendo uma prece rápida para a Santa Protetora das Melhores Amigas, se houver uma. Se não houver, pode ser qualquer outra entidade santa que puder ajudar, não estou em posição de ser exigente. Respiro fundo e dou dois toques, com o dedo dobrado.

Assim que ela abre, percebo como me preocupei inutilmente. É só eu olhar em sua direção e sei que ela entende que estou arrependida e vim me desculpar.

Quando percebo, já estamos abraçadas, murmurando desculpas uma para a outra.

— Eu fui insensível — ela diz. — Ultrapassei um limite e ...

— Não, Dani, você estava certa — corto sua explicação. Afasto-me e olho para ela, que me leva para dentro do quarto. Ela se senta em sua cama, colocando uma almofada verde no colo, enquanto fico em seu *puff* laranja, contando sobre meu final de semana com minha mãe e tudo o que conversamos, além do meu mais novo projeto.

— Mas isso é maravilhoso! Fico tão feliz por você, Nanda! Acho até que isso vai ajudar com seu TCC.

Com a menção ao TCC, fico novamente inquieta porque só tenho mais uma semana para apresentar a nova proposta e estou começando a acreditar que isso simplesmente não irá acontecer.

— Também tenho novidades — ela fala, mudando de assunto. — Conversei com o Thiago no final de semana.

Dani conta que ele mandou várias mensagens para ela ao longo da semana pedindo para conversar e ela foi firme, explicando que não havia muito mais o que ser dito, já que os dois queriam coisas diferentes e nenhum deles estava a fim de ceder.

— E aí, no sábado, estava eu em casa e ele me ligou perguntando se eu poderia ir até o shopping, ele estava lá me esperando! Acredita?

Na hora fico toda empolgada. Qual é, não é só porque estou em uma busca interior que vou deixar de ser romântica e torcer por um casal, certo?

— Fui toda surpresa encontrá-lo, já que ele não deixou muita opção, e me preparando psicologicamente para o que ele poderia me dizer.

— Ah, Dani, ele foi até sua cidade te encontrar! É óbvio que ele gosta de você! — A empolgação já tomando conta de mim.

— De novo, Nanda: ele até pode gostar de mim, mas se ele não quiser nada sério, de que adianta? Terminei por isso, não por achar que ele não sentia alguma coisa.

Isso é algo que não entra na minha cabeça. Se duas pessoas se gostam, por que elas não ficam juntas logo de uma vez? O Thiago não assistiu *Um Dia* não?

— Assim que cheguei, vi que ele estava todo nervoso me esperando. Me deu um abraço como se não me visse há séculos, e é claro que fiquei toda derretida. — E dá de ombros, sua maneira de assumir os próprios sentimentos. — Ele começou a

explicar que ficou em choque quando o coloquei contra a parede, pedindo uma definição sobre nós e que, por isso, não respondeu nada. Mas que ele também gosta de mim. Bastante.

Dani não consegue esconder o sorriso de satisfação ao dizer isso.

— Então vocês estão juntos? — pergunto quase sem aguentar mais de ansiedade.

— Não.

Sério, eu vou enviar pelo correio o DVD de *Um Dia* para o Thiago e fazer a Dani assistir comigo de novo, porque ela já assistiu e, aparentemente, não aprendeu *nada* com a Em e o Dex. Vou mandar os dois lerem o livro, que é ainda melhor que o filme, só por precaução, e para a mensagem ser ainda mais fortalecida.

— Depois de ele fazer essa semideclaração — ela continua —, perguntei qual era, então, a nossa situação. Ele me olhou confuso e quis saber o que eu queria dizer com isso. — Ela dá uma risada sarcástica. — Aparentemente, ele achou que ia me dizer que tinha se apaixonado e que eu ia pular no pescoço dele como se nada tivesse acontecido.

Eu também achei. E, francamente, eu meio que teria pulado.

Droga.

— Expliquei que ficava feliz em saber que não fui a única a desenvolver sentimentos ali — "desenvolver sentimentos"? Quem fala isso em uma DR? Só a Dani mesmo —, mas que eu precisava de mais. Perguntei se ele se sente seguro para iniciar um novo relacionamento, porque é isso o que quero — ela me conta com tanta segurança, que até imagino como deve ter falado para ele. E como ele deve ter se tremido todo. Dani pode ser bastante intimidante, quando decidida. — E foi aí que ele começou a gaguejar e demonstrou não fazer a menor ideia do que quer. Ao menos, foi o que pensei inicialmente. Então me dei conta de que ele sabia a resposta, mas não queria admitir para não me perder, porque não era a que eu esperava.

— E no fim, ele te perdeu do mesmo jeito, né? — Então foi isso o que aconteceu.

— Basicamente, sim. Ele me pediu para tentar entender o lado dele, que ele ainda não está pronto para um novo relacionamento depois de tudo o que passou com a ex. Falei que entendo completamente e que ele tem o direito de fazer as coisas conforme for melhor para ele, no tempo dele. Mas que ele também precisa entender meu lado, e que não estou

disposta a ficar em uma situação que não vou saber definir, empurrando com a barriga, sem saber para onde estamos caminhando. O Thiago não sabe quando vai querer namorar de novo, nem se vai querer. Mas eu sei que *eu* quero. E se nossas intenções são diferentes... paciência! — E dá de ombros de novo, com a maior naturalidade possível.

— E como você ficou depois da conversa?

Dani pensa por um instante, antes de responder.

— Confesso que, na hora, fiquei sim um pouco decepcionada. Mas, no fundo, não esperava nada muito diferente, sabe? Semana passada doeu, quando vi que havia acabado, mas acho que já estou conformada. Não adianta ficar de outro jeito. Se eu não aceitar, sou eu que vou ficar me machucando e não preciso disso.

— Onde faz curso intensivo para ser Dani, me conta? —brinco.

Ela dá risada e, com isso, tenho certeza de que qualquer mal-estar que possa ter existido entre nós já está bem distante, naquela realidade paralela que gosto de imaginar e que cada vez mais se mostra ser bem menos preferível a da minha vida.

***

Depois de ter acertado tudo entre nós e conversado um pouco mais com Dani, falo que vou me trancar em meu quarto, onde estou no momento, para tentar ter alguma inspiração com meu TCC.

Estou aqui, com o *laptop* no colo e o arquivo de texto aberto, lendo o pouco que escrevi, buscando desesperadamente uma brecha na minha ideia anterior para desenvolver uma nova.

Continuo focada em minha descrição do restaurante, que destaca suas instalações, serviços oferecidos, quantidade de funcionários e tudo o mais que poderia caracterizá-lo.

Logo depois, viria a discriminação financeira de acordo com as informações que reuni. Entretanto, como agora mudei o foco do trabalho, preciso definir o novo tema, senão não tenho como prosseguir.

Minimizo o documento e abro as planilhas, em busca de inspiração. Como das outras vezes, meus olhos vagueiam pelas linhas e colunas até que os números comecem a se embaralhar e eu deixe de

absorver qualquer informação de forma individualizada.

Fecho os olhos, com o já conhecido sentimento de frustração que tem me acompanhado sempre que tento resolver essa questão.

Mas não vou deixar o desânimo falar mais alto.

O grande problema até então, penso buscando construir minha linha de raciocínio, é que estava desenvolvendo o projeto de acordo com o que eu acreditava que seria útil na visão do Senhor Arlindo, e preciso definir aquilo que *eu* acredito ser importante para o Rabanada.

Mas esse é o problema. Eu ainda não sei e não faço a menor ideia de como descobrir.

Tento me concentrar no Rabanada, no que vejo quando penso nele.

Vejo as risadas entre eu e a Gi, que nos ajudam a relaxar e seguir com nosso trabalho, principalmente nos dias corridos e mais cansativos. Penso nela esgotada, precisando urgentemente tirar suas férias atrasadas e sem conseguir, por não ter quem a substitua.

Vejo a dona Mazé, sempre gentil e preocupada comigo, diariamente grata por seu trabalho, mesmo com um salário insuficiente para que ela possa

viver com mais tranquilidade. Ela, um retrato da maior parte dos que estão lá.

Vejo a Adriana, tão jovem e talentosa, aceitando menos do que merece simplesmente para não fazer parte das estatísticas de desemprego, e impossibilitada de exercer toda sua aptidão.

Leio novamente meu texto e, para minha surpresa, não encontro nele absolutamente nada do que visualizei.

Descrevi puramente o Rabanada de forma superficial, seu esqueleto, e deixei completamente de fora a sua alma.

Volto para a planilha e, mais uma vez, tudo o que encontro são números.

Os mesmos que usei para descrever o quadro de funcionários, ainda que seus valores sejam diferentes.

Números.

Enxerguei somente aquilo que o Senhor Arlindo também enxerga.

E foi aí que errei.

Meu coração acelera, porque pela primeira vez uma ideia começa a se formar em minha mente. Ela chega vaga, translúcida, somente um sopro, mas, pouco a pouco, começa a ganhar mais força,

adquirindo contornos, preenchimentos, cores e solidez.

Acho que finalmente descobri meu foco.

Dani
visto por último hoje às 21:19

HOJE

Tá tudo bem aí? Preciso arrombar a porta, invadir o quarto ou algo do gênero??
21:17

EU DESCOBRI
AAAAAAHHHHHHH
21:18

A cura do câncer?
21:18

Brincs!
21:18

Seu TCC?????
21:18

Meu TCC!!!
21:18

AAAHHHHHHHHH
21:19

VEM JÁ AQUI FAZER A DANCINHA DA COMEMORAÇÃO COMIGO
21:19

Esquece, você já tá batendo na porta
21:20

CAPÍTULO 26

Fiquei até tarde ontem esquematizando as novas ideias para meu TCC e o resultado me deixou muito satisfeita! Agora, ele não só parece bem mais concreto, como também mais próximo de mim. É a primeira vez que sinto isso desde que o comecei, o que me deixa ainda mais confiante de estar no caminho certo.

Tenho esta semana para definir precisamente meus objetivos e elaborar com mais detalhes o método para coletar os dados para o diagnóstico do Rabanada, que vai servir de argumento para o que eu vou propor. É a partir disso que o trabalho vai seguir e, dependo dessa base sólida para convencer a Paula tanto de que dou conta de repaginá-lo quanto da importância dessas aplicações.

Vou ter muito trabalho pela frente, tanto nos próximos dias quanto pelos próximos meses, de modo geral, mas estou animada e segura de que

dará certo.

Sinto que preciso agradecer o Cadu mais uma vez, considerando que foi a partir da observação dele que pude fazer essa transformação. Porém, ao mesmo tempo, não sei se devo fazê-lo. Esse afastamento me deixou hesitante sobre como agir. Pouco a pouco, passei a questionar se acabei ficando muito em cima e se isso o teria incomodado a ponto de ele querer se distanciar, então agora temo parecer pegajosa demais. Quer dizer, eu já o agradeci antes. E se ele pensar que tenho uma segunda intenção, quando, no fundo, só estou *de verdade* grata pelo apoio que ele me deu?

Ok, eu concordo que parte dessa minha neura se deve ao fato de eu estar caidinha por ele e eu mesma duvidar das minhas próprias intenções. Os últimos dias me fizeram abrir os olhos para muita coisa sobre mim que eu sequer imaginava e, desde então, venho me analisando por uma ótica inédita.

Entretanto, parando para pensar e sendo absolutamente sincera comigo...

Só quero agradecê-lo. Só isso.

E é o que vou fazer.

Se pretendo descobrir quem eu sou, também preciso aprender a me ouvir e a seguir aquilo que

acho certo. Caso eu me omita, vou novamente deixar a opinião de outra pessoa me definir.

Eu agradeceria novamente se essa ideia tivesse partido da Dani. Ou da Gi. Ou do seu Zé, porteiro do prédio. Não importa quem fosse, seria o que eu faria, então por que tratar o Cadu de um jeito diferente?

São esses pensamentos que me impulsionam e, resoluta, abro a porta do Rabanada, pronta para mais uma jornada.

Porém, hesito quando vou dar o primeiro passo.

Vai ser a primeira vez que verei Cadu depois de ter percebido minha carência emocional.

Será que a paixão por ele foi fruto dela?

Começo a me sentir curiosa sobre como vou reagir. Seria incrível olhar para ele e me sentir imune.

Tipo, “Pode jogar charme o quanto quiser ou andar por aí espalhando seu perfume que nem ligo”.

Só a ideia já faz com que eu me sinta mais poderosa, superior, invencível.

Entro de uma vez.

E dou de cara com ele.

— Opa, bom dia, Nanda! Deixei minha blusa no

carro, estava indo buscar.

Basta um olhar para que minhas pernas virem gelatinas e minha boca seque, me impedindo inclusive de respondê-lo.

Como de costume, meu coração parece querer saltar do peito, de tão acelerado, ao passo que as borboletas novamente levantam voo em minha barriga.

Não, nada de imunidade aqui.

Droga.

***

Fico tão atarefada que mal sinto a semana passar. Fui dormir tarde todos os dias, focando no TCC, mas valeu a pena. Consegui terminar dentro do prazo para apresentar a nova proposta à minha orientadora hoje e ainda tive tempo de me preparar, treinando tudo o que pretendo dizer a ela.

Dessa vez, não vou gaguejar nem fraquejar. Sei absolutamente o que quero desenvolver e os motivos para isso.

Marquei uma reunião com a Paula antes da aula começar, então assim que sair do Rabanada, vou

correr para lá.

Só preciso resolver uma coisa antes disso.

Ainda não consegui agradecer o Cadu.

Na verdade, não foi que fugi da minha decisão ou algo do tipo, mas preferi finalizar tudo primeiro para que as ideias estivessem bastante concretas na minha cabeça.

Em partes, tinha receio dele acabar fazendo algum tipo de sugestão e, não que eu tenha adotado uma política de ser intransigível, mas não quero que esse projeto tenha qualquer outra cara que não a minha.

Contudo, agora tudo está pronto e só me resta ir ao fim com o agradecimento.

Não sei muito bem como começar, até porque, na última semana, tentei me manter um pouco distante.

Não estou fazendo birra ou querendo pagar na mesma moeda. Não é isso.

A verdade é que o Cadu mexe demais comigo. Mais do que estou disposta a encarar no momento, e não quero ficar me distraindo ou deixar que isso nuble minhas metas.

Estou firme e forte no Projeto Nanda, inclusive, risquei dois itens da minha lista: descobri o tema do meu TCC e fui ontem ao cinema sozinha, para

comemorar o andamento do trabalho.

Fiquei tão orgulhosa de mim mesma!

Confesso que, em partes, uma voz ficou o tempo todo falando bobeiras na minha cabeça. “As pessoas devem estar pensando, ‘Que estranha essa garota, sentada sozinha’, e achando triste sua situação”, dizia ela, e eu prontamente contra-argumentava, respondendo que triste seria não poder atender a um desejo meu que, no caso, era de assistir a uma boa comédia romântica, me entupindo de pipoca, refrigerante e chocolate.

Na realidade, muito provavelmente ninguém estava nem aí para mim ou para o que eu estava fazendo, se eu estava ou não acompanhada. De qualquer forma, eu fui em frente. E me diverti!

Foi ótimo não dar satisfação para ninguém sobre o quanto de besteiras eu estava comendo e melhor ainda não ter que dividí-las. Não precisei negociar sobre qual filme assistir e nem correr o risco de entrar atrasada na sala, por ter que ficar aguardando quem me acompanharia. Fiz tudo no meu tempo, do meu jeito, e foi libertador.

Por que não fiz isso antes?

Sendo assim, tenho tentado pensar mais em mim, e menos nele.

Até porque eu não provoco desconfortos abdominais em mim mesma, e nem aumento minhas chances de ter algum tipo de problema cardíaco, então tem sido uma prática um tanto quanto mais saudável.

De qualquer maneira, melhor simplesmente resolver isso de uma vez e aproveitar que ainda estamos aqui e não há mais ninguém no escritório além de nós.

— Uhm, Cadu — chamo, criando coragem.

Ele se vira em minha direção, aguardando que eu continue.

— Só queria te agradecer, mais uma vez, pela ajuda com meu TCC. Descobri meu novo foco e vou apresentar hoje a proposta para minha orientadora. Nada disso estaria acontecendo se não fosse você.

— Eu devo me sentir culpado ou agradecido? — pergunta, sorrindo.

Sorrio em resposta.

— Grato, com certeza. Estou empolgada com a ideia como nunca tinha estado com a anterior.

Seus olhos cintilam por um breve instante, enquanto me encara. Mais uma vez, abre um sorriso, totalmente sincero.

— Fico feliz em saber, Nanda, que você se encontrou. Não que eu tivesse dúvidas de que aconteceria.

Aqueço-me por dentro, como sempre acontece quando ele me elogia. Cadu poderia facilitar as coisas para o meu lado e ser menos gentil, não poderia?

— Mas me diz, qual é a ideia nova? Aliás, se você puder me dizer, claro.

Penso por um segundo.

— Talvez eu ainda prefira manter o suspense. Mas prometo que você vai ser um dos primeiros a saber! — Não que seja um segredo de Estado. Só quero mantê-lo um pouco mais sendo só meu.

— Certo. Boa sorte para você, que a reunião seja um sucesso.

Cadu fala isso fazendo um movimento de quem não sabe o próximo passo a ser dado, como se em dúvida sobre me cumprimentar com um abraço ou não.

Decido resolver por ele.

Pego minhas coisas, agradecendo novamente e alegando precisar correr para não me atrasar, vou embora sem olhar para trás.

***

Chego à faculdade com alguns minutos de antecedência, então passo na lanchonete para pegar uma garrafa de água e um pão de queijo.

Desta vez, não investi em um visual poderoso e estou de jeans, All Star e um moletom de zíper branco. Sei que não preciso deixar minha roupa transmitir seriedade, porque eu mesma farei isso através do meu discurso.

Termino de comer e vou até a sala da minha orientadora, respirando fundo pelo caminho e me lembrando de que tenho tudo sob controle.

Bato na porta quando chego, e ela não demora a abrir, recepcionando-me com um sorriso.

— Boa tarde, Fernanda! Confesso que estou curiosa para saber se você me trouxe novidades. — E aponta para a cadeira oposta à sua, oferecendo que eu me sente.

— Trouxe sim, professora. Demorei, mas finalmente descobri o foco do meu projeto — falo com confiança.

— Fico feliz em saber. E qual seria?

— Recursos Humanos.

E começo a explicar como o Rabanada carece nesse sentido.

— O gerente e administrador do restaurante é o responsável por esse setor, bem como do Financeiro. Contudo, ele administra o local focando nos lucros e despesas, encarando os funcionários como cifrões, ao invés de pessoas. Também, como praticamente só vai até lá para realizar a função de caixa durante o período de almoço, não conhece as reais necessidades dos próprios funcionários e nem aquilo que eles podem oferecer. Aliás, sua postura intransigente, típica da de chefe ao invés de líder, cria uma barreira entre ele e os demais, permitindo que não haja um real conhecimento sobre quem trabalha para ele ou uma relação saudável de troca de experiências. De um modo geral, ele orienta e os demais obedecem, independentemente de aceitarem ou não.

Percebo que ela não me interrompe, ouvindo meu discurso com atenção. Seu cabelo curto deixa seus olhos verdes mais evidentes, bem como a calma que emana deles. Paula é uma das professoras de quem mais gosto, ela presta atenção no que você diz, é sempre educada e paciente, sem deixar de ter pulso firme e coerência em tudo o que diz. É uma

das pessoas mais elegantes que conheço, tanto por sua aparência sempre refinada quanto por suas palavras muito bem colocadas. É daquelas capazes de nocautear alguém em uma discussão sem nem que a pessoa perceba a surra que está levando, sendo enganada pela tranquilidade de sua voz e pelo seu sorriso — ironicamente — simpático.

— Minha proposta é criar o setor de Recursos Humanos, tirando essa função de suas mãos. Porém, não apenas isso. Proponho um real investimento nessa área, suprindo necessidades financeiras dos funcionários e criando uma nova rotina de interação entre eles e a chefia — tomo fôlego antes de continuar, mantendo o foco e a confiança em minha proposta —, para que haja uma participação ativa de todos. Minha intenção é que, com isso, não só haja o reconhecimento e valorização dos colaboradores, de forma que eles se sintam mais motivados, mas também a integração deles ao Rabanada, para que realmente se sintam parte dali. Tenho certeza de que eles podem colaborar e muito com a melhora do desempenho do restaurante, porém eles primeiro precisam sentir que serão ouvidos. Caso contrário, para que sugerir algo?

Paula assente e reconheço um brilho de aprovação em seu olhar.

Oba!

— As sugestões me parecem excelentes, Fernanda. Contudo, pela maneira de como você descreveu o administrador, me pergunto o quão aberto ele estará a essas mudanças, principalmente no que se refere ao investimento financeiro. Sabemos que sua proposta de trabalho não necessariamente precisará ser aplicada, mas o intuito é que haja a possibilidade de isso acontecer. Como você pretende que isso se realize?

Estava preparada para esse questionamento, afinal, ele faz parte da minha metodologia. Assim, respondo sem hesitar, tão firme quanto antes.

— Tenho os dados financeiros do Rabanada desde sua inauguração, já que meu foco anterior seria uma modificação nesse setor. Pela análise deles, a última contratação de colaboradores acarretou em lucros na empresa. Esse fato servirá de base para o argumento de que é necessário continuar investindo na satisfação dos colaboradores bem como proporcionará o investimento que levará aos aumentos propostos e à contratação dos benefícios. Afinal, está provado

que atualmente o restaurante lucra mais, portanto, dispõe de mais capital — falo essa última parte em um tom bem-humorado, de quem compartilha algo óbvio.

Seu sorriso para mim é toda a resposta de que preciso.

***

A reunião foi um sucesso. No fundo, sabia que tinha conseguido encontrar uma boa proposta, então já esperava que Paula fosse aprová-la.

De qualquer maneira, saio da sala dela quase em êxtase, animada para começar a elaborar o trabalho. Tenho tanto que focar na parte textual, que provavelmente será a mais trabalhosa neste momento, visto que vou precisar mudar quase toda minha bibliografia, como também na coleta de dados.

Paula me orientou a utilizar a criação do RH como objetivo geral e primeiro do TCC, o que se consolidará com a contratação de alguém responsável por essa área, e minhas demais propostas como objetivos específicos, sendo as

primeiras tarefas de quem for contratado para o cargo.

Há também mais uma questão que ainda não me permiti pensar tanto a respeito com medo de me empolgar e, depois, acabar frustrada, mas que está cada vez mais difícil de evitar: não só resolvi o problema do TCC como, talvez, encontrei a solução para meu desemprego iminente!

Se o Senhor Arlindo resolver aceitar minhas propostas, ele pode indicar o Cadu para o cargo de responsável pelo RH, o que deixará a vaga dele livre, com o caminho aberto para mim!

Agora que passou a existir uma mínima chance de eu manter meu emprego percebo o quanto ainda o desejo. Havia dito a mim mesma já ter aceitado e parei de me preocupar, mas agora noto que essa vontade continua existindo em mim, só estava escondida sob outras camadas, como uma sujeira embaixo de um tapete, para não ficar incomodando na superfície.

Tudo bem, vou manter a calma e segurar a empolgação, até porque, como falei, essa é uma chance mínima. *Bem* mínima. Então é bom pensar em alternativas e continuar enviando currículos.

Mas, de vez em quando, só o que precisamos é de

um pouquinho de esperança. De acreditar. De saber que é possível.

Vou para a sala de aula mais feliz do que em qualquer outro dia deste semestre. Logo, vou passar a vir para a faculdade cada vez menos vezes por semana. A proposta é que o conteúdo teórico se encerre antes para termos tempo de focar em nosso TCC, e então passaremos a ter apenas encontros quinzenais com nossos orientadores para verificar a evolução do nosso trabalho.

Assim que me acomodo em uma carteira ao fundo, pego o celular para dar a boa notícia à Dani e à mamãe.

Para minha surpresa, entretanto, vejo uma mensagem de Cadu. Temos nos falado tão pouco que a notificação é completamente inesperada.

Sendo sincera, ele só tem me enviado mensagens em casos de extrema necessidade. Mesmo quando mando alguma imagem engraçada para ele, Cadu, se responde, só usa algum *emoji* de risada e não dá abertura para desenvolver conversa, o que é o oposto de nossas primeiras semanas de contato. Passávamos tanto tempo nos falando que ele rapidamente passou a ocupar o topo da minha lista de contatos favoritos no celular, gerada

automaticamente de acordo com aqueles com quem mais interajo. Qualquer coisa era motivo para uma conversa.

Boa sorte, Nandinha! Tenho certeza de que vai dar tudo certo, mas, mesmo assim, nunca é demais mandar vibrações positivas ;)
Me conta depois como foi!

Obrigada :) E deu tudo certo. Proposta aprovada!

E não dou detalhes.

Envio uma mensagem à minha mãe e, quando começo a digitar outra para a Dani, recebo uma nova notificação de Cadu.

Paro de teclar e pondero se devo respondê-lo antes de falar com minha amiga.

Meu dedo chega a deslizar para baixo a aba de notificações e quase clica no ícone de mensagem dele.

Quase.

E então, deslizo a barra para o lado, limpando

qualquer alerta na tela.

Quantas e quantas vezes, nas últimas semanas, Cadu deixou de responder uma mensagem minha ou então me deixou esperando, ansiosa sem saber se ele falaria algo ou não?

Continuo digitando para Dani, que muda seu *status* para “Online” logo que envio a mensagem.

Ela não demora a me responder, e começamos a conversar. Dani me pede mais detalhes da reunião, enviando vários *emojis* festivos para indicar sua felicidade com meu sucesso e o fato de estar comemorando a notícia comigo.

Logo pergunto sobre seu dia e ela conta sobre um dos clientes com quem precisou entrar em contato, o que rendeu a ela uma dor de cabeça daquelas como consequência a todas exigências absurdas feitas por ele.

Quando percebo, meu professor já está entrando na sala e me despeço de Dani, desligando o 3G.

A mensagem de Cadu fica esquecida, permanecendo sem resposta.

Cadu
online

HOJE

Boa sorte, Nandinha! Tenho certeza de que vai dar tudo certo, mas, mesmo assim, nunca é demais mandar vibrações positivas ;)

Me conta depois como foi!

17:58

Obrigada :) E deu tudo certo. Proposta aprovada!

18:46

Sabia!! Parabéns, você merece! E se você precisar de ajuda com algo agora, pode falar, tá?

Manda bala na escrita!!

18:47

E aí, já posso saber o tema novo? Ou ainda é segredo?

18:49

Sua aula vai começar, né? Vou parar aqui pra não te atrapalhar. Boa aula, a gente se fala amanhã ;)

18:52

CAPÍTULO 27

De alguma forma, acabo indo almoçar com Cadu na terça-feira. Bom, não que haja muito mistério envolvido: ele me convidou e eu aceitei, simples assim. Tirando a vez que almoçamos juntos logo quando Cadu entrou no Rabanada, há quase dois meses, não havíamos repetido a dose, e foi com esse argumento que ele me convenceu a sair.

Isso e o fato de que eu pretendia comer de novo lasanha congelada, e não estava muito empolgada com essa perspectiva. Qual é, é só checar na minha lista e ver que eu ainda não aprendi a cozinhar, o TCC tem tomado todo meu tempo.

É um consenso não ir ao mesmo restaurante da última vez, afinal, se é para passar fome, nem vamos perder tempo gastando dinheiro, então Cadu sugere um por quilo a algumas quadras, onde o preço é camarada e a comida, gostosa.

Minha combinação favorita!

— E então, não vai me contar como foi a reunião de ontem? — ele indaga, aparentando interesse.

— Ah, como falei, foi ótima! — Dou de ombros. — Ela me ouviu com bastante atenção e adorou a ideia. Ao final, parecia bem empolgada e concordou comigo que essa nova proposta é bem melhor e mais interessante do que a anterior.

Assim que entramos, já garantimos nossas bandejas e vamos para a fila dos alimentos.

Interrompemos a conversa enquanto nos servimos, focando nossa atenção exclusivamente à comida. Afinal, nós dois damos muita importância ao que vamos comer e consideramos as refeições partes sagradas do nosso dia.

Pego minha comanda e me dirijo a uma mesa vazia, próxima à janela, aguardando Cadu chegar para começar a comer.

Assim que ele se senta e tira os talheres do saco plástico, pego os meus e dou a primeira garfada.

Cadu tinha razão. A comida é ótima!

— E aí — ele diz, após engolir o que estava mastigando —, vai continuar fazendo mistério sobre sua nova proposta ou vai finalmente me contar?

— Uhmmm acho que temos alguém curioso aqui.

— Sorrio para ele, pegando a latinha do meu refrigerante. — Tudo bem. Decidi fazer sobre... — E faço uma pausa dramática, aproveitando para tomar um gole da bebida e aumentando a expectativa dele.

— RH — ele fala, e continua cortando seu bife.

Fico tão surpresa que engasgo com o líquido em minha boca. Em consequência, preciso levar minhas mãos imediatamente aos lábios, para não cuspir um jato de refrigerante e saliva.

Faço um esforço tremendo para engolir a bebida, e parte dela volta pelo meu nariz, causando um ardor infernal e provocando lágrimas em meus olhos. Assim que consigo fazer o refrigerante descer pela garganta, começo a tossir enfurecidamente, enquanto as lágrimas caem espontaneamente pelo meu rosto.

Tudo acontece tão rápido que Cadu mal tem tempo de oferecer ajuda, mas vejo que ele parou de comer e está me olhando arregalado, visivelmente preocupado com meu pequeno colapso.

— Estou bem — falo arfando, como posso, sentindo vários pigarros na garganta. — Como você sabe?

— Sei o quê? — Distraído de nossa conversa pelo

meu engasgo.

— Do meu TCC. Vou focar em Recursos Humanos. Como você sabe?

Sério, como ele sabe? Depois da reunião, só contei sobre minha nova ideia para minha mãe e para a Dani, não tinha como o Cadu ficar sabendo. Não deixei nenhum arquivo do TCC no Rabanada, desde que resolvi modificá-lo, então não teria como ele ter lido sem que eu soubesse.

Será que, de alguma forma, ele conhece minha orientadora e nunca comentou? Mas não seria, sei lá, antiético ela sair contando para os outros as ideias dos alunos dela? Aliás, esse negócio de sigilo vale para professores ou é só entre médico e paciente e tal?

— Ah, isso. Tinha certeza de que seria sua escolha. Era óbvio, considerando seu jeito de ser e como você se importa com os funcionários do restaurante — ele fala como se estivesse comentando sobre o tempo, que, a propósito, está agradavelmente ameno, típico de um final de inverno quase primavera.

Fico sem fala. Como ele soube antes de mim? E o que ele quis dizer sobre meu jeito de ser?

— Por que você não me falou nada? Quer dizer,

você poderia ter me sugerido, eu passei semanas ficando quase doida, achando que não teria tempo. — De repente me sinto irritada. Como se estivesse completamente exposta, e ele fosse capaz de enxergar o que nem eu consigo.

— Você precisava descobrir por você, Nanda. Se partisse de mim ou de qualquer outro, você poderia sentir que, de novo, não estaria fazendo o que gostaria, só seguindo a ideia de mais alguém que não você mesma. Não queria que você duvidasse de si, por mais certo que estivesse de que seria o que você escolheria, no fim.

E continua comendo, como se não tivesse falado nada demais. Como se não tivesse descrito exatamente o que senti. Como se não tivesse me mostrado o quão previsível eu sou.

Será que sou assim para qualquer um?

Ou apenas para ele?

Concordo com a cabeça, sem dizer qualquer palavra. Não sei se conseguiria falar, neste momento.

Não sinto que eu esteja no controle das minhas emoções, porque eu nem sei especificar o que estou sentindo.

Minha cabeça dá voltas, enquanto parecem ter

apertado um cinto ao redor do meu peito. Sinto um bolo na garganta e sou tomada pela vontade de chorar, sem nem entender por quê.

Por que ele mexe assim comigo? Por que ele *faz* isso comigo?

Quem ele é para me enxergar tão completamente, bagunçar meus sentimentos sendo gentil, simpático e companheiro e, depois, distante, inatingível?

Por que ele enxerga tudo tão claramente e só vejo borrões, manchas desfocadas e incompreensíveis?

E, se ele me vê tão profundamente, *como* está nessa tranquilidade, sem sentir a tempestade dentro de mim?

Por que ele mesmo não a sente?

Cadu continua querendo saber mais detalhes do meu TCC, perguntando quais propostas tenho em mente, mas quase não respondo, comentando apenas o essencial. Não sei se ele nota. Provavelmente sim.

Quando voltamos ao Rabanada, ainda estou em silêncio. Mas meu coração grita.

***

Decido ir para Mogi no sábado cedo. Acordo com muito custo antes das oito, troco de roupa, pego minhas coisas e saio rapidamente. Deixo para comprar um chocolate quente e minipães de queijo na estação e aguardo para comê-los depois de embarcar.

Às nove em ponto, já estou na segunda parada do trem, viajando para minha terra natal. O bom é que, a essa hora, o vagão está praticamente vazio, preenchido quase que apenas por mim e meus pensamentos.

E pela minha tentativa enfurecida de evitar que minha mente divague sobre *certos* assuntos. E pessoas. Mais especificamente, pessoa.

Encosto a cabeça na janela, e sinto o sono se aproximar. Estou absurdamente cansada por estar dedicando quase todo meu tempo livre ao TCC. Tenho ido dormir tarde todos os dias e acordado uma hora mais cedo do que de costume apenas para escrevê-lo.

Peguei quase dez livros na biblioteca da faculdade sobre RH e sempre que consigo, no Rabanada, pesquiso artigos científicos online, salvando em minha nuvem, para poder acessar em casa e continuar com minha fundamentação teórica. Como

consegui aproveitar parte do que já havia feito, acredito que, nas próximas duas semanas, eu termine essa parte.

Acordo com uma sacudida na estação onde preciso fazer baldeação. Caí completamente no sono e não ouvi o aviso de que havia chegado. Sorte que uma alma bondosa me viu dormindo e veio me acordar!

Levanto um pouco zonza e caminho em direção ao outro trem que já estava aguardando na plataforma. Basta eu me sentar para voltar a dormir.

Dessa vez, meu sono não é tão pesado, então acordo há poucas estações da minha, assim que ouço o maquinista anunciá-la, e mando mensagem avisando mamãe que ela já pode sair de casa para me buscar.

Quando saio da estação, vejo Bel no banco de trás do carro, acenando enlouquecidamente pela janela. Mel está ao seu lado, em pé, latindo para as pessoas que passam na rua.

Basta eu me sentar no banco de passageiro para Bel grudar em minhas costas, como se ele não estivesse entre nós, em um abraço cheio de saudades. Nossa cachorrinha também se alegra ao

me ver e pula do banco traseiro para meu colo, passando por cima do câmbio automático.

— E aí, baixinha? Como vão as coisas? — pergunto à minha irmã enquanto dou um beijo em minha mãe e faço um carinho em Mel, que tenta enlouquecidamente lamber meu rosto.

— A mamãe é um zumbi.

Olho para minha mãe sem entender. Teria a Bel visto alguma cena de *The Walking Dead* sem que ninguém percebesse?

— Coisas da sua irmã. — Ela sorri e revira os olhos. — Vou fazer uma aula experimental de Zumba hoje de tarde, ela entendeu o nome errado e agora colocou na cabeça que vou para algum tipo de convenção de mortos vivos.

Ah, claro.

— Aliás, quer ir comigo?

— Se for rolar degustação de cérebros ou sei lá o que vocês zumbis preferem, acho melhor não.

Mamãe dá um tapinha em minha perna, antes de responder:

— Somos zumbis, não Hannibal Lecter. Sério, quer ir comigo?

Por que não? Participar de uma aula de dança faz parte do Projeto Nanda e acho que seria bom para

me distrair. Se eu gostar, posso procurar uma academia em São Paulo e fazer por lá, assim não dependeria de estar todos os finais de semana em Mogi.

Só preciso encontrar uma maneira de encontrar energia.

E é exatamente por isso que, assim que entro em casa, me tranco em meu quarto e durmo até Cássio vir me chamar para o almoço.

***

Eu e minha mãe chegamos à academia animadas em nossas roupas de ginástica com a mesma estampa, a dela, roxa e a minha, rosa. Isso me lembra de quando eu era pequena e adorava usar roupas iguais a ela, quando possível. Ela comprava pijamas para nós em lojas especializadas que ofereciam o mesmo modelo em tamanhos para adultos e crianças, assim, dormíamos combinando.

Somos recepcionadas por uma loira provavelmente alguns anos mais velha do que minha mãe, mas que facilmente passaria por uma década mais jovem. Sei disso porque, no caminho

para cá, mamãe comentou sobre Samantha, a professora, que não parecer ter um filho ainda mais velho do que eu.

— Lúcia, que bom que você conseguiu vir! E essa deve ser a Fernanda, porque a cara é a mesma — e cumprimenta minha mãe com um beijo, logo virando-se para me cumprimentar também.

— Filha, essa é a Samantha, minha amiga — mamãe faz as apresentações.

— Que bom que finalmente conseguimos nos conhecer — Samantha diz. — Soube que você fugiu de mim quando fui a sua casa.

Olho para ela, sem entender. Acho que nunca havia ouvido falar dela até hoje.

— Ela é quem foi jantar em casa naquele dia que você não pôde voltar para Mogi por causa do aniversário do seu chefe — minha mãe se apressa em explicar.

— Que susto! — exclamo. — Por um segundo achei realmente que tinha sido indelicada sem saber — falo para descontrair.

Samantha dá risada e nos acompanha para a sala de dança, onde algumas outras mulheres aguardam. Diz que vai esperar apenas mais uns minutos, para o caso de mais pessoas chegarem e então

começaremos.

Logo percebo que sou a mais jovem do grupo. Por um lado, me sinto aliviada, embora saiba que acabo me destacando. Como tenho pelo menos uma década e meia de vantagem sobre as demais, provavelmente sou a que tem mais fôlego e disposição, e não vou destoar tanto por nunca ter feito uma aula de Zumba na vida.

A sala é ampla, recoberta por linóleo preto. Há um espelho por toda parede lateral mais comprida, de frente para o qual possivelmente ficaremos. Assim, poderemos visualizar nossos próprios passos.

Samantha coloca uma música animada e começa com aquecimento, dando instruções de como alongar nossos músculos. Apesar de estarmos apenas nos aquecendo, a atmosfera é de empolgação e divertimento.

Já estou adorando e pensando onde posso me matricular em São Paulo. Além de ser bom para minha saúde, será um *hobbie* prazeroso, uma maneira agradável de me livrar do estresse semanal e de me distrair.

Estava certíssima em ter incluído esse item no Projeto Nanda!

Acho que só de fazer a lista, demonstrei certo autoconhecimento, porque minhas realizações até agora se mostraram bastante positivas.

— Agora que estamos aquecidas — Samantha fala —, darei as instruções dos primeiros e mais básicos passos, para que vocês possam acompanhar a música, tudo bem?

Todas concordamos, ela volta a seu lugar, na frente da sala e começa lentamente a indicar os passos, fazendo cada movimento dentro de uma contagem que vai de um a oito.

Ela primeiro nos pede para apenas observar, enquanto demonstra o que deveremos fazer. A seguir, solicita que a acompanhemos e não demoro a pegar o jeito.

Fico orgulhosa de mim. Devo ter um talento natural, porque estou me saindo muito melhor do que imaginei!

Assim que ela percebe que todas decoramos a sequência, anuncia que fará a contagem um pouco mais rapidamente.

Dessa vez, sinto um pouco de dificuldade, mas consigo acompanhar. Ao aumentar o ritmo, acabei me embaralhando levemente. Porém, tudo sob controle!

Repetimos mais algumas vezes até todas estarmos no jeito certo.

— Agora, vou soltar a música e fazer a contagem no ritmo dela. Bora acelerar, mulherada! — E dá o *play*.

Assim que ela demonstra o que devemos fazer, sinto vontade de sentar e chorar.

Como essa mulher consegue se mexer desse jeito?!

Tenho certeza de que, na primeira tentativa, vou embolar absolutamente todos os meus membros.

Isso se eu tiver a sorte de não cair.

Não caio, mas, para meu completo horror, quando começamos a tentar segui-la, percebo que sou a única a estar completamente dessincronizada.

Minha mãe sorri para mim pelo espelho para me incentivar e vejo o quanto ela dança graciosamente.

Devo ter herdado os genes ruins do meu pai. Além de ter me abandonado, com certeza me transmitiu o gene da descoordenação motora.

Inútil!

Na primeira pausa de Samantha, estou suando em bicas, completamente acabada, enquanto as demais parecem ter feito apenas um esforço físico leve. E ainda tenho mais 40 minutos de tortura pela frente.

Esqueça o que falei sobre minha vantagem da idade. E sobre procurar matrícula em São Paulo.

Item absolutamente riscado da minha lista, sem previsão de ser novamente incluído.

***

— Não foi tão ruim assim — mamãe tenta me animar, quando entramos no carro.

— Só porque você se saiu bem! Você realmente olhou para mim durante as músicas?

— Bom... Você só estava tendo um pouquinho de dificuldade de entrar no ritmo.

— Um pouquinho? Eufemismo do ano, esse. Um avestruz descoordenado teria sido mais bem-sucedido do que eu!

Estou completamente acabada quando entramos em casa e vou direto para o chuveiro. Minha mãe faz o mesmo, indo para o banheiro dela.

Quando saio, vejo que estamos sozinhas, exceto pela Mel, dormindo no sofá. Cássio deve ter saído para passear com a Bel, aproveitando que não estávamos em casa.

Vou fazer companhia para a cachorrinha da

família e ligo a TV, passando pelos canais até encontrar algo que me agrade. Paro em um filme que já vi um milhão de vezes, mas acabo o escolhendo por falta de outras opções interessantes.

Minha mãe vem me acompanhar, e se senta ao meu lado. Mel imediatamente levanta abanando o rabo e vai para o colo dela. Grude!

Estou quase cochilando quando acordo em um sobressalto, ao ouvir a notificação do meu celular.

Samantha Figueiredo Teixeira deseja ser seu amigo.

— Ah, a Samantha me adicionou — comento com minha mãe.

— Imaginei que ela fosse mesmo. Ela adora o Facebook!

Aceito a solicitação e começo a ver suas postagens.

Ela aparentemente é mesmo fã da rede social, porque compartilha quase que um novo *post* por hora. Há vídeos de dança, em sua maioria; imagens de animaizinhos fofos; mensagens religiosas; notícias políticas normalmente acompanhadas por alguma frase de protesto; mensagens de bom dia,

boa tarde e boa noite; *selfies* e diversas outras fotos.

Fico tão compenetrada vendo sua página, que perco a noção do tempo, rolando a tela para baixo e vendo cada vez mais novas publicações.

Noto que cheguei em suas publicações do início de agosto quando vejo a sala da minha casa em seu mural. Ela postou uma foto do jantar daquele dia.

Mamãe e ela ocupam o centro da foto, ladeadas por Cássio e, provavelmente, o marido de Samantha. Mel está no colo da minha mãe, e Bel à sua frente.

E é quando meu coração quase para.

Aproximo o celular para ter certeza do que estou vendo.

Não estou ficando louca.

Olho para o sobrenome de Samantha para ter certeza e fico surpresa comigo por não ter percebido antes.

Justamente agora, quando eu havia desistido e perdido as esperanças de encontrá-lo, ele aparece. E pior, eu já poderia tê-lo conhecido.

Ao lado de Bel, com um sorriso extremamente simpático, está Rodrigo, filho de Samantha e o único escorpiano do Projeto que eu não havia encontrado.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Dani
online

HOJE

Foto
17:24

Quem são essas pessoas com sua família?
17:38

A Samantha, marido dela e o Rodrigo, filho deles
17:38

Uhmmmm... Legal? Eu deveria ter reparado em algo e comentado sobre?
17:39

Fui numa aula de Zumba com minha mãe hoje. A Samantha é a professora e amiga dela
17:40

E o Rodrigo é o Rodrigo
17:40

E eu sou eu
17:40

A Samantha é a Samantha
17:41

Miga, são expressões tautológicas, caso você não saiba, o que significa que querem dizer a mesma coisa e não trazem informações novas no texto

17:42

Contudo, elas podem ser usados pra expressar outros significados, entendidos pelo contexto em que foram inseridos...

17:43

O que indica que eu deveria ter entendido

17:43

Ou que você não tá falando coisa com coisa mesmo

17:43

PERA AI...É O RODRIGO DO PE?????

17:44

Obrigada pela aula. Demorou pra entender dessa vez, hein? Você já foi melhor nessa coisa de ser melhor amiga, sinceramente... Não sabe que um dos pré-requisitos é captar os raciocínios e falas sem sentido???

17:45

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 28

Setembro chega ao fim com uma velocidade impressionante. Parece que, quanto mais me dedico ao TCC, mais o tempo voa.

Continuo trabalhando nele no mesmo ritmo frenético do começo do mês e, graças aos céus, consegui finalizar praticamente toda parte de texto inicial.

Agora, estou desenvolvendo os questionários que pretendo aplicar com os funcionários, porque preciso dessa coleta de dados para fundamentar o diagnóstico que farei do Rabanada para sugerir a implantação do RH.

Em partes, sei que estou nessa dedicação total ao TCC não só porque obviamente preciso agir assim, se quiser entregá-lo dentro do prazo, na primeira semana de dezembro. Ocupando minha mente com o trabalho, não tenho tempo de ficar pensando no que não devo e que com certeza só me distrairia.

Porém, seria mentira dizer que, lá no fundo, não estou encucada com o fato de ter encontrado o Rodrigo desde que o vi no Facebook da mãe dele, há quase um mês.

Sabendo como sou — ou como costumava ser —, considero uma vitória pessoal não ter entrado em contato ou dado um jeito de conhecê-lo. Simplesmente não fiz nada e segui em frente com o que precisava.

Mas a dúvida persiste e, de vez em quando, sai de onde está escondida, nos recônditos do meu subconsciente, para me cutucar.

E se o Rodrigo for a pessoa certa para mim? E se minha ideia insana, no fundo, tenha funcionado e eu tenha encontrado meu parceiro ideal? Talvez, eu não o tenha achado antes, porque era para tudo ter acontecido quando fosse para acontecer, no tempo certo e não quando eu desejava.

E, talvez, o Cadu não tenha correspondido os meus sentimentos não só por ser leonino, mas porque essa foi a forma que o acaso encontrou para me manter disponível para quando encontrasse Rodrigo.

Ok, eu devo ter voltado a beirar a loucura.

Melhor voltar aos questionários que eu ganho

mais.

***

— Oi, pessoal, bom dia! — falo assim que todos se acomodam na sala de reuniões. Pedi para a Gi conceder cinco minutos do trabalho para que eu pudesse explicar e entregar os questionários assim que chegasse ao restaurante.

— Obrigada pela atenção de vocês. Como vocês devem saber, estou para finalizar meu curso na faculdade e preciso entregar um trabalho final. Estou fazendo um estudo de caso, o que significa que minha proposta se baseia aqui no Rabanada, a partir da realidade daqui do restaurante. — Faço uma pausa, para ver se estou sendo acompanhada. — Agora, preciso da colaboração de vocês. Aqui na minha mão estão cópias de um questionário que fiz para vocês responderem. Ele consiste de algumas perguntas sobre a satisfação de vocês com o trabalho daqui. — Como eu previa, vejo algumas expressões de desconforto surgirem.

— Podem ficar tranquilos — me apresso em dizer — porque as respostas serão sigilosas e apenas eu

terei acesso a elas. Vocês não terão que se identificar, então não saberei quem escreveu o quê. Vou entregá-lo a vocês já já, mas vocês só vão respondê-lo em casa. Amanhã, vou pedir para que vocês os devolvam lá no escritório antes que eu chegue, para que eu não veja a devolução e não saiba a quem pertence cada papel. O importante não é quem assinou as folhas, mas apenas o que está escrito nelas, ok?

Algumas pessoas ainda exibem feições desconfiadas, incertas de minha palavra.

— Sei que não é agradável o que estou pedindo para vocês e que muitos temem ter problemas futuros se falarem de algo com que estejam descontentes aqui. Mas dou minha palavra de que isso não irá acontecer. E mais ainda: o que estou pedindo é para o bem de todos nós. Se tudo funcionar, pretendo que mudanças aconteçam para melhor. Por isso, preciso saber com mais certeza o que precisa ser mudado e ninguém melhor do que vocês para me dizer isso.

Talvez eu tenha conseguido deixá-los mais à vontade, então começo a distribuir os questionários.

— Como vocês verão, as perguntas são todas abertas, dependem completamente das palavras de

vocês. — Preferi fazer assim para não induzir nenhum tipo de resposta ou para não manipular o resultado de acordo com minha intenção. — São perguntas gerais, e qualquer dúvida que vocês tenham, podem me perguntar até o fim do expediente, tudo bem?

Assim que retornamos ao escritório, Gi comenta comigo:

— Não vejo a hora de sentar para responder, Nandinha! Estou com tanta coisa engasgada que vai ser ótimo poder desabafar. — E assim que vê Cadu atrás de mim, se apressa em dizer: — Nada pessoal contra seu tio, Cadu. Mas, como chefe, ele ainda precisa de uns retoques.

— Finja que você não está falando com alguém da família dele — Cadu responde com as mãos para cima, como em rendição —, mas sim com apenas um colega de trabalho. Como sobrinho, sei que meu tio não é uma má pessoa. Como funcionário dele, conheço bem a peça e entendo totalmente sua posição.

Logo começamos a trabalhar, mas a manhã está tranquila, então não demoro a ficar sem nada para fazer. Sendo assim, resolvo me paramentar e acompanhar um pouco do trabalho na cozinha, mas

dessa vez, com um interesse puramente pessoal.

Tenho assistido a uns vídeos de receitas na internet sempre que posso para cumprir minha meta de aprender a cozinhar. Comecei com o básico e, por mais que eu não tenha queimado nada dessa vez, o resultado foi apenas razoável.

Vou para a cozinha e me posiciono de forma a não atrapalhar os funcionários, mas mantendo a visão para o que eles estão fazendo.

— Precisa de alguma coisa, menina? — Dona Mazé me pergunta logo que me vê parada.

— Não, dona Mazé, obrigada! Pode continuar o que a senhora está fazendo, finja que não estou aqui! Quero aprender a cozinhar, então vim aqui ver vocês trabalhando.

— Ora, mas a melhor forma de aprender é colocando a mão na massa. Vem aqui!

— Uhm não sei se o Senhor Arlindo vai gostar disso. E se eu fizer alguma coisa errada?

— Fica em paz, Nanda. Eu é que vou mesmo fazer tudo, você vai ficar perto de mim, acompanhando cada passo e ouvindo minha explicação. Se você só ficar aí olhando de longe, não vai aprender nada.

Logo ela já está me explicando sobre diferentes

cortes de hortaliças e carnes, como isso influencia no resultado final e como cada parte deve ser aproveitada. Ela me dá diversas dicas e truques sobre cozimentos diversos, além de uma aula sobre que tipos de tempero usar.

Estou aprendendo muito mais aqui do que com os vídeos, porque lá basicamente só vejo as instruções de como misturar os ingredientes e os tempos de preparo de cada um. Agora, estou compreendendo o que está por trás e que cozinhar não é só seguir receita. Muita coisa depende da prática e do conhecer o alimento, em ter experiência para avaliar o que ainda precisa ser feito com ele ou o que já está no ponto.

É tanta coisa para se aprender que só uma manhã não vai dar conta do recado.

— Será que eu posso vir aqui sempre que tiver um tempinho, dona Mazé?

— Mas é claro, Nanda, vou adorar! — E percebo o quanto a ideia realmente a deixa empolgada. Deve ser ótimo para ela se sentir útil, sentir que tem algo para ensinar a alguém.

O que vai de encontro com minha proposta do projeto de valorização dos funcionários, afinal.

— Então combinado! Na próxima semana, estarei

de folga na faculdade e vou tentar fazer um jantar diferente por dia, para treinar o que a senhora me ensinar.

— Isso mesmo, filha. Sem praticar, não vai adiantar eu te falar nada. Que bom saber que você é dedicada assim com outras coisas, não só aqui no restaurante e na faculdade — ela fala com carinho, e me sinto instantaneamente aquecida.

Também estou gostando de saber que sou assim, dona Mazé, penso em responder.

Porém, apenas sorrio em agradecimento.

***

Estou me sentindo a própria *chef* depois da minha semana de cozinheira. Resolvi me dar folga do TCC nos últimos dias, junto do descanso da faculdade por conta da Semana do Saco Cheio. Afinal, minha dedicação tem sido exemplar e mereço uma distração.

Sendo assim, saí do Rabanada na segunda e fui direto a um supermercado próximo do apartamento para abastecer a geladeira para os próximos dias. E cumpri com o prometido: a cada dia, um prato

diferente. Fiz o básico, como arroz, feijão e macarrão, até preparações mais elaboradas, como strogonoff e, pasme, lasanha.

Tudo bem, o arroz ficou papa, faltou sal no feijão, o macarrão passou demais do ponto, o strogonoff ficou muito ácido e a lasanha, dura. Mas só de saber que sou capaz de melhorar e que estou apta a fazer meu próprio almoço me dá uma satisfação tão grande! Mais um sentimento de vitória para acrescentar às minhas conquistas recentes, e só posso estar orgulhosa de mim mesma.

Chego em Mogi, na sexta-feira à noite, contando animada para minha mãe do meu mais novo lado cozinheira. Já havia adiantado para ela por telefone que estava cozinhando, mas ainda não tínhamos tido tempo de conversar em detalhes. Amanhã é aniversário dela, e ela fará um churrasco para comemorar. Fiquei tão empolgada que perguntei se poderia fazer uma sobremesa e ela, claro, aceitou.

Optei por uma torta mousse de maracujá com massa de biscoito e cobertura de chocolate, decidi prepará-la na noite anterior ao churrasco para pegar melhor o sabor de cada ingrediente (dica da dona Mazé!). Sendo assim, esperei o horário de pico passar e vim para cá.

Como a receita é bastante simples, não demoro a prepará-la. Dispenso a ajuda da minha mãe, porque quero fazer tudo sozinha.

O resultado final parece ótimo, mas, ainda assim, me bate um medo de não ter ficado bom. O mousse pode não ter ficado no ponto certo, ou então a sobremesa pode ter ficado doce demais.

Enfim, só saberei amanhã, então coloco na geladeira e paro de me preocupar.

Faltam poucos minutos para a meia-noite, subo para pegar o presente que comprei para mamãe.

Assim que desço, Cássio já a está cumprimentando e fico aguardando para não interrompê-los. Ela sorri e ele a beija com doçura, entregando, logo depois, o que imagino ser uma joia. Gosto de ver como, mesmo após quase 11 anos depois, eles ainda são apaixonados um pelo outro.

Entro na sala cantando parabéns baixinho, para não acordar a Bel lá em cima, e abraço minha mãe com ternura.

Entrego a ela o pacote, composto de dois diferentes presentes. O primeiro, em um envelope, é um *Day SPA*, para que ela possa tirar um dia de folga só para ela, quando preferir.

O segundo é mais pessoal. Mandei fazer um desenho da nossa fotografia da formatura dela e pedi para emoldurar. O resultado final ficou simplesmente lindo!

Seu sorriso é de puro carinho quando rasga o pacote e vê seu conteúdo.

Eu a abraço, e digo em seu ouvido:

— Você me mostrou que caminho seguir para descobrir quem sou, quero que nunca se esqueça da mulher incrível que você é e de tudo o que conquistou ao longo do tempo.

Nossos olhos se enchem de lágrimas e a abraço mais uma vez.

— Você e sua irmã serão sempre minhas melhores conquistas. Nunca vou acertar tanto quanto acertei com vocês!

Vejo que, assim como dei privacidade a ela e Cássio, ele também se retirou, silenciosamente, para termos nosso momento.

Enxugamos nossos olhos, sorrindo, damos boa noite uma para outra e subimos.

Amanhã será um longo dia, e é melhor descansarmos.

***

Os convidados começam a chegar perto do horário do almoço, e Cássio já assumiu sua posição na churrasqueira. Minha mãe está fazendo o papel de anfitriã, recepcionando a todos e os encaminhando para as mesas de plástico no quintal, enquanto ajudo como posso, pegando talheres, utensílios diversos e os pratos com os alimentos.

Bel está correndo por aí, brincando com outras crianças, filhas dos amigos de minha mãe.

Ela não convidou muitas pessoas, apenas alguns amigos mais próximos e, claro, meus avós e os pais de Cássio.

Já levei uma “bronca” de vovó, por fazer bastante tempo que não a vejo. Como tenho passado mais tempo em São Paulo do que em Mogi e minhas voltas para cá costumam durar pouco mais de um dia, faz tempo que não vou visitá-la, e praticamente só falo com ela e com vovô por telefone.

De qualquer forma, eles entendem minha rotina e não falam a sério, mas sei que preciso mesmo me dedicar para visitá-los mais. Não sei por quanto tempo ainda os terei por perto, então preciso

aproveitar.

Mamãe pede que eu busque a maionese na cozinha e, assim que volto ao quintal, quase derrubo a travessa, com o nervoso que instantaneamente começo a sentir. Samantha chegou com seu marido e Rodrigo também está aqui. Respiro fundo, coloco a travessa na mesa e, fingindo a maior indiferença que sou capaz, me aproximo.

— Fernanda, querida! Como vai você? Desistiu mesmo da Zumba?

— É, acho que não é para mim, Samantha. Mas soube que minha mãe está arrasando!

— Ah, ela é ótima mesmo! Deixa eu te apresentar. Esse aqui é o Márcio, meu marido. — E estendo a mão para cumprimentá-lo. — E essa gracinha aqui é o Rodrigo, meu filho lindo.

Ele enrubesce com o comentário da mãe e não posso evitar um sorriso.

— Minha mãe também gosta de me constranger — falo baixinho, quando vou cumprimentá-lo, mas Samantha me ouve.

— E qual seria nosso papel senão fazer nossos filhos passarem vergonha, não é, Lu?

Resolvo tirá-lo do constrangimento e pergunto se

aceita alguma bebida, visto que seus pais já se serviram de uma lata de cerveja cada.

— Aceito uma água — ele responde e fico surpresa. Não era bem o tipo de resposta que eu esperava, já que normalmente as pessoas pedem por cerveja, refrigerante ou suco.

— Não bebo álcool e evito açúcares — ele responde, percebendo minha reação. — Procuro ter um estilo de vida mais saudável possível.

— Que bacana! — respondo, pedindo para ele me acompanhar até a cozinha. — Você é vegetariano também?

— Sou sim, mas não tanto por motivos de saúde. Aí é mais por um estilo de vida mesmo.

— Poxa, que bom que minha mãe fez vários pratos sem carne, então. Aliás, não deve ser muito animador receber um convite para um churrasco.

— Na verdade, já estou meio acostumado. Sou o único vegetariano do meu grupo de amigos. — E dá de ombros.

— Mas você come leite e ovos, ou é *vegan*?

— Sim, com eles ainda não consegui parar. Tenho um fraco por queijos, preciso confessar.

— Eu te entendo. Minha mãe chegou até me chamar de rata, durante uma época, de tanto que

adoro também. Você vai gostar de saber, então, que teremos espetinho de queijo coalho.

— Em menos de dez minutos, você já me conhece bem, Fernanda. — Sorri.

Rodrigo é bonito, mais até do que as fotos em seu Facebook indicavam.

Fico surpresa comigo mesma ao constatar que meu nervoso inicial se dissipou sem que eu percebesse, e estamos tendo uma conversa bastante agradável.

Logo retornamos ao quintal e pegamos uma mesa só para nós dois, considerando que somos praticamente os únicos da mesma faixa etária.

O assunto continua entre nós e, sutilmente, incluo o Facebook na conversa, para tentar descobrir o mistério da ausência dele no mundo virtual.

— Ah, eu até tenho uma conta, mas, para ser sincero, não sei por que a fiz — nem eu, sinto vontade de dizer, mas me contenho. — Praticamente não utilizo. Faz parte da minha ideologia de vida saudável, então tento me manter distante dessas redes sociais, como me mantenho de tudo o que pode me causar vício. Celular mesmo apenas uso para o básico, e só tenho um *smartphone* porque é quase impossível encontrar

um modelo mais simples nos dias atuais.

Explicado o mistério.

Rodrigo é diferente de qualquer pessoa que já conheci, fico interessada em sua *vibe* mais natural e pacífica. Talvez eu possa aprender com ele a como ser menos neurótica, por exemplo, entre outras coisas.

Se já estou na onda do autoconhecimento, por que não buscar um lado meu mais zen, não é mesmo?

Ele me conta que é fisioterapeuta e atende em uma clínica daqui da cidade, além de em um hospital particular, uma vez por semana.

Também, fala que está fazendo curso para ser instrutor de Yoga e fico fascinada com tudo o que me conta sobre suas experiências com meditação.

Há uma calma que emana dele que me encanta, talvez por ser tão diferente de mim mesma. Estou sempre agitada e preocupada que é interessante ver o oposto.

Comento com ele que iniciei recentemente um projeto de autodescoberta e pergunto como a meditação poderia me ajudar. Ele se empolga com a pergunta, e começa a falar de todos os benefícios da prática e como eu poderia aplicá-la em minha vida.

Nosso bate papo é interrompido quando mamãe chama a todos para cortarmos o bolo. Junto-me a ela, Cássio e Bel atrás da mesa e entoamos um *Parabéns a Você* animado, acompanhados dos demais convidados.

Discretamente, percebo que Rodrigo me observa, olhando para mim com atenção. Não posso evitar me perguntar se está acontecendo algo entre nós.

Mamãe faz um pedido e corta o bolo debaixo para cima, como sempre nos ensinou, dividindo o primeiro pedaço entre eu, Bel e Cássio.

Libriana, não consegue se decidir por um com medo de ser injusta.

Além do bolo, mamãe colocou na mesa outras sobremesas, entre elas, minha torta. Fico nervosa quando os convidados começam a se servir, com receio do que vão achar.

Me sinto instantaneamente aliviada quando vejo os olhares de aprovação, e só então começo a comer.

Esse foi meu melhor desempenho culinário da semana. Modéstia à parte, arrasei no doce!

— Não vai comer sobremesa? — pergunto a Rodrigo.

— Prefiro não abusar, já exagerei nos laticínios

hoje com todo o queijo coalho. E, apesar de estarem com uma cara ótima, todas devem ter bastante açúcar, então melhor deixar para lá.

Assinto com a cabeça, em concordância, em respeito à sua decisão, embora eu mesma seja incapaz de me imaginar rejeitando doce por ter muito açúcar.

Ou rejeitando qualquer comida, para ser sincera.

As pessoas não demoram a começar a partir, agradecendo pelo dia agradável e pelas deliciosas comidas que preparamos.

Quando Samantha chama Rodrigo para também partirem, ele me abraça, em despedida, e agradece pela companhia.

— Gostei muito de conversar com você, Fernanda. Aliás, posso te chamar de Nanda?

— Claro, fique à vontade. Também gostei muito, Rodrigo!

— Se você não se importar, posso pegar seu telefone? Poderíamos continuar nos falando, se estiver tudo bem para você.

Meu coração bate um pouco mais forte com esse pedido, mas não hesito. Peço o aparelho dele e, pedindo licença, anoto meu número em sua agenda.

— Me manda uma mensagem depois que

adiciono você — falo para ele.

— Combinado!

E, com um sorriso, ele vai embora.

Sorrindo, fico me perguntando que outras mudanças ainda estão por vir.

Rodrigo
digitando...
11/10/2014

Agora você já pode me adicionar
17:54
Que eficiência! Adicionado, Rodrigo!
17:55
Não quis esperar pra te mandar um oi... Adorei ter te conhecido, Nanda!
17:55
Também adorei :)
17:56

HOJE

Feriado de domingo é ou não um desperdício?
10:27
Tirou as palavras da minha boca!
10:27
E quais os planos pra hoje?
10:28
Nada muito empolgante... TCC :(
10:28
Por favor, faça seu domingo valer a pena, em meu nome. Que ele seja mais do que Domingão do Faustão seguido de Fantástico
10:29
Sinto em te decepcionar, mas talvez eu apenas mude os programas pra alguns

documentários sobre Yoga.

10:30

Não que eu não goste, mas não vai ser nada muito além do que ver programas de TV deitado no sofá.

10:31

Aliás, posso te passar algumas técnicas de meditação pra te ajudar a relaxar aí

10:32

Nossa, agradeceria muito! Vai ser útil!

10:32

PERIGOSAS NACIONAIS

CAPÍTULO 29

Passo boa parte do meu horário de almoço na cozinha dos funcionários comendo a marmita que eu mesma fiz e conversando com Rodrigo, como temos feito nas últimas semanas.

Para quem evita usar o celular, ele está se saindo um bom viciado, considerando nossa troca frenética de mensagens.

Tenho gostado de falar com ele, porque ele me ajuda a manter a calma. Ainda mais agora, na fase final do meu TCC, é bom ter alguém que me ajude a desacelerar para não enlouquecer e não sucumbir ao estresse.

O resultado da aplicação dos questionários foi ótimo! As respostas foram exatamente como eu esperava, tornando meu diagnóstico bastante preciso. Mais do que isso, me fez enxergar a equipe com mais profundidade, conhecendo melhor seus anseios e aspirações.

PERIGOSAS ACHERON

Muitos relataram não só sentirem que não são suficientemente reconhecidos, mas também vontade de colaborar mais, trazendo ideias que tornariam o resultado do serviço melhor — para eles e para os clientes.

Falaram, também, de suas dificuldades financeiras e de como o salário é apertado. Porém, por sentirem-se inseguros, têm receio de buscar outros lugares de trabalho, além do fato de que apesar de tudo, gostam da dinâmica do grupo, principalmente por conta da interação entre eles.

Como eu imaginava, o ponto forte de nossa equipe é sua união, e é ele que precisa ser fortalecido.

Aviso Rodrigo que vou voltar ao trabalho. Assim que me despeço, meu celular vibra e olho para ele imaginando ser uma nova mensagem dele.

Mas não. É Cássio, ligando para mim.

Atendo na mesma hora, preocupada com o motivo de sua ligação.

— Nanda, vou falar rápido porque minha bateria está para acabar — ele diz mais alguma coisa, mas não entendo. A ligação falha.

— Repete a última parte, Cássio, falhou aqui — peço assustada. Por pior que esteja a ligação, ela

não encobriu seu tom de voz alarmado.

Ele fala alguma coisa e só entendo duas palavras chave: “sinal” e “hospital”.

Fico em pé na mesma hora, com o coração aos saltos.

— Espera um pouco — ele diz, e consigo perceber que ele está se deslocando. — Está conseguindo me ouvir melhor?

— Estou. Pelo amor de Deus, o que foi?

— Sua mãe. Ela sofreu um acidente, e ...

E a ligação cai.

Tento ligar para ele, mas minha mão treme tanto que não consigo digitar.

Não, não, não, não, não.

Isso não pode estar acontecendo.

Assim que consigo, a chamada não se completa, caindo direto na caixa postal.

A bateria do celular dele deve ter acabado.

Tento ligar para o da minha mãe, para o caso dele estar com Cássio.

Em vão. Recebo a mesma mensagem automática de aviso da caixa de mensagens.

— Nanda, o que aconteceu? — Cadu e Gisele chegam assustados.

Não havia percebido, mas estou aos prantos. Eles

devem ter me ouvido do escritório.

— Eu não sei, eu não sei — respondo entre soluços e lágrimas. Explico, como posso, a ligação de Cássio: a informação sobre ele estar no hospital, o fato de minha mãe ter sofrido um acidente e eu não fazer a menor ideia da gravidade, graças à bateria que acabou.

— Vem, vamos agora para lá, eu te levo — Cadu fala em um tom que não permite discussões, pegando-me delicadamente pela mão. — Gi, se meu tio perguntar, explique por favor o que aconteceu. E se ele quiser reclamar, fale para ele conversar diretamente comigo. — Ele muda bruscamente seu jeito ao se virar para mim, sendo completamente delicado e passando os braços em minhas costas. — Você consegue respirar fundo? — pergunta. — Você não está sozinha, tudo bem? Consegue ficar um pouco mais calma? Vou te levar para ver sua mãe.

Tento agradecer, mas nenhuma palavra sai, estou completamente assustada.

E se... E se ela...

Não. Não consigo nem ao menos imaginar. A dor é grande demais.

Gi prepara um copo de água com açúcar e me

entrega, aflita por minha situação.

Levo o copo aos lábios, tremendo, e tento seguir a orientação de Cadu para respirar fundo.

Assim que ele percebe que consigo me controlar, me pega gentilmente pelo braço e me encaminha para o escritório.

Gi vai na frente, e se apressa em pegar minha bolsa, entregando ao Cadu antes de sairmos.

Ele confere se está com a chave e documentos, e partimos.

— O melhor caminho é pela Ayrton Senna, né? — pergunta, sem deixar de prestar atenção no trânsito.

Faço que sim com a cabeça, sem conseguir dizer mais nada. Ele concorda e seguimos em silêncio, de vez em quando entrecortado pelo farfalhar da mão de Cadu pegando a minha e a apertando, em um gesto tranquilizador. Sempre que me fita, seu olhar carrega tanta doçura e compaixão que consigo me sentir um pouco mais confortada.

Desde que saí do Rabanada, continuo tentando ligar para Cássio, na esperança dele ter encontrado um carregador, mas não tenho sucesso.

Assim que entramos na rodovia, Cadu acelera até o limite de velocidade permitido para irmos o mais

rápido que pudermos.

Felizmente, a estrada está livre a esse horário. Estaríamos perdidos se fosse final de tarde, porque com certeza pegaríamos um congestionamento absurdo.

Fico um pouco mais aliviada quando chegamos ao pedágio, porque sei que, agora falta pouco para chegarmos. Em meia hora, no máximo, estaremos lá.

É quando me ocorre que nem ao menos sei em que hospital eles estão. São dois os hospitais particulares que atendem nosso convênio, então teremos que tentar a sorte, indo em cada um deles.

Só espero acertar de primeira. Não sei quanto tempo mais vou aguentar essa angústia.

Quando estamos na serra e temos o primeiro vislumbre da cidade, nem ao menos consigo apreciar a vista que tanto me agrada. Mas não posso deixar de me sentir grata por avistá-la: é um lembrete de que estamos quase lá.

Apenas quando já estamos na cidade, meu coração dispara por finalmente conseguir falar com Cássio.

Porém, é tarde demais.

***

Por causa do nervosismo, quase não consigo colocar a chave na fechadura, abro o portão de qualquer jeito, sem esperar por Cadu.

Corro para dentro de casa, mal notando o carro de minha mãe, levemente amassado na frente.

Logo que abro a porta, vejo ela, Cássio e Bel sentados no sofá, um colar cervical ao redor do pescoço de mamãe e um curativo em sua testa.

Ela está bem. Viva. Inteira.

Me jogo em seus braços, completamente aos prantos, sem conseguir segurar as lágrimas, quase me esquecendo de que ela pode estar dolorida.

— Calma, calma — ela me diz, passando a mão nas minhas costas — eu estou bem.

— Nanda, sinto muito pelo susto — Cássio me fala. — Assim que meu celular desligou, procurei como um doido um carregador ou outro telefone para te tranquilizar, mas não consegui. Um absurdo que um hospital só tenha um telefone público e que ele esteja quebrado! Implorei para que me deixassem te ligar do aparelho deles, mas não permitiram — fala, arrasado. Ele é capaz de

imaginar a agonia que me causou por não ter podido me explicar o que aconteceu, permitindo que, contra sua vontade, eu imaginasse o pior.

— O importante é que está tudo bem, afinal — mamãe fala, ainda tentando me acalmar. — Vou precisar tirar uns dias de folga forçada, só isso.

Minha mãe se distraiu em um semáforo e acabou batendo na traseira do carro da frente que, por sorte, saiu ileso. Porém, com o tranco e estresse da situação, ela acabou garantindo um torcicolo.

— Pena que só consegui avisar você quando você já havia chegado. Você veio de bobeira.

— Eu teria vindo de qualquer jeito, Cássio. Não ia ficar tranquila enquanto não visse mamãe com meus próprios olhos

— Com licença — finalmente Cadu entra, após bater à porta, um tanto quanto sem jeito. Entrei tão desesperada que me esqueci dele lá fora.

Vejo que ele segura minhas chaves. Deixei para ele a tarefa de fechar o portão.

— Ai, Cadu, mil desculpas — falo me levantando. — Estava tão atordoada que nem te esperei. Gente, esse é o Cadu! — E evito olhar para minha mãe, já que ela sabe da minha quedinha por ele — Ele trabalha comigo no Rabanada e me

trouxe assim que soube o que tinha acontecido.

Ele primeiro vai até minha mãe, estendendo a mão para cumprimentá-la e dizendo que sente muito pelo acidente. Após estimar as melhoras, vira-se para Cássio se apresentando e, sem seguida, ajoelha, ficando com os olhos na altura dos de Bel e perguntando se pode abraçá-la.

Percebo o olhar de encantamento de minha irmã e sei que, assim como eu, ela também foi enfeitiçada por seu charme.

— Obrigada, Cadu, por ter trazido minha filha — mamãe agradece, e percebo em sua expressão que ela o está analisando.

— Não precisa agradecer. Ela ficou desesperada e nem consegui pensar em outra coisa a fazer. Imaginei que tanto ela precisava da senhora quanto a senhora dela e, no estado em que ela estava, vir sozinha não era a opção mais segura.

— Então mais uma vez te agradeço por ter se preocupado. Mas, por favor, elimine esse “senhora” que você me faz sentir uns 30 anos mais velha.

— Deveria ter imaginado mesmo — ele diz. — Minha mãe passou dos 60, tem carteirinha de idosa para não pagar o transporte público, mas quase mata quem a chama assim. E a se... E você ainda é

jovem — corrige em tempo.

Minha irmã quase não pisca, completamente vidrada, enquanto olha para ele e preciso segurar uma risada.

Cássio oferece café, Cadu aceita e os dois partem para a cozinha, seguidos de Bel. Antes de partir, Cadu se vira para mim, gentilmente colocando a mão em minhas costas e perguntando se quero alguma coisa. Peço um copo de água e ele assente com a cabeça antes de se retirar.

Quando viro para minha mãe, vejo que ela me observa atentamente.

— Não é de se admirar que até a Bel esteja encantada por ele — fala baixinho, para que mais ninguém escute. — Além de um gato, ele é todo educado.

— Mãe! — repreendo, mas dou uma risada.

— Ué, e falei alguma mentira? Mas o mais importante — continua — é que ele visivelmente se preocupa com você.

— Ele é só um colega de trabalho — respondo na hora, sentida com a própria verdade que escapa da minha boca.

Infelizmente, é o que ele é. Não importa o que eu gostaria que fosse.

Ela me olha desconfiada e sei que estaria balançando a cabeça, caso seu pescoço não estivesse imobilizado.

— Não é o que parece. Não pela forma como ele te olha.

Meu coração pula quando ela diz isso.

— E como ele me olha? — Não consigo evitar.

Ela para por um instante, refletindo sobre o que dizer, em busca da palavra mais precisa para expressar o que deseja.

— Como se você fosse preciosa — finalmente diz. — Preciosa para ele.

***

Saímos de Mogi um pouco depois das quatro, com a promessa de minha mãe de que me manterá informada sobre sua melhora.

Se fosse sexta-feira, eu ficaria por aqui com ela; contudo, ainda estamos no começo da semana e tenho mais três dias de trabalho no restaurante pela frente.

Como estamos no contra fluxo, não nos preocupamos com o horário e a possibilidade de

pegarmos trânsito.

Dessa vez, o clima no carro é muito mais leve, despidos da agonia de nossa viagem de ida.

Bel alugou completamente o Cadu e ficou toda hora arranjando o que falar com ele, inclusive o levou para ver seus desenhos e tarefas da escola. Embora ela estude de tarde, hoje acabou faltando por conta de tudo o que aconteceu. Minha mãe, aliás, estava indo buscá-la em casa para levá-la ao colégio quando bateu o carro. Sorte que Bel não estava com ela.

Nos momentos em que minha irmã não estava tagarelando, ele conversou com mamãe e, principalmente, com Cássio, até a Mel foi fazer graça para ele.

Primeiro, se deitou aos pés dele pedindo carinho, depois pulou em seu colo, fazendo minha mãe instantaneamente querer tirá-la de lá, pedindo desculpas pelo abuso da minha cadela.

— Não tem problema, não me importo — respondeu. — Já tive um cachorro e adoro! Sinto muita falta de ter um.

— O que aconteceu com o seu? — pergunto sem pensar.

— Não era só meu — responde depois de um

tempo, enquanto afagava a cabeça de Mel. — Ficou com a Sabrina. — E deu de ombros.

Me arrependi na mesma hora de ter perguntado e Cássio logo se apressou em mudar de assunto, percebendo o leve constrangimento no ar.

Esse foi o único momento relativamente estranho; no geral, nossa visita forçada foi tão agradável quanto poderia, dentro das circunstâncias.

— Espero que seu tio não tenha surtado com a Gi e que nem brigue com a gente amanhã — falo quebrando o silêncio da viagem.

— Ele vai compreender — Cadu responde. — Por mais difícil que ele seja, não é um monstro.

— Desculpa — digo rapidamente. — Não foi o que quis dizer.

— Não, não tem problema. Eu é que me expressei mal. Sei que meu tio faz muito bem o papel de vilão. — Sorri. — Não estou querendo defendê-lo — continua —, até porque ele tem muito a melhorar e não acho que alguma coisa justifique seus erros como chefe. Mas, conhecendo sua história, até compreendo que ele aja assim.

— E qual seria essa história?

Cadu se ajeita no banco, antes de começar.

— Bom, acho importante dizer que meu avô era

dono de uma loja e muito bem-sucedido nos negócios. Começou do zero e foi no comércio que cresceu e construiu a própria vida.

— Do que era a loja dele?

— Era uma mercearia. Lembro de quando eu era criança e ficava ouvindo as histórias dele, de sua época de comerciante. Simplesmente adorava! — E não consegue evitar sorrir com a lembrança. — Como meu avô teve sua trajetória de sucesso, ainda que não tenha chegado a enriquecer, ele cobrava muito dos filhos que seguissem pelo mesmo caminho. Se ele, sem nada, conseguiu, minha mãe e meu tio, com tudo o que meu avô oferecia, tinham a *obrigação* de ter boas conquistas, na visão dele. No fundo, não acho que ele estivesse de todo errado, mas o problema é que, muitas vezes, ele foi bastante severo.

Meu tio, então, cresceu sob essa pressão do meu avô, e acho que isso ajudou com que ele se tornasse, também, tão severo quanto o pai. Quando mais jovem, ele resolveu seguir a tradição e abriu seu próprio negócio. Não sei dizer o que era exatamente, porque foi antes de eu nascer e não ouvi a história com tantos detalhes. O que sei é que, como você deve imaginar, ele não tinha o mesmo

talento do pai. Como resultado, ele foi acumulando dívidas e, em vez de pedir ajuda antes de ficar completamente falido, escondeu de toda a família, com vergonha de seu fracasso. Porém, chegou um momento em que a situação ficou insustentável e ele não conseguiu mais manter o segredo. Para quitar todos os débitos, meu avô precisou vender a loja e abriu mão daquilo que levou uma vida para construir. É claro que meu tio nunca deixou de se culpar, principalmente porque meu avô faleceu antes que ele viesse a prosperar. Hoje em dia, ele é extremamente controlador, porque teme novamente se endividar. Ele não é ganancioso, no fundo. Não é mão de vaca para ter dinheiro para si, mas simplesmente porque tem medo de falir, mais uma vez, e nunca ser capaz de fazer jus à expectativa do meu avô. Acho que ele acredita que anda precisa provar seu valor e que honrará o que o pai cobrava dele.

Fico completamente tocada com o relato de Cadu. Jamais imaginei algo do tipo. Na realidade, acho que sequer pensei alguma vez no Senhor Arlindo como, realmente, uma pessoa, com uma história e um passado.

Um homem que nunca construiu uma família

própria, preocupado demais em criar algo para atender às expectativas do pai, carregando incansavelmente o fardo da culpa por tê-lo decepcionado.

Pela primeira vez, sinto compaixão por ele e o enxergo por uma ótica completamente nova.

Como Cadu falou, não acredito que nada disso justifique seus erros. Mas os torna compreensíveis.

Ele é, afinal, humano. E eu havia me esquecido de enxergá-lo desse jeito.

Talvez seja por isso que não podemos julgar alguém. Dificilmente sabemos o que se passa por trás do que cada um demonstra e, às vezes, os pesos que carregam podem ser bem maior do que aparentam.

— Imagino que seja tradição na sua família, então, ter grandes aspirações — falo. — E você? Quais as suas?

Cadu leva um tempo para responder.

— Acho que ainda estou em busca de descobrir. Comecei cedo a trabalhar na empresa do meu ex-sogro e isso me fez parar de pensar, por um tempo, que eu poderia ter algo diferente, que havia outras opções. Logo que saí de lá, levei poucos meses para começar a trabalhar no restaurante e não entrei por

ser exatamente o que eu queria, mas sim porque eu precisava. Não podia mais ficar parado.

Concordo com a cabeça.

— Venho me perguntando isso, desde então. E não sei se estou acomodado no momento, ou se é isso o que realmente desejo. Mas continuar no Rabanada tem me parecido uma boa opção. — E seus olhos brilham ao assumir essa ideia. — Sei que pode parecer pouco, que não é o emprego dos sonhos de alguém — ele parece querer se explicar, é um negócio da minha família, e sinto que posso ajudar meu tio a prosperar. Acho que eu ficaria feliz em vê-lo realizar o sonho de se redimir aos olhos do vovô, que nada mais são do que os próprios olhos dele. Meu avô já havia parado de cobrá-lo há muito tempo, mas ele mesmo continua se pressionando. Seria legal ajudá-lo a superar isso e acho que ele só vai conseguir quando, dentro dos próprios padrões, alcançar seu sucesso. E ele merece essa conquista.

Um nó se forma em minha garganta e fico emocionada com o que Cadu fala. Pouquíssimas pessoas pensariam assim.

Eu sabia que ele era alguém especial. Hoje, mais do que nunca, tive certeza de que me enganei.

Ele está muito além disso.

— Não é pouco, Cadu — finalmente consigo falar, quando domino a emoção. — Nada que você faça por lealdade a quem você ama pode ser considerado assim. Você preza fazer parte da realização do seu tio mais do que ambiciona algo que, superficialmente, seria considerado grandioso, como trabalhar em uma multinacional e receber um salário astronômico. Não haveria problema se você sonhasse com isso, mas, nessas circunstâncias, acho que suas aspirações são ainda mais grandiosas. E falam muito sobre quem você é. Você deveria se orgulhar, não achar que é comodismo da sua parte.

Ele se vira e olha profundamente em meus olhos, com aquela intensidade que apenas ele consegue.

Sinto como se estivesse sendo atingida por um raio e, por um instante, consigo entender o que minha mãe disse sobre ele me ver como se eu fosse preciosa para ele.

Por milésimos de segundo, é como se o ar do carro fosse completamente sugado e só existisse a força que atrai nossos olhares.

Noto que ele faz força para engolir algo e *sei* que ele está tão abalado quanto eu.

O laço entre nós se quebra, ele volta a atenção

para a estrada. Estamos prestes a entrar na Marginal Tietê.

— Obrigado — é tudo o que diz, antes de pairar um silêncio profundo entre nós, que perdura até ele me deixar na porta do meu prédio.

Apesar de compartilharmos a mania de contar o tempo em músicas, tenho certeza de que jamais seríamos capazes de medi-lo por essa nossa quietude, e não porque ela é ausência.

Esse silêncio é denso. Intenso. Carregado.

É infinito.

Nanda

5/11/2014

Oi. Como você tá? Sei que pode parecer estranho, mas só queria notícias suas...

12:14

Gostaria que a gente pudesse manter contato

22:10

6/11/2014

Sei que essas mensagens estão sendo bem repentinas... Mas falei sério. Queria muito que a gente pudesse ser amigos.

16:39

Passamos muito tempo juntos e é difícil de repente não estar mais na vida um do outro.

16:40

7/11/2014

Ok, até agora você não recebeu nenhuma das minhas mensagens... Acho que você me bloqueou, né?

20:03

HOJE

Fazendo o último teste...

17:16

É, acho que bloqueou...

17:29

CAPÍTULO 30

Conforme prometido, volto para Mogi no final de semana e fico feliz ao ver minha mãe praticamente recuperada. Ela não usa mais o colar cervical e sente um pouco de dor dependendo de como mexe a cabeça.

De qualquer maneira, eu acabaria vindo para cá hoje. Amanhã é nove de novembro, aniversário do Rodrigo e ele me convidou para sua comemoração, para onde estou indo.

Vamos nos reunir em um restaurante vegetariano da cidade e estou ansiosa para conhecer o lugar. Rodrigo se ofereceu para me buscar, mas preferi ir de carro, assim fico mais livre para voltar quando quiser, sem depender de ninguém. Mamãe ainda não mandou o carro para o conserto, afinal, foi só uma leve amassada.

Sou a primeira a chegar e encontro Rodrigo esperando, sentado à mesa. Assim que me vê, se

levanta e abre um sorriso, pronto para me cumprimentar.

Hoje ele veste uma bermuda jeans com uma sandália marrom e uma bata branca de viscose, com gola em V, amarrada por um cordão entrelaçado. O visual é completamente o estilo dele.

— Só vou te dar feliz aniversário depois da meia-noite para você não ter azar — falo quando o cumprimento.

— Dificilmente você traria azar, Nanda. A propósito, você está linda!

Sorrio em agradecimento, feliz pelo elogio. Caprichei na produção colocando um vestido verde florido cinturado e rodado em sua saia curta. Deixei o cabelo solto e adorei os cachos naturais na ponta, conspirando a favor do meu visual.

Completei com uma sandália rasteirinha de tirinha, uma bolsa de couro com franjinhas e várias pulseiras. De maquiagem, apenas o essencial: base, *bluh* rosa queimado, lápis, rímel e batom marrom.

— Eu que cheguei cedo ou todo mundo que está atrasado? — Pergunto me acomodando e estranhando o tamanho da mesa. Ou ele não chamou muita gente ou vai juntar as mesas ao lado, quando mais pessoas chegarem.

— Todo mundo? Todo mundo quem? — Indaga, intrigado.

Olho para ele sem entender.

— Os convidados? Seus amigos e amigas? Pelo seu aniversário?

Ele parece surpreso e então sorri para mim.

— Hoje seremos só nós, Nanda. Vou deixar para vê-los amanhã. Imaginei que você tivesse entendido quando te convidei.

Ai, meu Deus. Vim para um encontro sem saber e ainda paguei o mico de demonstrar meu desconhecimento.

Quão desconcertante pode ser não perceber que alguém te chamou para sair? E pior ainda, aceitar?

— Numa escala de um a dez, quão lerda você acha agora que eu sou? — falo com as mãos no rosto, envergonhada pela confusão.

— Espero que você não se incomode por ser só a gente... — E vejo que fica aguardando minha resposta e que ela é importante para ele.

— Não, não me incomodo. Na verdade — penso melhor — acho que até prefiro assim. Fico um pouco desconfortável entre pessoas que não conheço, então...

— Quer dizer que já sou um conhecido? — E há

um sorriso com indício de algo mais em seu tom de voz.

— A julgar pelo tanto que a gente se fala, apesar de ser só a segunda vez que nos vemos, eu diria que sim — devolvo a ele com a mesma entonação.

Ok. É oficial.

Está aberta a temporada de flertes da noite.

Sorrimos um para o outro e pegamos o cardápio, em busca de nosso jantar.

Acabo pedindo uma lasanha de espinafre com queijo, acompanhada de uma salada Caesar e um suco de morango com leite.

Rodrigo opta por um suflê de legumes e me copia na salada pedindo o mesmo para si, além de um suco verde sem açúcar.

Quando o garçom se afasta, Rodrigo comenta:

— Você gosta bastante de suco com leite?

— Mais o de morango mesmo. Ou maracujá. E coco. É, acho que gosto — sorrio. — Por quê?

— É que normalmente eles levam leite condensado no preparo.

Aponto o dedo para ele, como se fizesse um *touché*.

— Me pegou. Exatamente por isso que gosto. O sabor doce fica uma delícia!

— É, mas é aí que mora o perigo... Tem que tomar cuidado para não abusar, essas bebidas são muito calóricas. E o açúcar em excesso não faz bem para ninguém.

Olho para ele meio sorrindo meio sem entender.

Acabei de levar uma reprimenda pela bebida que pedi?

— Se o restaurante fosse vegano, muito provavelmente esse suco teria sido feito com leite condensado de soja. Bem melhor, não?

Dou um meio sorriso e procuro mudar de assunto, perguntando sobre como anda seu curso de instrutor yogue, e não demoramos a engrenar no assunto.

Gosto de como Rodrigo fala da importância do Yoga para ele e como se envolve com o tema. Seus olhos brilham e suas mãos assumem um ritmo agitado, nitidamente empolgado. Sempre me encanta encontrar alguém que ame aquilo que faz, e Rodrigo certamente está nessa categoria.

Quando nossos pratos chegam, ele ainda está falando, o que para mim é ótimo, já que posso comer enquanto o escuto. Esse restaurante é ótimo, amei a lasanha! Há uma crosta de queijo gratinado que está completamente dos deuses.

Aliás, acho que o Cadu iria adorá-lo, já que ele é do meu time comilão.

Reprimo o pensamento assim que o tenho. Por que estou pensando nele justamente agora?

As coisas entre nós ficaram um pouco estranhas desde que ele me trouxe para cá, na terça. Aquele clima sempre amigável entre nós, de repente, começou a parecer forçado, deslocado. Como se não soubéssemos como agir perto do outro.

No dia seguindo, quando cheguei ao Rabanada, ele me perguntou sobre minha mãe e novamente o agradeci por tudo. Depois, a todo momento ele parecia sem graça perto de mim, e por consequência, passei a agir da mesma forma.

A situação não mudou ao decorrer da semana.

— E o TCC, como anda? — pergunta me tirando do meu devaneio.

— Quase acabando, finalmente! — respondo após dar minha última garfada. — Na próxima semana tenho a penúltima reunião com minha coordenadora. Já apresento mês que vem, acredita?

Considero pedir uma sobremesa, mas mudo de ideia ao lembrar da crítica ao meu suco com leite condensado. Tanto eu quanto ele já terminamos de jantar e não há muito mais o que fazermos aqui.

— O que você acha de irmos para algum barzinho? Podemos continuar nossa conversa ao som de uma música ao vivo, que tal?

Rodrigo faz uma cara de desagrado, mas acaba concordando.

Pedimos a conta, pagamos cada um nossa parte e nos dirigimos ao estacionamento, onde deixamos nossos carros.

Combinamos que ele irá me seguir e vamos em direção à segunda parte da noite. Tenho a impressão de que estou precisando de uma caipirinha.

***

Não consigo evitar e me empolgo ao cantar *Eu Te Devoro*, acompanhando a dupla de voz e violão.

— Adoro essa música — falo em uma parte instrumental, aproveitando para tomar um gole da minha bebida.

Rodrigo pediu uma água e a está bebericando. De vez em quando, o vejo acompanhar a música, batucando com o dedo sobre a mesa. Mas essa é uma reação rara. Na maior parte das vezes, ele se

mostra incomodado com o barulho.

Apesar de nossas claras diferenças, a conversa continua fluindo muito bem entre a gente e estamos tendo uma noite agradável.

Gosto desse lugar porque tanto é possível manter um diálogo sem precisar acabar com as cordas vocais de quem estiver falando quanto também curtir o som. Aliás, algumas pessoas levantaram e dançam próximas à dupla, em um espaço próprio para isso.

Olho para o celular e me espanto ao ver que já é quase meia-noite. Me distrai tanto com as músicas e com nosso bate papo que mal senti o tempo passar.

— Preocupada com o horário? — Rodrigo me pergunta.

— Não, não. Só curiosidade mesmo. Aliás, já é quase seu aniversário!

— É mesmo? Então quero te pedir uma coisa.

Sinto uma pontada de animação pela expectativa e pergunto o que ele deseja.

— Quero passar a virada dos meus 25 anos aproveitando a música. Dança comigo?

Fico surpresa por ele demonstrar interesse nas canções nesse momento. Porém, não acho que seja

exatamente nelas que ele está interessado.

Pego em sua mão quando ele a estende para mim e vamos para perto de onde outras pessoas dançam.

A dupla começa a tocar uma versão mais lenta de *Xote dos Milagres* e Rodrigo não demora a me puxar de encontro a ele, colocando meus braços em seu pescoço e segurando minha cintura com suas mãos. Não consigo evitar estremecer ao sentir seu toque.

Logo, pegamos o ritmo da melodia e, por um instante, nos perdemos na dança.

— Será que já é meia-noite? — sussurra em meu ouvido.

— Agora é você quem está preocupado com o horário?

— Queria saber se já é meu aniversário e se tenho direito a um presente.

— E qual seria ele? — pergunto com o coração acelerado, já sabendo a resposta.

Rodrigo me olha e, lentamente, encosta seus lábios nos meus.

A sensação é instantaneamente agradável. O beijo de Rodrigo é suave e, acompanhado de seu perfume adocicado, me faz sentir acolhida. Sinto sua mão esquerda deixar minha cintura para tocar meu rosto

e me entrego, puxando seu corpo mais para perto do meu.

Ao perceber que correspondo ao beijo, gentilmente toca sua língua com a minha e ele se intensifica, quase que acompanhando o ritmo da música.

A dupla segue seu repertório, variando cada vez mais as canções. Porém, mal notamos o que acontece, envolvidos exclusivamente um com o outro.

Rodrigo sugere que voltemos a nos sentar e é o que fazemos. Dessa vez, colocamos nossas cadeiras lado a lado e ele me abraça.

Só então me dou conta de que é a primeira vez que beijo outra pessoa além do Vinícius nos últimos dois anos e meio. Diferentemente do que imaginei um dia, não foi estranho. E essa noção é libertadora.

***

Chego mais uma vez com antecedência na faculdade para minha reunião com a Paula, na segunda-feira. Eu e Rodrigo não nos vimos ontem,

ainda que ele tenha sugerido, mas expliquei que precisava retornar cedo para São Paulo. Enquanto essa correria não acabar, não posso me dar ao luxo de tirar muitas folgas.

Ele me disse que adorou a noite de sábado, e respondi que também. Porém, seria mentira dizer que estou muito empolgada. Foi uma noite agradável, e só. Pelo visto, ele está bastante interessado em repetir a dose, acho que isso pode acontecer. Tivemos uma química legal, gosto de conversar com ele e de estar em sua companhia, então por que não?

Vou até a lanchonete em busca de um suco e, quando faço o pedido, ouço meu celular tocar na bolsa. Começo a procurá-lo, sem sucesso, e desisto assim que ele silencia. Pago a conta e me sento em uma das mesas para remexer minha bolsa. Quando finalmente encontro meu aparelho, quase caio de costas ao ver quem me ligou.

Vinícius.

Fico completamente em choque, não por ele ainda significar algo para mim, mas simplesmente por ser a última pessoa que imaginei que estaria me ligando.

Nossa separação foi tão abrupta que mal consigo

supor o que ele pode desejar falar comigo. Aliás, passei dias tentando falar com ele, logo que terminamos e fui totalmente ignorada. Por que isso agora?

Será que ele me ligou sem querer, por engano? Tipo, viu que ainda tinha meu nome na agenda e ao tentar excluir, me ligou acidentalmente?

Pode acontecer. Assim como quando você vai fuçar no perfil de alguém no Facebook ou Instagram e acaba curtindo uma foto da pessoa.

Assumo que foi isso, simplesmente um engano e pego meu suco.

Porém, meu celular volta a tocar.

Vinícius mais uma vez.

Encaro a tela, indecisa sobre atender ou não.

Não tenho nada para falar com ele e nem imagino o que ele possa querer comigo. Por que eu deveria responder?

Suspiro e acabo aceitando a ligação. Só tem uma maneira de descobrir o motivo desse telefonema.

— Nanda? — Fala ao me ouvir.

Já havia me esquecido do som de sua voz e estranho ao ouvi-la.

— O que você quer, Vinicius? — pergunto tentando ser objetiva, mas sem conseguir evitar o

tom cortante que minha pergunta assume.

— Me desculpa te ligar assim, sei que é repentino...

— E põe repentino nisso! — E solto uma risada irônica.

— É. Eu sei. Bom, só queria saber se a gente pode conversar.

— Conversar? Sobre? — Franzo a testa, mesmo que ele não possa me ver.

— Tem umas coisas que eu queria falar para você.

— Olha, sendo bem sincera, Vinicius, eu não sei se ainda tem qualquer coisa que precise ser dita entre a gente. De qualquer forma, estou entrando em uma reunião daqui cinco minutos, então não tenho mesmo como falar com você agora.

— Tudo bem, mas eu não queria conversar por telefone. Você toparia me encontrar, quando pudesse?

— Encontrar você? — E percebo o tom de incredulidade que sai sem que eu perceba.

Estou em algum tipo de pegadinha? Hoje é dia da mentira? Aconteceu algum tipo de *bug* no contínuo espaço-tempo e passei a viver naquela minha temida realidade alternativa?

— Sim. Pode ser em qualquer lugar, o que for melhor para você. Só queria ter essa oportunidade. Por favor. Por nós.

— Olha, usar esse argumento de “por nós” só vai dificultar as coisas para o seu lado, Vinicius. Não existe um “nós” há um bom tempo e é no mínimo cara de pau sua resolver me falar isso.

— Ok, ok, me desculpa. Fui infeliz na escolha de palavras. De qualquer forma, você pode me ouvir? É importante para mim — e faz uma pausa. — Por favor.

Fecho os olhos, mal acreditando no que está acontecendo.

Por um lado, confesso, essa seria minha oportunidade de colocar definitivamente um ponto final nessa história, ter minha chance de ter as tantas perguntas que fiz em vão, finalmente respondidas.

Eu precisava dessa conclusão naquela época.

Talvez ela não seja inútil agora.

— Ok — afinal concordo. — Mas com uma condição.

— Claro, o que você quiser — se apressa em dizer, aliviado.

— Você vai ter que ser absolutamente sincero

comigo e responder qualquer pergunta que eu tiver.

Dani
visto por último hoje às 15:09

HOJE

Você não vai acreditar no que acabou de acontecer

17:26

Vou te mandar áudio explicando porque é mais rápido. Vou entrar na reunião com a Paula e preciso correr, aí não dá tempo de digitar.

17:27

Você deve estar mega ocupada aí, mas ouve assim que puder, tá?

17:27

▶ |————| *02:16*

17:30

CAPÍTULO 31

Combino de encontrar Vinícius na tarde de sábado em uma sorveteria do centro que estava curiosa para conhecer. Assim, se eu perceber que ter aceitado o encontro foi um erro, pelo menos não perco a viagem.

Além disso, resolvi aproveitar a ocasião e riscar mais um item da minha lista.

Vim de metrô até a famosa 25 de Março e já estou caminhando por ela há pelo menos uma hora. Estou usando a parte da manhã para me dedicar a mim e reunir forças para o que me espera à tarde.

Andar por aqui é definitivamente uma perdição. Se não me controlar, compro absolutamente tudo o que aparecer pela frente.

Com 50 reais, fiz a festa em uma loja de bijuterias e comprei o suficiente para renovar todo meu estoque delas. Até mesmo encontrei um anel com o símbolo do signo de Peixes! É claro que eu não

podia deixar passar.

Fiquei louca também em um estabelecimento exclusivamente de decoração. Tinha cada coisa linda e inspiradora que, não fosse meu salário mixuruca, os comerciantes dali com certeza teriam lucrado.

Agora, sigo rumo ao mercado municipal onde pretendo almoçar antes de voltar caminhando até a sorveteria.

O dia está quente, e se torna ainda mais abafado em meio à muvuca. Aqui já é normalmente cheio e de final de semana, então, fica ainda pior. Preciso também ficar atenta, porque é bem comum ocorrerem furtos, então grudo minha bolsa perto de mim e vou andando em passos firmes, sem ficar bobeando.

Se bem que a arquitetura de alguns prédios daqui é tão bonita, tão antiga, que *preciso* parar para admirar.

Assim, quando estanco de supetão, só sou impedida de pegar o celular para tirar uma foto porque sou quase atropelada pelas pessoas que continuam a caminhar como se eu não estivesse aqui. E ainda me xingam!

Bando de estressadas. Nem se pode mais passear

à vontade!

Quando minha barriga ronca, sinto que é hora de parar de turistar e, dessa vez, sigo focada em meu destino.

Logo avisto o Mercadão e não posso evitar ficar boquiaberta com seu esplendor.

Isso sim é uma arquitetura admirável!

Vou andando sem nem saber para onde olho: se para os vitrais, se para os artigos sendo vendidos nos quiosques.

Há tantas especiarias, variedades de alimentos que sinto vontade de parar a cada passo que dou.

Não resisto quando vejo um kit de temperos artesanais em embalagens simplesmente lindas e compro um de presente para dona Mazé. Ela me ajudou tanto quando pedi para aprender a cozinhar, além de incontáveis outras vezes, que é o mínimo que posso fazer.

Assim que chego à parte de alimentação, meu estômago quase urra de fome e decido não atrasar mais meu almoço

Vou direto aonde vendem o famoso sanduíche de mortadela e peço um com um refrigerante.

Tenho sorte e consigo me sentar em uma banqueta no balcão.

O alivio é instantâneo. Acho que nem havia percebido o quão cansada eu estava!

Arregalo os olhos quando meu lanche chega. Tenho minhas dúvidas de que vou aguentá-lo sozinha. A quantidade de recheio aqui é o equivalente ao que compro de frios para durar uma semana para mim e para Dani.

Sem exagero.

De qualquer forma, não demoro a abocanhá-lo e o sabor parece desabrochar em minha boca, como se estivesse ativando toda a área sensorial dela.

Isso é delicioso!

Tenho certeza de que estou com o rosto todo sujo, já que praticamente tenho que enfiá-lo no lanche para comer, mas nem ligo.

Ok, talvez eu ligue um pouco. Discretamente, pego o máximo de guardanapos que consigo e começo a me limpar, antes de voltar com voracidade à refeição.

Quando falta ainda cerca de um quarto para terminá-lo, sinto que estou prestes a explodir.

Um a zero para o lanche. Ele me venceu. Não vou conseguir comê-lo inteiro.

Odeio deixar comida no prato, então peço para embrulharem o restante. Mais tarde eu e ele

teremos uma conversinha lá em casa.

Dou mais uma volta e vejo que chegou a hora.

Preciso me encontrar com Vinícius.

***

Chego antes dele e corro para o banheiro dar um jeito em mim mesma.

Esse negócio de passar a manhã andando pelo centro em um dia relativamente quente não foi assim muito benéfico para minha aparência.

Não que eu queira estar arrumada para ele.

Quero estar arrumada por mim. Me olhar no espelho e me sentir bonita vai me dar muito mais segurança e, nesse momento, preciso de cada pedacinho dela que puder reunir.

Tiro minha *nécessaire* da bolsa, quase o equivalente a um kit de primeiros socorros, e escovo meus dentes. Aproveito para lavar o rosto e reaplico o lápis e rímel.

Passo uma camada de batom pêssego e espirro mais um pouco do meu perfume.

Quando solto meus cabelos, antes trançado, a mulher que me olha está infinitamente melhor do

que a que chegou minutos atrás.

Sorrio para ela, dando uma piscadinha, e saio em busca de uma mesa.

Porém, não preciso me preocupar.

Vinícius já chegou e olha ansiosamente para a porta, à minha espera.

Seu cabelo já cresceu novamente, estando em um tamanho próximo do que costumava usar quando estávamos juntos. Ele veste uma camiseta vermelha que, inclusive, foi presente meu, e não sei se a escolha foi intencional.

Apesar de, no conjunto, ele estar bastante similar à quando namorávamos, é como se ele fosse um completo desconhecido para mim.

Tento prestar atenção a como me sinto e a que tipo de reação sua imagem pode ter me despertado.

Nada.

O lanche no mercadão certamente mexeu muito mais comigo.

Assim que me nota, Vinícius pula da cadeira.

Não entendo o porquê de ele estar tão nervoso.

Chego próxima da mesa e ele se inclina para me cumprimentar, mas apenas aceno com a cabeça, sentando logo em seguida.

Ele disfarça sua intenção anterior e se senta

também.

— Você está linda, Nanda. Parece estar muito bem — fala quase gaguejando.

— Obrigada, Vinicius. Eu me sinto bem. — E dou de ombros. Para não ser indelicada, devolvo um comentário, sem saber muito o que dizer. — Você está... Como eu me lembrava.

— Obrigado.... Acho. — Também não sei definir se o que eu disse foi positivo ou não.

— Bom. Por que estamos aqui? — resolvo ir direto ao assunto. Estou ansiosa pelo sorvete e nem a pau vou pedi-lo agora, correndo o risco de ele derreter enquanto conversamos.

Vejo que o peguei desprevenido. Acho que ele não esperava que eu fosse tão direta.

— Como eu falei, tinha algumas coisas que eu queria te dizer... que precisava te dizer.

Assinto, esperando que ele continue.

Quando ele não entende a deixa, falo por ele.

— E que coisas seriam essas?

Vinicius gagueja, procurando pelas palavras certas.

Ele sempre foi assim tão inseguro?

— Em primeiro lugar — consegue dizer —, acho que te devo desculpas.

Ok, agora sim ele me surpreende. Definitivamente, não vim esperando que ele se desculpasse.

— Você não merecia ser tratada daquele jeito. Eu sei que errei. — E noto que está sendo sincero.

— Por quê, Vinicius? O que eu fiz de tão errado? — sussurro, quase sem acreditar que finalmente tenho a oportunidade de fazer essa pergunta.

— Você acredita se eu disser que nem eu mesmo sei? Acho que comecei a ficar insatisfeito, as coisas não me pareciam mais como antes e, quando vi, eu tinha me apaixonado. Acho que tive medo de te magoar.

Sinto esquentar de nervoso na mesma hora.

— Não. Você não teve medo de me magoar. Você teve medo de fazer a coisa certa, porque ela seria mais difícil. Você optou pelo mais fácil para você, sem se importar comigo. Não venha me dizer, agora, que você pensou no meu bem. Não foi isso que aconteceu — explodo, e vejo ele se retrair, constrangido. Ele sabe que tenho razão.

Respiro fundo para me acalmar.

— Agradeço que você tenha percebido que cometeu um erro e que tenha sentido vontade de se desculpar. Mas, por que agora?

Vinicius olha para as mãos, apoiadas na mesa, em silêncio. Quando estou prestes a repetir a pergunta, cogitando que talvez ele não tenha me ouvido, ele levanta a cabeça e me olha de um jeito que... Não sei definir. Não sei o que o olhar dele me diz.

— Não cometi um erro apenas pela maneira de como terminei com você — finalmente responde. — Cometi um erro por ter terminado com você.

Fico estupefata.

Ele disse o que estou pensando ou entendi errado?

— O que você quer dizer com isso? — questiono para ter certeza.

— Eu ainda amo você, Nanda.

Silêncio.

O mundo para.

Chacoalho a cabeça, em dúvida se isso está acontecendo.

Esfrego os olhos e, quando abro, tudo continua igual.

Vinicius continua me encarando.

E acabou de dizer que ainda me ama.

Ele percebe que não consigo falar nada, e logo continua se explicando:

— Fui levado pelo momento, Nanda. Me deixei levar por uma ilusão, uma aventura passageira, e

acabei deixando para trás o que realmente importava. Em poucas semanas, eu já tinha me arrependido, mas não tive coragem de assumir meu erro. Você está certa, não sou corajoso, e acabei empurrando com a barriga um relacionamento que nem deveria ter começado. Nós terminamos e finalmente me senti livre, com uma nova oportunidade de voltar atrás. — Sua voz quase beira o desespero. Vinicius parece insano, tomado por uma febre e fico, de certa forma, assustada com sua reação acalorada.

Simplesmente não sei o que dizer. Se eu já sentia que a ordem do mundo havia sido invertida quando ele me ligou, agora então, tenho certeza de que não sei absolutamente mais nada.

Ao constatar que continuo em silêncio, Vinicius me olha com atenção.

— Você está diferente... — diz. Esboço uma pergunta, mas ele se adianta. — Mais forte. Nunca te vi assim.

E então, finalmente entendo. Sinto vontade de rir, mas me controlo.

— Quem terminou, Vinicius?

Ele me olha sem entender.

— O seu namoro. Quem terminou? Você ou ela?

— Isso é importante? — pergunta, franzindo a testa.

— Sim, é importante. Você prometeu que seria sincero e responderia seja o que for que eu perguntasse — lembro-o de nosso acordo.

Ele se dá por vencido, antes de dizer: “Ela”.

Eu sabia.

Só agora enxergo Vinicius, entendo quem ele é.

Ele é exatamente como eu era, e simplesmente não sabe ficar sozinho.

Acabamos namorando não porque queríamos estar um com o outro, mas simplesmente porque queríamos estar com *alguém*. Ele cumpriu o papel que eu desejava enlouquecidamente que alguém cumprisse, e fiz o mesmo por ele, até que outra pessoa apareceu.

E assim que ela saiu de campo, ele voltou atrás. Porque imaginava que eu ainda estaria sofrendo, esperando por ele, tão vulnerável e disponível quanto demonstrei em nossas primeiras semanas separados.

Nunca havia imaginado o quanto éramos parecidos.

A diferença entre nós é que eu nunca teria sido capaz de magoá-lo.

— Eu te amo, Nanda — ele repete.

Há poucos meses, essa era a cena dos meus sonhos e, agora, tudo o que sinto é alívio, por finalmente ter deixado Vinícius e a antiga Fernanda para trás.

Eu não o amo mais. Talvez nunca o tenha amado, finalmente compreendo.

Olho bem fundo em seus olhos antes de responder.

— Não. Você não me ama, Vinícius. Você não sabe o que é isso.

Ele fica surpreso com minha resposta. Acho que ele ainda estava esperando que eu fosse me jogar em seus braços, declarando amor eterno.

Minha reação, até agora, não tinha sido o suficiente para fazê-lo entender que não. Não *mesmo*.

— E você por um acaso sabe? — ele me responde com ironia, um sorrisinho de deboche no canto dos lábios que elimina por completo toda sua atuação anterior de jovem arrependido, comprovando minha teoria de que ele só não quer ficar sozinho.

— Pode ser que eu também não saiba — respondo me levantando —, mas tenho total certeza de que estou muito mais perto de descobrir do que

você.

E saio, deixando Vinícius e nosso passado para trás, mas, desta vez, levando meu orgulho e meu amor próprio comigo.

E acabei não pedindo o sorvete. Droga!

Rodrigo
visto por último hoje às 15:09

HOJE

Nenhuma chance mesmo de você resolver vir pra Mogi e a gente se ver?
15:09

Ai, desculpa, Rô! Não consigo mesmo. Tô ocupada aqui, só cheguei agora em casa e preciso me jogar no TCC =/
18:01

Aliás, aquelas suas técnicas de meditação têm me ajudado MUITO. Obrigada, viu? Tem sido difícil lidar com todo o nervosismo... Fiquei até com dor de estômago esses últimos dias, me sentindo enjoada pra comer, acredita?
18:03

CAPÍTULO 32

Na próxima segunda, terei minha última reunião antes da entrega do TCC. Percebi, depois do mais recente encontro que tivemos, que ainda havia alguns ajustes a serem feitos e, por mais que eu tenha me dedicado até então, tenho receio de não dar tempo de terminar tudo de que preciso.

Sendo assim, aproveitei que amanhã será feriado em São Paulo e pedi folga na sexta, para emendar com o final de semana. Nem acreditei quando o Senhor Arlindo concordou! Corri para Mogi assim que saí do restaurante apenas para pegar o carro da minha mãe e, agora, estou a caminho de Bertioga.

Já havíamos combinado de ela pegar para mim a chave do apartamento com minha avó, estou ansiosa para meu final de semana prolongado de reclusão. Além de ser uma maneira de manter minha meta de ir mais vezes para a praia, vou poder me desligar de tudo e todos e focar somente no

trabalho que tenho pela frente.

Aumento o som do rádio, coloco uma *playlist* animada e desço a serra cantarolando, tentando aliviar o estresse desde já.

Ok, melhor ser mais específica, afinal, essa descrição não é muito precisa e dá a ideia de eu apenas movimentar os lábios, de vez em quando, no ritmo das músicas.

O mais correto seria dizer que realizo minha própria *performance* pop, cantando de forma estridente e fazendo movimentos tão amplos quanto possível, considerando-se que estou dirigindo.

Chego à baixada e vou direto ao supermercado, já que não tive tempo de trazer nada de casa. Vou andando pelos corredores e sinto uma satisfação enorme de não me limitar a macarrões instantâneos e alimentos congelados.

Ainda assim, pego um ou dois de cada, porque imagino que não terei tempo ou paciência para cozinhar todos os dias, em todas as refeições.

Munida do básico, me encaminho para o apartamento.

É hora de começar a maratona de finalização do TCC!

***

Acordo na manhã de sábado ainda me sentindo cansada, então decido ficar na cama mais um tempo, criando coragem para levantar.

Passei os últimos dias trabalhando intensamente, tanto que a bateria do meu celular tem durado mais de um dia, o que é com certeza um recorde para mim, já que só tenho o deixado no modo silencioso e, muito de vez em quando, paro para checar as mensagens.

A recordista é minha mãe, perguntando como tudo está por aqui. Dani também constantemente me manda ao menos um “Oi”, para demonstrar seu apoio, e quase a invejo por não precisar passar pela tortura do TCC. Como ela é uma das alunas queridinhas da faculdade por seu excelente desempenho, ela conseguiu convencer seu coordenador a apresentar relatórios do seu estágio ao invés de desenvolver o trabalho. Porém, minha inveja passa assim que me lembro de seu ritmo frenético rotineiramente, não só por um período determinado de tempo como no meu caso, ainda mais agora que ela está para ser efetivada.

Ela funciona com essa vida de *workaholic*. Eu não.

Eu e Rodrigo continuamos trocando mensagens, ele sempre menciona o fato de ainda não termos conseguido nos reencontrar. No final de semana passado, fiquei em São Paulo para conversar com o Vinícius e não pudemos nos ver; neste, vim para cá. Falei para ele que as coisas ficarão mais fáceis quando tudo acabar. Não vejo a hora de voltar a ter mais tempo e uma vida social!

Acho fofo esse interesse dele por mim, mas, ao mesmo tempo, confesso que as vezes fico um pouco irritada. Não estou evitando de vê-lo, só estou passando por um período turbulento, no qual minha prioridade é a faculdade. Às vezes, tenho a impressão de que ele não parece compreender isso muito bem.

Cadu me mandou uma única mensagem. Desejou boa sorte, disse mais uma vez, que tem certeza absoluta de que meu trabalho está excelente e que fiz bem em me isolar para terminá-lo.

Não poderia ser o Rodrigo a pensar assim?

Por que as coisas têm que ser tão complicadas?

Decido finalmente me levantar e vou até a cozinha preparar meu café da manhã.

Ainda não vi sequer a cara da praia, então me parece uma boa ideia caminhar um pouco na orla, antes de voltar ao trabalho.

Animada com a ideia, vou até o quarto me trocar e coloco um vestido soltinho frente única estampado nas cores marrom, preta e laranja, bem estilo praia. Prendo o cabelo em um rabo de cavalo, passo protetor no rosto e nos ombros e visto meu chinelo.

Pego meus óculos escuros na bolsa e quando ligo o celular para escolher a música do dia, vejo uma nova mensagem de Rodrigo, perguntando qual o nome do meu edifício.

Estranho a mensagem, mas respondo. Ele visualiza na hora.

O que acha de uma pausa nos estudos?

Era o que eu estava indo fazer ;)

Opa, que bom, então. Quer companhia?

Companhia? Como assim?

Resolvi fazer uma surpresa! Já que Maomé não vai até a montanha, a montanha vai até Maomé. Logo estou aí, já desci a serra!

Não respondo.

Simplesmente não sei o que dizer.

Toda minha empolgação anterior desaparece, sendo rapidamente substituída por... O quê? Irritação? Frustração? Desânimo.

Invasão, percebo. Estou me sentindo invadida, como se meu espaço tivesse sido tomado de mim.

Deixei bem claro para Rodrigo que minha viagem tinha o intuito de eu me dedicar ao trabalho e o quanto isso é importante para mim.

Porém, o que não falei para ninguém é que vim para cá, também, para ter um tempo só meu, sem me preocupar com absolutamente mais nada além de mim mesma.

E Rodrigo desrespeitou isso. Ainda que ele não soubesse da minha intenção particular, ele desrespeitou a outra, relevou o que falei porque queria estar comigo, sem nem considerar que, talvez eu não quisesse estar com ele. Não agora, não aqui.

Percebo que a Nanda do passado teria ficado emocionada com a atitude dele. Seria simplesmente um sonho imaginar que alguém se deslocaria de cidade para estar comigo. Tão romântico!

E a Nanda do passado teria cometido um erro monstruoso. Porque ela teria ignorado todas as

pequenas advertências de incompatibilidade e se permitido apaixonar pela ideia que criasse sobre Rodrigo.

Não, ele não é uma má pessoa. Longe disso!

É alguém diferente da maioria. Bonito. Inteligente. Simpático.

Mas, ainda assim, não é o que quero para mim, finalmente me dou conta. E isso faz toda diferença do mundo.

Jamais conseguiria conviver com alguém controlando o que como ou deixo de comer por conta do que ele tem como princípio para ele. Sou super a favor dele ter o estilo de vida que quiser, mas isso não dá a ele o direito de definir o meu.

Jamais aceitaria estar com alguém que me criticasse por eu querer postar uma foto nossa no Facebook, ou que controlasse o quanto acesso meu celular.

E, principalmente, jamais encararia um relacionamento com alguém que não sabe respeitar uma vontade minha. Que discorda das minhas prioridades por elas serem incompatíveis com suas próprias vontades.

A Nanda do passado já estaria apaixonada por Rodrigo, no fundo esperando que ele mudasse com

o tempo e se tornasse quem ela idealizava. E ele, provavelmente, ficaria esperando que ela passasse a ser mais como ele mesmo, ao invés de enxergá-la como ela era.

Foi o que fiz com Vinicius.

E não quero repetir a dose.

Rodrigo pode ser o melhor sujeito do mundo, pode ser a combinação astrológica perfeita para mim, mas não é quem eu quero. Não é a melhor combinação segundo os meus ideais.

E não sou obrigada a querê-lo, só porque ele é uma boa pessoa ou porque os astros disseram que sim. É tão catártico perceber isso!

Tenho direito de definir o melhor para mim, sem me importar com o que qualquer pessoa vá pensar a respeito.

E não quero o Rodrigo.

Não quero o Rodrigo.

Não quero o Rodrigo.

Começo a repetir para mim mesma em voz alta, rodando pela sala com os braços abertos, e sinto vontade de gargalhar por minha decisão.

Pareço ter enlouquecido.

Me sinto completamente alucinada.

E, pela primeira vez na minha vida,

completamente no controle de mim mesma.

Quando Rodrigo me avisa que chegou, mando apenas um “descendo” para ele.

Saio do elevador e o vejo me aguardando na recepção.

Ele abre os braços para me recepcionar com um sorriso largo de satisfação por me ver.

Sinto uma pontada por saber que vou decepcioná-lo, mas não posso decepcionar a mim mesma. Eu não pedi para que ele viesse aqui, então, no fundo, foi ele quem se colocou nessa situação. Só espero que ele entenda.

Me aproximo e ele instantaneamente vem para me dar um beijo.

Viro o rosto, e sua boca toca minha bochecha.

Na hora, vejo-o enrijecer de surpresa.

Quando olho para ele, solto as palavras mais clichês para situações como esta.

— Precisamos conversar.

***

Volto ao apartamento me sentindo exausta e com a cabeça explodindo.

Nunca me disseram que era difícil terminar um relacionamento que nem começou e se resumiu a alguns beijos durante uma noite.

Rodrigo, inicialmente, não aceitou muito bem. Falou que eu poderia ter falado antes dele resolver vir para a praia, que perdeu tempo de bobeira e agora, estava se sentindo um idiota.

Respirei fundo e expliquei que, para começo de conversa, eu nem fazia ideia do que ele planejava. E que já tinha explicado o porquê de eu estar aqui. Então, tentei explicar que eu estava disposta a continuar a conhecê-lo melhor, mas que percebi que não daria certo, que éramos incompatíveis em diversos aspectos.

— Sei que somos diferentes — falou — mas pode dar certo! Ninguém é completamente igual a outra pessoa.

— Claro que poderia — rebato — se, e somente se, nós dois estivéssemos dispostos a fazer funcionar.

— Eu estou disposto — disse sem pensar, provavelmente imaginando que, na minha cabeça, eu acreditava no contrário.

Ele então me olhou e só então percebeu a verdadeira questão.

— Mas você não está.

— Não, não estou. Sinto muito, Rodrigo.

Ele balançou a cabeça, em concordância, finalmente aceitando.

— Não, tudo bem. Fui eu que me precipitei. É que realmente gostei de você, e queria que desse certo.

Sorrio para ele com compaixão.

— Também gostei de você, Rodrigo. Adoraria que as coisas fossem diferentes. Seria tão mais fácil! Mas espero que você entenda que não posso fazer isso comigo. Nesse meu processo de autodescoberta — e enfatizo o termo — preciso respeitar minhas próprias decisões sobre o que compreendi ser o melhor para mim. Entende?

Foi a palavra-chave. Bastou falar em seu idioma que sua postura mudou na hora. Ele até me parabenizou pelo meu avanço!

Se eu soubesse, teria jogado um “meditação” aleatório no começo da conversa só para preparar o terreno e facilitar a conversa!

Nos despedimos com um abraço e ele foi embora.

Agora estou largada no sofá, decidindo se saio para minha caminhada, dou início ao preparo do meu almoço ou se recomeço a estudar.

PERIGOSAS NACIONAIS

Quero a opção “Férias”.

PERIGOSAS ACHERON

Dani
online

HOJE

Mensagem pra deixar você orgulhosa de mim

12:28

Eita, o que te fez sair do exílio TCC?

12:29

O Rodrigo. Acabei de "terminar" com ele.

12:29

Nunca imaginei que você seria do tipo que termina por mensagem. É por isso que devo estar orgulhosa de você? Pq sério, não acho isso legal, miga, desculpa

12:30

Não foi por mensagem. Ele veio aqui.

12:31

COMO É QUE É?

12:31

ME LIGA AGORA!!!

12:31

CAPÍTULO 33

Tive um professor no terceiro ano do Ensino Médio que comparava nossa época pré-vestibular à maratona da São Silvestre. Para ele, a fase final dos estudos nos últimos meses do ano se assemelha à subida da Brigadeiro: o instante exatamente anterior ao fim, mesclando a expectativa da conclusão com o cansaço acumulado nas etapas anteriores. Porém, a principal questão é o esforço que esse ponto em particular exige: é aqui que o empenho se faz necessário e é preciso acreditar ser capaz de conseguir chegar ao fim.

Acredito que o mesmo valha para mim e meu TCC. Desci a serra para subir minha metafórica Brigadeiro e questionei se realmente daria conta do recado.

Mas consegui!

Ontem tive meu último encontro com Paula e detalhei os progressos finais do trabalho. Ela sorriu

satisfeita com meu resultado e apenas indicou um ou outro ajuste, para torná-lo ainda melhor.

Agora estou entrando na Paulista, sabendo que já passei pelo mais difícil e só preciso manter um pouco mais o ritmo, usando os últimos resquícios de fôlego que ainda tenho para alcançar a linha de chegada.

E já posso avistá-la.

Meu coração está aos saltos conforme digito furiosamente, sentada em minha cama, mal acreditando que estou acabando.

Quase consigo ouvir os gritos da torcida, me incentivando na reta final.

Releio minha conclusão. Mudo duas ou três vírgulas, substituo algumas palavras por sinônimos e... Acabei!

Acabei meu TCC!

Ai, meu Deus! ACABEI!

Sei que ainda preciso apresentá-lo, então, tecnicamente, ainda não acabei, *acabei*.

Mas dane-se. O mais difícil já foi e mereço comemorar!

Saio dançando pela casa, mal contendo minha animação!

Quero ligar para mamãe. Para Dani. Para a Gi.

PERIGOSAS NACIONAIS

Para o Cadu.

Melhor, quero que o mundo todo saiba.

Pego o celular, dando gritinhos de empolgação, e publico no meu Facebook a notícia. Instantaneamente, começo a receber curtidas e comentários me dando os parabéns.

Inflo de orgulho da minha conquista.

Tenho dez dias para me preparar para a apresentação, imprimir e encadernar as cópias do trabalho, o que é um bom tempo para fazer tudo isso. Sinto aquele frio na barriga de excitação só de me imaginar em frente à banca examinadora, com meus amigos e familiares presenciando minha defesa.

E se eu gaguejar? E se falar alguma besteira?

Não posso colocar tudo a perder nos acréscimos do segundo tempo!

E então, de repente, tenho um lampejo, uma ideia que se forma e que, no fundo, eu já sabia que precisaria colocá-la em prática em algum momento.

Acho que tenho uma boa maneira de treinar para o *grand finále*.

***

PERIGOSAS ACHERON

Tenho certeza de que meu coração vai sair pela boca a qualquer instante e que o tremor das minhas mãos já pode ser mensurado pela escala Richter.

Assim que o Senhor Arlindo chegou ao restaurante na quarta-feira, pedi licença e solicitei uma reunião, na sexta, para apresentar minha proposta.

Ele se lembrou de que eu estava desenvolvendo o TCC e concordou. Meio contra a vontade, mas concordou.

E agora estou aqui. Esperando que ele venha me chamar para fazer a primeira prévia da minha apresentação final e propor a implantação do RH no Rabanada.

Se tudo der certo, não só estarei ainda mais segura de estar pronta para a apresentação final, como também terei a chance de continuar empregada. Não obtive nenhuma resposta dos currículos que tenho enviado desde julho, e sinto um pesar no coração só de imaginar terminar meu curso desempregada. Queria isso por mamãe, para honrar o sonho dela e a expectativa que depositou em mim, mas queria isso por mim também.

— Vai dar tudo certo — Cadu me diz, como se lesse meus pensamentos.

Nem havia percebido, mas estou batendo o pé no chão sem parar, sem conseguir controlar a ansiedade.

Ainda não consigo definir em que pé eu e ele estamos. Desde que as coisas ficaram ainda mais estranhas entre nós, não recuperamos a leveza do começo.

É tudo tão esquisito.

Se for parar para pensar, nós dois desenvolvemos um tipo de amizade foguete. Porém, um com danos em seu maquinário, que cai tão rápido quanto ascende: ficamos extremamente próximos logo que nos conhecemos, mas bastou rolar um clima que ele se afastou, mantendo nosso contato estritamente ao restaurante. E assim que tivemos, novamente, um momento mais intenso, até mesmo nosso contato profissional evaporou.

Não entendo o Cadu. E entendo menos ainda o porquê de ele ainda mexer tanto comigo.

Não posso aceitar que ainda se trate de algum tipo de carência minha. O Vinícius e o Rodrigo não me mostraram exatamente que já superei essa fase?

Por que ainda me importar tanto então com o

Cadu? Por que continuar sentindo o coração disparar quando ele me olha?

Por que desejar estar perto dele, mesmo quando os dois parecem evitar que isso aconteça?

— Vamos lá, Fernanda? — Senhor Arlindo chama, tirando-me de meu devaneio.

Não é hora de descobrir os mistérios de Cadu Montinelli.

É hora de focar em mais uma etapa do projeto de vida de Fernanda Cardoso.

***

— Antes de tudo — começo quando Senhor Arlindo já está acomodado, ao final da mesa de reuniões, de frente para mim e para a tela de projeção, que vai exibir os slides que cuidadosamente preparei — gostaria de agradecê-lo pela oportunidade que me concedeu ao me contratar e por ter permitido que eu utilizasse os dados do Rabanada para desenvolver meu trabalho.

Ele assente com a cabeça e faz um gesto com as mãos, indicando que eu continue.

— Minha proposta se baseia em um diagnóstico

apurado das necessidades do restaurante. Como o senhor sabe, não temos um setor de recursos humanos propriamente dito e...

— Espera, espera — me interrompe, confuso — O que isso tem a ver com o *software* que você havia me dito anteriormente?

— Bom — começo a me explicar — foi necessário alterar o tema do meu trabalho quando constatei que a proposta anterior não era urgente como a atual.

— Na visão de quem?

— Na minha — respondo com firmeza — Afinal, fui eu que desenvolvi o estudo de caso.

— Mas é para mim a quem ele se destina — afirma ainda mais resoluto — e, na minha visão, o controle financeiro é muito mais primordial.

Isso não está saindo como imaginei. Não mesmo.

— Olha, Senhor Arlindo, há uma série de ajustes que podem ser feitos para tornar o desempenho do restaurante ainda melhor, a começar por...

— Aqui, deixe-me ver esse trabalho — e pede a cópia que fiz para que ele lesse com calma, após minha apresentação.

Fico sem saber como reagir e a entrego, automaticamente.

Vejo que ele pula praticamente todas as páginas, ignorando por completo os dados que justificam a proposta, e vai direto às mudanças que indico.

Conforme vai lendo, seus olhos passando com velocidade pelas linhas, a julgar pelo movimento deles, vejo seu rosto começar a ficar vermelho e sua expressão adquirir um semblante de pura ira.

— Isso é um absurdo! — Esbraveja. — Você por um acaso está sugerindo que não sei administrar meu próprio restaurante? Que sou algum tipo de crápula incapaz de saber quem trabalha para mim?

— Não, Senhor Arlindo! — tento me justificar, sentindo o desespero aumentar. — O senhor tem muitas preocupações diferentes e seria mais eficaz se as tarefas fossem divididas.

— É mesmo? E com que dinheiro isso seria feito? — fala com ironia. — Não sei se você pensou a respeito, mas para atender a essa sugestão, eu precisaria contratar mais um funcionário! — Como se fosse a ideia mais absurda do universo.

— Está tudo detalhado no trabalho, Senhor Arlindo! Se o senhor me deixar explicar...

— Não. Já aguentei tolice demais para uma só tarde.

— Mas...

— Chega! — E começa a sair da sala, furioso. No último instante, ele se vira e sou tomada pelo último fio de esperança de que ele me dará uma nova chance. — Mais uma coisa: não precisa cumprir seu contrato até o final de dezembro. Você está despedida.

Quando ele sai, fico sem acreditar no que aconteceu.

Não vou ter um emprego quando me formar.

Aliás, não terei mais um emprego antes mesmo disso acontecer.

Fui demitida.

E nem ao menos consegui apresentar minha proposta.

Minha frustração é tão grande que estou absolutamente em choque. Anestesiada.

Desenvolvi um trabalho que ficará na estante, juntando poeira, depois de ser apresentado.

Sua aprovação vai garantir meu diploma e mais nada.

A Gi não vai tirar suas férias em breve.

Adriana não vai aplicar sua criatividade.

Dona Mazé e todos os outros vão continuar preocupados, incertos de como conseguirão sobreviver a cada novo mês.

Elas, assim como os demais funcionários, vão continuar não tendo o reconhecimento que merecem.

Finalmente começo a sair de meu estado de entorpecimento e quando dou por mim, estou banhada em lágrimas.

Começo a chorar tão convulsivamente que me encosto na parede para ter mais apoio, enquanto cubro o rosto com ambas mãos.

Perco a noção de quanto tempo se passa enquanto deságuo minhas mágoas, mas imagino que não esteja aqui há tanto tempo.

Cadu, de repente, bate na porta, já a abrindo e me vê chorando.

Ele entra sem demora, fechando-a, e corre em minha direção, ignorando qualquer constrangimento que possa ter existido entre nós nas últimas semanas.

— Nanda, o que aconteceu?

Só consigo balançar a cabeça em negativa, enquanto ele me abraça.

— Ele não aprovou?

Digo que não, chorando em seu peito, me permitindo extravasar ainda mais toda decepção agora que estou sendo confortada.

Ele passa a mão na minha cabeça e beija minha testa, em um gesto repleto de carinho.

— Ele nem ao menos me ouviu, Cadu — consigo dizer entre soluços.

— Eu sinto muito. Sinto muito mesmo, Nanda. Sei o quanto você se dedicou. Ele tinha que ter ouvido você!

Conforme Cadu vai me consolando, pouco a pouco começo a me acalmar, até que as lágrimas cessam.

— Ele ficou tão ofendido — falo, relembrando a cena —, como se eu tivesse feito algum tipo de afronta a ele!

Cadu balança a cabeça, incrédulo.

— Foi assim que ele enxergou. Ele tem esse complexo de incapacidade na cabeça dele e assume uma posição de defesa ao menor indício de se sentir atacado — explica, passando a mão na própria cabeça, como se estivesse refletindo a respeito. — O problema não é nada do que você tenha falado, Nanda, é dele com ele mesmo. Não foi nada profissional o que ele fez, e isso só mostra o quanto ele ainda precisa melhorar e o quanto você tem razão em seu trabalho.

— Ele me despediu — solto repentinamente.

— Ele o quê? — Cadu arregala os olhos, e acho que nunca o vi tão furioso.

— Ele me despediu — repito, mesmo sabendo que Cadu me escutou da primeira vez. Talvez eu ainda esteja tentando convencer a mim mesma. Tentando aceitar essa nova realidade.

— Faltava um mês para meu contrato de estágio acabar — continuo —, mas ele disse que não preciso cumpri-lo até o fim. — Meus olhos voltam a se encher de lágrimas. — Estou oficialmente desempregada! — E então volto a chorar.

Cadu fecha os olhos e respira fundo. Sinto que está se controlando.

Não gostaria de ser nenhuma das paredes dessa sala. Acho que elas estão bem perto de receber um soco.

Mas não é o que ele faz. Quando abre os olhos, a raiva ainda está lá, mas foi domada e divide lugar com uma ternura que nunca vi em nenhum outro olhar, apenas no dele.

E somente quando se dirige a mim.

— Acho melhor eu ir embora — falo, reunindo coragem para enfim sair da sala.

Cadu concorda, em silêncio.

Para minha sorte, não encontro ninguém no

caminho até o escritório.

Mas não consigo fugir de Gi, sentada, ocupada como sempre.

Assim que me vê e nota meus olhos vermelhos, entende instantaneamente o que aconteceu e fica de pé.

Foram quase dois anos trabalhando juntas, e desenvolvemos aquele tipo de relação entre amigas, mais do que colegas profissionais, que basta um olhar para que saibamos o que a outra está pensando.

— Não acredito, Nanda — murmura ao me abraçar.

— Pois é! — E percebo que ela está segurando as lágrimas.

— Isso não é uma despedida, está entendendo? — fala com convicção. — Não dependemos do Senhor Arlindo ou do restaurante para termos contato.

— Claro que não, Gi! Sua amizade é importante para mim, não faz parte dos meus planos perdê-la.

— Bom saber. Ah, Nanda, você vai fazer tanta falta! — E finalmente deixa as lágrimas caírem.

Não consigo me segurar e choro com ela.

Percebo que Cadu está no canto do escritório, comovido com nossa reação.

— Você explica para o pessoal o que aconteceu? — peço para Gi. — Não consigo passar por isso agora. Prometo que volto depois para me despedir de todo mundo. Mas, agora.... Simplesmente não dá.

— Claro, Nanda, eu explico sim. E semana que vem, eu e o Cadu estaremos lá, na sua defesa, ok?

— Obrigada, Gi — respondo sorrindo e segurando suas mãos. — Obrigada por tudo!

— Sou eu que tenho a agradecer, Nanda — diz com a voz embargada. — E vamos parar com isso, antes que eu recomece a chorar.

Nós duas rimos, tentando afastar o clima emocionado.

Pego minha bolsa no armário e me viro para a despedida que, no fundo, estava tentando evitar.

Cadu me abraça e não me permite dizer nada.

— Nem pense em me dizer tchau. Você não vai se ver livre de mim tão fácil assim.

Ele me olha com aquela intensidade tão típica dele que apenas concordo com a cabeça.

Então me viro e saio pela porta dos funcionários, pela primeira e última vez, como ex-estagiária do Rabanada.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Dani
visto por último hoje às 11:56

HOJE

Tive a reunião com o Senhor Arlindo...
14:47

E eu meio que fui despedida...
14:47

Tô no metrô, voltando pra casa...
14:47

CAPÍTULO 34

Chego em casa me sentindo bem mais calma. Aproveitei o tempo até aqui para pensar em tudo o que aconteceu.

Sinceramente? Problema do Senhor Arlindo não dar ouvidos às falhas do seu negócio. Meu trabalho não foi em vão: cumpri minha parte, mostrei que sou capaz de identificar as necessidades de um estabelecimento e mais importante, descobri meus próprios princípios e valores.

Temo pelos funcionários? É claro. Mas sei também que, na primeira oportunidade, eles saberão optar pelo melhor para eles e novamente será o Senhor Arlindo a perder.

Não estou desejando o mal. Apenas usando minha habilidade recém descoberta de realizar um diagnóstico administrativo para prever uma situação de ameaça potencial a uma empresa.

Simples assim.

É uma pena que eu não esteja terminando a faculdade empregada? Claro que sim. Porém, quantos e quantos estudantes não passam pela mesma situação? Não é o final do mundo! Já provei que sou uma boa funcionária, que sou capaz de dar o meu melhor. Terei outras oportunidades, talvez até melhores do que a anterior. Quem me garante que não?

Ok, ninguém garante que sim também, mas hoje só estamos trabalhando com otimismo, dá licença? E, pensando pelo lado positivo, terei uma semana de férias até a banca do meu TCC, o que significa mais tempo para descansar e me preparar.

Quase sinto vontade de mandar um agradecimento ao Senhor Arlindo.

Quase.

Ao invés disso, faço um balde de pipoca e me jogo no sofá, pronta para passar o restante da tarde assistindo a qualquer coisa que me dê vontade.

Uhm, acho que é hora de colocar as séries em dia!

Quando estou terminando o segundo episódio, pulo do sofá de susto com o barulho estridente do interfone.

Dou pausa na TV pelo controle e levanto para atendê-lo, me perguntando quem pode ser.

— Oi, dona Fernanda! Carlos Eduardo está aqui.

Meu coração dispara ao ouvir o nome de Cadu.

O que ele está fazendo aqui?

— Obrigada, seu Zé, pode pedir para ele subir, por favor.

Ajeito as almofadas no sofá e levo o pote vazio exceto por alguns piruás para a cozinha.

Quando abro a porta, Cadu está me olhando, com uma pequena caixa de papelão nas mãos.

— Oi, Nanda! Desculpa aparecer assim sem avisar, mas eu trouxe algumas coisas que você deixou no restaurante. Não sabia se você ia precisar delas ou não, então achei melhor trazer.

— Poxa, obrigada, Cadu — respondo dando passagem para ele entrar e me perguntando o que eu esqueci lá.

Ofereço algo para ele beber, mas ele nega, então aponto o sofá para que ele se sente.

Em seguida, sento ao seu lado e ele me entrega a caixa.

Começo a vasculhar. Há uma prancheta, canetas, um bloco de *post-it* e até um grampeador. Mas nada disso é meu.

— Essas coisas não são minhas, Cadu.

— Ah, não? É que sempre te vi usando todas elas,

então pensei que fossem — responde enquanto pega a caixa de volta.

Fico o observando e percebo que ele parece agitado. Nervoso.

Suas mãos estão alisando as laterais da caixa e ele aparenta não saber como agir.

— Por que você está aqui, Cadu? — finalmente indago, encarando-o.

Ele levanta os olhos da caixa e, lentamente, vira o rosto para mim.

Nenhuma palavra sai de sua boca, mas se torna quase possível ouvir o silêncio pesado que se instala entre nós.

Com cuidado, Cadu coloca a caixa no chão, sem desviar o olhar dos meus.

Meu coração está tão acelerado que não como não consegui ainda ouvir suas batidas.

Então, ele me beija.

E é como se, finalmente, o mundo começasse a fazer sentido.

Sinto como se tivesse explodido em mil diferentes pedaços e reunido-os em um novo formato, permitindo que todas as peças estejam pela primeira vez ligadas da maneira correta.

A intensidade no olhar de Cadu não se compara

ao que sentimos agora.

Nossas bocas se movimentam com avidez, tão grudadas quanto o restante de nossos corpos, nem consigo imaginar como ficamos assim tão próximos.

Mas não me importo.

Porque tudo o que importa é o que estamos fazendo. O que estou sentindo.

E nunca senti tanta paixão.

Cadu e eu nos beijamos com sofreguidão, como se precisássemos disso mais do que do próprio ar.

Quase não consigo respirar, mas não quero parar. Não *sei* como parar.

Quanto mais me alimento do que ele oferece, mais avidez eu sinto.

Preciso do seu beijo. Preciso continuar sentindo seu corpo de encontro ao meu.

Assim que conseguimos nos acalmar, nos afastamos lentamente. Na mesma hora, meus lábios sentem a falta dos de Cadu e continuamos com os rostos próximos pela união de nossas testas, levemente apoiadas uma na outra.

Embora meu corpo sinta o choque pela separação e continue pedindo por Cadu, minha mente não consegue assimilar o que acaba de acontecer.

— Não entendo, Cadu — sussurro como posso, sentindo a secura em minha garganta.

— Não? — E acaricia meu rosto com delicadeza, colocando uma mecha do meu cabelo que caiu em meu rosto atrás da orelha.

— Não — respondo, passando meu dedo por sua face, sem conseguir mais ficar sem tocá-lo.

— Quero fazer isso há muito tempo. Praticamente desde que te conheci.

— Isso não faz sentido — falo para ele. — Você se afastou de mim. Você começou a me evitar. Como podia me querer?

— Me afastei justamente porque começou a ser insuportável ficar perto de você e não poder fazer nada a respeito. Fiquei assustado, Nanda. — Endireita o corpo, e deslizando as mãos do meu rosto para segurar as minhas. — Eu tinha passado por um término bastante traumático há pouco tempo, fiquei com medo de ainda não estar pronto para me envolver de novo. E me assustou a velocidade com que eu estava perdendo o controle das minhas próprias emoções.

Ele me olha com tanto carinho e com tanto desejo de que eu o compreenda. Sei que está sendo absolutamente sincero.

— E você também não estava pronta. Eu não queria apressar nada para você, ou fazer com que você confundisse seus sentimentos.

— Bom, essa última parte não deu muito certo. Confusão é o que mais tenho sentido praticamente desde que nos conhecemos — falo com ternura.

— Me desculpa, Nanda. Eu sei que não tinha o direito de decidir nada por você e realmente não quis te confundir. Só fiquei assustado demais quando percebi que estava apaixonado. Era a última coisa que estava esperando que acontecesse.

Perco o ar com sua declaração.

— Você... Você... Apaixonado?

Cadu me olha com atenção e me presenteia com seu sorriso iluminado.

— Nanda — e faz uma pausa antes de continuar —, eu levei menos de uma música para me apaixonar por você.

E me beija novamente, mas, dessa vez, com delicadeza, me fazendo sentir suas emoções em cada parte do meu corpo. Mais do que tudo, é dentro do meu peito onde mais sinto seu beijo.

Quando nos separamos, continuo olhando para ele, incrédula, temendo que a felicidade que estou sentindo seja apenas imaginação.

— Você ainda não acredita?

Balanço a cabeça, negando.

— Tudo bem, vamos lá. Lembra de quando a gente se encontrou no shopping? — Quando concordo, ele prossegue. — Não foi coincidência. Eu vi seu *chek-in* e não aguentei não ir atrás de você. Esperar até o dia seguinte para te ver parecia um esforço muito grande.

Sorrio abobada com sua confissão.

— Eu adoro seu jeito desastrado de andar esbarrando pelas coisas e fingir que nada aconteceu. Adoro seu jeito concentrado, quando está em meio a alguma tarefa. Adoro suas ideias insanamente criativas e sua determinação em ir atrás do que deseja. Adoro seu vício em redes sociais. Adoro sua vivacidade, sua espontaneidade, sua maneira de se importar com os outros. Adoro seu jeito de esperar todos estarem à mesa para comer e como seu olho brilha quando você mastiga algo realmente saboroso.

Estou sorrindo tanto que quase não sinto minhas próprias bochechas.

— Adoro quem você é. Adoro você inteira, Fernanda! — E me olha apaixonadamente, como nunca fui olhada em toda minha vida.

Sinto-me linda. Aliás, muito mais do que isso.

Sinto-me uma deusa, uma musa inspiradora sendo admirada por um artista.

Qualquer receio que eu possa ter sentido em algum momento pelo fato dele ser leonino foi completamente esquecido.

Dessa vez, sou eu que avanço e o beijo, jogando-me por cima dele e o fazendo encostar no braço do sofá.

Assim que me afasto, murmuro em seus lábios:

— Eu também levei menos de uma música para me apaixonar por você, Cadu.

Cadu
digitando...

HOJE

Vai ser muito meloso se eu disser que acabei de chegar em casa e já estou sentindo a sua falta?
00:17

Ahhh quer dizer que agora o senhor fala comigo por aqui? Acabou a greve de Whats?
00:18

Respondendo sua pergunta:

1 – Com certeza é muito meloso

2 – Não tenho problema algum com muito meloso ♥
00:19

Bom saber disso ;)
00:19

Tem planos pra amanhã?
00:19

Então, tem uma certa pessoa aí que ficou me devendo uma sessão de filmes...
00:20

Que absurdo! Quem faria algo assim com você?
00:21

Pois é, é o que eu penso...
00:21

E depois o leonino sou eu, né?
00:22

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 35

— Vai dar tudo certo — Cadu repete a frase que provavelmente mais já o ouvi dizer para mim.

Estamos no saguão da faculdade, aguardando minha família chegar para nos dirigirmos ao corredor onde estão acontecendo as apresentações de TCC.

Falta meia-hora para a minha e estou absurdamente nervosa.

Tipo, temendo vomitar antes de começar a falar.

Ou durante. O que seria infinitamente pior.

— Acho que preciso sentar, meu sapato está me matando! — E me encaminho ao banco mais próximo.

Escolhi um vestido envelope de manga três quartos azul marinho que comprei especialmente para o dia de hoje e um *scarpin* preto de salto, compondo um visual completamente profissional

Cadu foi comigo ao shopping para me ajudar a

escolher a roupa. Aliás, temos nos visto todos os dias da última semana e estamos nos dando cada vez melhor.

Ele me ajudou a treinar para a apresentação de hoje, acompanhou-me até a gráfica, onde fiz as encadernações, levou-me à sorveteria do centro em que encontrei o Vinícius para finalmente provar a casquinha deles (deliciosa, por sinal!) e fizemos a sessão de filmes que ele havia me proposto há tanto tempo. Porém, sem o cobertor. Já é quase verão e tem andado tão quente que até um lençol parece esquentar demais.

Tenho me sentido completamente nas nuvens, adorando cada segundo que temos compartilhado.

E não me sinto preocupada em estar me envolvendo só por desejar um relacionamento.

Não quero simplesmente um namorado.

Quero o Cadu. É dele que gosto, não do que ele pode me proporcionar.

— Cheguei, cheguei, cheguei — anuncia Dani enquanto se aproxima quase correndo, esbaforida.

— Calma! — falo ao cumprimentá-la. — Ainda falta um tempo para começar, você não está atrasada.

— Ai, eu sei, mas é que saí correndo da agência e,

quando começo uma coisa com pressa, fico nesse ritmo o resto do dia.

Acho que preciso apresentar a Dani ao Rodrigo. Ela com certeza precisa de umas táticas mais *zen*, com essa vida atribulada dela.

Eu e ele ainda nos falamos de vez em quando, mas nada comparado a antes de nos beijarmos. Fui sincera ao dizer que gostei dele e espero que possamos manter ao menos uma amizade.

Ouço um arquejo de surpresa e me viro, em tempo de ver mamãe se aproximar de braço dado com vovó e vovô, acompanhados de Cássio, com Bel no colo.

— Como ela está linda! — Vovó comenta de longe com minha mãe assim que me vê, abro um sorriso para eles, levanto-me e vou abraçá-los.

Cadu e Dani me acompanham e começam a cumprimentar minha família.

Discretamente, minha mãe diz para mim:

— Só um colega de trabalho, não é mesmo?

E pisca, quando a repreendo.

Envio uma mensagem à Gi, informando o número da sala. Ela me responde que está quase chegando, que se atrasou porque teve um imprevisto.

Meu estômago se revira quando a porta se abre e

o aluno que estava se apresentado sai acompanhado de seus familiares. Algumas pessoas permanecem sentadas, já que as defesas são abertas a quem desejar assisti-las.

Fico me perguntando quem fica vendo apresentações de TCC de desconhecidos. Eu acharia meio sacal, para ser sincera.

— Começaremos em cinco minutos — Paula me informa, após eu cumprimentá-la. — É só o tempo da nova banca ser reconstituída. Estarei torcendo por você na plateia, mas sei que você vai se sair bem.

— Obrigada — agradeço e ela entende que não me refiro somente a esse momento.

— Você fez por merecer. — E sorri, antes de se sentar.

Já estou posicionada, na frente da sala. Minha família está na primeira fileira do auditório, com Cadu ao lado de minha mãe e Dani ao lado dele.

Meus avós fazem um positivo com o polegar, me desejando sorte, e Bel acena animada por ver a irmã em uma posição de destaque.

Quando meus avaliadores começam a se sentar, Gi irrompe pela porta, aliviada por ter chegado a tempo.

Mas o que me deixa espantada não é sua entrada.

E sim o fato dela estar acompanhada pelo Senhor Arlindo.

Cadu percebe meu olhar de assombro e se vira, para entender o que me deixou assustada.

Na mesma hora entendo que isso é obra dele.

Não sei como, mas ele convenceu o tio a vir me assistir.

Não tenho tempo de pensar a respeito, porque os examinadores pedem silêncio, anunciando que a avaliação irá começar.

— Fernanda Cardoso, correto?

Um deles me pergunta, lendo minha ficha.

— Correto — falo com segurança.

— Ok. Você terá 20 minutos para apresentar seu trabalho, desde a concepção até a conclusão, seguidos de 10 minutos para comentários e perguntas. Você está pronta?

Quando assinto, ele me deseja boa sorte e dispara seu cronômetro.

— Meu trabalho é um estudo de caso desenvolvido no restaurante Rabanada, onde estagiei entre março do ano passado e o final do último mês.

Faço uma breve descrição do estabelecimento,

indicando número de funcionários, horário de funcionamento e o tipo de serviço oferecido, para poder contextualizar minha abordagem.

— Atualmente, o gerenciamento ocorre pelas mãos do proprietário do Rabanada, responsável por toda administração do local, de modo geral. Inicialmente, meu projeto consistia na proposta de uso de um *software* para controle financeiro em substituição ao atual sistema de planilhas utilizado. Contudo, uma análise mais aprofundada das necessidades locais me fez alterar a proposta que eu havia elaborado anteriormente.

Evito olhar para as pessoas que conheço, com medo de me distrair, e mantenho o foco nos examinadores. Eles me olham com atenção, concentrados no que digo.

Respiro fundo e prossigo.

— Através de uma análise SWOT[1], foi possível realizar um diagnóstico preciso da necessidade de implantação de um setor de Recursos Humanos, a fim de atender o que vem sendo, de certa forma, negligenciado na empresa nesse sentido.

Por meio de um questionário aberto, identifiquei a insatisfação dos funcionários com relação a aspectos como salário, férias e quanto à própria

valorização de suas atividades. Contudo, há também um sentimento de acolhimento na equipe por eles se sentirem ligados uns aos outros, além de um desejo latente de participação.

Assim, a união e a motivação em si dos funcionários são os pontos fortes do RH do Rabanada, sendo a bonificação insuficiente da equipe sua maior fraqueza. Considerando-se as mudanças sofridas por nossa sociedade, que procura cada vez mais valorizar seus colaboradores para incentivá-los a crescer, entende-se como ameaça o fato de a equipe se dissociar ao encontrar novas e melhores oportunidades de emprego em outros estabelecimentos.

Tomei por base, também, o fato que encontrei durante minha análise do controle financeiro do restaurante. Há cerca de dois anos, quando seu administrador optou por contratar novos funcionários e, por consequência, permitindo que os demais deixassem de estar sobrecarregados pelo acúmulo de funções, houve uma melhora no desempenho do Rabanada, com crescimento dos lucros.

Neste momento, exibo um gráfico indicando as porcentagens e a análise estatística que comprova o

grau de significância das informações.

— Aqui há a prova clara de que uma melhoria nas condições de trabalho também influencia nos ganhos e rendimentos de uma empresa. E é a partir dessa melhora, que proponho a implantação efetiva do setor de RH, comandando por alguém cuja atividade específica será a coordenação dessa repartição. Enquanto o administrador atual acumular funções, não será capaz de oferecer a qualidade ideal a nenhuma de suas tarefas, bem como não conseguirá estar próximo o suficiente da equipe para compreender suas reais necessidades.

Sigo expondo as melhorias mais urgentes que devem ser oferecidas, como o aumento de salário, pagamento das férias e oferecimento dos vale-transporte e alimentação, utilizando, novamente, os dados obtidos no questionário aplicado.

— Por fim, proponho também o início de um programa de valorização da equipe, elegendo a cada mês um funcionário destaque. O prêmio seria uma bonificação financeira ao final do ano acrescida ao 13º salário para estimular o empenho dos colaboradores tanto pelo reconhecimento de seus serviços quanto por meio do próprio incentivo financeiro. Além disso, o funcionário destaque

ganharia o direito de fazer algumas sugestões de mudança com a promessa de que ao menos uma delas seria aplicada. O intuito seria a integração entre equipe e empresa, para que, com o tempo, eles se sintam seguros a sugerir novas ideias independentemente da congratulação. Porém, é necessário, primeiro, que eles saibam que têm abertura para tal.

Minha orientadora sinaliza que tenho apenas mais três minutos, mas me sinto tranquila. Já apresentei absolutamente tudo do trabalho, só preciso finalizar minha fala.

— Uma empresa de sucesso não é aquela que apenas apresenta bons lucros, mas que reconhece e valoriza quem a compõe, que são justamente aqueles que tornam possíveis suas conquistas. Oferecer qualidade de trabalho e benefícios aos seus funcionários não é um diferencial ou ato de caridade, mas sim, obrigação dos empregadores. Muito obrigada.

Assim que finalizo, sou instantaneamente ovacionada de pé.

Não sei o que mamãe está fazendo mais, chorando ou aplaudindo, seu rosto transbordando orgulho.

Dani não se controla e solta uns gritinhos, de tanta empolgação, acompanhada de minha irmã, e Gi que, também chorando e aplaudindo, murmura algo que, por leitura labial, identifico como “obrigada”.

Mal contenho minha alegria. Eu consegui!

Ainda preciso passar pelos 10 minutos finais, mas, pela reação de todos, sei que fui extremamente bem.

O olhar de Cadu conversa comigo e posso ouvi-lo, apesar de não emitir uma só palavra.

“Eu sabia”, fala. E ele compete em orgulho com mamãe, ao seu lado.

Mas é a reação de Senhor Arlindo que desejo conferir.

E simplesmente não faço ideia do que ele pensa, a julgar por sua expressão que faria inveja a um jogador de pôquer.

Quando todos voltam a se sentar, os examinadores começam a parte final.

— Em primeiro lugar, parabéns pelo seu trabalho, Fernanda. Você demonstrou domínio, coerência e pertinência em sua argumentação, o que certamente faz bastante diferença — após aceitar meu agradecimento, continua — Gostaria de saber com mais detalhes, em primeiro lugar, o que a fez mudar

sua abordagem.

— Não foi algo que percebi com rapidez — e narro cada etapa da minha jornada, desde as dificuldades em desenvolver a proposta antiga até descobrir a nova. Enquanto falo, penso em minhas próprias palavras, mudando o peso do corpo de uma perna para outra — Para ser sincera, precisei passar por um intenso processo de autodescoberta, que me permitiu perceber a diferença entre realizar um trabalho de acordo com os interesses do proprietário do estabelecimento ao invés de ser guiada por meus próprios valores. Essa compreensão foi essencial para o avanço do meu trabalho e também a nível pessoal, já que me possibilitou avaliar minhas crenças e princípios para descobrir a abordagem ideal.

Noto os examinadores se entreolharem e discretamente sorrirem.

Mantenho a compostura, embora internamente, esteja dando saltos mortais de satisfação e fazendo minha melhor dança da vitória.

Eles fazem mais cerca de duas ou três perguntas, voltadas a aspectos mais teóricos e ligados à metodologia do trabalho, depois finalmente, encerram os questionamentos.

Sou convidada a me retirar do auditório para que eles possam debater entre eles meu desempenho e estabelecerem um consenso final.

Espero cinco agoniantes minutos e retorno, para ouvir meu veredito.

— Bem, Fernanda, conforme comentado anteriormente, você está de parabéns pelo trabalho que desenvolveu. Contudo — ai, meu Deus, sempre tem que ter um “porém” — não foi simplesmente sua desenvoltura ou a aplicação dos conceitos satisfatoriamente compreendidos durante seus anos de curso que nos surpreendeu, mas sim sua maturidade e capacidade de perceber noções que, muitos, não conseguem desenvolver nem mesmo com anos e anos de prática.

Ai, meu Deus.

Ai, meu Deus.

Ai, meu Deus.

— Em qualquer carreira, o diferencial de um verdadeiro profissional vai além de suas aptidões e conhecimentos técnicos, mas se centra, também, em seu espírito humano e na capacidade de mantê-lo em um mundo desigual, injusto e, muitas vezes, tentador. Nosso maior conselho a você, hoje, é que você jamais o perca. Temos certeza de que, munida

dele, você será capaz de realizar grandes feitos e fazer a diferença em sua área de atuação.

Simplesmente não consigo mais me conter e deixo as lágrimas rolarem soltas pelo meu rosto.

— Você está aprovada. Com honra e mérito! E saiba que não precisará de seu diploma para se sentir uma administradora: você já o é por natureza. Parabéns!

Caio de joelhos no palco, chorando de tanta emoção.

Isso é absolutamente muito mais do que sonhei, muito mais do que desejei.

Levo minhas mãos ao rosto e começo a repetir "obrigada" incansavelmente, sem nem saber a quem estou agradecendo.

A ninguém especificamente. A todos.

Simplesmente me sinto grata. Extremamente grata.

Por ter conseguido. Por ter chegado até aqui. Pelo caminho que precisei percorrer até esse momento. Por tudo que aprendi, principalmente sobre mim mesma.

Sem dúvida alguma, essa foi minha maior conquista.

Quando percebo, estou sendo abraçada por toda

minha família, choro ainda mais quando sou envolvida por mamãe entre seus braços. Ela está praticamente soluçando e só consigo agradecê-la por ser um modelo tão incrível para mim, por ter me proporcionado absolutamente tudo durante toda minha vida.

Assim que me desvencilho deles, corro até Cadu, que me abraça me tirando do chão e me rodando no ar.

— Você é maravilhosa e é uma honra ter sido escolhido por você para estar ao seu lado, compartilhando desse seu momento de glória.

Respondo beijando seus lábios com intensidade, transmitindo toda paixão, carinho e gratidão que sinto por ele.

Ele me solta para que eu possa receber os cumprimentos de Dani, que me pega pela mão e começa a pular e gritar comigo, como se fôssemos crianças, e de Gi, que não consegue parar de me parabenizar e de dizer o quão grata ela se sente por ter trabalhado comigo.

Não consigo evitar olhar por cima de seus ombros, a procura de Senhor Arlindo.

Mas ele já foi embora, sem me dizer sequer uma palavra.

***

Passo o restante da tarde com minha família, após nosso almoço de comemoração. Cadu e Gi precisaram voltar ao Rabanada, assim como Dani, que saiu correndo para a agência.

Fomos a um restaurante italiano que adoro e fizemos nossa festa. Depois, acabamos ficando em meu apartamento e da Dani, conversando e curtindo uns aos outros, até que eles resolvessem ir embora.

Cadu vai me levar para jantar, então só voltarei para Mogi durante a semana. Agora que não tenho mais faculdade e, por enquanto, um trabalho, não dependo dos finais de semana para voltar para a casa da minha mãe.

Vou até o térreo para acompanhar minha família e me despeço deles, aguardando saírem com o carro para subir.

E então começo me arrumar.

Tomo um banho lentamente, utilizando meus sais e óleo de banho favoritos. Adoro o aroma adocicado de baunilha que deixam em minha pele!

Quando saio, enrolo o cabelo na toalha para

deixá-lo secando e escolho o traje da noite.

Opto por um vestido curto preto e justo sem mangas, fechado na frente, mas com um decote incrível nas costas. Como diz a Dani, é meu vestido para matar.

Seco o cabelo com um secador e faço um coque, deixando alguns fios soltos, de forma que eu continue com as costas à mostra.

Parto para a maquiagem e uso todo meu conhecimento adquirido em tutoriais no YouTube para fazer um esfumaçado preto de arrasar.

E o resultado fica catastrófico.

Pareço ter levado um soco, ao invés de ser portadora de um olhar sexy.

Tiro toda a maquiagem com algodão e demaquilante e recomeço, mas, dessa vez, me atento ao que estou acostumada.

Aplico um batom vinho escuro pelo qual sou apaixonada, para finalizar, calço meu sapato *peep toe* vermelho de salto e uma pulseira de brilhantes (bijuteria, óbvio) justamente quando Cadu me liga, informando que chegou.

Aviso que já vou descer e dou uma última olhada no espelho.

Não consigo evitar sorrir e saio pela porta, para

essa noite que, hoje, é toda minha.

***

O jantar foi simplesmente perfeito!

Cadu me levou para um dos restaurantes mais chiques de São Paulo, com uma vista panorâmica incrivelmente incrível!

E o melhor de tudo: a comida lá é sensacional ao extremo! Acho que nunca comi algo tão gostoso na vida.

Ele ainda pediu champanhe, para brindarmos e tive meu momento de glamour.

Acho que quero apresentar um TCC bem-sucedido toda semana, posso?

Mas só apresentar. Não quero passar pelo processo de elaboração de novo, obrigada.

Cadu estaciona o carro em frente ao meu prédio e desce para se despedir.

Começo a sentir um frio na barriga de ansiedade, pelo que estou prestes a propor.

— Boa noite, Nanda — diz antes de me beijar.

Me aproximo mais dele e, desvencilhando de seus lábios, sussurro em seu ouvido:

— Sobe comigo?

Ele me olha fixamente, para ter certeza do que estou pedindo.

— Tem certeza?

— Absoluta.

E seguimos para o elevador, em silêncio.

Dani voltou para a casa da mãe dela hoje, então seremos só nós dois.

Até domingo.

Assim que entramos e tranco a porta, Cadu segura o meu rosto e me beija gentilmente.

Sensualmente.

O clima entre nós não demora a esquentar e nosso beijo se torna mais intenso.

Cadu me puxa para ele em um ímpeto e anda comigo até me encostar com intensidade na parede. Sua boca deixa a minha e toma meu pescoço e, enquanto sinto sua mão direita percorrer meu corpo com avidez, a esquerda continua segurando minha cintura com firmeza, me puxando cada vez mais em direção a ele.

Reúno minhas forças, porque não quero parar, me afasto com delicadeza, pegando-o pelas mãos e guiando-o até meu quarto.

Voltamos a nos beijar, rapidamente começo a

abrir os botões da camisa de Cadu. Me delicio com a visão que seu peitoral naturalmente definido me proporciona e começo a beijá-lo, provando o sabor de sua pele em meus lábios e sentindo o calor que ela me oferece.

Quando ele faz um movimento para retirar meu vestido, faço que não com a cabeça.

Cadu me olha sem entender e o faço se sentar em minha cama.

Então, lentamente, começo a me despir, passando o vestido primeiramente pelos ombros e braços e o deixando cair em volta dos meus pés.

Com um movimento, saio de dentro dele e permaneço apenas com minha *lingerie* preta e meu sapato vermelho.

Me sinto ousada.

Me sinto linda.

Me sinto viva.

Cadu me olha com adoração e desejo, sem se contentar em apenas observar, ainda sentado, me puxa novamente em sua direção, beijando vorazmente minha barriga.

— Você é maravilhosa — murmura entre beijos e mordiscos.

Então, em um movimento, ele me deita na cama e

fica sobre mim.

Continuamos nos beijando, cada vez com mais paixão, e me sinto incendiar aos poucos.

Cadu muda o foco de seus beijos e começa a acariciar toda minha pele com seus lábios. Sua boca percorre primeiro meu rosto e segue até o pescoço, descendo por meu tronco e alcançando minhas pernas. É quando ele tira meus sapatos com doçura e beija meus pés em um gesto carinhosamente sensual.

Ele, então, termina de se despir e fico maravilhada com sua exuberância.

Cadu volta a me abraçar, enquanto passa sensualmente a língua em minha clavícula e tira minhas últimas peças de roupa.

A sensação de se estar no paraíso deve ser próxima da proporcionada pelo contato de nossas peles.

Com os olhos fixos nos meus, sinto sua mão passar perto de minha coxa e, quando me toca, não consigo conter um gemido. Ele provoca uma reação ainda mais apaixonada de Cadu, que começa a mexer os dedos rapidamente, um sorriso de malícia levemente despontando no canto de seus lábios.

Olho para ele, em súplica e ele entende meu

pedido.

Quando coloca o preservativo, estamos ambos prontos para a próxima etapa de nossas descobertas conjuntas.

Então, estamos completamente unidos, e a sensação é estrondosamente mágica.

Continuamos nos beijando enquanto movemos nossos corpos em sincronia, e percebo que jamais estive próxima de experimentar algo minimamente parecido com isso.

Finalmente, sou tomada por uma das maiores certezas de que já tive na vida.

Não me sinto somente completa. Isso eu já me sentia.

Pela primeira vez, transbordo.

Cadu
online

HOJE

► ├────────┤ 04:41

23:52

Já ouviu essa música? É a nova do Ed Sheeran

23:52

Ai, já! Tô viciada nela ♥

23:53

So honey now
Take me into your lovin' arms
Kiss me under the light of a thousand stars
Place your head on my beating heart
I'm thinking out loud
Maybe we found love right where we are

23:55

=*

23:56

Acabei de ganhar uma música?

23:56

♥

23:56

CAPÍTULO 36

Depois de passar um final de semana dos sonhos com Cadu, acordo na segunda-feira disposta a começar a procurar empresas para enviar novos currículos.

Porém, tenho uma última coisa a fazer antes disso.

Coloco meus shorts jeans, camiseta e All Star de sempre e saio rumo ao Rabanada. Ainda não voltei lá para me despedir e preciso concluir essa etapa da minha vida antes de partir para outra.

Quando chego, sou recepcionada com alegria pelos funcionários, que me dão os parabéns pelo TCC e dizem como têm sentido minha falta.

— Também sinto a falta de vocês pessoal, prometo voltar outras vezes para visitá-los. E quando vier almoçar aqui, quero o direito de visitar a cozinha e dar meus cumprimentos à *chef*, viu?

— Mas pode ter certeza de que vai ser muito bem

recebida — Adriana me fala.

— Aqui, filha — dona Mazé fala, me estendendo um pequeno pacote embrulhado — Guardei para quando viesse nos visitar. É para agradecer pela menina querida que você é.

Fico sem palavras com o gesto dela de carinho.

— Não precisava se preocupar, dona Mazé, e nem tenho nada para a senhora!

— Não foi preocupação, filha, e nem tem que pensar em me dar alguma coisa. Sei que você tentou fazer muito por todos nós aqui e só isso significa o mundo.

Sorrio emocionada e abro o presente.

É um escapulário, bastante simples, mas que me toca pela intenção com que foi dado.

— Me desculpa se não for sua fé, mas é para você estar sempre protegida.

— Eu adorei, dona Mazé. Obrigada!

Nosso abraço é interrompido quando escuto um pigarro.

Senhor Arlindo.

— Bom dia, Fernanda.

— Bom dia, Senhor Arlindo. Prometo que não vou atrapalhar o trabalho aqui, só vim me despedir.

— Será que nós poderíamos conversar? — ele me

diz, deixando-me completamente surpresa.

— Claro.

Aceno rapidamente para todos e o sigo até a sala de reuniões.

Minhas últimas lembranças daqui não são muito positivas.

— Gostaria de começar me desculpando pelo meu comportamento, quando você me apresentou sua proposta. Fui injusto e peço desculpas por isso.

Ainda em choque, murmuro que tudo bem e ele segue falando.

— Sei também que você e meu sobrinho estão envolvidos em um relacionamento e, caso algum dia, você venha a fazer parte da família, não gostaria que houvesse nenhum tipo de mal-estar entre nós.

Ok, é melhor ele ir com calma. Cadu e eu estamos juntos há menos de duas semanas, então essa história de "fazer parte da família" me parece meio precipitada, embora a ideia dela me agrade.

Com certeza me agrada, pensando bem.

— De qualquer maneira, minha decisão em ter essa conversa não tem absolutamente nada a ver com Carlos Eduardo, refere-se exclusivamente a mim e a você. Mais especificamente, à

apresentação da última sexta-feira.

Congelo.

Essa é a hora que ele acaba com minha vida por tudo que falei.

Que bom que tive momentos maravilhosos nos últimos dias, assim, pelo menos, tive um gostinho da felicidade antes de deixar esse plano.

— Fico imensamente feliz que meu sobrinho e Gisele tenham conseguido me convencer a ir à sua apresentação. Caso contrário, teria sido privado de enxergar tudo aquilo que você havia tentando me mostrar e que não me permiti ver. Você me impressionou, Fernanda, me fez pensar muito a respeito desde então.

Meu coração dispara com a sugestão do que ainda pode ser dito.

— Você está coberta de razão em todas suas observações. E decidi que quero testá-las, ver como as coisas podem ficar.

Ai, meu Deus! Ele mudou de ideia!

— Você aceita coordenar o setor de RH do Rabanada?

Fico completamente paralisada.

Isso jamais havia passado pela minha cabeça. *Jamais*.

Nos meus delírios mais insanos, Cadu seria escalado para essa função e eu ficaria com meu antigo cargo.

Mas isso?

Isso é demais. É tudo aquilo que eu queria e nem fazia ideia de que desejava.

— Isso é sério? — Não consigo segurar.

Como raríssimas vezes vi acontecer, Senhor Arlindo solta uma risada, sem conseguir deixar de se divertir com minha reação de incredulidade.

— Completamente.

— Aceito — falo na mesma hora. — Aceito, com certeza! Ai, meu Deus, muito obrigada, Senhor Arlindo!

E preciso controlar a vontade de abraçá-lo. Isso seria passar *completamente* dos limites.

— Como estamos no final do ano, podemos conversar sobre os ajustes finais durante as próximas semanas e, então, efetivamente começar em janeiro, após o recesso.

Concordo com ele, mas acho que toparia até se ele me dissesse para começar agora.

— Ainda que você ainda não tenha retornado às suas funções, tem um problema que preciso resolver com certa urgência e gostaria de saber se

você tem alguma sugestão.

— Claro, o que seria?

Rezo para não ser inútil e conseguir dar uma resposta digna a seja lá o que ele precisa saber.

— As férias de Gisele. Estão vencidas e ela precisa tirá-las o quanto antes, mas o restaurante não pode ficar sem uma nutricionista responsável.

Droga. Por que ele não perguntou algo mais fácil?

Começo a pensar em alternativas.

Precisamos de alguém para substituí-la, isso é óbvio. Será que compensa fazer um contrato temporário?

E, então, tenho um *insight* e me lembro de algo que a Adriana me contou há quatro meses, no aniversário do Senhor Arlindo.

Como não pensei nisso antes?

— A Adriana — respondo de pronto.

— Ela é formada em gastronomia, Fernanda.

— Sim. Mas fez técnico em Nutrição. E pode substituir Gisele por um mês, sem problema algum. Ela está apta, por lei, a exercer essa função também.

Ele me olha com assombro.

— Não acredito que isso já poderia ter sido resolvido há tanto tempo.

Penso em dizer que essa é uma das importâncias de se conhecer seus próprios funcionários, mas mudo de ideia. Não quero abusar da sorte.

Ele já deve ter captado a mensagem, afinal.

Quando saímos da sala de reuniões, Cadu está pronto para seu horário de almoço.

— Hey, Sr. Montinelli — falo para ele, que se vira em minha direção e abre seu sorriso de luz. — O que acha de almoçar comigo? Tenho novidades.

— É para já! — E não demora para me levar para a rua, onde me beija apaixonadamente. — Boas novidades?

— Excelentes. E sabe o que mais?

— O quê?

— Acho que elas exigem uma comemoração extra mais tarde... — Sorrio maliciosamente.

Ele sorri para mim de volta antes de me beijar.

Amores da Nanda ♥

Cadu, Dani, Você

HOJE

Oi, seus lindos! Resolvi fazer esse grupo porque vocês dois são muito importantes pra mim e vai facilitar minha vida mandar mensagem pros dois ao mesmo tempo quando eu tiver algo de importante pra contar

12:02

Cadu

Só queria deixar claro que você está ao meu lado, esperando pra almoçar, se recusando a falar comigo, mas conversando no grupo de WhatsApp

12:03

Cadu

E fiquei muito aliviado de ver que só tem a Dani além de mim aqui. Esse negócio de "amores" realmente me assustou...

12:04

Claro, que bom que você me lembrou! Faltou adicionar o Vinícius!

12:04

¬¬

12:04

E eu precisava fazer o grupo pra poder

dar a notícia a vocês dois ao mesmo tempo, já que a Dani não está presente.
12:05

Dani
Uhm... Oi, grupo?
12:06
Pronto, agora estamos todos aqui.
12:06
Adivinhem só quem é a mais nova coordenadora de RH do Rabanada??
12:07

CAPÍTULO 37

Três meses depois...

— Feliz aniversário, dorminhoca!

Abro os olhos e vejo Cadu, no domingo do meu aniversário, segurando uma bandeja de café da manhã digno de se fazer inveja no de um hotel.

Ele coloca a bandeja ao meu lado, enquanto me sento e me beija suavemente nos lábios.

— Quero meu presente! — falo assim que me afasto.

— Primeiro, comida. Aproveita que está tudo fresquinho.

Não discuto. Afinal, é de comer que estamos falando.

Começo atacando os mini *croissants* de presunto e queijo quentinhos, que quase derretem na boca deixando um sabor amanteigado. Como há outros tipos de pães e frios, preciso me controlar para

parar de comê-los e experimentar as outras opções.

Igualmente deliciosas. Não sei do que gosto mais!

Sirvo-me de um copo de suco de laranja, enquanto Cadu bebe uma xícara de café puro.

Fico na dúvida se como o iogurte puro ou se adiciono mel. Acabo ficando com a primeira opção e, ao terminá-lo, como uma fatia de melão cortada em pedacinhos para finalizar.

Continuo na cama enquanto Cadu leva a bandeja embora, e fico o aguardando na ansiedade de receber meu presente.

Ele entra novamente no quarto carregando com cuidado uma caixa bastante grande.

Ao invés de me entregá-la, ele a apoia na cama, na minha frente, e me manda ter cuidado.

Assim que abro a tampa, quase tenho um ataque de fofura.

Dentro dela, um gatinho bebê, branco, me olha miando assustado, provavelmente por ter ficado fechado na caixa por alguns instantes.

Eu o pego no colo na mesma hora e começo a fazer carinho em sua cabeça, tão pequenininha. Noto que as pontinhas de suas orelhas e de seu rabo, bem como partes do seu rostinho, são levemente mais escuras, o que me dá a ideia de que

ele não ficará todo branco quando crescer mais um pouco.

— Sabia que ele estava na sua lista e, como a Dani concordou, achei que você gostaria do presente.

É claro que ele ficou sabendo do Projeto Nanda. Não tive como não contar, agora que estamos namorando e, cada vez mais, descobrindo novas coisas um sobre o outro.

— Ai, meu Deus, Cadu, eu amei! Olha só para ele, como não gostar?

Preciso me controlar para não o apertar. Ele é tão pequeno e parece tão frágil!

O gato, não o Cadu, obviamente.

— É um menininho. Já sabe que nome dar para ele?

Começo a pensar nas possibilidades.

Gostaria de um nome que significasse algo de importante para mim, mas que também estivesse conectado àquilo de que gosto.

Começo a pensar em personagens de livros, filmes e séries e, então, tenho uma ideia.

— Bem, nossa série favorita é *Friends*, e nosso casal favorito dela são a Monica e o Chandler, certo?

— Uhm, certo. Por um acaso você quer dar o nome de Bing para ele?

— Não, mas até que seria uma opção bonitinha. Mas, pensa comigo. Os dois meio que têm um amigo de estimação, não têm?

— Você está comparando a gente com eles?

— Eu com certeza sou o Chandler — falo antes que ele se pronuncie, provocando uma gargalhada em Cadu. — Mas é sério! Você que é todo certinho, eu que sempre faço piada de mim em situações que me deixam desconfortável.

— Ok, ok. Mas achei que estávamos pensando em um nome para o gato, não fazendo análises de personalidade que nem aqueles testes de Facebook.

— Joey — solto para ele. — O nome dele é Joey.

— Hey, Joey. — E faz um carinho em sua cabeça.

Ele logo começa a ronronar e se ajeita em meu colo, pegando rapidamente no sono.

— Espero que ele não se incomode de viajar. Já trouxe uma gaiolinha para levá-lo com a gente para Mogi.

Inclusive, preciso levantar e me arrumar em instantes, senão nos atrasaremos para o almoço e minha mãe vai querer me matar sem se importar em ser ou não meu aniversário.

— Antes — Cadu fala fazendo uma pausa —, tenho mais um presente para você.

— Mais um? Que outras surpresas você me reserva?

— Muitas. Mas, hoje, só mais essa.

E me entrega um envelope.

Não há nada escrito nele, então descolo sua aba para conseguir abri-lo.

Retiro de dentro dele algumas folhas de papel e as desdobro para ler seu conteúdo.

Sinastria Amorosa: compatibilidade entre mapas astrais

Fico boquiaberta com o que leio.

Depois de um tempo em que Cadu oficialmente me pediu em namoro, finalmente contei para ele toda a história do Projeto Escorpião, que se iniciou com minha descoberta da combinação desastrosa entre Peixes e Leão.

Falei também que cheguei a cogitar que ele havia se afastado de mim naquela época por influência de seu signo, que fiquei completamente aterrorizada quando descobri estar de novo apaixonada por um leonino.

— Fui atrás de mais informações e descobri que uma combinação astrológica não se baseia simplesmente nos signos de cada pessoa. Na realidade, não dá nem para considerar a personalidade de alguém só sabendo o signo dela.

— Você está falando sério, Cadu?

— É claro, por que não estaria? Enfim, a questão é que o ideal é que a pessoa faça seu mapa astral, que determina todas as influências astrológicas que alguém recebe. Além do signo, cada um tem um ascendente, é preciso também olhar para os planetas e casas, porque cada um vai ser regido por um determinado signo. Ou seja, a coisa é muito mais complexa, entende?

Fico um pouco zonza com as informações repentinas, mas acho que compreendo. — Sendo assim, se uma pessoa não pode ser analisada só por seu signo, a combinação entre elas também não deve ser feita desse jeito.

— Então isso aqui... — falo, balançando o papel.

— É a combinação entre nossos mapas. E olha — aponta para uma informação específica — nós somos extremamente compatíveis.

Meu peito se enche de amor, não apenas pelo que ele descobriu sobre nós, mas por seu gesto de ter

ido atrás de algo que, um dia, foi importante para mim.

Hoje, o resultado poderia dizer que o ideal seria mantermos distância um do outro que nada faria diferença. Nada.

— Eu te amo, Cadu — falo inesperadamente.

Ele acaricia meu rosto, antes de dizer:

— E eu amo você, Nanda.

Cadu me beija tomando o cuidado de não incomodar Joey em meu colo.

— Afinal — diz quando se afasta —, acho que nosso amor estava mesmo escrito nas estrelas.

Talvez estivesse. Ou talvez não.

A única certeza que tenho é que só depende de nós continuar escrevendo nossa história.

E temos toda a intenção do mundo de continuá-la por ainda muito mais tempo...

EPÍLOGO

28 de junho de 2015

Chega a hora de cumprir mais um item. Um dos últimos ainda não riscados.

Hoje faz exatamente um ano desde minha queda na escada e achei que esta seria uma comemoração bastante simbólica. Afinal, foi só depois de ter caído que pude me reerguer, e hoje, a decisão de ser Elphaba e desafiar a gravidade é completamente minha.

Meu coração está a mil pela expectativa, sinto o nervoso percorrer minhas veias.

Mas não há como voltar atrás. Não agora.

Quanto mais o avião sobe, mais aflita me sinto. E animada.

Cadu ficou em casa. Ele morre de medo de altura e não quis me acompanhar. De certa forma, melhor assim. Essa é mais uma daquelas coisas de que

preciso fazer sozinha.

— Preparada? — o instrutor me pergunta, após nos posicionarmos.

Meu estômago revira de nervosismo e rezo para não estar mais parecida com a Elphaba do que gostaria. Tenho quase certeza de que devo estar levemente esverdeada de enjoo.

Acho melhor não olhar para baixo, senão vou mudar de ideia.

— Não sei — falo para ele, tremendo —, mas vai ter que ser assim mesmo.

Ele ri. E salta.

Estamos em queda livre e sinto como se estivesse sendo sugada pela terra.

O vento sob nós é tão forte que empurra toda minha pele para cima.

É completamente aterrorizante!

Onde raios eu estava com a cabeça? Eu sou muito nova para morrer e É ISSO O QUE VAI ACONTECER COMIGO.

Sinto tanto pavor que nem ao menos consigo gritar ou fechar os olhos. Aliás, nem consigo piscar.

Sorte do instrutor estar atrás de mim. Já não deve estar agradável estar preso a alguém fazendo *cosplay* de tábua, de tão dura que estou, então

menos mal ele ter sido poupado da visão aterrorizante dos meus olhos completamente arregalados. Meus óculos de proteção não estão sendo suficientes para escondê-los. É sério.

De repente, ele puxa a corda do paraquedas e, com um tranco, nossa queda é desacelerada.

Ai, meu Deus, não vou mais morrer! E isso é o máximo!

Eu estou flutuando! Por que não fiz isso antes?

A tensão de antes já abandonou meu corpo, como se não tivesse existido, dando lugar a uma indescritível sensação de prazer e alegria. É quando consigo aproveitar por completo o momento e observar a vista maravilhosa que só possível de ser apreciada por entre as nuvens.

— Vale a pena, não vale? — o instrutor me pergunta.

Mas não consigo responder. Ele já deve estar acostumado a essa reação.

É simplesmente emocionante! Incrível!

Me sinto completamente viva.

Estou voando como um pássaro, Sia.

Estou voando alto.

PERIGOSAS NACIONAIS

***

Quando entro no carro da minha mãe, ainda estou tremendo de empolgação, sentindo a adrenalina correr em minhas veias. O tremor que ela provoca em meu corpo é também um lembrete do quanto eu duvidei até o último instante. Quem diria que eu conseguiria? Retiro da minha bolsa a lista amassada e me lembro de quando a criei. Quase consigo sentir toda aquela expectativa sobre o que o futuro me aguardava, imaginando como seria correr atrás de cada um dos itens conforme os escrevia.

Agora, resta uma única linha sem ser riscada.

Olho para ela com carinho, sentindo meu peito transbordar de amor.

Não faço ideia de quando esse item será cumprido. Mas pensar nele, com certeza, me deixa muito, muito feliz.

De qualquer maneira, sinto que é hora de atualizar meu Projeto Nanda.

Fiz grandes conquistas depois que resolvi criá-lo e quero continuar nesse ritmo. Afinal, tenho uma vida inteira para seguir me conhecendo e reconhecendo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Quantas vezes poderei mudar de opinião sobre algo que desejo? Quantos novos sonhos ainda podem surgir?

E preciso estar sempre disposta a essas novas descobertas, aberta às mudanças que me forem impostas.

Sem demora, começo a incluir novos itens à lista conforme as ideias vão surgindo. Agora, preciso pensar um pouco mais antes de completar uma nova linha, mas, como na primeira vez, me surpreendo ao incluir coisas que jamais havia imaginado que gostaria de viver.

Assim que termino, sorrio satisfeita e guardo o papel na bolsa.

Pego meu celular e mando uma mensagem para Cadu, avisando que estou indo embora. Aproveito e acrescento uma das fotos do salto que o instrutor me passou, na qual minha cara de terror não está tão aparente.

Resolvo postá-la em meu Facebook, afinal, não é todo dia que se salta de paraquedas, não é mesmo?

Assim que termino, guardo o celular na bolsa e a coloco no banco de passageiros. Dou a partida no carro e, para não perder o costume, ligo o som na minha *playlist* do dia.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Estou a cerca de 23 músicas de casa.
Tenho um bom tempo de cantoria pela frente.

PERIGOSAS ACHERON

Projeto Quem É A Fernanda? (Ou simplesmente Projeto Nanda)

Coisas a fazer: ~~1. Descobrir o real tema do meu TCC~~ Concluído com um 10 <3

~~2. Arranjar um emprego~~ Coordenadora de RH ;)

3. ~~Ir ao cinema sozinha~~ Manter ao menos uma vez por mês

~~4. Fazer um tour pelo centro de São Paulo~~ ✔

~~5. Aprender a cozinhar e fazer um jantar para mim mesma~~ ✔

6. ~~Fazer aula de dança~~ NUNCA MAIS!!

~~7. Ter um gato~~ Joey <3

~~8. Pular de paraquedas~~ ✔

9. Casar e ter filhos

10. ~~Vir mais vezes para Bertioga~~ Manter ao menos uma vez por mês

11. Continuar sendo bem-sucedida em minha carreira

12. Fazer um curso internacional

13. Aprender um novo idioma

14. Encontrar algum tipo de atividade física de que eu goste

15. Fazer uma pós-graduação

16. Mudar radicalmente meu visual

17. Comprar um carro para mim e parar de usar o de mamãe

18. Conhecer diferentes cidades do Brasil

19. Contribuir com alguma instituição de caridade

20. Nunca me esquecer do Projeto Nanda

Agradecimentos

Escrito nas Estrelas? levou bem mais do que uma música para chegar até aqui. Foram cinco anos do início de sua escrita até sua publicação e, nesse meio tempo, muitas pessoas passaram a fazer parte dessa caminhada. Tantas, que precisarei ser injusta por não caber mencionar todas. Se seu nome não estiver aqui, ainda que eu já tenha te agradecido em algum momento desses últimos anos, saiba que esse "obrigada" é para você também.

Obrigada a minha mãe e ao meu pai por me apoiarem e por me proporcionarem o privilégio de escolher trabalhar com o que amo. Sem vocês, eu não teria feito nada do que já pude construir. Obrigada a minha avó, Leoni, que não só me criou como também me ensinou a ler; em consequência, ela me apresentou o mundo ao redor do qual minha vida viria a girar. Obrigada ao meu irmão, por ter começado sua vida profissional no meio artístico e assim ter me mostrado que eu também podia percorrer o caminho das artes. E obrigada à minha tia, Cacaia, por ter sido a primeira leitora deste

livro — e por ter me aguentado a encarando diversas vezes durante a leitura, ávida por sua opinião.

Obrigada à Increasy por confiar e acreditar no meu trabalho. Em especial, obrigada à Mari Dal Chico, cujo olhar atento, paciência e compreensão têm acrescentado muito em meu desenvolvimento como escritora e aprimoraram este livro de uma forma que eu jamais teria sido capaz de fazer sozinha. Alba Milena e Grazi Reis, obrigada por também terem participado deste trabalho — as melhorias e apontamentos de vocês foram essenciais. Obrigada à Lola Salgado e à Deborah Silva por terem aceitado pegar o projeto de capa e diagramação tão de última hora. Vocês deram forma a *Escrito Nas Estrelas?* e fizeram dele mais lindo!

Obrigada a cada uma de minhas betas: Malu Diefënthaler, Pah Aleksandra, Clívia Lira, Duda Menezes, Lili Orsi e Lau Carrara. Vocês me proporcionaram a mesma sensação de ter trocado meus óculos de grau e me fizeram ler a história de Nanda com bem mais clareza. O apoio e carinho de vocês foram cruciais, assim como vocês também são para mim.

Obrigada a cada uma de minhas amigas mais antigas por serem minhas maiores incentivadoras: Bru Carvalho, Lie Ezure, May Siqueira, Mah Rabassa, Deh Kano, Bru Leme, Gabi Hinojosa, Fran Hipólito, Cati Gritti, Lau Carrara, Lu Resende, Bianca Sperli. Podem ter certeza de que vocês estão neste livro, seja inspirando alguma cena, seja inspirando as mais diversas características das personagens que aqui aparecem, seja por terem me ajudado a perseverar ou por terem comemorado comigo cada nova etapa. Gabi Porne e Ingrid Benício, obrigada pelas leituras tão entusiastas e por terem a capacidade de me colocar sempre para cima. Obrigada, Marli Roque. Sem seu trabalho, eu jamais teria sido capaz de entender a Nanda como precisei fazer para contar a história dela. Obrigada, Carina Rissi, por ter sanado minhas dúvidas com tanta gentileza quando terminei este livro. E obrigada, Josie Santana, por ter sido a melhor chefe que eu poderia ter tido em minha curta experiência como CLT. Você sempre soube identificar aquilo que era prioridade nos trabalhos que eu deveria fazer e boa parte do começo de *Escrito nas Estrelas?* foi escrito ao seu lado!

Pah e Malu, minhas pessoas, vocês

precisam de um parágrafo só de vocês. Espero que, aqui, vocês possam sentir o quanto são partes importantes deste livro e da minha vida. Obrigada, Gêmea, por sempre saber o que me dizer, por sempre acreditar tanto em mim e por viver me lembrando da importância da história da Nanda. Ter nossas vidas cruzadas a partir de nossas vidas literárias foi uma das melhores coisas que já me aconteceu. Obrigada, Ruiva, por estar há quase quinze anos na posição de minha amiga, me ajudando a suportar os momentos mais difíceis e tornando os melhores ainda mais divertidos. A trajetória da Nanda começou com sua trajetória, quando eu te disse no hospital que um dia eu

transformaria sua queda em um livro. Promessa é dívida!

Por fim, obrigada a você que chegou até aqui, e obrigada a quem acompanha meu trabalho, seja pelo Minha Vida Literária, seja por causa de *Vidas na Noite*. Obrigada a cada pessoa que apoiou a #AioneNaSuaVidaLiteraria e que torceu pela publicação deste livro. São vocês que dão sentido ao que eu faço e que me motivam a continuar por meio das mensagens e comentários que me enchem de um amor tão grande. Espero ser capaz de retribuir tudo o que vocês me proporcionam!

PERIGOSAS NACIONAIS

Desafio #ProjetoEnE

A ideia para o Projeto Nanda não veio por acaso.

O ano que antecedeu a conclusão de *Escrito nas Estrelas?* foi o mais conturbado que vivi e, durante aqueles meses, parti em busca de diferentes tipos de ajuda para restabelecer minha saúde mental, física e emocional.

Na época, tentei um exercício: criei uma lista como a da Nanda, que ainda não existia na história. Me permiti colocar no papel coisas que eu queria fazer e que, por algum motivo, ainda não tinha conseguido, fosse por falta de oportunidade, fosse por falta de arriscar. Visualizar essas ambições fez com que eu me sentisse bem e me deu um senso de orientação, já que senti que ainda tinha objetivos a atingir.

Quando, durante a escrita de *EnE?*, eu enfim

PERIGOSAS ACHERON

entendi o verdadeiro conflito vivido pela Nanda, a lista que eu havia criado apareceu em minha mente como uma sugestão bastante sutil — seria mentira dizer que fiz a conexão imediata entre as duas coisas. De qualquer maneira, importa dizer que existe uma lista da Aione e que, mesmo anos depois de sua criação, ainda me faz feliz revisitá-la e descobrir que cumpri mais um de seus itens. Aliás, é ainda melhor quando percebo que isso aconteceu sem que eu tivesse me dado conta, porque a certeza de que estou enfim em contato comigo mesma é intensificada.

Tudo isso para dizer: caso você nunca tenha criado um projeto desses, o que acha de fazê-lo agora? Aceita esse desafio?

Se a resposta for sim, não precisa divulgar sua lista — ela é com certeza pessoal demais para isso —, mas compartilhe sua iniciativa e como tem sido a experiência; afinal, ela pode inspirar outras pessoas a fazer o mesmo! Use também a hashtag #ProjetoEnE e marque meu perfil nas publicações para que eu possa acompanhar quantos projetos diferentes a Nanda influenciou.

Espero que o experimento seja tão mágico para você quanto foi para mim e para ela!

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Sobre a Autora

PERIGOSAS NACIONAIS

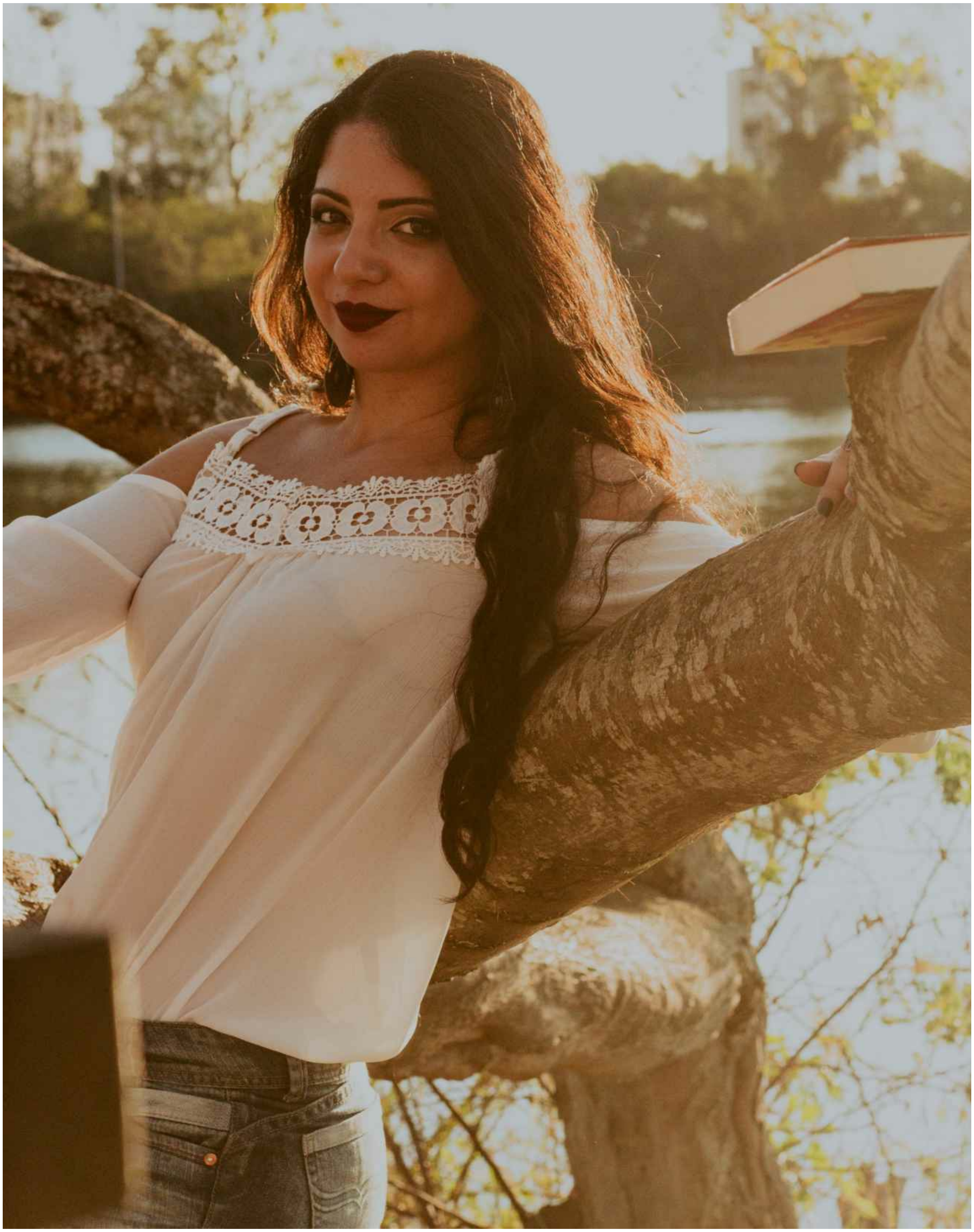


Foto por ©Ingrid_Benício

PERIGOSAS ACHERON

Aione Simões é paulistana de nascimento e mogiana por vivência. Libriana com ascendente em Capricórnio, fugiu de sua formação em Nutrição para viver de livros: comanda o blog e canal no YouTube Minha Vida Literária desde 2011 e cursa Letras na USP desde 2015. Leitora apaixonada por romances e chick-lits, não dispensa um bom thriller, principalmente os policiais e psicológicos. Conhecida por Mi, A, Iô, One ou qualquer outra coisa certamente mais fácil do que seu nome, precisa de chocolates para viver tanto quanto dos livros.

Você pode encontrá-la através de suas redes sociais:

► Blog: http://www.minhavidaliteraria.com.br/
► YouTube: AioneSimoes
► Instagram: @aione_simoes
► Facebook: @minhavidaliteraria
► Twitter: @aione_simoes

Conheça também *Vidas na Noite,* antologia de contos da autora.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

---

[1] Acrônimo das palavras Strenghts, Weaknesses, Opportunities e Threats, sendo “um sistema relativamente simples de detalhamento que visa posicionar ou verificar a posição estratégica de uma determinada empresa em seu ramo de atuação”.

Fonte: http://www.venki.com.br/blog/exemplo-analise-swot/

PERIGOSAS ACHERON